



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior

**Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha:
intelectual da educação protestante (1924-1957)**

JOÃO PESSOA- PB

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior

Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha:
intelectual da educação protestante (1924-1957)

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha de Pesquisa em História da Educação do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Professor Doutor Jean Carlo de Carvalho Costa.

JOÃO PESSOA- PB

2023

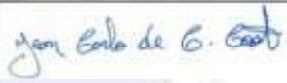
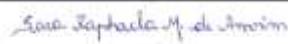
RELATÓRIO FINAL DO ORIENTADOR

Eu, Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa, orientador do trabalho final do aluno Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, matrícula 20191014760, do Programa de Pós-Graduação em Educação, área de concentração em Educação da Universidade Federal da Paraíba, após exame da vida acadêmica do mencionado aluno, tenho a relatar: a integralização do Curso foi feita em meses, portanto, dentro do prazo estabelecido pela Legislação vigente na UFPB.

Quanto ao desempenho acadêmico, constata-se que o doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior cursou 37 créditos da Estrutura Curricular a que está submetido e foi aprovado no Exame de verificação da capacidade de leitura em LÍNGUA Inglês e Espanhol.

Na apresentação da dissertação, intitulada “Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha: um intelectual da educação protestante (1924-1957)”, realizada no dia 30 de agosto de 2023, às 14:00horas, no (Google Meet) Programa de Pós-Graduação em Educação, o doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior obteve conceito APROVADO, tendo a Banca Examinadora sido formada pelos especialistas:

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA:

MEMBROS – BANCA EXAMINADORA	INSTITUIÇÃO	ASSINATURA
Jean Carlo de Carvalho Costa (Orientador)	PPGE/CE/UFPB	
Sara Raphaela Machado de Amorim	UERN	
Lyndon de Araújo Santos	UFMA	
Azemar dos Santos Soares Júnior	UFRN	
Charlilton Jose dos Santos Machado	PPGE/CE/UFPB	

Diante do exposto, considerando que o aluno Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, dentro do prazo regimental, cumpriu todas as exigências do Regimento Geral da UFPB, do Regulamento Geral dos Cursos de Pós-Graduação “Stricto Sensu” da UFPB e do Regulamento do programa, está apto a obter o Grau de DOUTOR EM EDUCAÇÃO, a ser conferido pela Universidade Federal da Paraíba.

João Pessoa, 30 de agosto de 2023

Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa
Orientador Final do Trabalho



FICHA DE AVALIAÇÃO

EXAME DE: TESE

CURSO/PROGRAMA: PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: Educação

LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

AUTOR: Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior

TÍTULO DO TRABALHO "Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha: um intelectual da educação protestante (1924-1957)".

ORIENTADOR: Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa

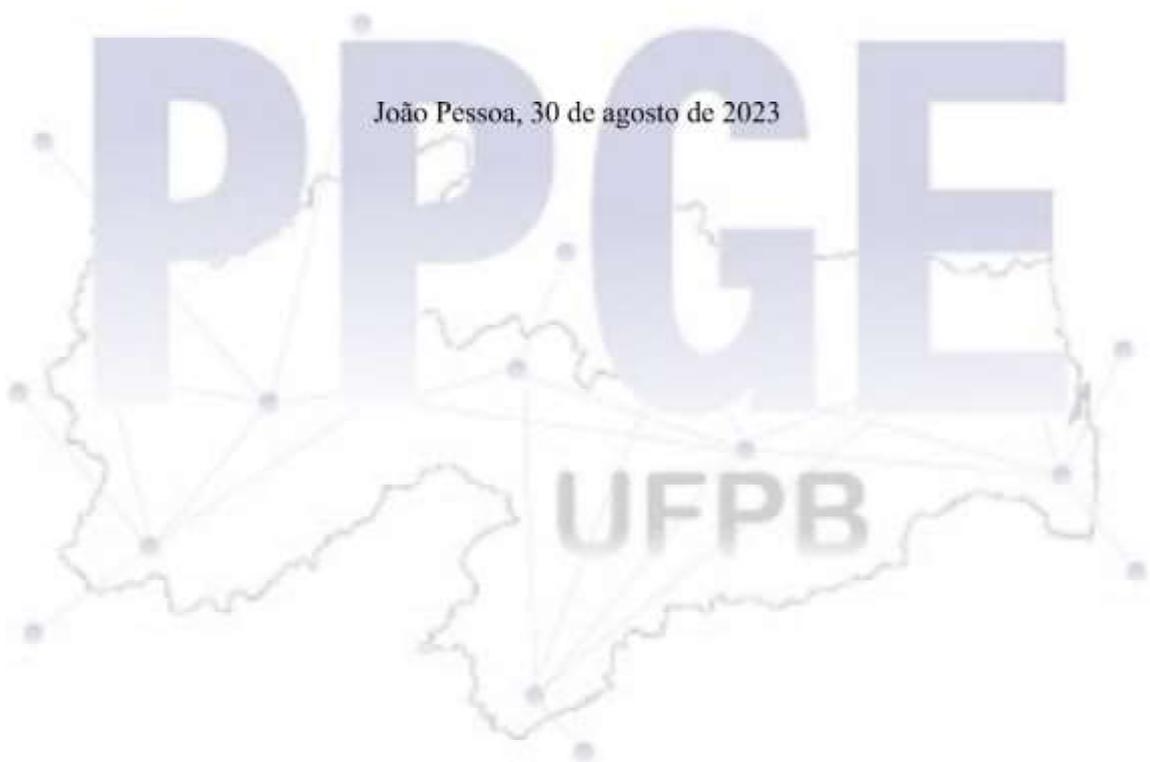
OBSERVAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA



A BANCA EXAMINADORA, TENDO EM VISTA A EXPOSIÇÃO ORAL APRESENTADA PELO DOUTORANDO CLEÓFAS LIMA ALVES DE FREITAS JÚNIOR E PROCEDIDA A ARGUIÇÃO PERTINENTE AO TRABALHO FINAL, CONSIDEROU A TESE:

- APROVADA
- INDETERMINADA
- REPROVADA

João Pessoa, 30 de agosto de 2023





ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE TESE DO DOUTORANDO CLEÓFAS LIMA ALVES DE FREITAS JÚNIOR ALUNO DO CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO/PPGE/CE/UFPB.

Aos trinta (30) dias do mês de agosto do ano dois mil e vinte e três (2023), às 14:00 horas, no Auditório do Programa de Pós-Graduação em Educação, realizou-se a sessão de defesa de Tese do doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, matrícula 201, intitulada “Educar e Civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha: um intelectual da educação protestante (1924-1957)”. Estavam presentes, os Professores Doutores: Jean Carlo de Carvalho Costa (orientador/ PPGE/UFPB); Azemar Soares dos Santos Júnior (PPGED/UFRN); Charliton José dos Santos Machado (PPGE/UFP); Lyndon de Araújo Santos (PPGHIS/UFMA); Sara Raphaella Machado de Amorim (POSEDUC/UERN) e demais convidados. O Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa, na qualidade de Orientador, declarou aberta a sessão, e apresentou os Membros da Banca Examinadora ao público presente, em seguida passou a palavra ao doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, para que no prazo de 30 minutos apresentasse a sua Tese. Após exposição oral apresentada pelo doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, o Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa, passou a palavra aos membros da Banca Examinadora para que procedessem a arguição pertinente ao trabalho. Em seguida, o doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior respondeu as perguntas elaboradas pelos Membros da Banca Examinadora e, na oportunidade, agradeceu as sugestões apresentadas. Prosseguindo, a sessão foi suspensa pelo Orientador o Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa, que se reuniu secretamente com os Membros da Banca Examinadora, e emitiu o seguinte parecer:

EXAMINADORA CONSIDEROU A TESE:

A BANCA

APROVADA, sendo considerado um trabalho original, em função de sua contribuição à área de História da Educação, em particular, no que diz respeito à história da educação protestante produzida no Brasil e na Paraíba.

A seguir, o Prof. Dr. Jean Carlo de Carvalho Costa apresentou o parecer da Banca Examinadora ao doutorando Cleófas Lima Alves de Freitas Júnior, bem como ao público presente. Prosseguindo, agradeceu a participação dos Membros da Banca Examinadora, e deu por encerrada a sessão. E para constar, eu, Glória de Lourdes Fernandes, representando a Secretaria da Pós-Graduação em Educação, lavrei a presente Ata que segue assinada por mim e pelos Membros da Banca Examinadora, em testemunho de fé. João Pessoa, 30 de agosto de 2023.

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F866e Freitas Junior, Cleofas Lima Alves de.

Educar e civilizar o Brasil na obra do médico missionário João Gomes da Rocha : intelectual da educação protestante (1924-1957) / Cleofas Lima Alves de Freitas Junior. - João Pessoa, 2023.

245 f.

Orientação: Jean Carlo de Carvalho Costa. Tese (Doutorado) - UFPB/CE.

1. Gomes da Rocha, João, 1861-1947. 2. Educação protestante. 3. Intelectuais protestantes. 4. História da educação. I. Costa, Jean Carlo de Carvalho. II. Título.

UFPB/BC

CDU 37:274(043)

Elaborado por MAGNOLIA FELIX DE ARAUJO - CRB-15/883

DEDICATÓRIA

Dedico ao meu pai Cleófas Lima Alves de Freitas e à minha mãe Rejane Gonçalves de Freitas, que buscam o meu bem e crescimento integral ao me encherem de amor afetuoso e caridoso.

Dedico a minha companheira de vida Kátia Suênia Farias Dias de Freitas e ao meu filho Isaac Dias de Freitas, que me ensinam a enxergar a vida com beleza e amor.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais maravilhosos, Cleófas Lima Alves de Freitas e Rejane Gonçalves de Freitas, por me ensinarem o caminho do amor perseverante.

A minha esposa especial, Kátia Suênia Farias Dias de Freitas, por me acompanhar, encorajar e animar em todo o processo árduo do doutoramento.

Ao meu filho amoroso, Isaac Dias de Freitas, que me incentivou a cada dia pela conclusão da pesquisa e me ensina a viver com alegria em todo tempo.

Ao professor Jean Carlo de Carvalho Costa que me orientou no Programa com atenção, cuidado e carinho em todas as etapas do processo, especialmente com suas sugestões valiosas na estruturação da pesquisa, a indicação de uma bibliografia pertinente e as melhores escolhas teóricas.

Ao professor Azemar Soares dos Santos Júnior por participar da Banca de Defesa e todas as sugestões oferecidas para a melhoria da minha pesquisa.

Ao professor Charliton José dos Santos Machado pela leitura atenciosa, cada recomendação oferecida no Exame de Qualificação e Banca de Defesa que contribuíram na escrita da minha tese.

Ao professor Lyndon de Araújo Santos que me acompanhou no processo, seja no Exame de Qualificação e Banca de Defesa, com a indicação de livros, fontes e recomendações preciosas para o meu aperfeiçoamento como pesquisador.

A professora Sara Raphaella Machado de Amorim por toda a contribuição oferecida no Exame de Qualificação e na Banca de Defesa, para que a análise das fontes, a construção do problema e a escrita da tese fosse realizada de forma mais consistente.

A professora Surya Aaronovch Pombo de Barros e ao professor Mauro Castilho Gonçalves que aceitaram participar da Banca de Defesa como examinadores suplentes.

A Associação Basiléia sob a direção do professor Lyndon de Araújo Santos, pelo seu trabalho de preservação da documentação sobre o protestantismo no Brasil, especialmente pela nova publicação da Coleção Lembranças do Passado e a digitalização do periódico O Christão.

RESUMO

A tese consistiu em analisar a atuação do médico missionário João Gomes da Rocha como intelectual da educação protestante que na sua obra pensou a construção de um Brasil moderno, civilizado e educado, no período de 1924 a 1957. Assim, ressaltam-se três pressupostos durante a pesquisa: a) Os diversos aspectos na constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil, com destaque a herança educacional, religiosa e musical legada pelo casal Kalley e sua atuação como médico missionário; b) a sua participação ativa ao pensar a transformação do Brasil por meio da educação pela música em seu trabalho musical; c) a sua atuação ativa ao pensar o Brasil através da educação pela história em seu fazer historiográfico. Com base no referencial do Contextualismo Linguístico, os estudos de história cultural, de história das mulheres e relações de gênero, com o uso de noções como representações, sensibilidade, identidade e apropriação. Os resultados foram organizados em três conjuntos durante a pesquisa. No primeiro conjunto, analisou-se a constituição de João Gomes da Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil na primeira década do século XX, por meio de um olhar atento aos fragmentos que formaram a sua vida e projeto intelectual, especialmente a sua escrita de si, quando se ultrapassou a narrativa oficial objetiva, sintática e reducionista sobre sua vida de Rocha. Baseado em Sirinelli demonstrou-se que Rocha foi um intelectual da educação protestante no Brasil, “criador cultural” que participou da produção artística e literária, por meio de uma atuação ativa na construção do saber em nosso país a partir da perspectiva protestante. Também foi um “mediador cultural” que contribuiu para divulgar e popularizar os conhecimentos dessa criação sob o olhar da fé protestante, porque se engajou e interveio em ações que legitimaram a sua defesa da modernização do Brasil com a implantação do protestantismo. No segundo, verificou-se as representações do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos, compilados por João Gomes da Rocha, publicado em 1924, que buscou promover nos fiéis a educação protestante pela música. Essa instrução foi lograda por meio de uma leitura minuciosa das diversas imagens produzidas nas músicas dedicadas à educação das crianças, aos cultos nos lares, as escolas diárias, as escolas dominicais, aos jovens e a pátria. Realizou-se este feito dividindo em três partes: a primeira trata sobre a educação das crianças; a segunda refere-se à educação das famílias e a terceira sobre a educação nas escolas para formação de uma nação civilizada. Demonstrou-se o objetivo da Coleção em ser um livro “útil” e “atrativo” para que os fiéis adorem e louvem a Deus com música de qualidade. Bem como, a importância da música para a implantação da civilização protestante no mundo que

consistiu em promover a salvação por meio da evangelização: publicar o amor singular à humanidade em Jesus Cristo e cumprir com fidelidade a nobre e sublime empresa evangelizadora por Ele mesmo confiada à sua Igreja. No terceiro conjunto, analisou-se as representações da Educação Protestante no Brasil do Século XIX, formuladas por Rocha, na Coleção Lembranças do Passado, na promoção da educação pela história. Nesta Coleção, em quatro volumes, educou os fiéis protestantes na primeira metade do século XX, com uma narrativa histórica do programa civilizatório empreendido pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, resultando na fundação da Igreja Evangélica Fluminense no final do século XIX. Dessa maneira, Rocha, em sua Coleção, criou imagens diversas sobre ser protestante, tendo o casal Kalley como protagonistas e a participação ativa dos fiéis da Igreja Evangélica Fluminense. Desta forma, foi possível classificar essas imagens da educação protestante em três partes: a) as sociedades bíblicas, a realidade brasileira e a intolerância religiosa; b) os livros, a leitura, a centralidade da Bíblia e as escolas; d) o casamento e a educação da família.

Palavras-Chave: Civilização Protestante, Intelectual Protestante, História da Educação Protestante, História da Educação.

ABSTRACT

The thesis consisted of analyzing the performance of the missionary doctor João Gomes da Rocha as an intellectual of Protestant education who, in his work, thought about the construction of a modern, civilized and educated Brazil, in the period from 1924 to 1957. Thus, three assumptions stand out during the research: a) The various aspects of Rocha's constitution as an intellectual of Protestant education in Brazil, with emphasis on the educational, religious and musical heritage bequeathed by the Kalley couple and his work as a missionary doctor; b) his active participation in thinking about the transformation of Brazil through education through music in his musical work; c) his active role in thinking about Brazil through education through history in his historiographical work. Based on the framework of Linguistic Contextualism, studies of cultural history, women's history and gender relations, using notions such as representations, sensitivity, identity and appropriation. The results were organized into three sets during the research. In the first set, the constitution of João Gomes da Rocha as an intellectual of Protestant education in Brazil in the first decade of the 20th century was analyzed, through a close look at the fragments that formed his life and intellectual project, especially his writing itself, when Rocha's objective, syntactic and reductionist official narrative about his life was surpassed. Based on Sirinelli, it was demonstrated that Rocha was an intellectual of Protestant education in Brazil, a “cultural creator” who participated in artistic and literary production, through an active role in the construction of knowledge in our country from the Protestant perspective. He was also a “cultural mediator” who contributed to disseminating and popularizing the knowledge of this creation from the perspective of the Protestant faith, because he engaged and intervened in actions that legitimized his defense of the modernization of Brazil with the implementation of Protestantism. In the second, there were representations of Civilized Protestant Brazil in the Psalms and Hymns Collection, compiled by João Gomes da Rocha, published in 1924, which sought to promote Protestant education through music among the faithful. This instruction was achieved through a thorough reading of the various images produced in the songs dedicated to the education of children, worship in homes, daily schools, Sunday schools, young people and the country. This feat was divided into three parts: the first deals with children's education; the second refers to family education and the third to education in schools to form a civilized nation. The objective of the Collection was demonstrated to be a “useful” and “attractive” book for the faithful to worship and praise God with quality music. As well as the importance of music for the implantation of Protestant

civilization in the world, which consisted of promoting salvation through evangelization: publishing the unique love for humanity in Jesus Christ and faithfully fulfilling the noble and sublime evangelizing enterprise entrusted by Himself to your Church. In the third set, the representations of Protestant Education in Brazil in the 19th Century were analyzed, formulated by Rocha, in the Memories of the Past Collection, in promoting education through history. In this Collection, in four volumes, he educated the Protestant faithful in the first half of the 20th century, with a historical narrative of the civilizational program undertaken by the couple Robert Reid Kalley and Sarah Poulton Kalley, resulting in the founding of the Fluminense Evangelical Church at the end of the 19th century. In this way, Rocha, in his Collection, created different images about being Protestant, with the Kalley couple as protagonists and the active participation of the faithful of the Fluminense Evangelical Church. In this way, it was possible to classify these images of Protestant education into three parts: a) biblical societies, Brazilian reality and religious intolerance; b) books, reading, the centrality of the Bible and schools; d) marriage and family education.

Keywords: Protestant Civilization, Protestant Intellectual, History of Protestant Education, History of Education.

Sumário

1 – Por uma História Intelectual e da Educação Protestante	10
1.1. A construção do problema: uma história da educação protestante	10
1.2. A construção da teoria: uma história intelectual da educação protestante	25
1.3. A construção do método: a seleção das fontes	30
2 – João Gomes da Rocha como Intelectual da Educação Protestante	38
2.1. A herança educacional: a mentalidade protestante	41
2.2. A herança musical: a sensibilidade protestante	58
2.3. A rede de sociabilidades: a Mildmay Mission of the Jews e O Christão	62
3 – As Imagens do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos: a educação pela música	75
3.1. A educação das crianças: cidadãos salvos	86
3.2. A educação das famílias: cidadãos saudáveis	100
3.3. A educação nas escolas: cidadãos inteligentes	107
4 – A Educação Protestante no Brasil do Século XIX na Coleção Lembranças do Passado: educação pela história	127
4.1. As sociedades bíblicas, a realidade brasileira e a intolerância religiosa	142
4.2. Os livros, as leituras, a centralidade da Bíblia e as escolas	161
4.3. O casamento e a educação da família	190
Considerações Finais	213
Referências	221

1 – Por uma História Intelectual e da Educação Protestante

1.1. A construção do problema: uma história da educação protestante

Apresenta-se em linhas gerais a problematização dessa pesquisa de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB, na Linha de Pesquisa em História da Educação, na busca por outros temas, sujeitos e problemas sobre a educação protestante no Brasil.

O primeiro contato com a educação protestante foi na minha adolescência, quando participei ativamente da primeira igreja protestante na cidade de Campina Grande, a Igreja Evangélica Congregacional, fundada em 1920. Nesse primeiro tempo, atuei nas variadas áreas da igreja como o discipulado, batismo, os estudos teológicos e a ordenação pastoral. Assim, experimentei a educação protestante em todos os seus passos e implicações na configuração de uma cosmovisão protestante do mundo.

O segundo contato, foi durante a graduação em história, quando elaborei os primeiros questionamentos sobre a história da igreja e comecei a caminhada no mundo da pesquisa acadêmica. Nesse momento, enxerguei a possibilidade de adentrar numa área ainda inexplorada, fértil e o acesso facilitado a documentação da comunidade que vivi a minha juventude, especialmente em torno da historiografia do protestantismo no Brasil e particularmente do protestantismo Congregacional.

Nesse tempo, a minha relação com a educação protestante ganhou contornos de uma criticidade e de um pesquisador iniciante. Tive acesso a uma historiografia dos tipos ideais do protestantismo brasileiro, como os sintetizados por Cunha (2004, p.17-19): 1º) o “*protestantismo histórico de imigração*”, com raízes na Reforma do século XVI, estabelecido no Brasil com o fluxo imigratório a partir da primeira metade do século XIX, sem preocupação missionária conversionista, formado pelas as Igrejas Luterana, Anglicana e Reformada; 2º) o “*protestantismo histórico de missão*”, com origens na Reforma do século XVI, mas que veio para o Brasil a partir da segunda metade do século XIX, através de missionários norte-

americanos em sua maioria, os quais constituíram as Igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista e Episcopal, com exceção da Igreja Congregacional, estabelecida por missionários europeus.

O terceiro convívio foi com a historiografia do protestantismo no Brasil, que consistia, em sua maioria, por uma produção formada por estudos de “intelectuais memorialistas”, em que predominava uma “historiografia triunfalista” assentado em Wirth (1994, p.54-55). Nessa tradição, as memórias e histórias do protestantismo resultaram em narrativas de exaltação e preservação dos “grandes feitos”, marcada pela homogeneidade institucional da experiência religiosa e eclesial. Desta forma, exaltam suas autoridades e instituições em suas práticas normativas, seus privilégios político, econômico, social e cultural, na construção dos ícones através de um silêncio sobre os fiéis comuns, nos seus gestos cotidianos e desviantes.

Em síntese, esta historiografia pode ser observada no estudo de Gomes (2017) propôs narrar a história da tradição congregacional com destaque ao seu sistema de governo democrático, com a participação direta dos seus membros em todas as decisões e direções das comunidades. Uma leitura do congregacionalismo e a sua luta pela liberdade religiosa na Inglaterra do século XVII, na formação dos Estados Unidos, com os pais peregrinos e no Brasil, na exaltação dos seus principais líderes e autoridades.

Assim, o que predominava nas igrejas eram um conjunto de memórias sobre o protestantismo congregacional, que exaltava o pioneirismo do casal de missionário Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley (um escocês e uma inglesa), ao fundarem a primeira igreja protestante em língua portuguesa, servindo de modelo para inserção de igrejas protestantes com diferentes vertentes eclesiais. Nessas memórias, era dado destaque às seguintes questões: a) a luta pelos direitos legais dos acatólicos, como do casamento civil, registro civil, direitos políticos e civis, liberdade para a venda de bíblias, registro de igreja protestante como pessoa jurídica e o sepultamento nos cemitérios públicos; em 1858, na cidade do Rio de Janeiro, com a fundação da “Igreja Evangélica Fluminense”, a primeira igreja protestante em língua portuguesa; em 1873, estabeleceram a “Igreja Evangélica Pernambucana”; em 1898, a “Igreja Evangélica de Passa Três”; em 1899, a “Igreja Evangélica de Niterói”; em 1903, a “Igreja Evangélica do Encantado”.

Desta forma, nessas narrativas, os intelectuais memorialistas, tiveram a grande preocupação de associar o protestantismo congregacional brasileiro ao “congregacionalismo

denominacionalista e histórico” da Inglaterra e dos Estados Unidos.¹ Para tanto, é muito importante o estudo de Cardoso (2001, p.13-15), que tratou o protestantismo congregacional no Brasil, de forma diferenciada dessa tradição e elaborou uma reinterpretação do trabalho realizado pelo missionário Robert Reid Kalley, como um movimento de “igrejas kalleyanas”. Desse ponto foi necessário esclarecer a ideia de que uma igreja pode ser considerada congregacional em duas situações: a) “congregacionalismo denominacionalista”, quando possui uma matriz de igreja histórica congregacional, de origem inglesa ou americana, como as igrejas chamadas livres ou independentes, que possuem origem no início do século XVI, fruto de divisão na Igreja Anglicana; b) “congregacionalismo pela forma de governo”, quando possui um sistema de governo que concede a reunião de membros o poder máximo deliberativo, com várias origens e abarcando grande número de igrejas ou movimentos, por exemplo, batistas, menonitas, quakers, entre outros.²

Assim, o casal de missionários Robert Kalley e Sarah Kalley estabeleceu no Brasil uma “igreja congregacional” a partir da segunda situação mencionada acima, marcado pela independência, pois estava totalmente desvinculado de igrejas e associações missionárias estrangeiras, mesmo estando sob a influência de pensamento gestado nesse âmbito, seja do puritanismo inglês, do pietismo e dos movimentos avivalistas. Em sua história, esse protestantismo foi marcado por divisões e diversos grupos no Brasil como: a) UIECB – União das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil; b) ICEB: Igreja Cristã Evangélica do Brasil; c) ALIANÇA – Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil; d) AIECIB – Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Independentes do Brasil; e) AIECB – Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Brasileiras; f) AIECI – Aliança das Igrejas Evangélicas Congregacionais Independentes; g) AIECCB – Associação das Igrejas Evangélicas Congregacionais Conservadoras do Brasil; h) UIECB – Associação da União de

¹ Santos (2011) destaca que os primeiros congregacionais independentes na Inglaterra, estes estavam inseridos em um contexto político e social marcado por tradições populares, e assim, articulavam ceticismo materialista, anticlericalismo, a ideia de que Cristo estava presente em cada fiel e tradição separatista de oposição a uma Igreja oficial, aos dizimos, que sustentavam aos seus ministros e ao sistema de clientela. Os membros das comunidades independentes eram oriundos das camadas populares e produziram uma leitura das questões políticas pela mediação religiosa, na promoção da tolerância aos diversos grupos protestantes. Os congregacionais, como perseguidos políticos, foram para a Nova Inglaterra desde 1620 e participaram ativamente na formação de uma sociedade regida por princípios éticos e religiosos do “puritanismo separatista inglês”. Da mesma forma, exercitaram os seus ideais políticos e religiosos com a ideia de que o fiel tem a responsabilidade de atuar no mundo. Tais valores religiosos contribuíram para a formação da democracia nos Estados Unidos da América.

² Com base em Santos (2011b: p.2405), os puritanos congregacionais do século XVII, defendiam alguns pressupostos relacionados à formação da democracia no ocidente, como: a igualdade radical entre todos os cristãos e uma igreja sem hierarquias, a autonomia da comunidade local e a separação da Igreja do Estado.

Igrejas Evangélicas Congregacionais do Brasil; i) CIBCB – Comunhão de Igrejas Bíblicas Congregacionais no Brasil; j) IECVR – Igreja Evangélica Congregacional de Volta Redonda.³

A quarta convivência consistiu nos meus primeiros trabalhos de pesquisa, na graduação empreendi uma análise sobre como a primeira comunidade congregacional, em Campina Grande, produziu um discurso conversionista na busca de uma fé individualista e sob um rígido regime disciplinar, entre 1930 e 1940. Na dissertação de mestrado o estudo foi sobre a “Igreja Evangélica de Campina Grande” na Paraíba, no período de 1927 a 1960, em suas práticas e representações femininas, a partir da história cultural, da historiografia das mulheres e relações de gênero, na releitura de vestígios diversos, como as atas da igreja e entrevistas (FREITAS JÚNIOR, 2008; 2010; 2011; 2011a; 2014).

Partindo desses pressupostos, em 2011, a primeira versão de proposta para tese de doutoramento consistia em analisar a construção das subjetividades femininas e masculinas na Paraíba, de 1925 a 1927, em imagens e práticas multifacetadas, a partir da releitura da escrita epistolar da jovem protestante Luiza Barboza Monteiro (conhecida como Dona Morena), endereçadas ao seu namorado e noivo João Clímaco Ximenes. Em suma, o foco era desenvolver a pesquisa no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP após a aprovação no processo seletivo, mas não se tornou possível por causa de questões contingentes da vida.

No período de 2019 a 2021, uma segunda versão que consistia em investigar como quatro intelectuais congregacionais pensaram a construção de um Brasil Civilizado Protestante, um país desenvolvido e grande, em três eixos de atuação: a) a promoção da fé protestante pela evangelização e aberturas de igrejas, com um discurso conversionista para estabelecimento do cristianismo “verdadeiro”; b) a família na legitimação de uma tradição judaico-cristã de cunho conservador, com espaços bem delimitados para o homem, a mulher e os filhos; c) a educação com a abertura de escolas bíblicas dominicais, as escolas diárias e os cultos domésticos. Em resumo, esta versão foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPB

³ É necessário atentar ao movimento puritano, que era marcado pela diversidade, como Gomes (2017: p.84-85) apresenta alguns desses grupos: a) os puritanos anglicanos, que desejavam remover “as doutrinas do papismo” da Igreja Anglicana; b) os puritanos presbiterianos, que buscavam instituir o sistema reformado presbiteriano; c) os puritanos independentes ou congregacionalistas, que defendiam que cada comunidade fosse governada de forma independente e democrática, como também uma convivência pacífica com a Igreja Anglicana; d) separatistas congregacionalistas, que ansiavam por uma radical separação com a Igreja Anglicana e o regime democrático em cada comunidade local.

para apresentação no Exame de Qualificação e a partir das considerações suscitadas pela Banca a pesquisa recebeu novas formulações na sua proposta.

O quinto momento foi a influência de estudos importantes em torno da atuação de intelectuais protestantes, que pensaram a formação de um Brasil moderno, civilizado e educado, contribuindo no processo de reelaboração na proposta de tese durante o Programa. Em dois trabalhos resultantes da sua dissertação, Cardoso (2001, 2002) estudou a inserção de Kalley no Império Brasileiro e sua relação conflitiva com a religião oficial vigente, com um olhar para as suas práticas pastorais como: as práticas litúrgicas, as declarações de fé, as novas doutrinas, o ministério feminino, a escravidão, o ecumenismo e a cidadania dos acatólicos. Com a premissa de que Kalley encarna o referencial profético descrito por Pierre Bourdieu: o empresário, independente de salvação, que enfrenta a religião oficial no momento de sua maior fragilização, tendo recebido o apoio de forças externas antagônicas ao Catolicismo Romano.

O estudo de Cardoso (2001, p.120-121, 126) pensou a atuação de Robert Kalley no estabelecimento de um programa civilizador protestante congregacional no Brasil, com a fundação da Igreja Evangélica Fluminense, por meio de uma estratégia que visava alcançar as cidades de Petrópolis e do Rio de Janeiro, no período de 1855 a 1858. A referida estratégia era composta por algumas frentes de trabalho que priorizavam a aproximação com todos os segmentos da sociedade, com as seguintes frentes:

1. A medicina. A vocação médica de Robert Kalley, com atendimento gratuito às camadas populares;

2. A imprensa. Os artigos publicados nos jornais com pregação; tradução de livros e apologética da fé protestante para aproximar-se da elite cultural, liberais, maçons e católicos, mantendo contatos constantes com elites políticas e sociais;

3. A literatura. A colportagem (vendas de tratados e livros protestantes) com os seus discípulos da Ilha da Madeira, no Rio de Janeiro e em Petrópolis, nas casas e estabelecimentos da população mais simples, tanto de estrangeiros como de brasileiros;

4. Culto nos lares. O culto doméstico em Petrópolis, nas casas de Francisco de Gama e dos Kalley, na intenção de inserir o sagrado como parte do cotidiano das pessoas, também através da escola de música e da escola bíblica dominical.

Dessa forma, o autor ressaltou a influência recebida por Kalley de dois movimentos de despertar espiritual dos protestantismos europeus: do *Pietismo Alemão*, a partir do qual

se apropriou da ideia das reuniões privativas organizadas por Philipp Spener, fundador do movimento, além da necessidade de viver na perfeição cristã, promovendo um processo constante de consagração; e do *Puritanismo Inglês*, com suas ideias de um regime disciplinar com normas imutáveis, para promover a salvação do indivíduo, com foco na família como espaço para vivenciar essa fé no cotidiano, a partir da centralidade da Bíblia em tudo, ou seja, de um bibliocentrismo.

No primeiro livro resultante da sua pesquisa de doutoramento, Cardoso (2005) procurou visibilizar Sarah Poulton Kalley como “missionária pioneira na evangelização do Brasil”, retirando-a da condição de atriz coadjuvante a “sombra do esposo”, promovendo-a a sujeito participante do processo histórico, no período de 1825 a 1907 (do seu nascimento até a morte). A partir da ideia de que Sarah desempenhou importante papel de missionária pioneira e líder nas duas primeiras décadas da Igreja Evangélica Fluminense, e que foi “esquecida” pela historiografia oficial. No uso da perspectiva de Pierre Bourdieu, de que a inserção de Sarah, no Brasil Império, foi de uma “profetiza da nova fé”, em que através de suas ações provocou a mudança do “habitus religioso”, como uma mulher que partilhava de uma cosmovisão com um “projeto civilizatório protestante e anglo-saxão”.

No seu segundo livro, Cardoso (2005a) demonstrou a formação e o desenvolvimento do hinário *Salmos e Hinos* como um instrumento para a difusão da fé protestante, obra pela qual Sarah Kalley dedicou boa parte do seu trabalho, no período de 1861 a 1889, que abrange a todas as edições feitas sob a sua coordenação. No seu terceiro livro, Cardoso (2005b) estudou a obra publicada em 1866, por Sarah Kalley, *A Alegria da Casa*, que defende como expressão de uma estratégia de dominação progressiva do espaço privado por parte da mulher, capacitando-a, com a utilização da inteligência (lógica e razão), a ocupar espaços públicos da sociedade. Por isso, os seus estudos foram relevantes para o repensar em torno da atuação do casal Kalley na inserção de um programa civilizatório protestante de base anglo-saxão no contexto do Brasil no século XIX, especialmente porque ultrapassou a historiografia memorialista.

Outrossim, Oliveira (2006: p.102-123) narra como o médico escocês Robert Kalley e a sua primeira esposa (que faleceu por causa da fragilidade da sua saúde) implantou uma comunidade protestante em Portugal, na Ilha da Madeira, entre 1838 e 1846, sob forte perseguição e intolerância religiosa. Nesse contexto, Kalley realizou o trabalho de médico, pedagogo e missionário. Como médico, após a convalidação do seu diploma de Medicina, em

1839, iniciou a construção de um hospital com 12 camas, com atendimento clínico e médico gratuito à população mais pobre da ilha, como também, uma campanha de prevenção contra o alcoolismo. A sua atuação de pedagogo foi muito relevante, porque através da campanha de alfabetização para combater o elevado índice de analfabetismo, pode contribuir para o crescimento intelectual de muitas pessoas da comunidade. Desta forma, criou escolas domésticas, que ministrava o ensino regular, com aulas diurnas para as crianças e noturnas para os adultos. Desta feita, ele conseguiu fundar mais de dezessete escolas, com mais de dois mil e quinhentos alunos, utilizando a Bíblia como livro texto para a alfabetização. Por conseguinte, houve uma forte adesão da população à mensagem protestante, o que resultou no estabelecimento de reuniões nos lares para o cultivo da fé como bom resultado dos seus esforços.

Ainda mais, Matos (2003: p.9-28) apresenta o médico missionário escocês Robert Kalley como pioneiro na implantação da Igreja Presbiteriana na Ilha da Madeira (1839) e da Igreja Congregacional no Brasil (1855), através das suas atividades médicas e missionárias sob a perseguição e intolerância religiosa das autoridades católicas romanas. Além disso, Santos (2017: p.55-72) empreendeu uma releitura histórica e religiosa da atuação do missionário Kalley, no contexto luso-brasileiro do século XIX, das fontes produzidas sobre sua passagem na Ilha da Madeira e na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro. Uma análise dos autores protestantes que leem a sua atuação como uma perseguição sofrida pela intolerância dos católicos romanos e para os jornais conservadores da época consistiu em uma ação oficial para proteção da ordem e da Igreja Católica com os seus dogmas. Novamente, Marques (2006) constrói uma narrativa sobre Kalley como um dos principais personagens do protestantismo de exílio e pioneiro do protestantismo missionário no Brasil, com destaque a sua atuação na Ilha da Madeira e o apoio aos refugiados da Madeira, que por causa da perseguição foram viver nas ilhas do Caribe e em Illinois.⁴

De igual modo, o estudo de Alcântara (2012) analisou a atuação do missionário e intelectual Kalley no Brasil durante a segunda metade do século XIX, como propagador de um modelo religioso e educacional protestante, com as seguintes atividades: impressos protestantes, os cultos domésticos, os artigos religiosos nos jornais, a organização de espaços

⁴ Para conhecer melhor sobre o protestantismo e a atuação de Robert Kalley em Portugal, recomendo a leitura de Santos (2000), que trata das principais tendências da historiografia sobre o protestantismo em Portugal, nos séculos XIX e XX; Branco (2006) apresenta uma bibliografia interessante sobre o protestantismo no mundo lusófono e Afonso (2006), que analisou o desenvolvimento das comunidades protestantes na transição do século XIX para o XX, em Portugal, com um modelo alternativo de educação.

educativos e igrejas. E ainda, Lima (2010) analisou como o missionário Kalley lutou para a inserção do protestantismo no Brasil do Segundo Império, no contexto de intolerância religiosa e resistência da Igreja Católica, os seus embates pela liberdade de culto, o direito do registro civil de nascimento, casamento e óbito. E em Barros (2012) o objetivo foi pensar a formação da identidade protestante congregacional sob a liderança de Kalley, no período de 1855 a 1876. Este, destacou a sua contribuição cultural e educacional na Escola Dominical e na Escola Diária, como uma estratégia para o desenvolvimento do saber bíblico escolar. Por isso, tais estudos foram fundamentais neste movimento de releitura da historiografia memorialista sobre a atuação do médico missionário Robert Kalley em Portugal e no Brasil como pioneiro da civilização protestante.

Ainda assim, Santos (2008) com o seu estudo sobre a inserção do protestantismo em Pernambuco e os conflitos com a ordem social legitimada pela Igreja Católica, no período de 1869 a 1891. Novamente, Santos (2018) estudou a inserção da primeira igreja protestante de missão, na cidade de Recife, em Pernambuco, com uma estratégia formada pelas seguintes atividades: a colportagem, a imprensa, o parlamento e a maçonaria. Além disso, Chavante (2019) apresenta um saber histórico que pensa as suas múltiplas relações com o liberalismo, a democracia e a educação no Brasil, especialmente o ideário de progresso e modernização do Brasil, com a participação do protestantismo proposto por Robert Kalley como representantes do espírito liberal. Nesse sentido, há um saber histórico em volta do médico missionário Kalley como um representante da modernidade protestante no Brasil.

É importante, também, a transformação provocada na produção historiográfica do protestantismo congregacional no Brasil, especialmente os estudos sobre a relação entre liberalismo, democracia, civilização e educação no protestantismo brasileiro. A pesquisa realizada por Santos (2017b) sobre a história dos evangélicos no Brasil, no período de 1855 a 1900, estabelece a Igreja Evangélica Fluminense com um outro olhar da experiência protestante no país, por ser uma comunidade urbana composta por pessoas simples e pobres, em conjunto com as transformações sociais e econômicas da segunda metade do século XIX. Assim, forma-se uma comunidade que buscou traduzir a fé protestante às situações concretas da população, por meio de uma sensibilidade social em questões como escravidão, saúde pública, educação e relações com o Estado imperial.⁵

⁵ Quanto a esse movimento de renovação da historiografia do protestantismo no Brasil, destaca-se os seguintes trabalhos: Silva (2017a e 2017b) escreveu dois capítulos, o primeiro, com uma análise da reforma protestante no contexto do mundo moderno e o segundo, sobre a presença protestante na América Portuguesa; Santos (2017),

Destaca-se a importância da produção de Almeida (2010, 2011, 2017, 2017) sobre a historiografia da educação protestante no Brasil, especialmente quando apresentou os trabalhos de alguns historiadores, como Jether Pereira Ramalho, que analisou a ideologia liberal, as escolas batistas, presbiterianas e metodistas no final do século XIX até 1940. Desse modo, sendo um estudo pioneiro da educação protestante no Brasil. Ainda, César Romeiro Vieira, sobre a contribuição protestante à reforma da educação pública em São Paulo, a pesquisa de Elizete da Silva e Maria do Carmo com uma análise sobre os colégios batistas no Brasil, que buscou a modernização do Brasil na perspectiva de superioridade da civilização anglo-saxã. De maneira análoga, Ivanilson Bezerra da Silva, sobre Horace Lane e a formação de uma rede de escolas americanas no Brasil, com uma leitura da discussão entre evangelização indireta e direta, o combate ao catolicismo, a relação entre educação escolar e cultura americana. Do mesmo modo, Carlos Eduardo Calvani sobre a educação no projeto missionário do protestantismo no Brasil com uma análise da fissura entre ação educacional e ação proselitista, de um projeto educacional que buscava civilizar o intelecto e o corpo. Assim sendo, esses autores contribuíram de forma significativa na elaboração desta tese, que pensou a história da educação protestante no Brasil em sua diversidade.

Sob tal ótica, os trabalhos de Nascimento (2004, 2005, 2005a, 2007, 2007a, 2008), em que analisou as estratégias de implantação de um projeto civilizador por missionários norte-americanos, vinculados à Missão Central do Brasil em Sergipe e no interior da Bahia, a partir da criação de igrejas, escolas, hospitais e escolas de enfermagem, a fim de produzir um novo modo de viver e crer na sociedade que se estabeleceram. Nascimento trata o conceito de “civilização” como uma variedade de fatos que dizem respeito às maneiras, conhecimentos científicos, ideias religiosas, costumes e outros. Também corresponde aos tipos de habitações ou da maneira como os homens e mulheres vivem juntos ou como são preparados os alimentos e as regularidades, o que é comum a todos os homens. Por conseguinte, expõe uma ideia de sociedade como uma rede de funções interdependentes no interior das associações humanas pela qual as pessoas estão ligadas entre si que, apesar de não serem visíveis ou tangíveis, são reais. E o homem, dentro dessa configuração social passa por um “processo civilizador individual” que é função do “processo civilizador social” (NASCIMENTO, 2005a, p.6). Dessa maneira, os seus trabalhos foram fundamentais para a análise empreendida em torno do

analisa a presença protestante de forma permanente no Brasil do século XIX; Silva (2011), sobre a implantação do anglicanismo no Brasil; Huff Júnior (2011), relata a história das igrejas luteranas no Brasil; Santos (2011), a dos congregacionais no Brasil; Souza (2011), apresenta a implantação do presbiterianismo no Brasil; Almeida (2011), relata a da Igreja Metodista no Brasil; Silva (2011a), explana a dos batistas no Brasil.

programa civilizatório protestante ponderado por João Gomes da Rocha em sua produção intelectual.

Similarmente, os estudos de Mendonça (2007 e 2008), Clark (1998, 2005) e Vieira (2002 e 2006) foram preciosos, sobre como o protestantismo no Brasil buscou estabelecer uma “civilização protestante” e cumprir o “destino manifesto” através da evangelização, educação e jornais, tendo os Estados Unidos da América como referência, a origem da maioria dos missionários protestantes, destacando a atuação da igreja presbiteriana. Essa experiência de uma civilização cristã modelo era formada por alguns elementos: a desinstitucionalização eclesial e a ordenação da vida segundo o tripé “religião-moralidade-educação”, com um papel “normativo” e “civilizador”. Desta maneira, buscava civilizar, educar e evangelizar para a implantação de um país livre e progressista, com a criação de escolas, creches, ambulatórios, hospitais e escolas agrícolas. Apresenta-se o divino mais horizontal, tendo o indivíduo como seu próprio sacerdote, com a liberdade da leitura e interpretação da Bíblia individualmente, a responsabilidade de escolher a sua própria comunidade cristã, sendo destacado o período de formação do protestantismo missionário na segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX. É possível, assim, a reflexão sobre a inserção do protestantismo missionário, os conflitos entre a Igreja Católica, o Estado e a maçonaria no Brasil, mostrando uma relação conflituosa da Igreja Católica e o mundo moderno, com o seu racionalismo iluminista de crítica ao princípio de autoridade e poder da Igreja.

Ainda acima, destaca-se especialmente, a reflexão em torno do conceito de liberalismo como ideologia política e relacionado ao Partido Liberal no Brasil do século XIX. O liberalismo como ideologia tinha uma crença no valor do indivíduo, sendo que a liberdade individual era base para o progresso e a emancipação humana. O Estado possuía o dever de proporcionar os meios para que o indivíduo crescesse e expressasse todo o seu potencial de liberdade. O pensamento liberal no Brasil foi construído nas elites brasileiras a partir de três fases e influências: a francesa, a inglesa e a americana. A primeira, com o pensamento iluminista francês, adentrou ao país através da literatura importada ou por Portugal, com os estudantes brasileiros na Europa. Na segunda, o pensamento liberal inglês foi importado e assimilado pelos intelectuais brasileiros, especialmente através do trabalho desenvolvido pelo Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça no jornal *Correio Braziliense* (1808-1823). Na terceira, a influência americana, adiciona-se a presença do pastor presbiteriano James Cooley Fletcher, que oferecia livros e artigos aos intelectuais brasileiros. O jornal *Novo Mundo*, fundado e redigido por José Carlos Rodrigues (1865-1879), também contribuiu com a

apresentação da política e liberalismo americano, como também, a presença dos variados missionários protestantes com suas escolas, vistas pelas elites brasileiras como representantes do liberalismo (VIEIRA, 1980).⁶

Além disso, para Mendonça (1990: p.62-79) o protestantismo no Brasil foi gestado no universo de ideias do século XIX composto pelo liberalismo, anunciando um mundo melhor e a confiança no progresso da humanidade. O século de realização dos anseios e da luta para a conquista definitiva da liberdade política e de consciência, a transformação na ciência e técnica, o domínio da natureza para o conforto, lazer e segurança humanos. O "espírito da civilização moderna" ou ideologia liberal pode ser resumido nas seguintes premissas: - o desejo de secularização progressiva da sociedade; a promoção das massas em detrimento das elites hierárquicas; a libertação dos espíritos em relação à autoridade em nome das exigências do progresso científico; a separação da Igreja e o Estado; a concepção evolutiva da sociedade. Portanto, a sua análise em torno deste universo de ideias do século XIX e suas múltiplas relações para o protestantismo brasileiro em sua multiplicidade foi muito importante na compreensão da produção intelectual empreendida por João Gomes da Rocha.⁷

O protestantismo e a Igreja Católica ofereceram respostas diferentes ao espírito da civilização moderna. No protestantismo houve um movimento entusiasta com as novas formas e técnicas de estudar a Bíblia, uma disposição para adaptar a fé às descobertas científicas e uma preocupação com as questões sociais. Também, a produção do movimento evangelical, de caráter conservador, e do fundamentalismo protestante. Paralelamente, na Igreja Católica houve um movimento de aceitação do espírito liberal no clero católico, como o do Brasil, sob forte influência da maçonaria, especialmente através do trabalho educacional do Seminário de Mariana, em 1750, sob a liderança do cônego Luís Vieira da Silva e o Seminário de Olinda, em 1800, com Azeredo Coutinho, dois centros de ideias liberais. Também com um movimento de rejeição denominado de "romanização da Igreja Católica", em que o papa Pio IX (1864) elencou uma lista de oitenta erros do mundo moderno, eis alguns: os abusos do liberalismo econômico; a concepção liberal de religião e sociedade; a reivindicação do monopólio estatal

⁶ Uma parte dessa produção sobre o liberalismo e democracia no protestantismo brasileiro, pode ser acessada especialmente nas Bibliotecas Digitais de Dissertações e Teses de algumas universidades confessionais do Brasil como: Universidade Metodista de São Paulo, da Universidade Metodista de Piracicaba, da Universidade Presbiteriana Mackenzie e na Escola Superior de Teologia da Igreja de Confissão Luterana do Brasil.

⁷ Para um maior aprofundamento sobre o liberalismo clássico, indicamos a leitura de Bobbio (2006), com o seu trabalho sobre liberalismo e democracia. Manent (2015), com a história intelectual do liberalismo; Locke (1998), em sua obra sobre o governo e a democracia; Rousseau (1997), com o seu clássico sobre contrato social; Mill (2006), em sua obra sobre liberalismo e liberdade; Tocqueville (1987), que analisa a democracia nos Estados Unidos e Boron (2006), com uma coletânea sobre filosofia política moderna.

da educação; a laicização das instituições; a separação entre Igreja e Estado; a total liberdade de culto e imprensa. Dessa maneira, pode-se perceber a partir destes estudos que os intelectuais protestantes brasileiros da primeira metade do século XX se constituíram em torno dessas diversas respostas oferecidas a este determinado vocabulário da civilização moderna.

Assim, o protestantismo de missão foi estabelecido no Brasil do século XIX e primeira metade do século XX, no contexto de uma parte da elite política e intelectual brasileira aberta as premissas do espírito liberal: ao laicismo, o ideário iluminista, o progresso econômico-político, o nacionalismo, o pragmatismo, o evolucionismo científico, a valorização do indivíduo e a minimização. Desta forma, Vieira (1980) destaca que essa elite liberal estava impregnada com o mito do “progresso”, que concebia o progresso tecnológico, científico e político de valorização do indivíduo como fruto dos países protestantes. Para alguns, como Tavares Bastos, era necessário promover o progresso nacional através da europeização do Império Brasileiro, ao libertar o país do atraso provocado pela cultura africana e indígena, estabelecendo um programa de “mudança da alma brasileira”, através da imigração britânica e germânica, para que o país adquirisse uma cultura europeia e protestante. Assim, essa abertura ao mundo anglo-saxão significou o acesso à cultura protestante, como também, o conflito entre o Estado e a Igreja Católica, também favoreceu a inserção do protestantismo, sendo os missionários protestantes recebidos pela elite liberal como “arautos” do liberalismo e do progresso, tendo muito sucesso os colégios protestantes, que ofereciam uma educação humanística, instrução científica, técnica e educação física.

Ademais, os trabalhos de Clark (1998, 2005) tratam da imigração norte-americana para a região de Campinas, Santa Bárbara e Americana, durante o período de 1860 a 1940, através de suas instituições educacionais. Ainda assim, Vieira (2002 e 2006) que analisa a presença liberal norte-americana na reforma da educação pública de São Paulo, empreendida por Caetano de Campos, em 1890. Pela mesma razão, Teixeira (1987) trata o liberalismo no protestantismo da igreja batista, na Bahia do século XIX, empreendido pelos missionários sulistas dos Estados Unidos, uma sociedade elitista e escravocrata. O pensamento batista como fundamentalista, etnocêntrico, a-histórico e a-cultural, que enxergava o atraso econômico e social do Brasil pela lógica do pecado. Ela concluiu que esta era uma mentalidade conservadora e antiliberal por causa do seu biblicismo, perspectiva determinista do passado, o autoritarismo e o exclusivismo.

Adicionalmente, destaca-se que a relação entre liberalismo, democracia e educação, no protestantismo brasileiro, pode ser compreendida como um processo marcado pelas contradições em conviver no mundo moderno. Conforme Campos (2012: p.2-13) nos alerta, o protestantismo missionário se fez progressista no Brasil do século XIX, por instinto de sobrevivência religiosa e social, porque os missionários eram mais religiosos do que políticos e estavam preocupados em promover uma “modernização conservadora”. Cultivavam o ideário de levar aos povos atrasados os benefícios do progresso de um povo “temente” a Deus.

O sexto momento de construção da tese, foi a definição de uma nova proposta de pesquisa mais delimitada, que propôs a produção de uma história intelectual da educação protestante no Brasil. Os estudos sobre a atuação de intelectuais protestantes no Brasil contribuíram no processo de reformulação, dentre as pesquisas, destacam-se as obras de alguns autores, são eles: Oliveira (2017) em sua análise sobre o missionário batista Salomão Ginsburg, no contexto do Brasil Republicano; O estudo de Lima (2008) sobre os intelectuais protestantes na primeira metade do século XX e a produção da cultura brasileira; Massotti (2007), com seu estudo sobre a contribuição do educador protestante Eduardo de Carvalho Braga à educação brasileira, entre 1897 a 1932; também é importante o estudo de Cilas Oliveira (2008), sobre a atuação do intelectual metodista Guaracy Silveira, em defesa de um protestantismo democrático no Brasil; o análise de Vêras (2018) sobre a trajetória e memória de George William Butler como médico e missionário protestante, no nordeste brasileiro, no final do século XIX e começo do século XX. Esses autores colaboraram para a construção do pensamento de que os intelectuais protestantes das mais variadas matrizes participaram ativamente em suas redes de sociabilidades, ao pensar a transformação do Brasil por meio da religião protestante.

Nesse processo, evidenciam-se alguns intelectuais do protestantismo congregacional por meio de uma participação ativa na busca de respostas aos problemas brasileiros, que têm sido apresentados e analisados por outros pesquisadores, dentre os indicados pelos estudos de César (1983) destacam-se: João Manoel Gonçalves dos Santos, como o primeiro pastor congregacional brasileiro; Alexander Telford, como missionário no Brasil e idealizador da União Evangélica Congregacional do Brasil e Portugal; Francisco Antônio de Souza, pastor pioneiro da organização do congregacionalismo brasileiro na primeira metade do século XX; João Clímaco Ximenes, pastor precursor na evangelização do nordeste brasileiro; Júlio Leitão de Melo, grande pastor e evangelizador do nordeste brasileiro; Ismael da Silva Júnior, pastor com participação multiforme no congregacionalismo brasileiro. Desse modo, este trabalho

realizado por César foi importante nesta pesquisa pela indicação de intelectuais protestantes congregacionais que merecem ser estudados com maior veemência e densidade pelos estudiosos brasileiros.

Seguidamente, o estudo de Bernardino Filho (2006) é uma introdução interessante sobre Manoel da Silveira Porto Filho como intelectual protestante em sua atuação como pastor congregacional, professor e poeta que revisou a Coleção Salmos e Hinos, com uma rica produção teológica pastoral, poética e cultural no contexto brasileiro. Em Cardoso (2019), encontra-se o estudo sobre a atuação de Donina Andrade, como primeira Presidente da Confederação das Uniões Auxiliadoras Femininas das Igrejas Congregacionais do Brasil, ao promover a educação das mulheres, por meio da Revista Vida Cristã. Outra análise importante, é a de Santos (2011a: p.387-409), que estuda a obra de Henriqueta Braga em 1960, com um olhar atento a sua biografia, sua produção a partir da estrutura, da forma e fontes utilizadas, a sua articulação metodológica e a inserção da narrativa no contexto da sua produção.

Dentre os intelectuais indicados, sobressai-se a obra de João Gomes da Rocha, que nasceu em 14 de março de 1861, no Rio de Janeiro e morreu em 11 de julho de 1947, em Londres, na Inglaterra. Filho de Antônio Gomes da Rocha e Maria do Carmo, tornou-se membro da Igreja Evangélica Fluminense em 03 de dezembro de 1893. Desse modo, foi necessário ultrapassar a narrativa cristalizada, formulada em torno da sua vida pela historiografia memorialista congregacional. Essa narrativa descritiva destaca a sua adoção pelo casal Kalley, a sua atuação como médico missionário pela Mildway Mission to the Jews na Argentina, Uruguai, Brasil, alguns países da África e Londres na Inglaterra. Também apresenta, de forma esparsa, o seu trabalho de compositor e compilador da Coleção Salmos e Hinos, com a produção de mais de 60 hinos, assim também a produção da Coleção Lembranças do Passado, a partir da documentação legada pelos seus pais adotivos. Este intelectual foi eleito porque a atuação sobrepujou tal narrativa cristalizada que lhe restringia a filho adotivo do casal Kalley que viveu tão somente na penumbra do seu legado, o qual escreveu uma grande narrativa sobre os seus pais como missionários no Brasil. Contudo, Rocha participou ativamente como intelectual protestante das diversas contrariedades brasileiras na primeira metade do século XX.

Enfim, definiu-se a seguinte proposta de tese: a defesa de que João Gomes da Rocha se constituiu em intelectual da educação protestante e que pensou a transformação do Brasil em sua obra, não sendo um mero divulgador do trabalho executado pelo casal Kalley. O

objetivo geral foi analisar a sua atuação como médico missionário e intelectual da educação protestante, que na sua arguição pensou a construção de um Brasil moderno, civilizado e educado, no período de 1924 a 1957.

Portanto, verificam-se três pressupostos durante a pesquisa: a) os diversos aspectos na constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil, com destaque a herança educacional, religiosa e musical, legada pelo casal Kalley e sua atuação como médico missionário; b) a sua participação ativa ao pensar a transformação do Brasil, por meio da educação pela música; c) a sua atuação ativa, ao pensar o Brasil por meio da educação pela história em seu fazer historiográfico. Então, a atuação de Rocha foi estudada por meio de três linhas de investigação. A primeira linha compreendeu o período de 1861 e 1888, investigando o movimento e processo na constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil. A segunda entre 1924 e 1947, examinando a sua produção intelectual sobre a Educação Protestante como compilador dos Salmos e Hymnos, conjunto diversificado de Músicas Sacras. A terceira linha de investigação entre 1941 e 1957, sobre a Educação Protestante na obra *Coleção Lembranças do Passado* (1941, 1944, 1946, 1957).

De igual modo, supera-se os usos, pelas autoridades religiosas de forma triunfalista, dos estudos feitos pelos “intelectuais memorialistas”, através de narrativas sobre as “grandes proezas” do protestantismo congregacional, como Forsyth (2006) e os desdobramentos da instituição em suas práticas normativas. Os três estudos de Every-Clayton (1998a, 1998b, 2005) sobre os inícios da Igreja Evangélica Pernambucana, Igreja Evangélica de Caruaru e Igreja Evangélica de Jaboatão em uma narrativa triunfalista. Souza (1982), em estudo biográfico sobre João Ximenes e o seu pastorado na igreja congregacional em Campina Grande, durante trinta e três anos, mostra como o pastor estabeleceu comunidades congregacionais nas cidades de Serra Verde, Ingá, Marinho, Santa Terezinha, Lagoa Nova, Esperança, Areia, Patos, Marizópolis, Aroeiras, Alagoa Grande, João Pessoa, Jatobá e Guarabira. Semelhantemente, Santana Filho (1996, p.5-8), em artigo sobre o pastor João Clímaco Ximenes, construiu uma narrativa com característica de epopeia, tratando-o como “o grande apóstolo do Nordeste”. Ainda, Mendonça (2007), produziu uma obra de caráter memorialista sobre o pastor congregacional José Quaresma. Este último, é considerado o “discípulo” do pastor João Ximenes, pois trabalhou aproximadamente cinquenta anos, pregando e difundindo os ideais congregacionais nas cidades em que viveu no estado da Paraíba e Pernambuco.

Esta pesquisa, sobre a educação protestante no Brasil, trata da relação entre cultura e sociedade formada por uma diversidade de vínculos sociais e de códigos culturais. Assim, resultando numa escrita que articula experiência e liberdade, representações, ideias, mentalidades, maneiras de ser e sentir através do cotidiano. Convertendo-se em um trabalho histórico dos sujeitos, não enquanto um “fenômeno”, mas sim um passado vivido no tempo marcado por normas, ritmos e valores próprios. Essa história é resultante da ação humana, por isso, esses sujeitos são responsáveis não só pelo seu próprio destino, mas pelo destino dos outros, no reconhecimento de que se trata de uma prática cultural cheia de rupturas, deslocamentos, rachaduras e contradições. Dessarte, dá visibilidade à alma, ao corpo, ao automatismo dos gestos, à postura e ao comportamento dos fiéis inscritos e narrados nas fontes. Deste modo, destaca-se a importância do diálogo com a historiografia da educação protestante e congregacional, buscando outros temas, sujeitos e problemas. Dessa maneira, verifica-se por Rocha a construção de representações diversas para civilizar o Brasil através de uma paisagem amorosa, olfativa, sensitiva, em suas noções do “certo” e do “errado”, comportamentos “santos” e “profanos”, do “permitido” e “proibido”, do “puro” e do “impuro”.

Este estudo buscou outros problemas e sujeitos, por meio de uma narrativa histórica da educação protestante, que atenta para os sujeitos ou grupos considerados menos importantes, relegados ao esquecimento e desconhecimento, como as mulheres e as crianças. Desta maneira, não se limita a um número seletivo de indivíduos representados como “heróis da fé”. Estes esquecidos, nas “histórias triunfalistas” são relegados a lugares periféricos, como uma grande massa silenciada, “ausentes da história”, mas entende-se que são parte integrante da história, da cultura e da sociedade, sem a restrição de descrever tais pessoas como “vítimas da história” e sim protagonistas da sua fé e identidade. A partir do pressuposto de que esses personagens fazem história, através de uma produção que não se restringiu ao mundo acadêmico, mas contribuiu para a compreensão da realidade das pessoas no presente (DEIFELT, 1994, p.110-118).

1.2. A construção da teoria: uma história intelectual da educação protestante

Por conseguinte, essa escrita também consistiu em uma história intelectual da educação protestante congregacional no Brasil, com um olhar que ultrapassou as prescrições e modelos de ensino contidos nas leis, regulamentos, preceitos e doutrinas para as práticas e

apropriações diversas. Em vista disso, neste relato busca-se a formação de João Gomes da Rocha como intelectual da educação, por meio do mapeamento das suas instituições, de suas filiações intelectuais, as redes de sociabilidades, a análise das obras produzidas e proferidas. Como também, considera-se um intelectual como criador, mediador cultural e autor engajado na vida do país (PANIZZOLO, 2016; BARRETO e MAGALHÃES, 2016; COSTA, 2013).

Com base em Vieira (2017) e Silva (2009), salienta-se que não foi pretensão deste estudo pensar a sua atuação na perspectiva do fundacionalismo para acessar aos “fatos puros”, a “verdade absoluta”, as “ideias perenes” e a “razão universal”, em uma investigação das ideias que rejeita os contextos de produção e seus produtores (econômicos, políticos ou sociais), na promoção de um movimento lógico e teórico do pensamento abstrato. Contudo, distancia-se do “textualismo”, que consiste em ler os seus textos para adquirir uma interpretação correta de seu significado. Uma vez que não se busca os “elementos intemporais”, das “ideias universais” e a “sabedoria sem tempo” para “aplicação universal”. Nem sequer a produção de “mitologias” com interpretações “anacrônicas”, que lhes atribuem ideias e intenções antes indisponíveis no contexto histórico de suas obras.

Logo, realiza-se um diálogo com o referencial do Contextualismo Linguístico proposto por Skinner (1996, 2005 e 2007) com uma análise da produção intelectual de Rocha, no contexto da linguagem compartilhada por seus grupos sociais, em períodos e lugares específicos. As ideias de João Gomes não são essenciais e sim atos de fala registrados nas suas obras, que podem ser tratados historicamente. A preocupação desta pesquisa foi localizar Rocha como autor e os textos no interior de uma comunidade de falantes que partilham normas sobre o que pode ser dito e quais as palavras. Sendo assim, efetua-se a interpretação dos programas políticos em curso e a história geral do período, em suas múltiplas relações com a produção intelectual de Rocha.

Além de tudo, os estudos da história cultural encontrados em Pesavento (2005) faz uso das seguintes noções: representações, sensibilidade e identidade na compreensão da sua produção intelectual. Na noção de “representações”, portadoras do simbólico, traz o significado de que estão imbuídas de sentidos ocultos, construídos social e historicamente, que são internalizados no inconsciente das pessoas como “naturais, dispensando reflexão”. Também nestas, as representações aparecem com múltiplas faces, porque o mundo é construído de forma contraditória e variada pelos diferentes grupos. Por conseguinte, a ideia de “sensibilidade” traduz as formas pelas quais os indivíduos e grupos veem a realidade através das emoções e

dos sentidos, correspondendo a subjetividades partilhadas de uma experiência íntima, individual ou coletiva. Ainda nesta, as sensibilidades são manifestadas através de ritos, palavras e imagens que nos remetem ao mundo do imaginário, da cultura e suas significações construídas sobre o mundo. Por fim, a noção de “identidade” revela-se como uma relação de alteridade produzida historicamente no contexto das contradições sociais da existência, suscitada numa produção imaginária do outro, que o descreve, enuncia e avalia. Isto posto, tais conceitos foram indispensáveis na análise das representações, sensibilidades e identidades articuladas por Rocha em sua obra em torno do Brasil modernizado pela fé protestante.

Destarte, na perspectiva de Chartier (1990, 1991, 1994, 1994a, 1995, 1995a) existe a noção de “representação”, no sentido de que Rocha formulou representações com uma determinada maneira de viver e estar no mundo. Ele apresenta através de um campo de concorrências e competições, enunciadas em termos de poder e dominação, com a efetivação de estratégias e práticas na imposição de uma autoridade sobre outros. Também traz a noção de “apropriação”, em que nesses escritos temos representações dominantes, que não excluíram os afastamentos e as manipulações das normas, sendo um movimento aberto às subversões e deslocamentos. Essas noções auxiliaram na compreensão da maneira de viver e estar na sociedade brasileira em um processo marcado pela diversidade, concebida por Rocha em sua obra em conformidade com a crença protestante

Equitativamente, em Certeau (2008) essa produção intelectual aparece como um movimento em que promovem deslocamentos e correções, acréscimos e retiradas através “de um sem-número de leis”, em que buscaram tornar os fiéis higienizados espiritualmente, em conformidade com as normas e “escritos, refeitos e cultivados”. A fim de “fazer os corpos dizerem o código”, ou seja, uma maquinação para que soletrassem em si a ordem do “divino” e do “puro”. Nesses escritos também é possível visibilizar como os sujeitos reempregaram o sistema de disciplinamento que não lhes pertencia com “superações”, se tornando atos de ruptura, práticas da “trampolinagem”, “trapaçaria”, “astúcia” e “esperteza”, no modo como utilizaram ou dobraram as normas com “mil maneiras de jogar/desfazer o jogo do outro”, nas entrelinhas desses escritos, outros sujeitos foram tingidos e tecidos que tripudiam as normas idealizadas.

Os estudos de história das mulheres e relações de gênero colaboraram para a compreensão da educação das famílias na sua produção intelectual, no sentido de uma história das sensibilidades femininas e masculinas. Com o reconhecimento de que a narrativa histórica

não é neutra, em que legitima a “produção sobre a diferença sexual”, pois se constitui um “lugar de produção do saber de gênero”, num olhar aos significados “variáveis e contraditórios” que são atribuídos à diferença sexual. Essa escrita pensou as ideias do “verdadeiro homem” e da “verdadeira mulher” em determinado período do passado e que geralmente essas diferenciações não correspondem a pessoas de “carne e osso”. Em que a ênfase consistiu no caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo, ao aspecto relacional que não pode considerar as mulheres e homens totalmente separados.

Nesta pesquisa da escrita histórica sobre a educação protestante, não foi intenção recuperar o real no passado, nem narrar o passado, mas construir um discurso sobre este, trazendo a subjetividade do pesquisador, ao recortar e narrar o passado. Ao pensar em relações de gênero, a preocupação primordial foi evitar oposições binárias fixas, naturalizadas e mostrar que as referências culturais são sexualmente produzidas, através de símbolos, jogos de significação, cruzamentos de conceitos e relações de poder, conceitos normativos, relações de parentesco, econômicas e políticas. A proposta é de elaborar uma escrita de história que rompe com a segmentação entre passado e presente, que contribui para a ampliação dos objetos do conhecimento histórico, com a descoberta de temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontinuidades.

Desta maneira, é interessante a reflexão de Perrot (2006, p. 9, 10 e 14; 2003; 2008) para repensar o silêncio que foi produzido e frequentemente reiterado como mandamento através dos séculos pelas religiões, pelos sistemas políticos e manuais de comportamento, ou seja, o mutismo relativo à participação das mulheres nas igrejas, nos templos, nas mesquitas e nas sinagogas. Essa mudez nas assembleias políticas, dominadas pelas eloquências masculinas, como também, a taciturnidade nos espaços públicos e até mesmo nos espaços privados. Desse modo, esses silêncios foram legitimados como uma postura normal da mulher idealizada, que deve esperar, escutar e guardar as palavras no fundo de si mesmas. Essa mudez das mulheres atua como uma espécie de chamado, à qual elas deveriam aceitar, conformar-se, obedecer, submeter-se e calar-se. Tudo isso, imposto pela ordem simbólica que abrange a fala, a expressão, o gestual ou a escrita, pregava-se a necessidade de cobrir o corpo delas, incluindo a cabeça e o rosto. Assim, o mutismo feminino é também disciplina do mundo, das famílias e dos corpos, regra política, social, familiar, no sentido de o pudor ser a virtude e a honra da mulher transformada em uma segunda natureza. No entanto, nesses silêncios, as mulheres puderam desviar-se das proibições, preenchendo os vazios do poder instituído. Também não despreza-se o fato que essa taciturnidade é legitimada pela narrativa histórica, em que o olhar

dos historiadores, durante muito tempo, tornou-se “ausentes às mulheres”. Assim sendo, na pesquisa foi repensado este silêncio na produção intelectual de Rocha em torno das diversas subjetividades femininas suscitadas no contexto da educação protestante no Brasil.

Isto posto, uma historiografia de gênero com as leituras de síntese apresentadas por Pedro (2003a, 2003b, 2003c, 2005, 2006, 2009) e Soihet em seus trabalhos (1989, 2000, 2003, 2006) perpassa o reconhecimento de que a narrativa histórica não é neutra, em que legitima a “produção sobre a diferença sexual”, pois constitui-se um “lugar de produção do saber de gênero”, num olhar aos significados “variáveis e contraditórios” que são atribuídos à diferença sexual. Essa escrita repensa que o “verdadeiro homem” e a “verdadeira mulher” são diferentes em cada período do passado e que geralmente essas diferenciações não correspondem às pessoas de “carne e osso”. Por isso, tal pensamento foi vital na investigação da obra de Rocha no tocante às imagens femininas e masculinas no Brasil do século XIX e XX conforme o pensamento protestante.

Dessa maneira, a concepção de Thomas Laqueur foi importante de que a diferença entre os sexos era uma invenção do século XVIII, destaca que foram as relações de gênero instituidores do sexo. Em Judith Butler a sexualidade tem um caráter discursivo, daí ficou conhecida como “teoria performática”, em que o gênero é um efeito discursivo e o sexo é um efeito do gênero. Igualmente, Linda Nicholson destaca a necessidade de fugir do “determinismo biológico” e do “fundacionalismo biológico”. Em sua obra, pensou as relações de gênero com ênfase no caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo, se afastando do “fantasma da naturalização”, em um olhar voltado para as relações de poder entre mulheres e homens, ao aspecto relacional, que não pode considerar as mulheres e homens totalmente separados. Formando assim, uma historiografia que questiona as “verdades” sedimentadas e contribui para uma existência com menos exclusões. Desta forma, esta pesquisa se apropria desses pensamentos para construir uma história da educação protestante no Brasil que distinga as subjetividades masculinas e femininas no contexto das famílias na produção intelectual de Rocha.

Portanto, reconta-se, neste trabalho, uma história intelectual da educação protestante que valorizou os sentimentos, as sensibilidades, as dimensões subjetivas, imaginárias e simbólicas, não reduzindo a realidade às dimensões materiais, empíricas, racionalizáveis. Como também, não se apresenta o reducionismo da materialidade do mundo à economia, pois não se pensa mais a natureza como algo apartado do humano, em que se deve dominar e

descobrir as leis imutáveis. Esta narrativa falou da produção de subjetividades que se passam no meio da sociedade e da cultura, construídas no tempo, sem núcleo, sem essência, sem complexo central a lhe formular, sem instâncias a lhe organizar, descontínuas, como um mosaico de representações, instituição linguística e imaginária, do sujeito como dobra do social em constante construção, de identidades frágeis e situadas.

Com base em Albuquerque Júnior (2011a) esta é uma escrita que rompeu com as clivagens alimentadas por vários tempos na humanidade, do predomínio do “sujeito da ciência como Logos” e em desprezo ao “sujeito Eros”. Através da releitura do “sujeito Logos” como masculino, branco, europeu, das classes dominantes, adulto e heterossexual e os demais: as mulheres, as crianças, os velhos, os não europeus, os não brancos, os homossexuais, os pobres, dos dominados, os não letrados, classificados como aqueles que viviam no domínio das paixões, desejos sem freios e das sensações, em que se ressalta as descontinuidades e os desfalecimentos do indivíduo da ciência que se alia ao “Eros”.

Sendo assim, esta pessoa se alia ao “Eros” através de uma escrita de tese que se preocupou com os homens e as mulheres em seu cotidiano, em sua vida ordinária, vida privada, intimidade, para os códigos que regem os encontros amorosos, para as práticas e discursos tidos como apaixonados, delirantes, poéticos, emocionais e emotivos. Resultando numa produção que não desprezou o erótico e o amoroso, mas que fazem deles não apenas temas de pesquisas e sim práticas afirmativas na vida acadêmica, como uma atitude política e ética de resistência às forças que “querem governar os corpos e as mentes, que querem impedir a criação e a inovação, fazendo do discurso amoroso um discurso inatual e sem amparo” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011a).

1.3. A construção do método: a seleção das fontes

Nesta pesquisa foi realizado o uso criativo e crítico das fontes documentais diversas, com base no pressuposto de que o trabalho de historiador não se restringe a construir uma história global que privilegia os grandes acontecimentos na literalidade dos documentos escritos, mas através de um desvio para as margens, as chamadas “zonas silenciadas”. Ao pensar nelas como fontes que correspondem a traços e registros do passado, formando um quebra-cabeça de peças com sentidos diversos. As peças podem se articular em composição ou justaposição, cruzando-se em todas as combinações possíveis, ou combinações por contraste.

É nessas múltiplas combinações que se estabelecem variadas explicações que serão suscitadas para a leitura do passado (CERTEAU, 1983).

A primeira linha de investigação compreendeu o período de 1861 e 1888, em que se verificou o movimento e processo na constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil. Analisou-se as representações sobre si, elaboradas por Rocha em dois tipos de fontes:

- **A Escrita de Si na Coleção Lembranças do Passado** – Foi realizado um estudo minucioso da escrita de si elaborada por Rocha na Coleção *Lembranças do Passado*, escrita em quatro volumes (1944, 1946, 1957). O foco esteve voltado para a compreensão da herança educacional e musical legada pelo casal Kalley ao seu filho adotivo, com destaque aos elementos formativos de uma mentalidade e sensibilidade protestante.
- **Os Artigos produzidos por Rocha no periódico “O Christão”** - Feita uma análise minuciosa dos artigos produzidos por Rocha no periódico “O Christão” sobre a sua atuação como médico missionário na “Mildmay Mission of the Jews”. O foco estabelecido no uso dessas fontes foi a construção da rede de sociabilidades de Rocha como intelectual da educação protestante.

Na sua escrita verifica-se a invenção de si e dos familiares, das suas narrativas de si como sujeito que aprendeu e imprimiu em si os valores da fé protestante, através de um “culto ao eu”, aos seus comportamentos íntimos. Ou seja, a elaboração de uma alma higiênica, desodorizada, livre dos pecados, produzindo a subjetividade de um homem protestante. Entretanto, nas entrelinhas, essa alma também rompeu com os perfis idealizados, com práticas desviantes dessa higiene espiritual e de santificação. Assim, busca-se as subjetividades em sua diversidade, em suas narrativas dos pais, das comunidades de fé, dos seus desejos, dos sentimentos diversos de prazer, raiva, abandono, os planos, os projetos, questões do cotidiano, momentos de lazer e diversões.

Assentado nas reflexões de Gomes (2004: p.7-24) as fontes foram tratadas como registros subjetivos, em que a identidade não é um sujeito contínuo e harmônico, não se restringem a uma estabilidade e permanência através do tempo, sendo necessário romper com a ilusão da linearidade e coerência do indivíduo na fabricação da sua vida, no qual os indivíduos aparecem simultaneamente uno e múltiplo, um ser fragmentado que experimenta temporalidades diversas. Também corresponderam a registros de memórias subjetivas,

fragmentadas e ordinárias de suas vidas, pois estavam relacionadas com “o triunfo do indivíduo como um sujeito voltado para si, para sua razão e seus sentimentos”, ou seja, subjetividades e sensibilidades diversas. Dessa forma, é importante ressaltar que se considera esse conjunto de fontes como “escrita de si, produção de si, produção de uma memória de si, um teatro da memória, a busca de uma identidade de si, uma escrita autobiográfica” (GOMES, 2004: p. 7-24).

A preocupação desta pesquisa não consistiu em saber o que realmente aconteceu, isto é, questões de “verdade” ou “erro” nas narrativas, mas vê a ótica assumida pelo registro e como se expressou no exercício de seus discursos sobre o que viu, sentiu e experimentou retrospectivamente. Desta maneira, a verdade não é pensada como uma realidade unitária, mas em sentido plural, como “plurais são as vidas individuais” e múltipla “a memória que registra os acontecimentos da vida”. Assim, não se pretendeu encontrar na escrita de si, a “verdade”, o “erro” e a “mentira”, contudo, articular bem as relações entre verdade como “sinceridade”, efeito de verdade e subjetividade. Desse modo, as diversas formas de escrita de si mobilizam a sinceridade como valor de verdade, porém, não podem ser tratadas como formas naturalizadas e espontâneas.

Tais escritas atuaram também como um “teatro da memória”, em que o sujeito aparece como personagem de si mesmo. Desse ponto adveio a necessidade de proceder a uma análise minuciosa na representação ou invenção de si, com a construção de um palco em que tais sujeitos fazem a encenação de múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades. Assim, surgiu um eu multifacetado das invenções feitas sobre si e os outros, numa diversidade tanto feminina como masculina. Esse “eu” procura controlar o caráter eventual e descontínuo da escrita, dando seguimento ao texto por meio de uma ordem na escrita ao numerar as páginas das cartas, datar e localizar. Também uma escrita que cobre um período ordinário em suas temporalidades: da casa, do trabalho, dos sentimentos íntimos, do lazer e do cotidiano.

Sendo assim, é relevante pensar a produção de Rocha como escrita de si que constitui, simultaneamente, o sujeito e seu texto, que tem um destinatário, estabelecendo um jogo interativo, entre quem escreve e quem lê, sujeitos que se revezam, ocupando os mesmos papéis através dos tempos, uma prática relacional, um espaço de conflitos em que confia ao “outro” um conjunto de informações e sentimentos íntimos e espaço de sociabilidade “privilegiado para o estreitamento ou o rompimento de vínculos entre indivíduos e grupos” (GOMES, 2004: p. 7-24).

Além do mais, é significativo ressaltar que a escrita epistolar organizada por Rocha consistiu em um processo de “dar-se a ver, é mostrar-se ao destinatário, que está ao mesmo tempo sendo ‘visto’ pelo remetente, o que permite um tête-à-tête, uma forma de presente (física, inclusive) muito especial.” Também as cartas envolvem o envio e o recebimento de mensagens entre indivíduos, composta por “múltiplos distanciamentos”: em primeiro lugar, a distância no espaço e no tempo entre as ações de escrever e ler cartas; em segundo lugar, o distanciamento entre o autor da carta e todos os acontecimentos narrados, ou seja, os acontecimentos/personagens narrados experimentam tempos variados, que podem se situar no passado, no presente ou no futuro, nos projetos anunciados e planejados em conjunto (GOMES, 2004; ABRAHÃO e SOUZA, 2006).⁸

A segunda linha de investigação, entre 1924 e 1947, revela o exame da produção intelectual sobre a Educação Protestante na atuação de João Gomes da Rocha como compositor e compilador da Coleção Salmos e Hinos, apresentando um conjunto diversificado de músicas. Através de uma análise das representações para educação das crianças, famílias e escolas, no seu trabalho de educação pela música em um tipo de fonte:

- **Civilização pela Educação Musical** – O seu trabalho de promover a civilização protestante através da música, com a sua atuação como compilador da obra *PSalmos e Hynnos com Músicas Sacras* (1924), a compilação de mais de cinquenta músicas para uso nos cultos públicos, nos cultos familiares, nas escolas dominicais e escolas diárias. Por meio de um estudo minucioso das representações formuladas para educar as crianças, mulheres, jovens e famílias através da música.

Em tais narrativas e memórias, em meio às palavras silenciadas, percebe-se os vários sujeitos ocupando lugares diversos e se deslocando de um lugar para outro, para que nessa rede discursiva, capturar o descontínuo, ou seja, a multiplicação do corpo destes sujeitos. Verifica-se, também, que não existe uma criança e uma família, mas várias, produzidas por cada expressão, o discurso de si e do outro. Por intermédio da valorização do silêncio e de sua produção, foi possível realizar uma semiologia das sombras, das zonas obscuras ou das

⁸ Nesse pensar das cartas organizadas por Rocha como narrativas autobiográficas são pertinentes os trabalhos de Wadi e Souza (2009) sobre suicídio e escrita autobiográfica, em que articulam a cultura, relações de gênero e subjetividade; Schmidt (2009), com estudo sobre memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional” no caso de Gilda Marinho; Costa (2009), através de reflexões sobre a precocidade e o silêncio na escrita cristã de Thomas Merton e Alceu Amoroso Lima.

opacidades dos sinais. Esta pesquisa não se limita à uma semiologia do visível e das iluminações, produzidas pelas estratégias de saber e poder na educação protestante brasileira.

Por fim, todos esses artefatos documentais foram analisados como constituintes das memórias em torno das relações de gênero protestantes conforme Perrot (2006, p.33-43), assim foi possível pensar o quanto a memória histórica tem um caráter sexuado, que forja silêncio produzido por um olhar masculino hegemônico. Esse caráter sexuado encontra-se contido nos arquivos públicos, que privilegiam o público como espaço do econômico e do político destinado aos homens. Em contrapartida, os arquivos privados nos forneceram “segredos” em que as mulheres são visibilizadas como secretárias das famílias, com os livros de anotações familiares, as correspondências familiares e os diários íntimos, mesmo que muitos tenham sido atingidos pela autodestruição das mulheres. Destaca ainda a referida autora que as memórias das mulheres são traços ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade, constituindo-se, assim, em uma memória do privado voltada para a família e para o íntimo. Nas cartas organizadas por Rocha encontram-se a possibilidade desses sujeitos romperem com o silêncio, ao descobrirem prazer ao falar de si e dos outros com liberdade.

A terceira linha de investigação, entre 1941 e 1957, sobre a Educação Protestante no Brasil do Século XIX, com o estudo da sua obra Coleção Lembranças do Passado (1941, 1944, 1946, 1957), trata-se de análise minuciosa do seu trabalho de educação pela história em um tipo de fonte:

- **Civilização pela Educação Histórica** – Herdeiro de todos os documentos dos Kalley, produziu a sua Coleção de Memórias denominada *Lembranças do Passado*, escrita em quatro volumes (1944, 1946, 1957) e na pesquisa foi utilizada a edição publicada pela Associação Basileia (2013, 2013a, 2015 e 2017). Tal Coleção foi elaborada a partir da compilação das cartas, diários, notas e livros. O Volume I compreende o que chamou de primeira fase da fundação da Igreja Evangélica Fluminense no Rio de Janeiro, no período de 1855 a 1864; o Volume II corresponde à segunda fase do trabalho desenvolvido de 1865 a 1867; e os Volumes III e IV abrangem a terceira e quarta fase, no período de 1868 a 1888.

A análise em torno dessas fontes também foi norteadas pelas reflexões de Albuquerque Júnior (2001, 2011b, 2011c, 2011d, 2011e, 2011f, 2011g), do historiador como “artesão de temporalidades” em que o prostrar, o contar, o narrar é a arte que permite a tecelagem do passado, a arte que permite reconstruir e reinventar o passado, que dar formas aos tempos,

possibilita o registro do passado procurando entender-se como se passou. Esta é uma história do ordenamento e racionalização do vivido como um trabalho artesanal, paciente, metucioso, diuturno, solitário, infundável, que se faz sobre esses restos, os rastros, os monumentos legados por gerações anteriores, que como “esfinges” pedem deciframento, solicitam compreensão e sentido. Em que o historiador, como uma “bordadeira”, nessas atividades de pesquisas, tem-se uma cesta cheia de documentos, de relatos, de imagens, de escritos, de narrativas, de variadas cores e tonalidades, misturados de forma caótica. Numa narrativa historiográfica que constitui um “fio condutor, fio da meada, o problema, a questão, o objetivo, que perseguimos em toda a narrativa”.

Assim, o pesquisador trabalha na construção de uma escrita em que lida com “a carpintaria do passado” como um “carpina” que na posse dos escombros que o passado deixou, os submete a um trabalho de corte, de rejuntamento, de limagem, de aparas, de encaixe e aprumo que os põe novamente para funcionarem como acesso ao que foi, como porta ou janela para espiar ou adentrar aos tempos passados. O historiador é como um “padeiro” que fabrica, com aparas das atitudes, dos costumes, das ações das massas, fermentar novas imagens dos tempos, que servem de alimento para nossos sonhos de continuidade, para nossa fome de identidade, “para nossa inanição de sentidos para vida, para o estarmos aqui na terra, para a nossa existência finita e ilimitada” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011f). Esta serve para alimentar as vaidades, desejo de onipotência, preconceitos, que legitima as desigualdades e diferenças, mas que também pode ser “o licor amargo que tragamos para nos darmos conta de nossas veleidades, de nossos crimes, de nossas injustiças, de nossas ignomínias, de tudo que nos amarga a existência individual e coletiva” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011f).

Com o subsídio do pensamento de Albuquerque Júnior (2001, 2011b, 2011c, 2011d, 2011e, 2011f, 2011g) na tese empreendeu-se uma espécie de reciclagem das versões do passado, dos sonhos de mulheres e homens, de utopias falhadas, de profecias malogradas. Como estivesse de posse latas e garrafas vazias de grandes promessas da história, que atiradas num canto, amassadas, enferrujadas e chutadas sem cerimônia pelos passantes. Foi submetido a um trabalho de reprensagem, de releitura, de redefinição de sentido e utilidade. Um trabalho de desconstrução, de seleção, de modelagem das versões do passado, para voltarem “cheias de saber e de sabor, a fazer sentido, a influenciarem a vida dos homens de hoje, que as podem trazer para terem novo valor”.

Dessa maneira, ressalta-se, mais uma vez, que foi problematizado e questionado as fontes documentais para evitar uma mera reprodução delas através de um movimento de

subjetivação dessas como a verdade. Esses originais foram lidos como constituintes de um exercício de poder que aparece de forma sutil, permanente, produtiva e microscópica, agindo sobre os sujeitos. Desse jeito, por serem fortemente marcados pelas noções de disciplina, micropolítica, normatização dos gestos, mostrando a produção do sujeito pelas malhas do poder congregacional, em que buscaram a conformação do corpo dos fiéis não apenas pela difusão de ideias e de valores conservadores, mas pela produção do próprio indivíduo e de sua maneira de agir, de ser e de pensar. Através dessas obras foi possível visibilizar uma segregação espacial dos fiéis congregacionais (partição com outros tipos de comunidade de fé), normatizando os comportamentos, classificando os gestos, identificando os tipos de fiéis, rotulando-os segundo categorias de normal e patológico, de santo ou profano, a partir de sinais orgânicos ou das próprias roupas e cortes de cabelo. Ao mesmo tempo que foram efetivadas por esses sujeitos práticas de resistências, transgressões, autodisciplina, burla e táticas, na produção de outras subjetividades.

Igualmente, mediante a colaboração de Albuquerque Júnior (2011h) a escrita da tese foi pensada como a arte da dobra, de dobrar formas cristalizadas e aceitas como a realidade, o mundo, a sociedade, a cultura. Praticar a arte do desdobramento, da reconfiguração, da reformulação das categorias sociais e culturais que sustentam as identidades de gênero. Dessa forma, não se constitui um trabalho dogmático, sem paixão, meramente racional e racionalista, conceitual e desinteressada. Contudo é uma obra que não apenas produz saber ou dá poder, mas é prazerosa, questiona o próprio ato de escrever, “que faz da escrita um exercício de uma nova maneira de existência” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011h).

Portanto, a escrita da tese foi organizada em quatro partes:

Parte I - **Por uma História Intelectual e da Educação Protestante**, em que se apresenta a problematização da tese em torno do desafio da escrita de uma história da educação protestante, o processo de formulação da teoria para a produção de um relato intelectual da educação protestante e o processo de construção do método com o uso criativo das fontes.

Parte II - **João Gomes da Rocha como Intelectual da Educação Protestante**, na qual analisa-se a constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil da primeira década do século XX, por meio de um olhar atento aos fragmentos que formaram a sua vida e projeto intelectual, especialmente a sua escrita de si. Sendo apresentada a sua herança educacional musical, a rede de sociabilidades e a produção intelectual.

Parte III - A Educação Protestante na Coleção Salmos e Hinos: a educação pela música, em que se investiga as imagens do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos, compilados por João Gomes da Rocha, com publicação em 1924, que buscava promover a educação protestante pela música aos fiéis. Esse exame foi feito por meio de uma leitura minuciosa das diversas imagens produzidas nas músicas dedicadas à educação das crianças, aos cultos nos lares, as escolas diárias, as escolas dominicais, aos jovens e a pátria. A análise é composta por três partes: a primeira trata sobre a educação das crianças; a segunda refere-se à educação das famílias e a terceira sobre a educação nas escolas para formação de uma nação civilizada.

Parte IV - A Educação Protestante no Brasil do Século XIX na Coleção Lembranças do Passado: educação pela história, na qual estudou-se as representações da Educação Protestante no Brasil do Século XIX, formuladas por Rocha na Coleção Lembranças do Passado, em que buscou promover a educação dos fiéis, com uma narrativa histórica do programa civilizatório empreendido pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley. Isto resultou na fundação da Igreja Evangélica Fluminense no final do século XIX, tendo o casal Kalley como protagonistas e a participação ativa dos fiéis da Igreja Evangélica Fluminense. A análise é composta por três partes: a) as sociedades bíblicas, a realidade brasileira e a intolerância religiosa; b) os livros, a leitura, a centralidade da Bíblia e as escolas; c) o casamento e a educação da família.

Isto posto, os estudos da história da educação, o referencial teórico do Contextualismo Linguístico, da história cultural, da história das mulheres e relações de gênero cooperaram para o exame minucioso das fontes apresentadas que compõem uma diversificada origem de conhecimentos sobre a história da educação protestante no Brasil. Desse modo, conduziu-se a investigação de Rocha como intelectual da educação que concebeu o Brasil do século XIX e da primeira metade do século XX respaldado na sua concepção protestante do mundo.

2 – João Gomes da Rocha como intelectual da educação protestante

O objetivo do capítulo consiste em analisar a constituição de João Gomes da Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil na primeira década do século XX, por meio de um olhar atento aos fragmentos que formaram a sua vida e projeto intelectual, especialmente a sua escrita de si. Assim sendo, apresentou-se a sua herança educacional, a educação musical, a rede de sociabilidades e a produção intelectual.

Com base em Barreto e Magalhães (2016: p.61-85) reputou-se que João Gomes da Rocha foi se constituindo como um intelectual da educação protestante o qual contribuiu de forma singular ao campo educacional brasileiro. Um intelectual engajado em oferecer um conjunto de narrativas e representações em torno da transformação da realidade brasileira promovida pelo programa civilizatório protestante estabelecido pelo casal Kalley no Brasil do século XIX.

É importante compreender a memória que foi composta sobre João Gomes da Rocha, com destaque ao que se desejou perpetuar e o que de fato aconteceu, a partir dos fragmentos preservados em torno da sua vida e obra. Com um olhar minucioso às seguintes questões: a) as estruturas macro que influenciaram o seu projeto intelectual; b) a composição familiar, os locais que viveu, as redes de relacionamento, as leituras, oportunidades, experiências pessoais, de trabalho e os registros oficiais; c) os traços auto e hetero-biográficos, a imagem criada de si mesmo, proposital ou não, para perceber os elementos considerados imponderáveis.

Para investigá-lo como sujeito pensante e atuante no cenário em que se encontrava, para compreender as suas escolhas, papéis e funções desempenhadas, como também interpretar a organização da sociedade brasileira. Assim, sendo evitada uma abordagem descritiva da sua vida, carreira e da sua relação com esse cenário, mas por meio da apreensão da sua trajetória implicada em uma sociedade, um lugar, universo simbólico com quadros retóricos e públicos variados de matriz protestante.

A partir de Braga (1978: p.332-333) verifica-se a realização de uma narrativa oficial sobre a vida de Rocha de forma objetiva, sintética e reducionista com a mera descrição de dados gerais. O seu nascimento procedeu no Rio de Janeiro em 14 de março de 1861, filho de

Antônio Gomes da Rocha (natural de Aveiro em Portugal) e de D. Maria do Carmo (da Ilha Terceira, Arquipélago dos Açores). Foi adotado pelo casal Robert Reid Kalley (escocês) e Sarah Poulton Kalley (britânica), missionários que implantaram um programa civilizatório protestante no Brasil. Casou-se duas vezes, do segundo casamento teve três filhos: Kathleen Marion, John Kalley e Iris Ruth.

Sobre a sua formação acadêmica ressalta-se que estudou medicina em Londres, trabalhou como médico missionário pela Mildmay Mission of the Jews na Argentina e Uruguai na América Latina, em Madagascar e outros países da África. Concluiu a sua atuação como médico em Londres e faleceu no dia 11 de julho de 1947. Acerca da sua conversão frisa que em 03 de dezembro de 1893 foi recebido como membro da Igreja Evangélica Fluminense, visitou algumas cidades no Brasil para atividades evangelísticas em Passa Três, São José do Bom Jardim, São João Marcos, Arrozal, Morro Azul, Angra e outras cidades nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo.

Ainda mais, a sua produção intelectual foi construída no contexto de três frentes de atuação: a primeira, o médico missionário entre judeus em vários lugares do mundo com a escrita dos relatórios sobre as suas atividades na Mildmay Mission of the Jews; a segunda, o músico e compilador na Coleção Salmos e Hinos; a terceira, o escritor da Coleção Lembranças do Passado no âmbito do periódico O Christão que narra o estabelecimento da Igreja Evangélica Fluminense pelo missionário Robert Reid Kalley em quatro volumes a partir da compilação das fontes primárias produzidas pelos pais adotivos. Acentua o seu trabalho ativo com a mãe adotiva Sarah no preparo de algumas edições de Salmos e Hinos, o primeiro hinário protestante brasileiro. Depois da morte de Sarah, continuou a produção musical da Coleção ao preparar várias edições de hinário até 1919, quando dotou de valiosos índices a quarta edição com música. Ele também produziu numerosos hinos, entre traduções, adaptações e trabalhos originais, 62 dos quais se encontram em Salmos e Hinos de 1975.

Fundamentado em Sirinelli (2003: p.231-270) Rocha pode ser considerado um intelectual da educação protestante no Brasil em dois sentidos: “criador cultural” e “mediador cultural”. Um “criador cultural” que participou da criação artística e literária, por meio de uma atuação ativa na construção do saber a partir da perspectiva protestante no contexto da realidade brasileira. Também um “mediador cultural” que contribuiu para divulgar e popularizar os conhecimentos dessa criação sob o olhar da fé protestante. Porque se engajou e interveio em ações que legitimam a sua defesa da modernização do Brasil com a implantação do

protestantismo. É necessário evitar a ideia da vida e obra de Rocha como intelectual protestante com uma identidade fixa, um caminho, uma estrada com suas encruzilhadas, seus jardins e emboscadas. Ao evitar a descrição da sua vida como um trajeto determinado, um percurso orientado, linear, unidirecional com começos, etapas sucessivas e um fim determinado. Assim sendo, Rocha foi se constituindo em intelectual da educação que pensou a transformação do Brasil por meio da difusão protestante que resultaria na conversão dos sujeitos, famílias e comunidades.

Para verificar esse processo de formação como intelectual é necessário um olhar atento a escrita de si produzida por Rocha, com o suporte de Pollak (1992: p.201-202) tal escrita pode ser ponderada como uma tessitura interligada da memória individual e coletiva composta por quatro elementos: primeiro, “os acontecimentos vividos pessoalmente”, ou seja, experimentados e conservados na individualidade da memória; segundo os “acontecimentos vividos por tabela”, vivenciados pelos outros (a igreja, família e sociedade) sem participação direta, mas que se sente participante através do imaginário que foi construído. Terceiro, a multiplicidade das “pessoas e personagens”, com aqueles que realmente participaram no decorrer da vida, além daqueles que tiveram uma participação indireta na sua vida. Quarto, os “lugares da memória”, como relacionados às lembranças pessoais sem o apoio de um tempo cronológico.

Dessa maneira, fundamentado em Pollak (1992: p.203-204) evita-se a ingenuidade de tratar essas narrativas como o passado recomposto em sua literalidade e totalidade, mas correspondem a memórias seletivas. As memórias herdadas não se restringem ao físico, também recebem flutuações do momento de sua articulação e expressão, ou seja, as preocupações do momento constituem as memórias. Tais memórias correspondem a um “fenômeno construído” a partir da individualidade com criações tanto conscientes ou inconscientes, através de um trabalho de organização num movimento em que grava, recalca, exclui e relembra. Essas construções da memória são formadas por um “*sentimento de identidade*”, adquiridas no decorrer da vida imagens de si, para si e para os outros. Na invenção desse sentimento destaca-se três elementos: a “*unidade física*” como sentimento de ter fronteiras físicas no corpo ou fronteiras de pertencimento ao grupo; “*a continuidade dentro do tempo*” tanto no sentido físico como no psicológico e moral; o “*sentimento de coerência*” na busca por uma unificação dos diferentes elementos do indivíduo num movimento de reconstrução de si. Tal processo criativo pode ser entendido como um movimento produzido em referência aos outros através da negociação na definição dos critérios de aceitabilidade,

admissibilidade e credibilidade. Portanto, a identidade e a memória formulada por Rocha não correspondem a uma perspectiva fixa, essencialista e homogênea, mas um processo diverso marcado pela manutenção, coerência, unidade, continuidade e organização.

De maneira análoga, com o suporte de Pesavento (2008: p.2-3) as sensibilidades suscitadas nas lembranças de Rocha podem ser tomadas como uma forma de apreensão no conhecimento do mundo, uma reação diante da realidade que não brota da racionalidade e de construções mentais mais elaboradas. Também um modo de ser e estar no mundo, manifestada em sensações e emoções, numa reação quase imediata afetada por fenômenos físicos e psíquicos. Tais sensibilidades como manifestações do pensamento e do espírito, em que a reação primária foi organizada, interpretada e traduzida em termos considerados mais estáveis e contínuos. Em que as reações se transformaram em sentimentos, emoções e estados de alma, produziu assim um “arquivo da memória” que ele carregava.

Em suma, nesta investigação em torno da constituição de Rocha como intelectual da educação protestante, o capítulo foi organizado em três partes: na primeira em torno da herança educacional transmitida pelos seus pais adotivos Robert e Sarah Kalley na construção de uma mentalidade protestante; na segunda sobre a herança musical transmitida pelos pais adotivos na elaboração de uma sensibilidade protestante; na terceira parte trata as redes de sociabilidade em torno da Mildmay Mission of the Jews e do periódico O Christão.

2.1. A herança educacional: a mentalidade protestante

As narrativas de Rocha (2013a: p.114, 178) sobre os seus pais naturais foram esparsas, breves e descontínuas, como a de que no dia 09 de março de 1862 os seus pais Antonio Gomes da Rocha e Maria do Carmo da Rocha foram batizados pelo pastor Robert Reid Kalley na Igreja Evangélica Fluminense. A sua mãe Maria do Carmo da Rocha faleceu no dia 24 de janeiro de 1897 e era membro da Igreja Evangélica Fluminense desde 1862. Quando destacou uma nota presente nos diários de Robert Reid Kalley sobre o seu pai Antonio Gomes da Rocha, por ser uma notícia que “interessa pessoalmente ao compilador destas Lembranças”, pois foi chamado pelo Kalley nos dias 18 e 19 de maio de 1866 para consertar a “máquina de lavar roupa”.

Rocha tratou que no dia 16 de maio de 1868 na Igreja orava-se por seu pai, o ferreiro Antonio Gomes da Rocha que estava doente, destaca-se que nesse mês o Dr. Kalley visitou

vários doentes, entre eles, o seu pai, que foi aconselhado que se recolhesse no hospital. Assim, foi conduzido ao Hospital numa liteira, carregada por dois homens, reconhece com alegria que se recuperou e viveu muitos anos por causa da graça divina. No dia 05 de junho o seu pai participou do culto porque estava com a sua saúde restaurada. Também tratou de uma carta escrita por Sarah ao Francisco Gama, de que a casa do alfaiate Sr. Silva foi utilizada para o ensaio de músicas a serem executadas nos cultos, o seu pai Antonio Gomes da Rocha morava em uma parte da casa e participava ativamente dos ensaios (ROCHA, 2015: p. 38-39, 42-43, 112).

Para compreender a herança educacional partilhada pelo casal Kalley ao filho adotivo é necessário enfatizar a grande preocupação de Rocha em elaborar um conjunto de narrativas em torno da família dos seus pais adotivos e da educação que recebeu deles desde a sua infância com base na escrita de si. A primeira onda de narrativas foi sobre a família da sua mãe Sarah Kalley, a “família dos Morleys”, com destaque a sua educação protestante de origem da tradição protestante huguenote em um ambiente marcado pela liberdade de consciência e a industrialização da Inglaterra. Ressalta que a família dos Morleys veio originalmente de Morlain na costa setentrional do departamento de Finisterra na Bretanha (França). Os membros da família eram protestantes “huguenotes”, que sofreram perseguições por muitos anos que culminaram com a “matança de São Bartolomeu”. Por causa disso um grande número de “huguenote” atravessou a Mancha e refugiou-se na Grã-Bretanha, “entre os amigos da liberdade de consciência” em Londres. Destacou que a família de Sarah era formada por homens “intrépidos” e “ativos”, que estabeleceram na Inglaterra novas indústrias e grandes fábricas de tecidos em Nottingham e em outras cidades. Uma das indústrias mais conhecidas era a de I. & R. Morley (ROCHA, 2015: p. 24-25).

A partir de Chartier (1990: p.28) a escrita de si do Rocha tratou-se de um processo que construiu sentidos, os seus textos não possuíam um sentido intrínseco, absoluto e único, mas práticas discursivas que produziram um ordenamento, com distâncias e divisões, apropriadas com formas diferenciadas de interpretação sem uma leitura “única” e “correta”. Nesse sentido, Rocha produziu uma narrativa em torno da sua família adotiva caracterizada pela diversidade e fluidez na descrição dos acontecimentos experimentados por seus membros.

Na sua descrição da família Morley, destaca que pertencia a um grande número de famílias na Inglaterra, vinha de Morlaix, povoação próxima de Brest, ao noroeste da França, em frente a cidade de Plymouth, do outro lado da Mancha. Finisterra foi centro do

protestantismo francês, na época dos “huguenotes” e sofreu perseguições promovidas por “aqueles que amavam mais as trevas do erro do eu o Sol do Evangelho”. Com a perseguição, muitos huguenotes se refugiaram em Londres e outras cidades inglesas, entre as quais Nottingham, no seu bairro do penhasco cavernoso de Sneiton. Neste lugar foi construída uma antiga igreja anglicana, em torno da qual foram sepultados os paroquianos. Entre as campas existem duas que pertencem à família dos Morleys. Das inscrições dessas campas se concluiu que os Morleys passaram a residir nessa região, desde a revogação do edito liberal de Nantes por Luiz XIV em 1685. Assim, entre estes refugiados se encontravam os Morleys, “a cuja família pertencia a ilustre esposa do Dr. Kalley, D. Sarah Poulton Kalley, a quem tanto devemos” (ROCHA, 2015: p. 89-90).

Nessa primeira onda de narrativas descreveu que Sarah viveu a sua juventude nas terras inglesas, ao sul da sua cidade natal de Nottingham, próxima de Londres e que incorporava à grande metrópole de oito milhões de habitantes. A sua educação foi formada por professores particulares e esteve internada num colégio, em Clapham, sob a direção de Mrs. Payne, que lhe acompanhou quando mudou para a cidade de Torquay junto com a sua família. Nessa cidade ela teve a oportunidade de ensinar em escolas noturnas para jovens operários. Como também se exercitou no uso das línguas francesa e alemã. Ressaltou que em 1852 com 27 anos, Sarah acompanhou seu pai em viagem para Jerusalém, com o objetivo de visitar seu irmão doente de tuberculose, que tinha viajado ao Egito em busca da sua recuperação, o encontraram em Beyroot na Síria, mas faleceu pouco tempo depois e foi sepultado no Cemitério dos Estrangeiros. Durante essa viagem, ela teve o primeiro encontro com Robert Kalley, que anteriormente, sepultou a sua primeira esposa neste cemitério (ROCHA, 2015: p.107-108).

Também apresentou a sua mãe adotiva Sarah como uma "excelente esposa, companheira inteligente e consagrada", que acompanhou o esposo em sua atuação de pastor, missionário e médico. Destacou que ela auxiliava o esposo em todas as funções, por causa da "sólida instrução" e "talento invulgar" como no preparo dos sermões. Ela também atuou na composição de hinos e compilação da Coleção Salmos e Hinos, na liderança sob o trabalho dos colportores, preparava os esboços dos sermões para os presbíteros e diáconos da Igreja. Assim sendo, para Rocha essas narrativas sobre a história familiar dos seus pais adotivos tinha o objetivo de preservar a memória dos antepassados. Argumentou que a maioria das pessoas não se preocupa em conservar a memória dos antepassados, resultando no esquecimento dos seus nomes e feitos depois de três ou quatro gerações. Ressalta que há exceções na sociedade de

nomes que são preservados na consciência humana no decorrer dos anos, com o coração cheio de “gratidão” ou acompanhado de “maldição” (ROCHA, 2017: p.357-358).

Por isso, alicerçado em Sirinelli (2006: p.131-137) essa narrativa pode ser compreendida pela ideia de que Rocha compunha uma geração de intelectuais protestantes na primeira metade do século XX, sendo uma geração que não deve ser concebida como “produto da natureza” de caráter fixo e invariável, mas um movimento elástico e móvel. A sua formação intelectual apresenta uma dimensão cultural moldada pelo acontecimento, autorrepresentação e autoprocamação. Essa narrativa de si é importante porque demonstra que Rocha foi se constituindo um intelectual em torno da “referência”, da “herança” legada pelo casal Kalley de uma educação protestante de base puritana, pietista e moderna. De modo que Rocha atuou como intermediário para a legitimação e perpetuação desta herança por meio da sua produção intelectual, sendo um processo de co-criação do patrimônio transmitido pelos mais velhos.

Ainda mais, segundo Sirinelli (2003: p.231-270) este fenômeno de geração experimentado por Rocha pode ser enxergado além de uma mera descrição e perpetuação da herança recebida dos seus pais adotivos, em torno do “acontecimento fundador” e a “existência autônoma”. Porque a sua ligação com a herança legada não foi um processo de aceitação passiva do acontecimento fundador como eterno e fixo. Por conseguinte, a sua atuação como líder desta geração herdeira, conduziu um movimento de produção criativa da “bagagem genética” dos primeiros anos da memória coletiva. Por meio de um processo de elaboração simultânea em torno do que podia ser considerado o “inato” e o “adquirido”.

A segunda onda de narrativas foi sobre a memória familiar do seu pai adotivo Robert Reid Kalley com destaque a sua conversão à fé protestante. Narrou que o pai do Dr. Kalley casou-se novamente com uma mulher “piedosa”, Mrs. Jane Reid, que resultou em dois filhos: Jane e Robert Reid Kalley. O seu pai era negociante em Glasgow e faleceu quando Kalley tinha apenas um ano de idade. O descreve como um homem “alegre”, “jovem” e fiel “fervoroso”, filiado a Igreja Presbiteriana da Escócia. A sua mãe, viúva após dois anos, se casou com o Sr. David Kay, também viúvo, que tinha quatro filhos do primeiro casamento. Em 1815, o Sr. David Kay ficou viúvo novamente, destaca que Kalley considerava o seu padrasto um homem “excelente” que os tratou como seus próprios filhos.

Ofereceu alguns detalhes da educação recebida pelo Robert Kalley, que estudou nas seguintes instituições na educação básica: a “Rennie’s School” e a “Glasgow Grammar School”. Em 1825 com 16 anos de idade começou o Curso de Medicina na Universidade de

Glasgow, concluiu em 1830 com 21 anos de idade e obteve o diploma de cirurgião. Em contraposição ao desejo do seu padrasto de que se preparasse para ser um pastor da Igreja Presbiteriana da Escócia. Sublinha com base em um relato de Kalley em 1883 da palestra ministrada aos alunos de um colégio teológico em Edimburgo, de que desde a infância na escola se transformou em um ateu: “quando era menino, lhe ensinaram que era uma vergonha ter medo de espíritos e de fantasmas, porque espíritos e fantasmas eram meras invenções”. Em resumo, aceitou essa afirmação ensinada pelos professores como “verdade fundamental” e começou a descrer de toda espécie de espíritos: “passei a descrer completamente da existência de toda a espécie de espíritos, de espíritos santos como de demônios, do diabo, da alma humana e, por fim, do próprio Deus, fiquei ateu!”.

Rocha definiu esse período da vida de Kalley como de um jovem com pensamento “pervertido”, “arruinado”, “ilógico” e sem “fundamento”. Porque concebia a religião como uma realidade marcada pela superstição, fanatismo e ignorância. Utilizou uma memória do próprio Kalley após a sua conversão, que estabelecia esse momento da sua vida como um tempo de “incredulidade”, ao lado de “más companhias” e que seguia as “ciências de falso nome”. Assim, Kalley ao estudar as diversas ciências ao investigar com o auxílio do microscópio alguns elementos da natureza e com o uso do telescópio examinou os diversos elementos do céu, chegou à conclusão de que era impossível se submeter a existência de qualquer divindade.

Havendo-me aplicado, muito cedo, na minha mocidade, ao estudo de diversas ciências, pus-me a investigar, com o auxílio do microscópio, algumas das maravilhas da Natureza, as quais em virtude da extrema pequenez dos seus elementos, são invisíveis a olhos nus. Com o auxílio do telescópio, sondei cuidadosamente as profundezas do céu, meditando nas substâncias, grandezas e velocidades dos orbes – chegando (como resultado das investigações) à conclusão de que era impossível sujeitar-me à doutrina da existência de qualquer divindade, e assim me conservei incrédulo por muitos anos (ROCHA, 2015: p.90-93)

Desta forma, Rocha apresentou a vida do seu pai adotivo Kalley em três períodos. O primeiro compreendia da infância até os 12 anos, quando recebeu a instrução primária. O segundo abrangia a juventude até os 24 anos, quando frequentou o Ginásio, a Universidade e

começou a sua clínica. Destaca que neste período abandonou a fé cristã recebida na infância e tornou-se ateu. O terceiro ao tempo da vida adulta e velhice que abrangeu 42 anos de sua vida, quando experimentou a salvação por meio da leitura da Bíblia como verdade divina, tornando-se um "mensageiro da Palavra Divina" como médico missionário. Nesse tempo atuou como médico missionário na Ilha da Madeira e na Palestina com a sua primeira esposa Margareth que faleceu em 1851. Assim, destaca que ele conheceu Sarah Poulton e considerou interessante o seu entusiasmo com o trabalho de evangelização no mundo (ROCHA, 2017: p.356).

A terceira onda de narrativas tratou da educação que recebeu dos pais adotivos com base na escrita de si. Rocha (2013: p.283-284) narrou que no dia 29 de julho de 1867 o casal Bernardino Russell e Isabel ao visitar o Doutor Kalley se disponibilizaram para estabelecer uma Escola Primária. A Escola foi aberta e funcionava na residência do casal, de forma clandestina, que ele denomina como “um processo irregular de ensino primário associado ao desempenho dos deveres domésticos”. Ele foi aluno da escola desde os seis anos e meio de idade até o ano de 1872, quando Isabel faleceu. Ressalta que aprendeu pouco nesta escola, mas “não existia melhor para os filhos dos crentes naquela época”, porque Isabel era uma professora “paciente” e “carinhosa”. Tratou que em 10 de outubro de 1864 Sarah Kalley estava passando mal como também na cidade do Rio de Janeiro a atmosfera estava ameaçadora e que ela viveu uma grande angústia. Descreve a reação de Sarah nesse dia com base em seu diário:

“Densas nuvens negras acumulavam-se acima da Tijuca; relâmpagos scintillavam e trovões fortes retumbavam e espelhavam-se por todo o céu, de modo que parecíamos estar no centro d’um vasto turbilhão. De súbito, estourou a summamente extraordinária e d’antes inaudita tempestade, jamais conhecida no Rio de Janeiro. Granizos, tão grandes como ovos, cahiam das nuvens e vinham quebrando as vidraças e os telhados de todas as casas, sendo arrojados e impellidos pelo vento em todas as ruas e praças e em todos os lugares. A fúria do vento impelia a chuva torrencial, que tudo inundava, por toda a parte. Muitos navios, na baía, foram a pique. Nunca nos esqueceremos dos dez minutos, em que aturámos, no corredor, o atroamento assombroso, a ventania ruidosa e o aguaceiro formidável e assolador” (ROCHA, 2013: p.292-293).

Destaca que neste dia era uma criança de três anos e meio de idade, e ainda se lembra desse acontecimento, quando estava sentado com outras pessoas maiores, que, amedrontadas, oravam ao Senhor que tivesse misericórdia de nós e nos salvasse do perigo, ao mesmo tempo que a água, entrando pela janela, corria pelas tábuas do soalho. Este acontecimento muito lhe impressionou.

Baseado em Gomes (2004, p.11, 13, 15, 17) o enfoque não consiste em saber o que realmente aconteceu, ou seja, questões de “verdade” ou “erro” nas narrativas, mas vê a ótica assumida pelo registro e como Rocha se expressou no exercício de seus discursos sobre o que viu, sentiu, experimentou retrospectivamente. Tais narrativas atuam como um “teatro da memória”, em que ele aparece como personagem de si mesmo. Daí advém a necessidade de proceder a uma análise minuciosa na representação ou invenção de si, com a construção de um palco onde faz a encenação de múltiplos papéis sociais e das múltiplas temporalidades. Assim, surge um eu multifacetado das invenções feitas sobre si e os outros numa diversidade.

Uma das lembranças mais interessantes de Rocha foi sobre a sua participação na infância das redes de sociabilidades do casal Kalley no Rio de Janeiro. Uma dessas redes foram os diversos chás no ano de 1864, conduzidos por sua mãe Sarah para promover um ambiente de conversa familiar, diversão inocente e proveitosa para os membros da Igreja em pequenos grupos. Nesse dia o Doutor Robert Kalley fez uma preleção sobre o “Panorama da Cidade de Jerusalém”, ressalta que ele foi a única criança presente no chá de 21 de outubro de 1864. Aponta a importância dessas redes de sociabilidade com o fato em torno da chegada do casal Kalley ao Rio de Janeiro em 1871 após uma longa estadia na Europa e expressou a alegria da Igreja Evangélica Fluminense em receber os seus líderes. No dia 18 de junho desembarcaram no Rio de Janeiro e se dirigiram ao culto da tarde na igreja e os irmãos estavam ansiosos de dar as boas-vindas “aos seus sinceros amigos e guias espirituais”. Ressalta que tinha 10 anos de idade e lembra da “profunda emoção” com que os fiéis esperavam a chegada do casal. Outra lembrança importante foi quando em 1873 Francisco Gama (presbítero da Igreja) estava doente do braço, ele foi escolhido para auxiliá-lo, dando recados e prestando outros pequenos serviços todos os dias, após as aulas na Escola Diária que era aluno, até a sua plena recuperação (ROCHA, 2013: p.308; 2015: p.183-184; 2017: p.40).

Com base em Pesavento (2008, p.3-5, 7-8) essas palavras ditas correspondem a uma forma de dizer sobre a cidade que a partir desses relatos as experiências vividas foram recuperadas através da reminiscência, para os que vivem no tempo presente e não

experimentaram aquele tempo passado da cidade. Na evocação de mortos, lugares que não existem mais, sociabilidades e ritos que foram transformados no presente e valores desnaturalizados. Na constituição de uma “história em fragmentos” que formam um mosaico, sendo a cidade tecida de forma contínua. Isto atua como “senhor do tempo” em que recria o que fala sobre o passado da cidade cada vez que produz suas falas. Nesses relatos há variados discursos sobre a cidade constituindo-se em “cidade falada, cidade imaginada e cidade sensível”.

Em tais lembranças destacou que a cidade era um lugar em que homens e mulheres viviam sua materialidade, sociabilidade e representações. Constituindo-se um fenômeno de percepção das emoções e sentimentos oferecidos ao nela viver. Também com manifestações de utopias, esperanças, desejos, medos, individuais e coletivos. A cidade pensada na relação de alteridade com o passado em suas representações de tempo e espaço, com um espaço formado por várias temporalidades e sentidos. Assim sendo, Rocha qualificou os membros que pertenciam a sua família em suas múltiplas relações com a cidade, por meio de uma história fragmentária e dispersa.

Outro espaço importante na formação de Rocha foi a sua participação ativa na Escola Bíblica Dominical sob a liderança da sua mãe Sarah como professora, especialmente no período de 14 de junho a 27 de dezembro de 1873. Ele rememora o processo de ensino da Escola conduzido por Sarah com os seus alunos, com a lembrança do dia 20 de julho de 1873 pela manhã, que organizou a programação para comemorar o 2º Aniversário da Reorganização da Escola Dominical no Brasil, ela tinha a preocupação de ensinar por meio de datas marcantes. Enquanto no período da tarde visitou algumas alunas como: Maria da Gama, Maria Azara, Leonor Roussel e Maria de Barros, as duas últimas recitaram o capítulo 8 da Epístola aos Romanos, nisto ela também ensinava por meio do contato intenso com as famílias dos alunos.

Ressalta que Sarah utilizava o método com os seus alunos da Escola Dominical de memorização de capítulos inteiros da Bíblia para serem recitados em determinadas datas. Esse método de memorização da Bíblia foi uma prática cotidiana na educação recebida em casa sob a condução de Sarah e cita alguns dos textos que aprendeu junto com a sua mãe: "Nós mesmos (o Dr. João Rocha) decoramos: os capítulos V, VI e VII de S. Mateus; capítulo XII dos Romanos; capítulo VI de Efésios; capítulo V de I Tessalonicenses; capítulo II de 1 Timóteo; capítulo IV de Hebreus; capítulo III de Provérbios e muitos outros" (ROCHA, 2015: p.40-41; 2017: p.31-32).

Assentado em Pesavento (2006: p. 2,5-6) esses traços da memória infantil de Rocha correspondem a formas de dizer o mundo, de olhar o real, em discursos que discorrem, descrevem, explicam, interpretam e atribuem significados à realidade. Esses discursos são portadores de imagens que tornam presentes os acontecimentos do passado através da rememoração, ou seja, o tempo transcorrido que era um tempo físico escoado e irreversível. Ele é portador de um lugar social e de uma temporalidade, individual e social, que foi herdada e partilhada. Através da memória suscitou sua capacidade de lembrar e reter imagens da experiência passada. Sendo o passado trazido para o presente, reconstruído e criado em uma operação imaginária. Porque o que foi evocado não pode ser mais verificável. Nesse sentido, o seu primeiro interesse consistia na sacralização da memória em torno dos seus pais adotivos, os transformando em patrimônio sagrado da fé protestante e se apresentando como herdeiro desta herança a ser transmitida na construção de um espaço marcado pela integração baseada na filiação identitária protestante.

Outrossim, sobressai o conjunto de memórias que Rocha formulou sobre o seu processo de adoção e a preocupação intensa da sua mãe Sarah de lhe oferecer uma educação escolar. Em uma carta escrita por Sarah Kalley a sua tia Lydia Morley em 09 de janeiro de 1874, ela apresentou João como o mais novo membro da família com 12 anos de idade e filho do ferreiro Antônio Gomes da Rocha, membro da Igreja Evangélica Fluminense. Destaca que foi adotado para que continuasse os seus estudos na Escola Diária mantida pela Igreja, porque o seu pai morava muito distante da Escola e não tinha condições de manter os estudos do filho. Para Sarah, ele era "um dos alunos mais adiantados". Assim, enquanto estava de recesso na cidade de Teresópolis lhe ensinava as seguintes disciplinas: Língua Inglesa, Geografia e História. Como também o seu esposo Robert ensinava Astronomia e Física. Ela o trata como "bom João", um menino "dócil" e "disciplinado", porque recebeu uma "boa" educação moral do seu pai, que era um discípulo fiel na Igreja. Sarah não sabe o que fará com ele quando voltar para o Rio de Janeiro do recesso, por causa da falta de tempo para continuar a lhe ensinar as disciplinas básicas para a sua formação intelectual.

Rocha apresenta a preocupação de Sarah com ele, tinha o plano de enviá-lo à Inglaterra para que fosse preparado e se tornar-se em um "bom mestre-escola", para atuar na Igreja Evangélica Fluminense. É interessante a certeza dela de que ele demonstrava ser "um verdadeiro crente em N. S. Jesus Cristo". Destaca que Sarah decidiu em 1874 matriculá-lo aos 13 anos de idade em um colégio inglês que pertencia ao Sr. Canditt, perto da rua do Senado. Estudou nesta escola até 1876 quando viajou com os seus pais para a cidade de Edimburgo na

Escócia. Como também o carinho que recebeu do casal Kalley desde a sua participação na infância da primeira "reunião fraternal" na casa deles. Trata que em 1875 Sarah continuava a lhe ensinar a língua inglesa, principalmente mandando-o ler uma história inglesa todos os dias na hora do jantar. Ela encaminhou uma foto da família para a sua tia Lydia Morley com uma descrição dele como um jovem que estava se dedicando bem aos estudos e que lhe exigia muito do seu tempo diário. Como também de que continuam em dúvida sobre o futuro dele (ROCHA, 2017: p.74, 78, 87, 124-125).

Com suporte de Delgado (2006: p.15-16,18,31,39) tais narrativas não são tratadas como a evocação literal da história vivida e sim de depoimentos, em que está contido “o tempo passado” pesquisado, “os tempos percorridos” pelas trajetórias de vida e o “tempo presente” do depoente. Evita-se a ingenuidade quanto à relação existente entre as múltiplas temporalidades, seja na fala do “jovem do passado”, como na “voz do adulto” e da “ancião do tempo presente”. Porque são pensadas como memórias, lembranças das experiências, dos sentimentos, dos testemunhos, das visões, das interpretações de si e sobre os outros que foram filtrados pelas “emoções do ontem, renovadas ou ressignificadas pelas emoções do hoje”. Nas múltiplas relações de poder entre memória coletiva e memória individual instituído como “poder de esquecer, de lembrar, de omitir, de silenciar”. Sob tal ótica, estas narrativas não são uma construção homogênea e sim múltiplos de sentidos sobre a realidade através de uma releitura espontânea e induzida, de si e dos outros (os pais, a igreja e a escola) em seus comportamentos, valores, experiências e tradições. Estabelecem relações entre o presente e as experiências vividas através das reminiscências e lembranças. Porque ele construiu sua identidade através das relações de pluralidade e atualização no presente, no movimento de seleção e tensão, entre o lembrar e o esquecer. Por meio de imagens idealizadas e lembranças selecionadas para legitimar uma ideia de identidade fixa e homogênea, em torno dos pais, da família e igreja.

Por conseguinte, a produção intelectual de João Gomes da Rocha deve ser compreendida como uma recriação criativa dessa herança educacional recebida pelo casal Kalley no contexto da família e igreja. Com base em Cardoso (2001: p.44-55) focaliza-se nesta herança as marcas das matrizes culturais e religiosas no mundo anglo-saxão do século XIX. da parte do seu pai adotivo Robert Kalley, um cidadão escocês do século XIX que vivia em uma

sociedade burguesa desenvolvida em três elementos básicos: a visão de uma sociedade moderna, a religiosidade puritana e pietista.⁹

Rocha foi educado com base na visão de uma sociedade moderna e desenvolvida, que privilegiava os direitos e liberdades fundamentais do homem, expresso na tolerância religiosa e crítica a qualquer tipo de escravidão ou injustiça social, como também a ênfase na filantropia com uma prática intensa em obras beneficentes. Uma educação com uma perspectiva religiosa sob a influência do Puritanismo e o Pietismo, baseada na busca por um estilo de vida pautado pela sobriedade e zelo no cumprimento das Escrituras através da prática de ações caritativas para vencer o sentimento de culpa. Uma religiosidade baseada no legalismo puritano e pietista que impulsionava aos fiéis na busca por arrependimento sincero associado à prática de boas obras.¹⁰

Com base em Oliveira (2008) a herança educacional legada ao Rocha pode ser avaliada como de uma mentalidade protestante marcada por perspectiva delimitada de modernidade. Uma mentalidade associada à defesa dos valores liberais como: crença no progresso, separação da Igreja e Estado, democracia política, educação universal e liberdade de consciência.

Uma mentalidade protestante preocupada em civilizar o Brasil como um processo de transformação do cotidiano para conduzir a mesma condição dos países onde prevaleciam o protestantismo. A partir da ideia de que os países protestantes estavam em vantagem em relação ao “atraso” dos países de tradição católica romana, porque entendiam que existia uma antinomia entre o catolicismo romano e o progresso. Rocha partilhava deste entusiasmo de que o desenvolvimento social e tecnológico da Europa, especialmente na América com os EUA,

⁹ As religiosidades puritanas e pietistas foram movimentos do século XVII como mutações criativas no protestantismo após a reforma luterana e calvinista do século XVI, que resultou em novas perspectivas sobre a fé. A reforma protestante do século XVI proposta por Lutero era baseada na ideia da salvação pela fé e tinha a preocupação de cuidar dos que mais necessitavam, através de uma legislação social com apoio aos exilados e proteção aos necessitados. Enquanto a reforma calvinista proposta por Calvino no século XVI era fundamentada na doutrina da predestinação, um individualismo associado ao senso de pecado e pessimista condenação do mundo, o senso de responsabilidade e obrigação de render serviço pessoal como resultado da eleição. Através de uma ética que abrangia todos os aspectos da vida: Igreja, estado, família, sociedade, economia, relações públicas e privadas (SOUZA, 2011: p.150).

¹⁰ A religiosidade puritana foi gestada na Inglaterra do século XVII como um movimento de renovação da Igreja, por meio de uma proposta de purificação da Igreja de quaisquer resquícios do catolicismo. Enquanto o movimento pietista foi produzido na Alemanha com a pretensão de transformar a Igreja Luterana, em contraposição ao dogmatismo e a religiosidade fria. Assim, a proposta de mudanças na vida religiosa do povo e nos hábitos eclesiais como a leitura diária da Bíblia nos lares e a maior simplicidade na pregação. Com uma ideia de que a vida piedosa devia motivar os cristãos a agir em benefício do mais necessitado. Sendo realizado com a construção de escolas, creches, hospitais e a intensa participação política (SOUZA, 2011: p.151).

seria uma consequência da influência do protestantismo. Desse modo, seria possível estender essa civilização a outros povos, com base na religião e educação protestante.

É relevante, a partir de Santana Filho (2015: p.31-50) o entendimento de que a sua herança educacional foi sendo construída em diálogo com a ortodoxia protestante como uma contraposição ao pensamento protestante liberal de base iluminista. No contexto de uma leitura crítica da mentalidade protestante liberal que consistiu em um movimento da teologia protestante formulada sob o impacto do Iluminismo, fundamentada nos valores da autonomia da razão e a produção de uma nova hermenêutica para o estudo da Bíblia, por meio do método histórico-crítico.¹¹

Desta forma, uma mentalidade protestante herdada por Rocha e legitimada em sua obra intelectual em torno do princípio proposto pelos reformadores nas reformas religiosas do século XVI e as suas várias modificações nos séculos posteriores, especialmente o princípio da Escritura como única regra de fé e prática. Um diálogo com a chamada “teologia da reforma” em seu movimento para promover um retorno às Escrituras, que expressava uma inquietude para uma outra leitura do sagrado que transcende as tradições, vistas pelos reformadores como relativas à mensagem divina. Também é importante a relação da educação legada a Rocha com a ortodoxia protestante, que se constituiu como “escolasticismo protestante”. Um movimento entre o final do século XVI e o século XVII, liderado pela segunda geração de teólogos reformados. Um pensar protestante que buscou preservar em sua pureza os princípios da Reforma no século XVI, no seu propósito de restaurar doutrinas e recuperar o Evangelho como fonte mediadora, por meio da sistematização das verdades da fé protestante.

Rocha herdou uma educação baseada na ortodoxia protestante que buscou retratar de forma clara e precisa as doutrinas dos reformadores. Um pensamento protestante que dialogava com a obra de Aristóteles, dedicado ao campo da teologia, sem um diálogo frutífero com a ciência, a filosofia e a política. Sendo um movimento “estrito” e “opressivo” na perspectiva do alcance intelectual e social. Uma ortodoxia baseada em uma teologia dogmática, sem relação com os diversos campos do saber, nem com a teologia prática das comunidades

¹¹ A influência e o uso do Iluminismo na teologia protestante levaram ao surgimento da teologia liberal, que aplicou os métodos racionais para entender o divino e a relação humana com o sagrado. Por meio de uma teologia protestante que interpretou tudo a partir do ser humano e de suas relações. Com uma leitura do Evangelho como um conjunto de padrões a serem seguidos para o estabelecimento do reino divino na terra. A partir da ideia de que a ética de Jesus deve ser seguida, mais do que relacionar-se com ele mesmo como deus. Destaco que o pensamento da teologia liberal contribuiu para o nascimento do Evangelho Social, que interpretou o Evangelho no mundo industrializado, urbano, de baixos salários e a vida dura para os operários (Souza, 2011: p.153).

protestantes, sem preocupação em fazer uma releitura dos textos dos reformadores e uma aplicação prática da tradição reformada. Ao mesmo tempo, essa educação no contexto da ortodoxia protestante que dialogava com todos os séculos do pensamento cristão, na história da Igreja, a permanência na tradição dos reformadores e o repensar crítico da tradição. Desse modo, sendo educado por seus pais adotivos na ortodoxia protestante como tradição clássica do protestantismo e sem ligação com o fundamentalismo gestado nos EUA desde a segunda metade do século XIX, mas que rejeitava o iluminismo como representação do uso livre da razão no contexto do pensamento protestante.

Outra lembrança evocada por Rocha foi de mais uma carta escrita por sua mãe Sarah 07 de março de 1876 para a sua tia Lydia Morley que tratou da ansiedade do casal Kalley em reformar os testamentos, para oferecer melhores recursos para Mariana Pitt, que morava e trabalhava para eles a dezenove anos. Como também o desejo do casal em oferecer para ele uma "boa educação", lhe matriculando em uma escola na Europa, porque tinham a expectativa de que ele se dedicasse integralmente ao serviço missionário após a morte deles. Segue um trecho da carta: *"Está será uma das primeiras coisas que resolveremos, se Deus nos permitir voltar para a Inglaterra. Pensamos em matriculá-lo num colégio, em Edimburgo"*.

Em outra carta para a sua tia Lydia Morley em 21 de março de 1876 apresentada por Rocha, ela expressou que durante um período tinha medo em sair do Brasil, mas agora apresenta os motivos de que a saída do país era a melhor decisão: a) liquidar seus negócios e poupar incômodos a outras pessoas; b) maior descanso e tranquilidade ao seu esposo, para que mantivesse a "capacidade de ser ainda útil"; c) para que João recebesse a educação mais adequada para a sua "ocupação futura"; d) para que a Igreja no Brasil aprendesse a "agir por si mesma", sem depender do Robert Kalley, mas apenas recebendo os seus conselhos; e) em Edimburgo será possível investir na educação dos jovens para atuarem na missão médico-missionária em lugares sem o testemunho da fé protestante.

Ele apresentou o documento pessoal da entrega voluntária dos seus pais e adoção, Antônio Gomes da Rocha e Maria do Carmo Rocha, para o casal Kalley em 29 de junho de 1876, para que o casal Kalley cuidassem da sua vida como consideravam conveniente: *"Nós, abaixo assinados, declaramos que é da nossa vontade fazermos ENTREGA do filho, JOÃO GOMES DA ROCHA, à disposição do Ilmo. Sr. Dr. Kalley e de sua senhora, para fazerem dele, o que for da sua vontade"*.

Rocha finalizou as suas lembranças sobre a educação legada pelo casal Kalley na sua vida, com memória de que em 1878 os seus pais lhe matricularam no "George Watson 's College and Schools" na Escócia, considerada uma "grande instituição pedagógica" para meninos. Porque a visão dos seus pais era lhe preparar desde a infância para encaminhá-lo a uma universidade, para que seguisse uma carreira comercial ou industrial, sem se esquecer da sua “vocação” missionária no mundo (ROCHA, 2017: p.163-164, 169, 243).

É importante ressaltar a participação ativa da sua mãe Sarah no partilhar dessa herança educacional, cidadã inglesa do século XIX que cresceu em uma família com tradição de base puritana, burguesa e moderna. Com base em Cardoso (2005: p.31-104) as matrizes dessa herança vivenciada por sua mãe adotiva foram as seguintes: a tradição protestante huguenote, a tradição puritana, a centralidade do debate político e da filantropia.

Uma educação fundamentada na tradição protestante huguenote para construção de uma visão moderna do mundo. A sua mãe tinha consciência do seu pertencimento à elite de sua sociedade, por meio da confissão de uma fé comprometida que era resultante de uma experiência fundante. Uma educação que concebia a música sagrada além dos espaços oficiais da igreja e ocupava os diversos espaços do cotidiano. Com uma mentalidade aberta a concepções teológicas novas.

Um pensamento protestante baseado na tradição puritana com uma visão religiosa no cotidiano. O educar era centralizado na Bíblia, por meio do bibliocentrismo que consistia na aplicação da verdade divina em todas as áreas da vida. Um pensar que promovia a sobriedade na busca do autocontrole que demonstrava uma vida exterior santa. Sendo a fé construída no cotidiano por meio da aprovação divina de seus atos.

Rocha partilhou de uma educação que valorizava a participação no debate político. Porque a sua mãe Sarah pertencia a uma das famílias mais ricas e poderosas da Inglaterra no século XIX, os Morley, que conseguiram manter-se durante quase um século ocupando cadeiras no Parlamento. Cresceu em um ambiente em que o participar e opinar sobre as diversas questões da vida fazia parte do seu cotidiano familiar. Uma educação que privilegiava a participação na filantropia, porque a sua família participava ativamente de obras de caridade, sociedades assistenciais e iniciativas missionárias. Sarah demonstrou criatividade ao priorizar as necessidades dos jovens trabalhadores braçais, ao criar um curso noturno e tornando-se professores de homens no século XIX.

Por conseguinte, Rocha foi educado em um contexto que rejeitava o pensamento iluminista que buscava a resolução dos problemas pela racionalidade a partir dos seguintes princípios: a) a aceitação da verdade por meio de evidências; b) a divisão das dificuldades em partes para encontrar a solução; c) a organização dos pensamentos em ordem, dos mais fáceis até os mais complexos; d) fazer enumerações e revisões extras. Um ambiente que repelia a perspectiva iluminista de religião como um movimento que intencionava revolucionar as potencialidades autônomas do ser humano contra os poderes abusivos dos sistemas religiosos como autoritários. Um movimento de questionamento a tudo que era apresentado como verdadeiro e irrefutável.

Como também a fé protestante de base iluminista que rejeitava a Bíblia como “Palavra de Deus” escrita, porque acreditavam que o saber religioso não poderia ser produzido sobre argumentos filosóficos abstratos. Por meio de um pensar que buscou esvaziar o poder exercido pela Igreja e estimular o desenvolvimento do moralismo, da religião natural e do individualismo religioso no protestantismo reformado. Um pensamento protestante que buscou oferecer uma resposta ao racionalismo sob a base do iluminismo que tinha provocado uma crise na fé em três dimensões: teórica, metodológica e prática. Na primeira dimensão, existiu um processo de revisão das afirmações dogmáticas. Na segunda, uma mudança a hermenêutica que antes estava fundamentada sobre a autoridade da tradição e da Bíblia, com um novo método histórico-crítico. Na terceira, uma atitude acadêmica que afastaram as pessoas da busca por uma experiência com a ideia de Jesus como Senhor Ressuscitado.

Nesse sentido, Rocha em seu programa intelectual preteriu este pensamento protestante iluminista com a sua ideia de sagrado e sobrenatural como uma expressão da autoconsciência humana. Um pensar que considerava impossível falar de Deus diretamente, mas apenas como uma subjetividade que impulsiona o sentimento de transcendência. Acreditavam que era possível falar sobre as formas religiosas por meio da história, a instituição eclesial, a história do pensamento cristão e o pensamento dogmático. Porque a Bíblia deveria ser estudada apenas pela análise gramatical, lógica e histórica.

A partir do pensamento de Santos (2008: p.1-16) esta herança educacional legada a Rocha foi produzida no contexto da modernização periférica e protestantização no Brasil. Ele foi educado na perspectiva de um protestantismo que nasceu da ruptura com o modelo de cristandade europeia, católica e romana, no contexto de um processo de fragmentação permanente e secularização da sociedade ocidental. Porque as reformas religiosas foram uma

resposta aos dilemas sociais no século XVI, das camadas populares, da aristocracia e da burguesia emergente. Uma educação legada com base nos princípios da modernidade como processo civilizatório composto por contradições, descontinuidades, inflexões e manifestações complexas. Na construção de uma sociedade moderna com posturas, ideologias, procedimentos, convicções, crenças e transformações que moldaram a cultura ocidental. Tal educação com o ideário para construção de uma sociedade moderna e civilizada na perspectiva protestante com sua ênfase no indivíduo, a livre interpretação das escrituras, a autonomia das congregações, as teologias liberais, as teologias justificadoras das relações entre igreja e estado moderno, a ruptura com as tradições medievais, a racionalidade litúrgica e o enxugamento do mistério sagrado. Sendo uma educação protestante da modernidade como religião do secular e da autonomia da cultura moderna, mas sendo um movimento dialético entre o protestantismo e a modernidade.

Sob tal ótica sublinhada por Santos (2008: p.1-16) tal herança educacional pensou o protestantismo como um movimento aliado da modernidade, que se constituiu em usos diversos do ideário de modernização do Brasil. Por meio de um discurso protestante que buscava a instauração do progresso econômico, moral, cultural e religioso. A sua educação buscava estabelecer o processo de “protestantização” em contraposição à romanização católica no país. Com o uso diversificado da retórica e do instrumental da ordem moderna para a formação religiosa e cultural dos fiéis, para assim ampliar os espaços da religião reformada no país. Um programa que visava o avanço do progresso material e a construção de uma sociedade moderna, composta por cidadãos cristianizados com os valores pertenciam ao religioso e o secular.

Ao perscrutar nos próximos capítulos a produção intelectual de Rocha foi possível visibilizar o seu processo de recriação da herança educacional recebida pelos seus pais adotivos, com uma visão para a construção de um mundo moderno e civilizado na perspectiva protestante puritana e pietista. Ele partilhou desse universo retórico da “protestantização” no Brasil, que se apresentou como a única religião aliada com a modernidade, capaz de superar o catolicismo como o responsável pelo atraso cultural e tecnológico do país. Por isso, a sua preocupação em seu programa intelectual em apresentar o casal Kalley como protagonistas deste ideário e a sua contribuição na implementação da modernidade na sociedade brasileira.

Rocha elaborou um conjunto de representações em torno do casal Kalley como protagonistas deste movimento civilizatório que visava formar novos cidadãos por meio da evangelização e educação, para introduzir valores morais, religiosos e seculares. Um

movimento que buscou modernizar o Brasil, tendo como ponto de partida a transformação de indivíduos através da conversão e educação. Sendo uma educação protestante que promovia a adesão aos novos valores do trabalho, ética e família.

Em síntese, a educação protestante representada por Rocha em sua obra intelectual estava inserida em um movimento para formar cidadãos protestantes na sociedade brasileira como um processo de reinvenção de sentidos da fé reformada. Uma reinvenção do discurso, da liturgia, leitura, das relações comunitárias, ética, os padrões de comportamentos e as posturas, numa rede de resistências, releituras e adaptações, se constituindo de forma diversa e heterogênea. A sua educação protestante foi uma experiência histórica diversificada no contexto brasileiro, não sendo a mera reprodução de uma experiência única e homogênea de modernidade europeia, mas a formação de um processo modernizador com caráter criativo, diverso e singular.

De igual modo, a herança educacional legada a Rocha pelo casal Kalley, apoiado em Santos (2017: p.35-52, 58-103) deve ser compreendida no contexto de fundação da Igreja Evangélica Fluminense (IEF) no Brasil do século XIX. A sua educação foi sendo constituída na experiência protestante da IEF como uma comunidade urbana composta por pessoas simples e pobres como seus pais, que ressignificam os valores da fé protestante em conjunto com as transformações sociais e econômicas da segunda metade do século XIX. Uma educação construída sob a influência da fé protestante articulada nas situações concretas da vida, por meio de uma outra linguagem, com outro discurso, diferente do discurso oficial. Em uma igreja que se enxergava como peregrina, doméstica e de minoria. Sendo educado em uma comunidade que tinha uma sensibilidade social em relação a escravidão, saúde pública, educação e a relação política com o Estado imperial.

Uma educação legada no contexto da Igreja Evangélica Fluminense sob o ensino do pastor Robert Kalley (seu pai adotivo) que seguia o seguinte programa de ensino: a fé protestante ortodoxa, a escolástica protestante, com raciocínio lógico, propósito apologético, de base puritana e pietista, nas ondas dos movimentos avivalistas europeus e norte-americanos. Tal educação não consistiu em um processo homogêneo acultural e importado da Europa sob a condução do casal Kalley. Mas uma educação protestante primitiva e autônoma no Brasil no fim do século XIX, que também recebeu a influência do meio urbano no bairro da Saúde (sede da IEF) no Rio de Janeiro, composto por uma população afro-brasileira e de classe

trabalhadora. Um meio urbano oprimido, ambíguo, contraditório e instável. Uma comunidade formada pela convivência diversa das variadas camadas sociais na capital do Império.

2.2. A herança musical: a sensibilidade protestante

De acordo Cardoso (2005a: p.35-54) é possível detectar alguns aspectos sobre a criatividade musical do casal Kalley que foram fundamentais para compreensão da herança em música sacra oferecida a Rocha na formação de uma sensibilidade protestante. Uma herança marcada pelo utilitarismo na composição e tradução dos hinos. Porque Sarah buscava suprir as áreas de necessidade da igreja, para a liturgia do culto, nas escolas dominicais, escolas diárias e temas doutrinários considerados importante para a educação dos fiéis.

Primeiramente, a herança foi construída sob a diversidade temporal e cultural dos autores. Sarah utilizava várias coleções musicais e autores diversos: ingleses, americanos, franceses e alemães. Com melodias clássicas do século XV ao XIX e hinos contemporâneos. Por causa da fluência nos idiomas francês e alemão. Tinha uma preocupação com os direitos autorais, em que Robert era o responsável, em um processo de proibição das cópias "clandestinas" e a fidelidade doutrinária protestante nos hinos.

Na sua educação musical, Rocha aprendeu uma visão de Deus como salvador e libertador. Nos hinos de Kalley existe a imagem de Deus como ser amoroso, bom, bendito, que satisfaz todas as necessidades físicas e espirituais de todos. A ideia do Deus ferido que se ofereceu na cruz de forma sacrificial para salvar os pecadores. Um Deus salvador e libertador que alivia os fiéis das dores resultantes do pecado, oferece uma esperança no presente e futuro.

Uma sensibilidade protestante com uma visão do ser humano como pecador que necessita de Jesus, o salvador. Nos hinos de Kalley o ser humano é apresentado como um pecador fragilizado, impotente, pobre, descrente e presa fácil para Satanás. A salvação e libertação do ser humano pode ser encontrada em Jesus Cristo através do sacrifício realizado na cruz. Ao receber a salvação ao crer em Jesus é transformado em um servo fiel da lei divina que se prepara para a vida eterna.

Com base em Mendonça (2008: p.64-67) é possível avaliar que a herança musical legada a Rocha consistiu em um desdobramento da “teologia do pacto” formulada pelo

puritanismo em um processo de adaptação do dogma reformado às necessidades de uma religião pública e pessoal. A “teologia do pacto” está presente na sua educação com a seguinte ideia: Deus estabeleceu um pacto de graça com a semente de Abraão, sendo um ato de graça por ser de iniciativa divina. O pedido feito ao ser humano no pacto exige a “verdadeira fé” que se manifesta na obediente preparação, apropriação, humildade, dedicação, gratidão e uma disposição para andar nos caminhos divinos de acordo com a sua lei. Sendo a apropriação dessa graça uma iniciativa humana e pessoal.

Desse modo, foi formado na emoção protestante pela música que compunha a experiência de um povo e a comunidade do pacto, baseada no puritanismo como um modo de ser, de ver as pessoas e o mundo sob a ótica da fé religiosa. A construção do ideário partilhado pela emoção nas músicas foi realizada a partir da ideia de que a vida do fiel era uma caminhada difícil em direção a cidade celestial. Um conjunto de músicas que expressava os perigos, as tentações e dúvidas do fiel neste caminho. Uma emoção protestante que apresentou a escolha por esse caminho estreito da salvação como ato de vontade do fiel diante do outro caminho longo que conduz ao sofrimento eterno.

Tal herança musical pode ser compreendida como uma reformulação diversificada do ideário partilhado pelo grande avivamento do século XVIII no contexto da Inglaterra, que influenciou o protestantismo norte-americano e europeu. Tendo na música um canal de mensagem religiosa com um apelo intenso das emoções. Por meio de um pensar sobre a salvação no seguinte formato: a livre graça de Deus em Cristo, a salvação livre pela fé no Salvador mediante o convite divino ao arrependimento e à fé, na interação entre a graça divina e a vontade humana. Uma educação musical inserida no processo de síntese realizado por John Wesley no contexto dos diversos movimentos construídos a partir do ideário reformador do século XVI. Em suma, a música apela para a conversão e mudança de vida, ação social com moralidade e o emocionalismo. Nesta síntese em torno da pregação da responsabilidade humana, o puritanismo e o pietismo. Em síntese, a emoção protestante centrada no sentimento de conhecer a Deus através da união íntima com o divino, para estimular a atividade, frugalidade e caridade na vida do fiel.

Desse modo, a educação musical foi legada sob a influência do Primeiro Grande Despertamento no século XVIII e o Segundo Grande Despertamento no século XIX, dois movimentos de avivamento do fervor religioso em diversos lugares e grupos distintos nos Estados Unidos e que se espalhou na Europa. Com a produção de uma emoção protestante

baseada no princípio do voluntarismo, com sua ênfase na capacidade humana e no seu desempenho. Com uma ideia de que Deus ama a todos os homens e quer que todos se salvem. Sendo a participação humana necessária com a sua disposição individual para aceitar esse amor e dispor-se a mudar a vida para melhor com base em uma ética rigorosa. Este sentimento protestante foi sendo construído de forma contraditória com uma ideia otimista e progressista que buscou por meio de movimentos de reconstrução social a criação de um “mundo melhor”. Ao mesmo tempo com uma ideia de fim apocalíptico com base na indiferença pela construção de uma sociedade melhor, por causa das suas descrenças nas possibilidades humanas.¹²

Nesta educação musical existia a valorização do cântico congregacional de boa qualidade. Sarah concebia que o cântico na igreja deve ser de boa qualidade na diversidade presente na música sacra. Porque considerava que a verdadeira igreja era uma “comunidade cantante”. A boa música sacra. A sua mãe Sarah era uma missionária inglesa, puritana e membro da elite inglesa, buscou oferecer ao seu filho o seu entendimento de “boa música”, que era proveniente da Europa, com melodias de peças instrumentais dos clássicos europeus e adaptando-os aos hinos sacros.

Dessa maneira, a herança musical era marcada pela convicção do casal Kalley sobre o papel da música no projeto de implantação da civilização protestante no mundo, como destaca Cardoso (2005a: p.53-68) de “transmitir o conhecimento bíblico necessário para que o seu público-alvo pudesse abraçar a fé protestante”. A música como mensagem cantada para instrução. Sarah entendia que o hino era um sermão cantado para instrução das crianças, jovens e adultos na fé protestante. Com a ideia da música como “serva das palavras” que pode ser modificada, mas a doutrina era fixa e eterna. A sua preocupação era que todos pudessem cantar, compreender e serem tocados nas emoções pelos hinos, para que tomassem uma decisão de seguir as doutrinas protestantes.

Rocha também aprendeu a importância da formação teológica como autodidata. Os seus pais não tiveram uma formação teológica acadêmica completa. Sarah estudou teologia por

¹² O movimento dos “Grandes Avivamentos” ocorrido nos séculos XVIII e XIX, alcançou diferentes denominações da Europa. Com sua ênfase na experiência com Deus que conduzia o fiel a agir em cumprimento da Escritura e com boas ações em favor dos fracos. Uma preocupação com as condições da sociedade e por reformas sociais como a defesa de escolas públicas para todos, melhorias nos presídios e abolição da escravidão. Um olhar para os problemas da cidade que cresceram com a grande urbanização provocada pela Revolução Industrial como alcoolismo, violência, prostituição, crianças órfãs ou abandonadas. Neste contexto surgiu a Escola Dominical para atender a infância que era obrigada a trabalhar, sem o acesso mínimo de instrução, cuidados morais e espirituais. Também foram criadas organizações como a Associação Cristã de Moços e Associação Cristã de Moças para retirar o jovem dos perigos dos vícios.

meio da participação ativa no movimento da Escola Dominical desde a sua infância junto com a família. Kalley fez um curso compacto de Teologia com o foco na obra missionária. Os dois eram estudantes autodidatas. Sarah dialogava com diversas escolas de música sacra. Robert com um bom conhecimento do grego e hebraico para a interpretação dos textos bíblicos. Em suma, esta educação musical que buscou a promoção da fé protestante conversionista. Os seus pais dialogavam com a perspectiva da fé protestante conversionista que educava os fiéis para três atitudes: o reconhecimento de que são pecadores, o arrependimento de seus pecados e a aceitação de Jesus Cristo como o “substituto” pessoal através da confiança neste Salvador.

Com base em Mendonça (2008: p.109-113) esta herança musical de Rocha também foi traçada sob a influência do pietismo com a sua valorização da leitura da Bíblia, a leitura de livros sagrados, os cultos domésticos nas famílias e os cultos domésticos. Sem a dependência de ministros ordenados e nem de templos, mas o experimentar de um princípio de que todos os fiéis deviam participar ativamente na configuração da fé religiosa. Por meio de uma interpretação da Bíblia em sentido literal como uma reação ao racionalismo proposto pela fé protestante iluminista. Nesta educação musical buscou promover a experiência com Cristo Crucificado, a santificação de um sentimento vivido por seu sofrimento substitutivo, que demonstrava ao fiel a extensão de seus próprios pecados diante da justiça divina, que se transformou em amor e perdão na cruz. Assim, a experiência com a presença do Jesus sofredor mantinha viva a urgência do pecado, mas também a certeza do amor e do perdão. Tal experiência com Jesus Crucificado consistia em um movimento de grande devoção à Bíblia, à sua leitura, estudo e interpretação pessoal. Com uma certa desconfiança neste mundo, a busca por uma vida santa à espera de um mundo melhor na cidade celestial, uma noção da igreja como espaço de promoção da santidade e purificação entre os fiéis.

A partir de Mendonça (2008: p.298-309) pode ser ressaltado que a educação musical legada pelo casal Kalley tinha um padrão tríplice: avivalista, polêmico e moralista. No padrão avivalista buscava a conversão das pessoas, no polêmico para o convencimento da fé protestante como superior ao catolicismo e no moralista para o processo de inscrição no corpo e na alma dos fiéis de valores de conduta com base na fé protestante. Assim, a música estimula as emoções para convencer o indivíduo de seu pecado e conduzi-lo a uma decisão existencial. Por meio confronto com o juízo divino em relação ao pecado da indiferença, infidelidade e imoralidade. Para em seguida proclamar o perdão divino para aqueles que se arrependiam de seus pecados e eram transformados para viver de acordo com a fé protestante.

Fundamentado em Santos (2017: p.98-101) esta herança musical também foi concebida no contexto dos cultos domésticos da Igreja Evangélica Fluminense, sendo um espaço familiar usado para evangelizar vizinhos, amigos, parentes e empregados. Ele cresceu em um cotidiano de fortalecimento da fé protestante e sua visão de mundo. Uma educação que visava a domesticação do corpo e seus desejos, tornando-o útil para o trabalho, que fosse destinado a obra de Deus no mundo no mundo. Uma educação musical que expressava uma liturgia da ordem e da racionalidade domésticas em contraposição a desordem e a irracionalidade da religiosidade popular católica. Os cultos na Igreja Evangélica Fluminense, seguiam uma estrutura de simplicidade, informalidade e sem um mediador sacerdotal comum no catolicismo brasileiro. A mediação era formulada pela articulação pelo discurso e da palavra “correta” que conduzia o fiel à presença divina, quando proferia corretamente a fala compreendida por Deus. Porque o que agradava ao Deus buscado eram as ideias e a racionalidade da fé, sem o mistério e o místico. Sendo uma educação inserida neste movimento de comunicação e santos e ídolos, mas das ideias por meio de três instrumentos básicos: a pregação, o ensino e o canto. Com uma estrutura litúrgica centrada na pregação bíblica, no ensino sistematizado e na teologia cantada. Uma música que consolidava a igreja como comunidade contraposta ao mundo e que possuía o verdadeiro culto prestado a Deus.

Portanto, essas matrizes da educação musical recebida pelos seus pais estavam contidas na sua produção como compilador da Coleção Salmos e Hinos. Foi possível analisar o diálogo com o utilitarismo, a fé protestante conversionista, a visão de Deus, a visão do ser humano, a boa música sacra e o papel da música na instrução dos fiéis. Após a morte da sua mãe Sarah, João Gomes herdou a responsabilidade de organizar a Coleção Salmos e Hinos a partir de 1899. Considero pertinente observar o quanto a educação musical recebida pelos seus pais adotivos esteve presente na sua produção como compositor e compilador da Coleção. Ele recebe, dialoga, partilha e recria com criatividade essa herança musical, não sendo uma mera reprodução das tradições herdadas.

2.3. As redes de sociabilidade: a Mildmay Mission of the Jews e O Cristo

Rocha apresentou uma carta de 08 de junho de 1887 sobre a sua formatura no Curso de Medicina. A carta foi escrita pelo pastor João Gonçalves dos Santos ao Dr. Kalley, congratulando-se com a formatura do seu filho adotivo em Medicina, sendo licenciado para

exercer a "arte médico-cirúrgica" na Grã-Bretanha. A expectativa de Santos era de que João Gomes atuasse como um "bom médico", um "bom discípulo de Jesus Cristo" e tivesse um coração grato pela bondade divina de lhe proporcionar pais tão especiais. Assim, ele concluiu o Curso de Medicina em 1 de agosto de 1887 e exerceu a clínica até 31 de julho de 1914, quando se aposentou. Ressalta uma nota de Sarah em 18 de novembro de 1888 de que ele aceitou a posição de segundo médico na "Mildmay Mission to the Jews" em Londres (ROCHA, 2017: p.364-365, 369).

Ele apresentou uma nota interessante de que em maio de 1897 teve a oportunidade de visitar o Sr. Glenny em Barking, perto de Londres. Ele era um construtor de prédios e um dos fundadores da sociedade missionária, "North of Africa Mission", que atuava no cargo de secretário geral. Ressalta que procurou o Sr. Glenny para obter informações sobre a região norte-africana, porque viajaria para o Marrocos e atuaria por dois anos como médico missionário entre os judeus de Tanger, Tetuan e Fez. Nesse período manteve uma intensa rede de sociabilidade com os missionários da sociedade "North of Africa Mission" (ROCHA, 2013a: p.114-115).

É necessário atentar para a sua atuação como médico missionário pela Mildmay Mission of the Jews¹³, sendo uma das suas redes de sociabilidade que compartilhava a mesma linguagem, olhar e perspectiva sobre o mundo. Com base em Wilkinson (1887) a Mildmay Mission of the Jews foi fundada em 01 de junho de 1876 pelo pastor John Wilkinson em Londres com o objetivo de promover a evangelização e ações sociais aos judeus imigrantes. No começo as ações de desenvolvimento social eram lideradas pelo pastor William Pennefather por meio de duas instituições: Mildmay Institute e a Mildmay Hospital¹⁴. A missão tinha a preocupação de cuidado da alma com a evangelização e as necessidades físicas dos judeus. A sua sede de 1892 em Philpot Street era um grande edifício com quarenta quartos e um consultório médico com um médico residente. Depois foram construídos uma casa de convalescença, um orfanato, uma escola, uma oficina de ofícios como conserto de calçados e costura que também alcançava imigrantes poloneses e russos. Também foram abertos centros em outras cidades inglesas: Liverpool e Birmingham. Como também na África em lugares como Marrocos e Cidade do Cabo.

¹³ Para conhecer mais sobre a história do pastor John Wilkinson e a fundação da Mildmay Mission to the Judeus em 1876, acesse o site <https://www.messianicestimony.com/>.

¹⁴ Para conhecer mais sobre a história do pastor William Pennefather, a Mildmay Institute e a Mildmay Hospital, acesse o site <https://mildmay.org/>.

Conforme Ross (2011) existia uma relação conflituosa entre duas perspectivas na Mildway Mission to the Jews em torno de duas questões: a) a primeira sobre o propósito primordial, a evangelização ou o cuidado das necessidades físicas dos judeus; b) a segunda, em como conciliar a evangelização e a ação social? Analisa a participação das mulheres judias na missão entre 1880 e 1920 de East London, também ressaltou a participação de Rocha como médico missionário que buscava tratar as doenças do corpo e da alma com seus hospitais. O número de convertidos judeus ao protestantismo era pouco, aguçando o conflito entre as duas perspectivas e prevaleceu a ideia de que o mais importante é a evangelização para a promoção da salvação individual.

Na produção intelectual de Rocha foi verificado a influência da herança educacional compartilhada pelos seus pais adotivos e dessa rede de sociabilidade na Mildmay Mission to the Jews, com a formação de uma perspectiva protestante de matriz burguesa, pietista e puritana para a promoção de um mundo moderno e civilizado.

Outra rede de sociabilidade tecida por João Gomes da Rocha foi a da Comissão Editorial para a edição da Coleção Lembranças do Passado e o jornal O Christão, composta por membros da Igreja Evangélica Fluminense. De acordo com Lyra (2013: p.5-8) a Comissão Editorial da Coleção Lembranças do Passado era formada pelos presbíteros José Luiz Fernandes Braga Júnior, Abílio Augusto Biato, o pastor Synesio Lyra, Dr. Henrique de Souza Jardim, Remígio de Cerqueira Fernandes Braga e o industrial José Luiz Fernandes Braga Neto. O presbítero José Luiz Fernandes Braga Júnior foi o financiador da Coleção, ele com o presbítero Abílio Augusto Biato também trabalharam como os idealizadores do projeto junto com João Gomes da Rocha. Os dois presbíteros trocaram intensa correspondência com João Gomes, que lhes enviava de Londres para o Brasil os textos a serem publicados na Coleção no contexto da Segunda Guerra Mundial. Enquanto o Dr. Henrique de Souza Jardim fez o trabalho de revisão dos originais enviados por Rocha e a preparação dos índices analíticos de todos os volumes.

A sua atuação de Rocha no jornal O Christão como colunista com artigos sobre a história do protestantismo do século XIX a partir do trabalho do casal missionário Kalley, como também as notas referentes ao seu próprio trabalho médico missionário. Com base em Lyra (2013: p.5) alguns capítulos do primeiro volume que tratava sobre o período de 1855 a 1864 foram publicados em O Christão antes de 1941. Enquanto o quarto volume que se refere aos anos 1873 a 1888 também foi lançado em 1957, primeiramente pelo jornal O Cristão.

De acordo com César (1983: p.45-48) o jornal O Christão foi fundado no dia 20 de janeiro de 1892 sob o apoio financeiro de José Luiz Fernandes Braga como um espaço para divulgação dos valores da fé protestante no contexto das igrejas congregacionais no Brasil na perspectiva dos seus intelectuais. Tinha o objetivo de combater o erro, a imoralidade, a indiferença, o vício, a incredulidade e divulgar a palavra divina, para que a "verdadeira religião" estabelecida por Jesus. Por meio de artigos doutrinários, históricos e bíblicos para educar os fiéis das comunidades que precisavam de "cultura espiritual". Assim, o jornal que era administrado desde a sua fundação por intelectuais congregacionais de forma independente, se transformou em 10 de julho de 1913 em órgão oficial da União de Igrejas Evangélicas Congregacionais.¹⁵

Alicerçado em Sirinelli (2003: p.248-270) é possível ponderar que Rocha participou ativamente de um grupo de intelectuais em torno de uma "sensibilidade cultural comum", com uma vontade e gosto de conviver. Uma sensibilidade marcada por atração, amizade, hostilidade, rivalidade, rupturas, brigas e rancor. Ele participou desse núcleo central de sociabilidade que funcionou como um "pequeno mundo estreito", com o fortalecimento dos laços em torno do conselho editorial do periódico O Christão no contexto da Igreja Evangélica Fluminense e o Trusting and Toiling, a revista da Midway Mission to the Jews.

Os dois periódicos foram para Rocha um espaço de criação cultural criativa e relação afetiva, sendo também um movimento de intensa sociabilidade. Os periódicos se tornaram uma estrutura ao campo intelectual protestante, por meio de um processo complexo: a) forças antagônicas de adesão com as amizades construídas, as fidelidades exigidas e o poder das influências; b) forças antagônicas de exclusão, por causa das posições tomadas, os debates suscitados e as cisões advindas.

Com base em Silvestre (2016: p.165-178) é possível avaliar que a participação de Rocha nesta rede de sociabilidade como muito importante na produção da mentalidade protestante no Brasil. No contexto do periódico O Christão produziu uma mensagem religiosa sobre a sociedade brasileira como a luta contra o catolicismo por meio de uma ética de

¹⁵ As igrejas protestantes desde o século XIX fundaram vários periódicos para produção de uma mensagem e mentalidade protestante em torno da sociedade brasileira. Em 20/12/1867 foi fundado o periódico a Imprensa Evangélica como órgão oficial da Igreja Presbiteriana no Brasil com artigos sobre a fé protestante, crítica ao catolicismo brasileiro e a educação dos filhos. Em 1886 foi criado o primeiro periódico da Igreja Batista no Brasil e em 1909 se tornou O Jornal Batista como órgão oficial da Igreja Batista no Brasil. O periódico oficial da Igreja da Episcopal surgiu em 1892 na cidade de Porto Alegre, denominado O Estandarte Cristão. Em 1886 foi lançado o órgão oficial da Igreja Metodista chamado O Metodista Cathólico (SILVESTRE, 2016: p.169-170).

“superação” puritano-pietista e a oferta de um modelo de sociedade para o Brasil com uma base protestante. Ele participou ativamente na construção dessa mentalidade protestante que combateu a intolerância religiosa contra os protestantes como uma prática incoerente com os valores de progresso prescrito na Constituição, defendiam a liberdade de culto e de imprensa.

A sua participação nesta rede de sociabilidade tecida em torno do periódico *O Christão* pode ser compreendida como uma produção no contexto da chamada “Era Missionária”, que abrangeu desde a segunda metade do século XIX até a 1ª Guerra Mundial, um período de expansão do capitalismo mundial em sua dimensão econômica e política. A mentalidade protestante formulada por Rocha em sua produção foi a busca por recuperar e preservar a força das Igrejas da Reforma, que estavam enfraquecidas pelos efeitos do racionalismo, de suas divisões e antagonismos. Assim, também buscou a construção de uma mentalidade protestante unificada.

O periódico *O Christão* foi um espaço importante de sociabilidade do Rocha ao encaminhar em várias edições informações aos seus editores sobre a atuação como médico missionário pela *Mildmay Mission to the Jews*. No dia 09 de novembro de 1893, ele e sua esposa chegaram de Londres ao Brasil para promoção da fé protestante entre os judeus da América Sul, com o plano inicial de atuar na região por três anos. Destaca que caso fosse necessário a sua profissão médica seria utilizada na realização do trabalho evangelizador. A equipe do jornal desejava que o trabalho do casal tivesse êxito na sua realização. No dia 02 de janeiro de 1894, o casal viajou para o Rio da Prata para atuar durante três meses (*O Christão*, 1893: p.7; 1894: p.12).

Na edição de março de 1894 foi compartilhada uma carta de 05 de março enviada por Rocha sobre a sua atuação como médico missionário no Uruguai, nas cidades Entre-Rios e Colon, formada por algumas comunidades de judeus. Uma das estratégias nesta região consistiu na distribuição de Novos Testamentos entre os judeus, com o apoio de um jovem inglês que morava naquela região a três anos. A equipe desejava que o poder divino trouxesse bons resultados a esta obra missionária. Na edição de junho de 1894 transcreve alguns pontos sobre a estadia do casal na cidade de Buenos Aires, que pretendiam viajar para Montevideu no final do mês, destaca que atuavam entre israelitas com ascendência russa (*O Christão*, 1894a: p.7; 1894b: p.12).

Destaca-se a narrativa de Rocha sobre a sua viagem junto com a esposa em novembro de 1894 para São Paulo, quando realizaram o trabalho missionário entre os judeus da cidade.

Como também em 05 de dezembro foram para o Rio de Janeiro e ele teve a oportunidade de contribuir com a Associação Cristã de Moços do Rio de Janeiro. Ministrou uma palestra sobre “Ação de Graças” e no dia 28 de dezembro de 1894 exibiu uma Coleção de Fotos de Jerusalém pela lanterna mágica, com a participação de 38 pessoas. Assim, durante um ano ele atuou em lugares como São Paulo, Passa Três, Petrópolis, Rio de Janeiro, Buenos Aires e Montevideú, especialmente em comunidades formadas por judeus. Ressalta que colaborou de forma intensa com a Igreja Evangélica Fluminense, a Igreja Presbiteriana do Rio de Janeiro, na Associação Cristã de Moços, na casa do seu pai em Piedade e o periódico O Christão. No dia 06 de fevereiro de 1895 regressou à Inglaterra e o desejo da equipe editorial era que ele retornasse ao Brasil o mais rápido (O Christão, 1894c: p.5-6; 1894d: p.4; 1895: p.6-7).

Na edição de abril de 1895 consta um fragmento da carta enviada por Rocha em 02 de março daquele ano, com uma narrativa sobre a sua rede de contatos na Inglaterra que estavam relacionadas a familiares e amigos envolvidos na obra missionária. Assim, ele tinha a intenção de visitar a sua mãe Sarah Kalley em Edinburgh e foram a Wimbledon ao encontro de um companheiro de missão, Sr. Wright que estava muito doente (O Christão, 1895a: p.7).

Destaca-se que a contribuição de Rocha com o periódico O Christão transcende ao ato de compartilhar as cartas que apresentavam os relatórios das suas viagens como médico missionário entre os judeus pela missão. Na edição de maio de 1895 ele começou uma série de artigos intitulada “Lembranças do Passado” sobre a atuação missionária do casal Kalley no Brasil como pioneiros da implantação do protestantismo, composta por trinta e um artigos que foram publicados de maio de 1895 a janeiro de 1898. Porque esta série de artigos foi transformada em 1941 no primeiro volume da Coleção Lembranças do Passado.

Dessa maneira, segundo Lima (2008: p.25-79) pode ser examinado que Rocha construiu seu programa intelectual em conjunto com uma rede brasileira de intelectuais protestantes na primeira metade do século XX. Uma rede que foi formada em torno do pastor presbiteriano Eduardo Carlos Pereira (professor de ginásio e gramático) a partir deste “primeiro modelo de intelectual protestante brasileiro”. Uma rede de líderes que detinham uma postura religiosa conservadora expressa em sua produção científica, voltada para a manutenção da sociedade brasileira nos padrões desejados pelas oligarquias rurais do país. Esse grupo de intelectuais protestantes foram se constituindo sob a influência de um pensamento teológico conservador, principalmente por causa da educação recebida em sua maioria por missionários

norte-americanos que combatiam em seu país, o pensamento protestante de base liberal e iluminista.¹⁶

É possível compreender como este modelo de intelectualidade protestante conservadora no Brasil prevaleceu entre 1855 até as primeiras décadas do século XX. Com a formação de diversos intelectuais que partilhavam da mesma retórica a partir das suas particularidades. Destaca-se alguns nomes como Antonio Trajano, pastor presbiteriano e autor de textos de aritmética; Vicente Themudo Lessa, pastor presbiteriano e historiador; Ernesto Luiz de Oliveira, pastor presbiteriano e escritor do gênero polêmico. Como também Álvaro Reis, pastor presbiteriano e escritor de literatura do gênero polêmico; Adolph Hampel, leigo presbiteriano etnólogo do Museu Paulista; Frederico Carlos Hohene, leigo metodista, botânico e membro da Missão Rondon; Flamínio Fávero, leigo presbiteriano e primeiro diretor da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Essa rede de intelectuais produziu um conjunto de obras em contraposição ao pensamento protestante de base iluminista, por meio de projetos que buscavam preservar um outro pensar que era o da ortodoxia protestante, considerado “puro” e “verdadeiro”. Por meio da defesa de um pensamento protestante conservador que formulou uma retórica que privilegiava os valores revolucionários da fé reformada do século XVI. Uma retórica que valorizava a teologia reacionária das igrejas protestantes nos Estados Unidos ao fim do século XIX. Como também a defesa da ideologia conservadora das elites agrárias brasileiras do fim do Império no Brasil.

Era um pensamento que contrariava a retórica que privilegiava os sentimentos com a sua ideia de fé como uma experiência interior dos indivíduos, em detrimento às convicções doutrinárias. Como também rejeitavam a retórica que aceitava a crítica textual e científica do texto bíblico. Porque reconhecia a Bíblia como um livro humano, que podia ser lido e estudado conforme as normas objetivas advindas da gramática, filologia, história e sociologia. A rejeição a esta retórica protestante perpassava a sua aceitação das teorias científicas como o darwinismo que explicava a origem humana como uma evolução. Tal retórica produziu diversos estudos sobre Jesus com ênfase na sua humanidade e dimensão histórica, ao mesmo tempo que questionava a sua divindade.

¹⁶ O pensamento protestante de base iluminista e liberal foi construído na perspectiva de alguns eruditos alemães como Friedrich Schleiermacher (1768-1834), David Friedrich Strauss (1808-1874) e Adolf Harnack (1851-1930) que tinham a influência da filosofia de Immanuel Kant (1724-1804) e Georg Wilhelm Hegel (1770-1831).

Em setembro de 1895 foi publicada uma carta de Rocha enviada no dia 5 de agosto sobre a sua atuação como médico missionário no Marrocos da cidade de Tanger. Apresentou as dificuldades da viagem em 22 de maio, classificou os moradores das comunidades como de “costumes estranhos”, no primeiro momento ficaram hospedados na casa de um casal de missionários, após dois meses alugaram uma casa para morar e ressalta que estavam bem de saúde como também de que foram bem recebidos pelos missionários da região. A casa era utilizada como moradia, base para a atividade missionária e os serviços de atendimento médico. O público-alvo do trabalho realizado por Rocha eram judeus adultos e crianças. Destaca que entre maio e junho foram atendidos 450 doentes no consultório de clínica geral, 657 pessoas com cirurgia e ao todo 1431 pessoas receberam atendimento. Teve contato com os missionários da “North Africa Mission” que possuíam como alvo principal a evangelização dos muçulmanos. Assim, a atuação de Rocha consistia em atendimento médico e pregação, com leitura do Antigo e Novo Testamento nas terças-feiras e sábados, com explicação das escrituras nas segundas e quintas-feiras (O Christão, 1895b: p.5).

Em novembro de 1895 foi compartilhado sobre a realização da “Conferência de Rabinos”, uma iniciativa da Missão Mildmay aos Judeus que Rocha atuava como médico missionário. A “Conferência dos Rabinos Americanos” nos Estados Unidos da América decidiu estabelecer “movimentos missionários” entre comunidades judaicas em todo país. O objetivo dos movimentos era promover a conversão dos judeus a fé protestante, por meio do ato em reconhecer Jesus como “salvador” e “messias”, que resulta em um processo de libertação da “cegueira” e “ignorância” espiritual (O Christão, 1895c: p.3-4).

Rocha compartilhou em carta na edição de março de 1896 sobre a sua atuação missionária entre os judeus no Marrocos, visitou as cidades de Larech e Argille. Ressaltou que permaneceu na cidade de Lauch por duas semanas, alugando uma casa que foi usada como base para o atendimento de 54 muçulmanos e 84 judeus. Na cidade de Arzile permaneceu por quatro dias e montou três tendas para o atendimento de 86 muçulmanos e 30 judeus, em todas as cidades as pessoas buscavam remédios e consulta médica. Na sua atuação como médico missionário utilizou a seguinte estratégia: atendimento médico, distribuição de remédios, entrega de bíblias e proclamação da fé protestante. Em agosto de 1896 foi publicada uma carta sobre a sua atuação no Marrocos, na cidade de Aliazar permaneceu por um mês e atendeu 500 pessoas, junto com o casal de missionários Read e Dunicliff. Por meio de consultas médicas cinco vezes por semana, sendo três para atendimento de judeus e dois aos muçulmanos, como também o seu trabalho de pregação aos judeus (O Christão, 1896: p.15-16; 1896a: p.16).

Além disso, sobressai a atuação de Rocha como tradutor e editor de livros em espanhol para uso no seu trabalho como médico-missionário entre os judeus e na sua rede de sociabilidade no contexto da Igreja Evangélica Fluminense. Segue alguns títulos publicados: a) Tratados para Hebreus; b) Messias - Humano e Divino; c) Genealogia; d) A Páscoa; e) Expição; f) O Filho de Deus; g) Divindade do Messias; h) Trindade; i) O Que é o Novo Testamento; j) Arrependimento (O Christão, 1896a: p.16; 1896b: p.13).

Na edição de fevereiro de 1897 foi transcrita uma carta de 02 de dezembro de 1896 com uma narrativa elaborada por Rocha sobre a sua atuação como médico missionário na cidade de Mequinez no Marrocos, acompanhado da sua esposa e do missionário Blum (fluyente em hebraico, árabe e espanhol), sendo muito útil para o seu trabalho missionário entre os judeus e participou da Conferência Missionária da região. Destacou a sua satisfação em participar deste movimento de evangelização entre os judeus e árabes. De que a Conferência contou com a presença de alguns grupos missionários como: 10 membros da Missão Americana (7 homens e 3 mulheres), 3 ou 4 membros da Missão North Africa (todas mulheres), 3 membros da Mildmay to the Jews (2 homens e 1 mulher) e 1 membro (homem) da Sociedade Bíblica de Londres (O Christão, 1897: p.3).

Em março de 1903 consta a transcrição do relatório escrito por Rocha sobre a sua atuação de médico missionário entre os judeus. Reconhece com gratidão como vontade divina a oportunidade de completar 17 anos nesta obra de evangelização, porque por meio da Missão Médica cuidava da saúde física e espiritual das pessoas ao ensinar durante os atendimentos sobre Jesus como “Salvador”. Em seguida, destaca sobre as pessoas atendidas, seja por meio de um atendimento de cirurgia ou recebimento de medicamento, compartilhavam com outros o quanto os missionários eram bons, porque Rocha tinha muito receio de ser denunciado por algum judeu e que fosse impedido de atuar na região: “Então sois missionários? Sim, respondi-lhe, e o senhor ouviu alguma coisa contra nós? Não, foi a resposta: ‘como sois tão bons, tão bons!’”.

Outra questão ressaltada foi sobre a confiança das pessoas em compartilhar suas tristezas e provações em meio às lágrimas aos médicos missionários da missão, especialmente à disposição das crianças em ouvir os ensinamentos da Bíblia. As crianças eram ensinadas a ler, memorizar e recitar fragmentos do Novo Testamento que sinalizam sobre a salvação em suas vidas como: “Deixai vir a mim os pequeninos e não os impeçais, porque dos tais é o reino de Deus”. Rocha demonstra que na sua atuação missionária a leitura e o estudo da Bíblia eram

centrais na educação das crianças, com o caso de uma criança de nove anos que recebeu dele um exemplar do Novo Testamento que após dois dias estava lendo o capítulo 5 do Evangelho de Mateus. Outra criança veio tratar um abscesso no ambulatório médico, que lia regularmente os livros recebidos na missão, cantava as músicas e participava ativamente das reuniões (O Christão, 1903: p.11-12).

Na edição de março de 1904 há o registro de que a atuação de Rocha como intelectual da educação protestante também abrangeu a participação na Convenção Missionária do Sul da América como palestrante, representando as igrejas protestantes do Brasil, sendo realizada pela South American Society durante três dias. Ele afirmou que o Brasil era um lugar propício para a expansão da civilização protestante por meio da obra de evangelização, enxergando o país como uma região composta por duas partes: a “civilizada” e a “indígena”. Destacou alguns motivos para que houvesse o investimento missionário no país: - a mais nova república do continente, a populacional com 20.000 (vinte mil habitantes) e a facilidade acesso a todas as regiões pela modernidade das estradas de ferro. Assim, concluiu a sua leitura sobre o Brasil como um espaço com “centenas de portas abertas para o Evangelho, tanto na parte civilizada como na indígena do país” (O Christão, 1904: p.12).

Outrossim, a sua constituição em intelectual da educação protestante foi tecida no diálogo com a rede de sociabilidade em torno do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, fundado em 1914 e que em 1919 se tornou Seminário Unido. De acordo com Santana Filho (2014: p.27-29) esta rede partilhava os valores de uma retórica protestante sobre o Brasil e o mundo com base na ideia de que a implantação da civilização e modernização das sociedades era um desdobramento da obra de evangelização que visava a conversão das pessoas, quanto maior o número de pessoas convertidas à fé protestante. O Seminário Teológico Evangélico Congregacional tinha o objetivo de preparar os futuros pastores das igrejas congregacionais. Nesse primeiro momento a diretoria era composta por Francisco Antônio de Souza (diretor), Alexander Telford (reitor), Domingos Antônio de Oliveira (tesoureiro), Leônidas Silva e Pedro Campelo. Os primeiros professores do Seminário faziam parte da seguinte rede de pastores: Alexander Telford, Dr. Francisco Antônio de Souza, Dr. Antônio de Primo Salustiano Marques, Fortunato Gomes da Luz, Jonathas Thomaz de Aquino e Dr. Henrique de Souza Jardim. O interessante é que os membros da diretoria e a rede de professores participaram ativamente na produção do periódico O Christão.

Em um segundo momento houve um movimento que visava a fundação do Seminário Unido que estivessem associados os diversos ramos do protestantismo no Brasil, com o objetivo de fortalecer a presença e a expansão protestante na América Latina. O Seminário Unido foi fundado em 1919 com o apoio oficial de variadas instituições que representavam o protestantismo brasileiro como a Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente, Igreja Metodista Episcopal do Sul, da União de Igrejas Cristãs Evangélicas (Congregacionais), o Conselho de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana nos Estados Unidos, o Comitê de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana Episcopal do sul dos Estados Unidos.

Rocha dialogou com a retórica partilhada por essa rede de sociabilidade constituída em torno do Seminário Unido que tinha o objetivo de formar pastores e líderes como parte da ofensiva evangelizadora no continente americano, com uma perspectiva ecumênica na sua composição. Neste tempo houve a participação de uma rede de intelectuais protestantes como os pastores Eduardo Carlos Pereira e Alfredo Borges Teixeira (Igreja Presbiteriana Independente); o pastor Chen Long, presidente do Instituto Granbery; Paulo Bayers (Igreja Metodista), o pastor Francisco de Souza (Seminário Teológico Evangélico Congregacional); os pastores Erasmo de Carvalho Braga e Álvaro Reis (Igreja Presbiteriana do Brasil), deão e presidente do Seminário Presbiteriano. Como também o pastor W. A. Waddell, da Presbyterian Board of New York; os pastores Inen e Browning, secretários continentais da Obra Educacional da América Latina; o pastor H. C. Tucker, presidente da Comissão Cooperador do Brasil; os pastores Vicente Themudo Lessa, Mateus Gomes dos Santos e Laudelino de Oliveira. Desta forma, Rocha participou desta rede de intelectuais protestantes brasileiros, tecida no contexto do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro e do Seminário Unido. Como um movimento que propunha a construção de um pensar protestante para a América Latina em um espírito de cooperação e ecumenismo, sob a liderança de intelectuais como Álvaro Reis, Erasmo Braga, Francisco Antonio de Souza e Eduardo Carlos Pereira.

Ainda mais, fundamentado em Casimiro (2003: p.157-180) pode ser analisado que essa rede de intelectuais produziu suas obras a partir do pensamento protestante do Seminário de Princeton nos Estados Unidos. Um pensar que enfatizou alguns princípios da tradição reformada: a) Deus criou a humanidade boa; b) na Queda, os seres humanos incorreram na ira de Deus e se fizeram culpados; c) o pecador não dará a Deus a honra devida a menos que seja salvo pela soberana graça de Deus; d) o amor de Deus se exprime no pacto da Redenção, entre o Pai e o Filho, e no pacto da Graça, entre Deus e seu povo; e) somente o amor de Deus que

traz à salvação aos eleitos remanescentes da Queda, que podem unir-se à luta pelo reino divino.¹⁷

Rocha partilhou deste pensamento que aceitava outros princípios que foram formulados posteriormente ao movimento das reformas religiosas do século XVI na Europa como: da inspiração plena da Bíblia, a submissão do ensino da ciência à teologia, a apologética em defesa da existência de Deus e a experiência religiosa representada pelo ensino interno do Espírito Santo.

O princípio da inspiração plena da Bíblia e a sua infalível autoridade, partilhava a ideia da Bíblia como a revelação escrita de Deus, inspirada de forma plenária e verbal em todas as partes, sendo infalível e divina. O uso da Bíblia como fundamento e árbitro final. Com o entendimento de que o melhor método para o estudo da Bíblia era o indutivo, com a defesa de que a descoberta da verdade se processava por meio da observação empírica e do raciocínio indutivo. Assim, a Bíblia contém as verdades que deveriam ser coligadas, autenticadas, ordenadas e exibidas na relação interna que mantém uns com os outros. Um trabalho de coleta, arranjo e classificação dos textos bíblicos.

O princípio partilhado por Rocha de que o ensino da ciência deve ser submetido à teologia consistiu em uma resposta ao pensamento protestante liberal sob a influência da evolução darwinista, a crítica bíblica europeia e o idealismo germânico que buscou desestabilizar a ortodoxia protestante. Assim, sob a atuação do Seminário de Princeton foi se constituindo um pensar que defendia a subordinação das ciências à teologia, vistas como ciências auxiliares: História Universal, Arqueologia, Etnologia, Filosofia Comparada, Ciência de Religião Comparada, Filosofia, Estética, Ciências Físicas e Estatística.

No princípio de apologética como um processo que buscou provar a existência de Deus e a possibilidade de seu conhecimento. Uma apologética dividida em cinco partes: a) apologética filosófica com a defesa da existência de Deus como criador, preservador e governador de todas as coisas; b) apologética psicológica que defendia a natureza religiosa do homem e seu senso religioso; c) apologética sobrenatural com a defesa da ação sobrenatural de

¹⁷ O Seminário de Princeton foi fundado em 1812 em contraposição ao pensar do arminianismo presente na teologia da Nova Inglaterra com a sua tese de que a depravação foi parcial na humanidade e o livre poder humano decisivo pela salvação. Um dos objetivos do Seminário era a formação de pastores que pudessem propagar e defender a fé cristã autêntica, nos moldes da Confissão de Fé de Westminster, dos Catecismos (Menor e Maior). No período de 1812 a 1921, o Seminário de Princeton foi o principal dentro de formação, defesa e difusão do calvinismo nas Américas.

Deus na história; d) apologética histórica que defendia a Bíblia, sua origem divina (inspiração), sua natureza (revelação escrita) e seus autógrafos.

Ao mesmo tempo que, no princípio partilhava a ideia da experiência religiosa como o ensino interno do Espírito Santo, representava a ideia da verdade sendo captada pelo intelecto ao estudar a Bíblia e a certeza interna, por meio do Espírito Santo. Assim, acreditavam numa experiência pessoal de conversão, que era atribuída à ação do Espírito sobre o indivíduo, dando-lhe consciência de pecado e necessidade da graça de Deus.

Portanto, os resultados alcançados neste capítulo foram de que João Gomes da Rocha construiu a sua identidade como intelectual da educação protestante, por meio da herança educacional e musical legada pelo casal Kalley, sendo de base puritana, pietista e moderna. Uma herança educacional em diálogo com a ortodoxia protestante e contraposição com o pensamento protestante de base liberal. Como também com a participação ativa nestas redes de sociabilidade composta por intelectuais protestantes na primeira metade do século XX no Brasil. A primeira foi na *Mildway to the Jews*, formada por missionários da Inglaterra, com a sua atuação médica e missionária entre os judeus na Europa, África e América do Sul. A segunda em torno do periódico *O Christão*, composta por membros da Igreja Evangélica Fluminense no Brasil, com a sua produção de artigos de história do protestantismo no país e os seus relatórios sobre o seu trabalho entre os judeus na *Midway*. A terceira em torno do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro e do Seminário Unido sob o modelo de pensamento protestante do Seminário de Princeton nos Estados Unidos. Partilhou de uma retórica e linguagem com um modelo de intelectualidade protestante conservadora, que rejeitou um pensamento protestante de base liberal e iluminista. Assim sendo, a sua produção intelectual deve ser compreendida como uma recriação criativa dessa herança educacional recebida pelo casal Kalley no contexto da família e igreja. Uma herança com as marcas das matrizes culturais e religiosas no mundo anglo-saxão do século XIX.

3 – As Imagens do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos: a educação pela música

O objetivo do capítulo consiste em investigar as representações do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos compilados por João Gomes da Rocha com publicação em 1924 que buscou promover a educação protestante pela música nos fiéis. Por meio de uma leitura minuciosa das diversas imagens produzidas nas músicas dedicadas à educação das crianças, aos cultos nos lares, as escolas diárias, as escolas dominicais, aos jovens e a pátria. A análise foi composta por três partes: a primeira trata sobre a educação das crianças; a segunda refere-se à educação das famílias e a terceira sobre a educação nas escolas para formação de uma nação civilizada.

Conforme Cardoso (2005a: p.35-54) os missionários Robert e Sarah Kalley produziram a primeira hinódia protestante para uso em Portugal e no Brasil, sendo um elemento fundamental na formação dos diversos segmentos no protestantismo brasileiro. Uma hinódia comum com sua ênfase conversionista que serviu como elemento litúrgico e pedagógico, que ultrapassou os símbolos denominacionais nas diversas formas de protestantismo. A história da Coleção Salmos e Hinos pode ser dividida em três momentos: a) Salmos e Hinos Primitivo (1855), b) Salmos e Hinos de Sarah (1861-1889) e c) Salmos e Hinos de Rocha (1899-1941). No primeiro momento, com a Coleção Salmos e Hinos Primitivo (1855) com a primeira edição impressa em Londres sob a direção de Robert Kalley, formada por 12 salmos e 15 hinos, marcada pela liberdade no uso de música tradicional portuguesa, espanhola e produção própria.

No segundo momento, a Coleção Salmos e Hinos foi dirigida por Sarah Kalley, sendo 7 edições de letras (1861, 1865, 1868, 1873, 1877, 1879 e 1883) e 2 edições com música (1868 e 1889), por meio de um intenso trabalho na seleção dos novos hinos, na revisão e a liberdade para alterar as letras dos hinos já impressos. O seu trabalho de composição era construído de forma prática para suprir alguma necessidade da comunidade como a liturgia do culto, as escolas da igreja (dominical e diária), temas da doutrina protestante ou aspectos da vida cristã no cotidiano. A sua produção ao compor e traduzir os hinos tinha um objetivo pedagógico: ensinar a fé protestante pela mensagem cantada nos espaços sociais e litúrgicos, ocupados pelos

fiéis da igreja em formação. Assim, esse foco pedagógico estava relacionado à ação do casal Kalley em promover a evangelização das camadas populares no Brasil do século XIX, com a produção de hinos acessível a todos, independente da faixa etária e cultural. Uma música que fosse compreendida e cantada por todos, com a experiência da sensibilidade protestante.

No terceiro momento, a Coleção Salmos e Hinos foi organizada por Rocha, após a morte da sua mãe Sarah, dirigiu duas edições de música sacra, em 1899 com a 3ª edição e em 1919 com a 4ª edição, composta por 608 hinos, após a morte da sua mãe Sarah, João Gomes herdou a responsabilidade de organizar a Coleção Salmos e Hinos a partir de 1899. Ressaltei no capítulo anterior alguns aspectos da educação em música sacra oferecida ao filho Rocha pelo casal Kalley e que está presente na sua produção musical da Coleção Salmos e Hinos como: a) o utilitarismo na composição e tradução dos hinos; b) a diversidade temporal e cultural dos autores; c) a preocupação com os direitos autorais; d) a visão de um Deus bom e salvador que foi ferido na cruz de forma sacrificial para salvar os pecadores e oferece uma esperança na vida; e) a visão do ser humano como um pecador fragilizado que pode encontrar a salvação em Jesus Cristo através do sacrifício realizado na cruz; f) o cântico congregacional de boa qualidade.

Como destacado no capítulo anterior essa herança musical era marcada pela convicção do casal Kalley sobre o papel da música no projeto de implantação da civilização protestante no mundo, com base em Cardoso (2005a: p.53-68) de “transmitir o conhecimento bíblico necessário para que o seu público-alvo pudesse abraçar a fé protestante”. Alguns aspectos dessa herança musical recebida por Rocha do casal Kalley: a) a "boa" música sacra; b) a música como mensagem cantada para instrução; c) uma formação teológica como autodidata; d) uma fé protestante conversionista que educava os fiéis para a salvação.

É pertinente observar o quanto a educação musical recebida pelos seus pais adotivos encontra-se na sua produção como compositor e compilador da Coleção. Ele recebe, dialoga, partilha e recria com criatividade essa herança musical, não sendo uma mera reprodução das tradições herdadas. Sendo possível analisar o diálogo com o utilitarismo, a fé protestante conversionista, a visão de Deus, a visão do ser humano, a boa música sacra e o papel da música na instrução dos fiéis.

Rocha (1924: p.3-8) destaca que o objetivo da Coleção era ser um livro “útil” e “atrativo” para que os fiéis adorem e louvem a Deus com música de qualidade. Tendo a música um papel fundamental para a implantação da civilização protestante no Brasil que consistia em

promover a salvação por meio da evangelização: publicar o “amor singular” à humanidade em Jesus Cristo e cumprir com fidelidade a “nobre e sublime empresa evangelizadora por Ele mesmo confiada à sua Igreja”. Desse modo, a Coleção Salmos e Hinos foi composta por Rocha com uma organização didática objetiva e detalhada, para que fosse um elemento útil para a educação dos fiéis nas variadas ações e espaços ocupados pela igreja. Ele organizou a Coleção de forma didática em 12 partes com músicas que buscavam a educação dos fiéis na ocupação de espaços conforme a fé protestante como: família, trabalho, cidade, escola e país. Como também com músicas voltadas para a educação de crianças, jovens, homens, mulheres e famílias.

A primeira parte refere-se ao despertar da sensibilidade na busca pela salvação, distribuída em dois passos. No primeiro, com 09 músicas para ensinar que todos eram pecadores. No segundo, com 28 músicas para despertar a convicção e a decisão de buscar a salvação, 14 músicas para ensinar a fé em Jesus e 23 músicas para a vida transformada por Jesus como salvador. Com 32 músicas sobre a necessidade do pecador convertido ser uma testemunha da salvação no mundo, 16 músicas para consagração a Jesus como salvador, 27 músicas em busca por proteção, direção e pureza pelo fiel convertido. A segunda parte buscava promover a sensibilidade sobre a necessidade da conversão ou regeneração dos pecadores no mundo, dividida em dois passos. No primeiro e segundo passo, por meio de 23 músicas ensina sobre a vida transformada pelo pecador convertido pela fé no Jesus Crucificado.

A terceira parte trata sobre a importância do fiel convertido em viver no seu cotidiano a experiência como uma testemunha de Jesus como o salvador do mundo, distribuída em cinco passos. No primeiro passo, com 55 músicas ensina sobre a necessidade de o fiel ter um coração que agradece e oferece louvor ao Deus salvador. No segundo passo, por meio de 46 músicas, os fiéis eram convocados a expressar a experiência da salvação com um coração esperançoso e confiante em Jesus como o salvador. No terceiro passo, em 6 músicas os fiéis aprendiam sobre os seus deveres religiosos. No quarto passo, com 35 músicas os convertidos aprendiam sobre a luta e a vitória contra o pecado como “soldados de Jesus”. No quinto e último passo, com 11 músicas os fiéis eram ensinados a enxergar a salvação como uma “jornada” diária que exigia um coração obediente aos princípios divinos. Enquanto, a quarta parte para a educação dos fiéis para a vida na eternidade com 30 músicas.

A quinta parte para a educação das crianças na fé protestante, distribuída em dois passos. No primeiro passo, com 26 músicas ensinava sobre a necessidade da criança em buscar

Jesus como salvador, aceitar o Jesus Crucificado e viver como uma peregrina nesta terra em busca da cidade celestial. No segundo passo, por meio de 14 músicas a criança aprendia o amor a Bíblia como “escritura sagrada”, a enxergar a si mesma como pecadora e reconhecer que o sofrimento de Jesus na cruz como o caminho para a sua salvação. A sexta parte para a educação das famílias nos cultos domésticos, com 07 músicas para o culto da manhã e 6 para o da noite.

A sétima parte trata sobre a educação dos fiéis nos cultos públicos, distribuída em cinco passos. No primeiro passo ensinava sobre louvor e adoração, com 33 hinos de exaltação a Trindade, 36 de elogio a Jesus Cristo e 01 para o Espírito Santo. No segundo passo o aprendizado era sobre hinos de oração, com 10 músicas de orações a Trindade, 10 músicas a Jesus Cristo, 07 músicas ao Espírito Santo e 14 músicas para fim do culto. No terceiro passo, com 07 músicas para o começo, o meio e o fim dos cultos aos domingos como “dia do senhor” . No quarto passo, com 03 músicas para o Domingo de Ramos. No quinto passo, com 09 músicas para o Domingo da Ressurreição.

A oitava parte trata sobre a educação dos fiéis nas escolas diárias e dominicais, distribuída em três passos para a diária e dois para a dominical. Para escola diária, no primeiro passo com 04 músicas para o começo dos estudos, no segundo com 03 músicas para o desenvolvimento dos estudos e no terceiro com 01 música com uso no final dos estudos. Para a escola dominical, no primeiro passo com 06 músicas para o começo dos estudos e no passo dois com 01 música no fim dos estudos. A nona parte refere-se à educação sobre o significado do evangelho na perspectiva do protestantismo, distribuída em dois passos. No primeiro passo, com 39 músicas que convocavam o pecador a aceitar o evangelho. No segundo passo, com 10 músicas que apresentavam Jesus como salvador.

A décima parte trata da educação em torno de Jesus para os fiéis, distribuída em três passos. No primeiro passo, com 13 músicas, o aprendizado seria sobre o nascimento de Jesus. No segundo passo, com 49 músicas que educavam sobre a morte e a ressurreição de Jesus. No terceiro passo, com 11 músicas e o ensino sobre a segunda vinda de Jesus na terra. A décima primeira parte trata sobre as missões nacionais e estrangeiras, com 24 músicas que educavam os fiéis para o cumprimento da sua missão de espalhar a fé protestante no país e no mundo. A décima segunda parte trata da educação dos fiéis em ocasiões especiais com 30 músicas para momentos variados na vida da comunidade de fé como: a colheita, o começo do ano, batismo, casamento, ceia do senhor, refeição, velório, órfãos e viúvas.

A educação pela música promovida por Rocha na Coleção Salmos e Hinos apoiado em Velasques Filho (1990: p.147-150) foi um desdobramento e processo de recriação da retórica religiosa proposta por diversos movimentos como o fundamentalismo e o realismo do senso comum no culto protestante. Do fundamentalismo com a perspectiva de interpretação da Bíblia entre o literal e o alegórico com o foco em preservar o que considerava como verdades “fundamentais”. Uma ideia da “inerrância bíblica” que buscava comprovar o quanto a Bíblia estava certa em suas narrativas históricas e nos textos em contradição, por meio dos jogos linguísticos e os dados da arqueologia. Baseada na filosofia realista do senso comum (uma perspectiva escocesa de pensamento indutivista do século XVIII) que concebe a verdade como algo objetivo, universal e independente de interpretação, que podia ser conhecida e tinha validade para todos. Acreditavam que a verdade bíblica era válida para sempre, sendo a linguagem como algo com capacidade de captar e transmitir de forma objetiva esse conjunto de verdades universais. Dessa maneira, Rocha dialogou e ultrapassou de forma criativa a perspectiva fundamentalista nas suas seguintes propostas: a) ideológica com a identidade relacionada a uma mentalidade doutrinária; b) fechada, com tudo sendo decidido a partir do passado; c) conversão como aceitação de um corpo de doutrinas; d) negação da historicidade da Igreja e de suas doutrinas quando afirmavam a inspiração verbal das Escrituras.

Na Coleção Salmos e Hinos de 1924 contém uma produção musical significativa de Rocha com 66 músicas, em sua maioria escritas, traduzida ou adaptada no final do século XIX e na primeira metade do século XX, sendo distribuída da seguinte forma: - 01 música em 1808; - 01 música em 1881; - 14 músicas em 1888; - 07 músicas em 1897; - 36 músicas em 1898; - 01 música em 1899; - 01 música em 1909; - 05 músicas em 1916. No hino 300, Rocha ensinou sobre a experiência da salvação no Jesus Crucificado, que a oferece como uma “água da vida” a todos os pecadores gratuitamente, sendo necessário apenas buscar voluntariamente. Jesus prepara de graça uma moradia na “cidade celestial” como um espaço sem morte, pecado e dor, mas cheio de riqueza eterna para o pecador convertido que o ama de verdade como uma festa de casamento real. Assim, os pecadores recebem a convocação pela Igreja para que bebam a “água da vida” que vem da fonte de toda salvação, Jesus Crucificado, conforme destaque a seguir:

O Espírito e a Esposa dizem: “Vem!

Vem, bebe da Água da vida!”

Responda quem hoje sede tem:

“A fonte de Christo eu vou.”

Esta Água da vida corre,

Corre hoje p´ra ti, e p´ra mim!

(ROCHA, 1924: p.350-351)

No hino 272, Rocha ensinou sobre a experiência do fiel convertido em adorar a Jesus como salvador por meio de um coração cheio de louvor. Apresenta a Jesus como rei que governa com humildade e misericórdia. Também deve ser adorado pelos anjos e homens pecadores como o criador de todas as coisas. Conclui com a ideia de que esse mundo é passageiro e finito, mas os fiéis viverão durante a eternidade com Jesus, o salvador.

Esse processo recriação da retórica religiosa realizado por Rocha na Coleção Salmos e Hinos também perpassou a retórica religiosa do evangelicalismo no culto protestante, com uma perspectiva espiritualista, moralista e aberta que enfatizava a espiritualidade individual, a disciplina eclesiástica como norma comportamental, a partir da decisão da conversão e santificação individual. O reconhecimento da historicidade da Igreja e suas doutrinas, a aceitação das confissões de fé e a teoria da revelação progressiva das escrituras. É possível detectar na Coleção esse diálogo com o evangelicalismo ao valorizar a ideia de que todas as pessoas podem e devem passar pela experiência mística da conversão, tendo como fator determinante a emoção por meio da música. Essa experiência mística era prolongada e aprofundada com a santificação, com a ação divina e esforço humano se conjugando. No conjunto de músicas ressalta que Deus tomava a iniciativa ao capacitar os pecadores a receberem a revelação de Jesus Crucificado como salvador.

No hino 263 ensinou sobre a importância do templo como santuário dedicado para adoração e aprendizado dos fiéis, um espaço para a pregação da salvação em um mundo “mal” e “desvairado”, para que todos aprendessem a graça do temor divino. Os fiéis se reúnem no templo para interceder pelos pecadores como “réus da maldição”, “impiedosos” e “insensíveis”. O templo também era um espaço para a proclamação da salvação em uma sociedade marcada pela “perdição”. No templo os fiéis eram ensinados a adorar a Jesus como “rei onipotente”, que será louvado por toda a criação no dia do julgamento final. Assim, os fiéis

no templo apresentavam os seus pedidos para que Deus guie os seus corações para uma vida de louvor, como destacado nos versos a seguir:

2 E quando n'este Santuário os Teus remidos
Pedirem Vida para os réus da maldição,
Attende com fervor aos fracos supplicantes,
Que a Ti na eternidade glória renderão.
Attende-os; ... e não Te lembres da impiedade
Que praticaram desprezando a salvação.

4 Dos Reis, o Rei! Hosanna ao Deus onipotente!
Milhares de crianças hão de Te aclamar;
Hosanna! brandarão os crentes não somente
Mas toda a criação no ar, na terra e mar,
Levantará mi breve um psalmo de triumpho
Ao Redemptor de pecadores, sem cessar.

(ROCHA, 1924: p. 302-303)

No hino 276, Rocha tratou sobre a participação do fiel na igreja protestante que tinha o dever de proclamar com amor a Jesus como salvador aos pecadores de uma sociedade em “perdição”. Tratou a ideia de que Jesus era o único com poder para vencer o “mal” ao trazer os pecadores a uma vida renascida e perdoada, porque a lei produziu “morte” e “maldição”. Assim, concluiu que Jesus era o único que converte os pecadores por causa do seu grande amor e a igreja tinha o dever de anunciar essa salvação para todos.

Com base em Velasques Filho (1990: p.155-156) ressalta-se que a produção musical de Rocha na Coleção Salmos e Hinos também partilhou de uma herança puritana, pietista e dos reavivamentos religiosos ocorridos nos séculos XVIII e XIX, com uma proposta de culto protestante que fugia das fórmulas prefixadas, aos rituais e ao aparato litúrgico. Tendo a música a função de ensinar sobre os textos bíblicos com muita emoção e de forma didática. Uma

produção musical que buscava pela emoção promover a salvação dos pecadores e a santificação dos fiéis convertidos com base no seguinte conteúdo: a) o poder destrutivo do pecado na humanidade; b) a graça da salvação oferecida por Deus no Jesus Crucificado; c) a responsabilidade humana na escolha entre a permanência no pecado e a opção pela salvação; d) o pecado como um comportamento individual relacionado a práticas mundanas: fumar, beber, dançar, apostar, práticas de jogos de azar, vestir-se ou maquiagem-se exageradamente, não frequentar a Igreja; e) a salvação como resultado do arrependimento e da conversão, para que o pecado fosse abandonado e houvesse a filiação à Igreja; f) a criação de um ambiente emocional para que o pecador aceitasse a salvação oferecida pelo Jesus Crucificado; g) o fiel convertido aprendia que a sua recompensa era a vida no céu depois da morte na cidade celestial, sendo a salvação da alma um ato individual.

No hino 264, Rocha ensinou sobre a experiência do fiel como um “soldado” que luta contra o mal do pecado. Apresentou Jesus como “general” que conduzia os fiéis convocados a avançar nessa batalha contra o mal. Os fiéis como soldados na luta contra as “potestades” e o “exército infernal” tinham o dever de vestir a “armadura divina”, formada pelos seguintes itens: o sapato da paz, a veste santa, o cinto da verdade e luz, a couraça da fé no Jesus Crucificado. Os soldados caminhavam para a cidade celestial com o coração unido no amor e crer, que supera qualquer divisão humana. Ressalta que era um exército celestial firmado em Jesus como “rocha viva” e “base de Sião” que seguia firme para a pátria celestial em uma batalha eterna. Um conjunto de soldados com uma vocação divina de anunciar ao mundo que o caminho da salvação era se tornar um fiel soldado do Jesus Crucificado que amava a todos os pecadores. Conforme destacado nos versos a seguir:

1 Eia! oh, soldados,
Crentes em Jesus!
Ide, avante! á guerra
Christo vos conduz.
Contra os inimigos
Vae o General!
Vante, pois, á guerra
Contra todo mal.

Ide, pois, soldados,
Crentes em Jesus!
Contra os inimigos
Christo vos conduz.

4 Qual imensa tropa
Marcha a Igreja aos céus,
Parte está na glória,
Parte aqui, - com Deus.
Nunca divididos
Sois somente um Ser,
Um só na esperança,
E um no amar e crer,
Firmes! pois, soldados,
Crentes em Jesus!
Nunca divididos,
Christo vos conduz.

6 Ide ávante! oh, crentes!
N' esta vocação
Pelejae ousados
Com fé e oração:
Declarae ao mundo,
“Crê, e larga o mal,
Quem deseja a glória
Siga o General.”
“Sêde, pois, soldados,
Crentes em Jesus,

Quem deseja a glória

Tome a sua cruz.”

(ROCHA, 1924: p.306-307)

No hino 270, Rocha tratou sobre a experiência do fiel com Jesus como “rei eterno” que se humilhou na terra com um coração obediente à lei divina para trazer o bem ao pecador, ressuscitou, ascendeu ao céu e adorado pelos anjos. Como o “rei eterno” governa no mundo e convoca todos os pecadores a receber a sua salvação eterna. Assim, finaliza com um pedido para que fossem súditos fiéis, resistentes a toda tentação e seguidores da lei divina.

A partir de Velasques Filho (1990: p.161-163) é possível validar que a Coleção Salmos e Hinos está inserida em um processo de “estratificação” da linguagem religiosa que herdou dos puritanos e pietistas dos séculos XVII e XVIII como algo reducionista e limitante no culto protestante do Brasil. Porém, a produção musical de Rocha consistiu em uma realidade de recriação criativa e livre dessa retórica religiosa a partir dos usos feitos pelos fiéis nas comunidades espalhadas no país. Ressaltado o caráter pedagógico na retórica reelaborada por Rocha na Coleção com um conjunto variado de imagens para a educação dos fiéis pecadores nas comunidades que apresento a seguir: a pedagogia de “cruz”, a pedagogia da “Nova Jerusalém”, a pedagogia contra o “paganismo”, a pedagogia da “nostalgia e esperança”.

Na pedagogia da “cruz” com ênfase no sofrimento substitutivo de Jesus, em seu sangue e sua morte oferece a salvação para todos. Na pedagogia da “Nova Jerusalém” que concebe o status provisório da realidade mundana e a experiência religiosa como peregrinação, sendo os fiéis convocados a uma vida santa. A pedagogia contra o “paganismo”, sendo a coroa, cruz e espada transformadas em estandarte e divisa de Jesus como “rei”, a serem levados aos confins do mundo pelos fiéis convertidos. Essa luta também foi contra o “paganismo” presente na religiosidade popular brasileira, porque identificavam o catolicismo como uma das formas mais “perigosas”. Na pedagogia da “nostalgia e esperança”, a nostalgia do paraíso perdido no pecado de Adão e a esperança no retorno vitorioso de Jesus, para que a cidade celestial fosse estabelecida. Nesse sentido, a Coleção Salmos e Hinos foi organizada por Rocha para que nos cultos o fiel participasse de uma linguagem religiosa familiar que lhe transmitia uma segurança e refúgio, por causa da perenidade das verdades bíblicas cantadas nas músicas diante da transitoriedade na sociedade e a glória do futuro na cidade celestial.

No hino 283, Rocha ensinou sobre a experiência do fiel com o domingo como “dia do senhor” para que fosse oferecido louvor e adoração com fervor a Deus. No domingo o fiel se dirige ao templo como “casa de oração” para fortalecer a comunhão com todos e proclamar o amor divino pela pregação. Um dia para o pecador aceitar o perdão divino e declarar o poder de Jesus como salvador. Um tempo para o estudo sobre a vida de Jesus Crucificado com a sua morte como sacrifício e receber a orientação divina para a cidade celestial.

Outrossim, com base em Velasques Filho (1990: p.164-168) pode ser analisado que Rocha na Coleção Salmos e Hinos promoveu de forma criativa o ideário da religião e cultura protestante de matriz anglo-saxônica como uma força civilizatória e modernizadora, superior ao catolicismo de nações vistas como “decadentes”. Com a representação de um protestantismo como um movimento que estabelecia uma pedagogia da sobriedade, do trabalho, progresso e riqueza que resultava na modernização dos países. Enquanto o catolicismo era representado como um movimento que legitimava uma pedagogia da indolência, mundanidade, pobreza e atraso que ocasionava em estagnação dos países. Por isso, o objetivo da Coleção Salmos e Hinos era educar os fiéis no projeto de vida protestante que elevaria o Brasil a uma realidade de superioridade econômica e cultural, por causa dessa religiosidade “superior” alicerçada em três questões básicas: a) o livre exame da Bíblia; b) a moralidade rígida de honestidade nos negócios, o trabalho árduo e a vida diligente; c) a confiança radical na providência divina.

Nesse conjunto de representações era necessário promover a conversão ao protestantismo e a adoção do seu estilo de vida, porque o catolicismo era concebido como o “grande adversário” para a modernização da nação brasileira, especialmente em três questões elementares: a) as “crenças pagãs” com o culto a Maria e os santos, a doutrina da transubstanciação na eucaristia; b) a “moralidade frouxa” com a prática tolerante com as festas “carnais” com seus costumes “mundanos” e o sincretismo religioso; c) o “homo ludens” que valorizava o jogo, a festa e o prazer. Já o modo de ser protestante promovido por Rocha na Coleção Salmos e Hinos era caracterizado pelas seguintes questões cruciais: a) o “homo faber” com um fiel educado para a atividade produtiva e o trabalho diligente; b) o “homo circumspectus” com a produção de um fiel sério que não tinha interesse nas futilidades humanas; c) o “homo sapiens” que tinha devoção a vida intelectual por meio da leitura “sadia” e o aprendizado constante; d) o “homo economicus” que enxergava a pobreza como “sinal de pecado”, porque o fiel lutava por conquistar bens para viver com conforto e oferecer uma herança econômica tranquila a sua família.

Desta forma, destaca-se a relevância da análise da produção musical de Rocha na Coleção Salmos e Hinos para a promoção da modernização do país por meio da conversão e santificação do maior número de pessoas que seguiam essa religiosidade popular. O objetivo das músicas era pela emoção conduzir os pecadores ao arrependimento e à conversão, como também fortalecer o processo de santificação dos fiéis convertidos. A conversão era um processo em que o pecador reconhecia a sua condição, o sacrifício vicário de Jesus na cruz e aceitava a salvação oferecida pelo Crucificado. A santificação como um processo de crescimento espiritual que correspondia a aceitar a soberania do Espírito Santo na vida do fiel. O fiel convertido aceitava e aprofundava a linguagem protestante com sua visão de mundo sob a inspiração da cultura anglo-saxã. Em cada música era ensinado a necessidade de adotar os padrões comportamentais e disciplinares da comunidade. Assim, esses padrões eram de três aspectos: a) individuais como não fumar, não beber, não jogar, não dançar, não se vestir de acordo com a moda; b) sociais e familiares como honestidade nos negócios e satisfação das necessidades familiares; c) comunitários como o de participar ativamente na vida da comunidade religiosa e contribuir financeiramente.

3.1. A educação das crianças: cidadãos salvos

Rocha (1924: p.98 e 440) na Coleção Salmos e Hinos compila mais de trinta hinos para educação das crianças na fabricação de cidadãos salvos, sendo a primeira dimensão para a implantação da civilização protestante. Através de duas divisões apresenta um passo a passo dessa implantação na vida das crianças: a) Crianças e o Evangelho - que trata sobre o seu processo de salvação; b) O Testemunho da Fé - que se refere aos sinais práticos da experiência de salvação. O primeiro passo na educação era sobre a busca das crianças por Jesus como Salvador, vençam o pecado e trilhem o caminho da salvação. Nesse passo há dois hinos: o 74 intitulado “A Jesus crianças vinham” e o 387 denominado “Na cidade de Deus”.

Com base em Mendonça (1990: p.176-177) salienta-se que esse fazer pedagógico por meio da Coleção Salmos e Hinos tinha o objetivo de promover a evangelização e a consagração pessoal das crianças ao padrão civilizatório regulado pelo protestantismo, com a ênfase na pedagogia conversionista com forte apelo emocional. Uma educação que legitimava uma perspectiva racionalista humanista e um voluntarismo individualista ao valorizar a criança como responsável pelos seus atos em busca da sua salvação. É possível detectar um conjunto

de imagens sobre essa pedagogia da salvação das crianças na Coleção com os seguintes elementos: a) uma ideia do amor divino como uma realidade universal para todas as crianças e a disponibilidade divina em salvar a todas; b) o chamado amoroso de Jesus Crucificado que oferecia seu próprio sangue a criança arrependida dos seus pecados; c) a conversão como um ato individual da criança em aceitar o amor divino oferecido pelo Jesus Crucificado; d) o processo de santificação divina como uma realidade cooperativa entre o convertido e a espírito divino; e) a salvação como uma experiência emocional com o Jesus Crucificado.

O hino 74 foi composto por Sarah Kalley com 07 estrofes que apresenta algumas imagens sobre as crianças. Trata sobre como buscaram no passado e presente a benção de Jesus, que está sempre com amor a chamar cada criança.

1 A Jesus crianças vinham
Sua benção suplicar;
Pois a mim que sou criança
Não a póde recusar.

2 Não agora n'este mundo,
Mas na glória Jésu está:
Que as crianças ainda venham!
Elle as abençoará!
(ROCHA, 1924: p. 98)

Ressalta que as crianças como perversas e indignas desse tão grande amor divino devem aceitar a salvação, porque Jesus pagou o preço na cruz os seus pecados. Finaliza dizendo que a melhor resposta das crianças será erguer as suas mãos para receber a benção de Jesus e aprender como ser uma pessoa melhor.

4 Sei que sou perversa, indigna
De tão precioso amor,
Mas Jesus ha-de ensinar-me
Como posso ser melhor.

5 As crianças n'outro tempo
Aceitou com compaixão;
Ah! não ha-de despedir-me
Sem me dar a salvação.

6 E por mim os meus pecados
Sobre a cruz Jesus pagou
Quem pudéra só dizer-nos
Quanto Jésu nos amou!
(ROCHA, 1924: p. 98)

O hino 387 apresenta imagens sobre a participação das crianças na “cidade de Deus” como um lugar na eternidade que não “entra o pecador”, por ser um lugar de brilho e sem mancha, apenas aos “pobres pecadores” que foram “lavados de toda a culpa” pela bondade divina ao oferecer perdão.

1 Na cidade de Deus
Não entra o pecador;
É todo brilho, é todo brilho,
Sem mancha seu fulgor.

2 Com bondade perdôa
Ao pobre peccador:
Lava-m´as culpas, lava-m´as culpas,
Bemdito Salvador.
(ROCHA, 1924: p. 440)

Conclui com o desejo das crianças para que sejam filhos de Deus, participem da "cidade de Deus" ao reconhecer que a salvação foi alcançada pela morte de Jesus na cruz e vivam em pureza, como apresentado nas estrofes 3 e 4:

3 Teu filho quero ser
P'ra sempre, meu Senhor;
És meu amparo, és meu amparo
Contra o vil tentador.

4 “Ah! quando lá estiver,
Salvo p'la Tua cruz,
Puro, sem mancha, puro, sem mancha,
Gozarei Tua luz.

(ROCHA, 1924: p. 440)

O segundo passo na educação consistia no convite de Jesus para que as crianças sejam salvas dos seus pecados por causa da sua morte na cruz, vivam em pureza para alcançar a vida eterna, sejam instruídas nas verdades que formam o caminho da salvação e habitem para sempre na “cidade celestial”. Esse passo contém quatro hinos: a) 294 - Oh, vinde meninos; b) 107 - Quão linda a história; c) 105 - Venham, venham meninos; d) 137 - Vinde meninos, vinde a Jesus.

O hino 294 foi composto por Rocha com base na narrativa de Mateus 19.13-15, Marcos 10.13-16 e Lucas 18.15-17 para que as crianças aceitem o convite de Jesus para viver o caminho da salvação, porque através do sangue derramado na cruz é possível habitar nos céus. Apresenta Jesus como o Messias, o Salvador, o bom Pastor e o Redentor que convida as crianças para viver o caminho do reino divino.

4 Oh, vinde meninos!
Jesus vos deu Seu sangue
E vos convida para os céus,...
Buscae a salvação!
Ouví a voz do Redemptor -
Elle é o vosso bom Pastor:
“Deixae os meninos que venham a Mim!”
(ROCHA, 1924: p.344).

O hino 107 composto por Sarah Kalley também foi baseado na narrativa de Mateus 19.13-15, Marcos 10.13-16 e Lucas 18.15-17 para legitimar a imagem de Jesus como o “bom Salvador” que convida as crianças com “meigas palavras de benigno amor” para abençoar as suas vidas com “ternura” e “poder”. Na última estrofe ensina as crianças a oração para que aceitem este convite para uma vida abençoada, seja acolhido no “mundo de luz” e habite com Jesus durante toda a eternidade.

2 Eu agora com oração venho a Jesus,
A pedir-lhe uma benção de amor;
E, por Elle acolhido, no mundo de luz,
Eu verei o bendito Senhor!
Sim, espero habitar com Jesus outrosi
No palácio dos filhos de Deus,
Pois muitos meninos se ajuntam alli,
E “dos tais é o Reino dos céus!”
(ROCHA, 1924: p.134)

No hino 105 composto por Sarah Kalley apresenta a imagem de Jesus como “bendito Salvador” que deseja salvar as crianças e que “pagou” por amor na cruz por todos os seus pecados. Reafirma o lugar das crianças como pecadoras convidadas para receber a salvação e viverem como “servas de Jesus” que se sujeitam a sua instrução divina.

2 Venham, venham os meninos,
Pois Jesus os convidou;
Elle pelos seus peccados
Na cruenta cruz pagou;

3 Venham, venham os meninos,
Venham a Jesus servir,
Sujeitar-se a Seus preceitos
E Sua instrução pedir;
Jésu-Christo
Os seus rogos quer ouvir.

(ROCHA, 1924: p.132)

O hino 137 composto por Sarah Kalley reafirma o convite de Jesus como o “Salvador”, “amoroso” e “bondoso” que oferece a salvação com as “bençãos” conquistadas na cruz e uma “vida feliz” na “santa pátria celestial”. A resposta das crianças é receber essa salvação com alegria como cidadãos que caminham com uma vida feliz que começa no presente e se tornará plena na “nação celestial”.

Que alegria! sem peccado ou mal,
Reunir-nos todos afinal!
Na santa patria celestial,
Com nosso Salvador!

2 Já, sem demora, hoje convém
Ir caminhando á gloria além;
Jesus vos chama, quer vosso bem,
Vinde ao Salvador!

3 Ama os meninos! Jesus o diz,
Quer receber-vos no bom paiz,
Quer conceder-vos vida feliz,
Vinde ao Salvador!

(ROCHA, 1924: p.164)

Sob tal ótica, Rocha na Coleção Salmos e Hinos dialogou com uma longa tradição intelectual cristã sobre a criança como imperfeita e má por natureza com base na ideia do pecado original, sendo um “símbolo do mal”, que necessitava ser salva e disciplinada na alma. Como também uma tradição moderna que imaginava a criança como ser pensante e portadora natural de tudo que existe de melhor no ser humano. Baseada na ideia da educação como um processo de interiorização e exteriorização do conhecimento, por meio do ensino da fé protestante, o respeito à natureza e a valorização da espontaneidade infantil.

O terceiro passo da educação consistia no processo de aceitação pelas crianças para que sejam cidadãos salvos que reconhecem os seus pecados, recebem o perdão oferecido por

Jesus através da sua morte na cruz e vivem conforme as verdades estabelecidas pelo divino. Esse passo era ensinado com sete hinos: a) 296 - Além do céu azul; b) 119 - Filhos de Jerusalém; c) 517 - Manda-nos luzir; d) 295 - Mui longe o monte verde está; e) 298 - Nós receberemos lá no céu; f) 372 - Sei que Jesus me quer bem; g) 197 - Somos criancinhas.

O hino 296 composto por Rocha ensina que Jesus como “Rei” que amou até a morte na cruz, ressuscitou para conceder paz e salvação, deve ser louvado pelas crianças com “coração feliz”, semelhante aos anjos nos céus que cantam a Jesus como “Rei”. As crianças salvas devem aprender a ouvir e obedecer a lei divina, para que a “verdade” e a “salvação” sejam a cada dia encarnadas em suas vidas.

3 De labios infantis

Deus quer provar o amor;

Com coração feliz

Louvemos ao Senhor.

“Alleluia!

A humilde grei

Então ao Rei;

Alleluia”

4 Verdade e salvação

implanta, oh Deus, em nós!

E já com atenção

Ouçamos Tua voz.

“Alleluia!

Jesus o Rei

Ensina a lei;

Alleluia.”

(ROCHA, 1924: p.346-347)

O hino 119 composto por Sarah Kalley apresenta a imagem de Jesus como “Rei” e “Salvador” que deve ser louvado pelas crianças por causa do seu “doce amor”. Reafirma que as crianças são pecadoras que merecem a “condenação” porque estão em “dívida” com Deus,

mas pela morte de Jesus como “bom Pastor” foram resgatadas para serem ovelhas que vivam apenas para o sagrado.

3 Ah! quem poderá dizer
Quantas nossas culpas são!
Merecemos padecer
Pena de condenação!
Ouve! os meninos dão louvor,
Alleluia ao Salvador!

4 Grande é nosso Salvador
Toda a dívida pagou;
Pela morte o bom Pastor
Seu rebanho resgatou;
(ROCHA, 1924: p.145)

O hino 517 utiliza a imagem da “luz” e “trevas” para ensinar sobre a ordem de Jesus para que as crianças salvas vivam com “brilho” como a “luz do céu”: “Quer que nós brilhemos com a luz do Céu”. As crianças tinham o dever de demonstrar essa luz em seu cotidiano: “Sempre a luz mostremos que Jesus nos deu”. Conclui com a imagem de que o mundo está dominado pelas “trevas” e que devem brilhar a luz divina que habita nos salvos: “Porque muitas trevas ha que dissipar. Para reluzirmos Elle nos accendeu” (ROCHA, 1924: p.562).

O hino 295 composto por Rocha ensina sobre o dever das crianças salvas de amarem a Jesus que na cruz concedeu a salvação, com uma vida marcada pela confiança e desejo de fazer o bem: “Oh! quanto, quanto nos amou! - Amemol-O tambem: E confiando em Seu amor, Façamos todo o bem”. Reafirma que Jesus morreu para lhes conceder perdão, transformar em pessoas boas e com o interior transformador para morar com Deus na eternidade: “Morreu p’ra dar-nos o perdão, Morreu pr’a sermos bons, Pr’a entrarmos na mansão de Deus com novos corações” (ROCHA, 1924: p.345).

No hino 298 composto por Rocha reafirma que as crianças salvas devem ter como meta viver para Jesus, a cada dia abandonar o pecado e alcançar as bênçãos no reino dos céus na eternidade. Para descrever esse reino utiliza a imagem do “lindo céu”, as crianças fiéis

receberão um “nome novo” como sinal de uma identidade e história totalmente liberta das maldades do tempo presente: “Sim, receberemos lá no céu; Lá no céu, o lindo, lindo céu, O outro nome novo além do céu, N’esse lindo céu” (ROCHA, 1924: p.348).

O hino 372 ensina que Jesus deseja o bem das crianças que são “fracas” e ele tem a força de conduzir para a cidade celestial com base na sua leitura da Bíblia: “Sei que me quer bem, Quer ver-me feliz; Sei que me quer bem, A Bíblia assim o diz”. Ressalta que esse desejo de Jesus foi demonstrado através da sua morte para lhes oferecer a vida eterna e a resposta deve ser uma vida dedicada à vontade divina: “Quer-me bem, pois já morreu por mim, para o céu me dar; P’lo Seu sangue salvo eu, Vou a Elle me entregar”. Finaliza dizendo que as crianças salvas têm o dever de amar a Jesus até a morte porque deseja morar para sempre nos céus: “Quer-me bem, o bom Jesus, Elle é quem me conduz. Vou amal-O até morrer, Pois no céu O quero ver” (ROCHA, 1924: p.424).

O hino 197 composto por Sarah Kalley apresenta cinco imagens das crianças salvas: na primeira são “criancinhas” que pertencem a Deus como “Pai” que lhes conduz, ampara e cuida com amor. Na segunda são “cordeirinhos” tem o dever de seguir e ouvir a voz do Deus que os protege dos perigos, “fiel Pastor” e “Protetor”.

2 Somos cordeirinhos
Do fiel Pastor?
Sempre então sigamos
Nosso Protector:
Com cuidado ouçamos
Sua amante voz;
Elle nos protege
Do Leão feroz
(ROCHA, 1924: p.223).

Na terceira como “soldados” que usam a armadura divina na luta contra o mal. Na quarta como “cidadãos” do reino celestial são governados por Deus através de uma vida obediente aos mandamentos divinos. Na quinta reconhecem que são “fracos” para viver na maldade e somente com o auxílio de Jesus encontram a garantia da cidadania celestial.

3 Somos nós soldados
Do Senhor Jesus?
Vamos pois, valentes,
Aonde nos conduz:
Temos armadura
Forte, divinal;
Com Jesus lutemos
Contra todo o mal.

4 Do celeste Reino
Somos cidadãos!
Santo Deus! governa
Nossos corações!
Faze-nos sujeitos
Á Tua alta lei,
Subditos humildes
Do supremo Rei
(ROCHA, 1924: p.223).

O quarto passo refere-se em aprender a experiência do contentamento porque vivem em obediência à vontade divina nas circunstâncias adversas da sociedade marcada pela maldade de uma humanidade “pecadora” e “perdida”. O hino 514 ensina sobre o desafio das meninas salvas viverem no caminho do bem e em obediência à vontade divina. Para que tenham como meta abandonar o desejo de pecar e busquem apenas amar a Jesus, por causa da sua bondade divina. As meninas devem rejeitar a tentação de viver no mundanismo proposto por suas “companheiras”, abandonar as promessas inúteis do mundo e devem servir somente a Deus por meio da prática de oração.

1 Cuidado, meninas,
Não queiraes peccar;
Seja vosso intento
A Jesus amar.

3 Quando as companheiras

Vos tentem perder
Com cousas mundanas,
Não queiraes saber.

4 Quando o mundo vário
Vos queira attrahir
Com promessas futeis,
Não queiraes ouvir.
(ROCHA, 1924: p.559).

O hino 566 ensina que Jesus escuta as orações das crianças porque conhece “os pensamentos do coração” e terem cuidado para viver com uma alma “pura”: “Jesus escuta a voz terninha da creancinha em oração; E também sabe os seus intentos, os pensamentos do coração”. Apresenta a imagem de Jesus como sempre disposto a responder a oração das crianças que pedem por proteção e que devem apresentar os seus problemas com confiança no amor divino. Ressalta que vivam em amizade, amor e união para que Jesus promova a conversão de todos do país: “Vivamos sempre em amizade, em caridade, em união; E assim peçamos, todos unidos; “Jesus, converte esta nação!” (ROCHA, 1924: p.633).

O hino 84 composto por Sarah Kalley ensina sobre o desafio das crianças viverem como "imitadores de Jesus", porque representa modelo de fé e obediência a Deus. Destaca a necessidade de enfrentarem a sua natureza pecaminosa, perversa, desobediente e maldosa que as impedem de seguir fielmente a Jesus Cristo.

2 Reconheço com tristeza
Que longe sou de O imitar!
Malfeitor por natureza,
Sempre inclinado a peccar.

3 Eu, tão desobediente,
Mostro meu perverso humor;
Elle, humilde e paciente,
Elle, meu real Senhor!

4 Quantas vezes eu procuro
Sómente o meu próprio bem;
Jesus, com trabalho duro,
Nos salvou da morte além
(ROCHA, 1924: p.100).

As crianças por causa dessa natureza são ociosas, descuidadas e frouxas no cumprimento do seu dever de uma vida santa. Sendo assim é necessário fortalecer o desejo para seguir a Jesus, obedecer às leis divinas expressas na Bíblia, aprender sob a direção do espírito divino e viver em submissão à soberania divina.

5 Ocioso, descuidado,
Frouxo sou no meu dever;
E Jesus foi sempre achado
Santo em todo o proceder.

6 Dá-me o fervente desejo
Do meu Salvador seguir;
Pois na santa Bíblia vejo
Como devo a lei cumprir (ROCHA, 1924: p.109).

O hino 187 composto por Sarah Kalley ensina sobre a necessidade de as crianças aprenderem o contentamento em todas as circunstâncias da vida, porque Deus lhes salvou para viver no reino celestial. Quando contemplam a natureza como a “linda violenta” aprendem a não reclamar e desejar ser maior do que as outras pessoas: “Olha a linda violenta! Dá na sombra seu odor; Não se queixa, não deseja ser notavel, nem maior”. Ressalta que cada um deve reconhecer o seu destino no mundo determinado por Deus, seja na riqueza ou pobreza: “Deus a toda a creatura marca o próprio lugar; Dá riquezas, dá pobreza, tudo como apraza dar”. Porque o mais importante é ouvir o chamado amoroso de Jesus para que todos vivam no reino celestial, seja rico, pobre, jovem ou velho: “Jesus ama, e convida todos para os meus ceus; Ricos, pobres, jovens, velhos; Poderão reinar com Deus” (ROCHA, 1924: p.216).

O quinto passo consistia na regulação dos seus desejos como crianças salvas que lutam contra o pecado, a maldade e a perdição de uma sociedade ignorante quanto ao caminho da

salvação. O hino 127 composto por Sarah Kalley ensina sobre o cuidado de ouvir a instrução divina compartilhada por Jesus. Devem seguir o exemplo de Samuel quando criança que ouviu a voz de Deus e ter o desejo de serem ensinadas por Jesus. É necessário abandonar a falta de atenção e o medo de pecar, mas disposto a ouvir a voz divina com uma atitude reverente através da lei divina. Como também receber a instrução divina com uma disposição em servir com fidelidade a Jesus como “Salvador”: “Eu devo humilde ouvir sua rica instrução, e o bom Jesus servir de todo coração; Seu servo, infante, mas fiel como o menino Samuel!” (ROCHA, 1924: p.154).

O hino 291 composto por Rocha ensina sobre a missão das crianças de serem luz, flor, mão, voz e auxílio que vivem para satisfazer a vontade divina em todos os espaços que ocupam. Na sociedade marcada pelo pecado o desejo das crianças deve ser “uma pequena luz” que reflete o amor e poder de Jesus: “No mundo uma pequena luz, Oh Deus! desejo ser: reflexo fiel de meu Jesus, mostrando Seu poder”. Na família, o desejo de ser “uma pequena flôr” que traga alegria aos pais. Na escola, o desejo de ser “uma pequena mão” que recebe com alegria a instrução para a mente e coração que conduz ao conhecimento: “Na escola uma pequena mão que aceite com prazer o pão, que a mente e ao coração dá forças e saber”. Na Igreja, a sua missão é ser “uma pequena voz” que oferece louvor a Deus com reverência, gratidão, fé e amor. No cotidiano da vida, o seu desejo é ser “auxílio” de tudo o que satisfaz a vontade divina com o uso de tudo que possui em conformidade com a lei divina: “Na vida, auxílio quero ser do que deleita a Deus, usando tudo que eu tiver segundo as leis dos céus” (ROCHA, 1924: p.341).

Tal processo educativo das crianças pelo protestantismo na Coleção Salmos e Hinos proposto por Rocha pode ser compreendido com base em Maud (2010) e Priore (2010) em diálogo com um movimento no Brasil do século XIX que representou a criança da elite como uma potencialidade que deveria ser desenvolvida de forma responsável pelos pais no ambiente familiar. Um movimento que advém do surgimento no século XVII do primeiro sentimento de infância: a criança como brinquedo ou animal de estimação para entreter os pais. No contexto da Revolução Industrial houve a criação de dois espaços e a formação do segundo sentimento de infância (afeto): o do trabalho febril e o da casa, sendo valorizada a relação de afeto com a criança na família. Por meio de uma consciência da singularidade infantil e uma educação moralizadora que visava a formação do cidadão do bem. Uma educação para meninos voltada para o desenvolvimento de uma postura viril e poderosa que visava o amadurecimento pleno da sua capacidade intelectual. Enquanto, as meninas eram estimuladas a maternidade e a administração da casa como o seu domínio natural de atuação no mundo.

Além disso, em diálogo com o movimento de educação das crianças escravas com base em Melo (2020) e Florentino/Góes (2010) como um processo de adestramento para o trabalho. A busca do Estado por incorporar os ideais europeus de modernização e a preocupação com o futuro da nação. Na formulação da política de contenção ou afastamento das classes sociais mais pobres para as periferias, o governo promoveu medidas para manutenção da paz social e do futuro da nação, a partir de um discurso moralizador e civilizatório que buscava redesenhar as funções familiares e o próprio ideário de infância. Desta forma, esse educar protestante proposto na Coleção Salmos e Hinos influenciou a formação da criança em uma cidadã salva como sujeito responsável ao cumprir o seu dever religioso no seu contexto familiar.

Portanto, a Coleção Salmos e Hinos foi organizada para a implantação da primeira dimensão da civilização protestante que consistia em educar as crianças como cidadãos salvos. Através de cinco passos que apresenta imagens diversas sobre a sociedade, o divino e as crianças: 1º) A busca por Jesus como Salvador para vencer o pecado e trilhar o caminho da salvação; 2º) Atender o convite de Jesus para que sejam salvas dos seus pecados, vivam em pureza para alcançar a vida eterna, sejam instruídas na verdade e habitem na cidade celestial; 3º) Reconhecer os seus pecados para receber o perdão oferecido por Jesus através da sua morte e viver de acordo com as verdades divinas; 4º) Aprender a experiência do contentamento pela obediência à vontade divina em uma sociedade pecadora e perdida; 5º) Regulação dos desejos para que sejam santos contra o pecado, a maldade e a perdição em uma sociedade ignorante.

Essa primeira dimensão para educação das crianças em cidadãos salvos, com o apoio de Mendonça (2008: p.333-357) pode ser compreendida como um conjunto de músicas com origem avivalista e missionária dos grandes avivamentos ocorridos na Inglaterra e Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX. Neste contexto, Rocha partilha da perspectiva de um fazer pedagógico protestante com quatro características: o “protestantismo pietista”, o “protestantismo peregrino”, o “protestantismo guerreiro” e o “protestantismo milenarista”. Um “protestantismo pietista” que valoriza o cultivo de uma vida religiosa individualista, a leitura solitária da Bíblia e sua interpretação literal, com destaque a uma fé conversionista que busca promover a experiência pessoal com Jesus. O “protestantismo peregrino” que enxerga o mundo presente com os seus valores pervertidos pelo pecado como um tempo de peregrinação, na expectativa das glórias e prazeres da sua verdadeira pátria, a celestial. Um “protestantismo guerreiro” e “milenarista” que luta contra o reino das trevas com os seus valores mundanos e os fiéis como soldados aguardam a vinda pessoal de Jesus para inaugurar o reino dos céus.

3.2. A educação das famílias: cidadãos saudáveis

A segunda dimensão para implantação da civilização protestante pela música consistia na educação das famílias para que os seus membros fossem cidadãos saudáveis. Esse processo era realizado através dos cultos familiares com duas divisões: o culto pela manhã e noite. Nesses hinos compilados por Rocha há o uso de diversas imagens sobre o divino, a sociedade e as pessoas, na perspectiva de promover a transformação do país por meio da salvação de cada família.

Com base em Mendonça (1990: p.182-184) pode ser validado que o fazer pedagógico por meio da Coleção Salmos e Hinos intencionava a promoção da evangelização e a consagração pessoal das famílias ao padrão civilizatório regulado pelo protestantismo, com a ênfase em uma pedagogia da "conversão-consagração". Na pedagogia da "conversão-consagração" buscava formar seguidores ao protestantismo que cumprissem o seu dever como "bons trabalhadores", fosse na família, igreja e sociedade com fidelidade. Sendo a fé protestante uma experiência exigência o compromisso de ser "trabalhador diligente" para converter os pecadores, consagrar os fiéis convertidos e colaborar para melhorar a sociedade por meio da salvação. Uma pedagogia que educava os fiéis nas famílias a utilizar o seu tempo de forma útil, diligente e fiel nas variadas dimensões da vida, mas especialmente nas atividades da sua comunidade de fé que visavam a conversão das famílias. Sendo um empreender pedagógico que visava pela emoção das músicas convencer as pessoas a abandonar o "erro" deste mundo dominado pelo pecado e aceitar a "verdade" do protestantismo, para que os fiéis convertidos se tornassem a cada dia em cidadãos saudáveis para a modernização do país.

Para o culto familiar pela manhã no hino 453 aprendem como vencer os inimigos da alma que buscam lhes afastar do caminho da salvação, por meio de uma fé em Deus como "pai", "escudo", "protetor" e "clemente". No hino 3 composto por Sarah Kalley ensina sobre a importância de iniciar o dia com uma oração a Deus como o "supremo Rei" de todo fervor no coração, sendo a presença divina seja a realidade constante no cotidiano das famílias. Por meio da oração deseja aprender a seguir os "santos passos de Jesus", evitar o "tropeço" ao pecar e manter a esperança firme em Deus: "Com mansidão meus pés conduz, ensina-me a andar nos santos passos de Jesus, sem jamais tropeçar" (ROCHA, 1924: p.4).

O hino 344 trata sobre a importância de aprender pela manhã o caminho da salvação ao fortalecer a fé na misericórdia divina e a disposição em obedecer às leis divinas. Ao começar

o dia o desejo dos cidadãos saudáveis é a busca pela presença divina em uma sociedade "desértica" e "árida", sem água e uma estrada segura para trilhar: "Nesta terra deserta e cheia de aridez, onde não há estrada, onde nem água vêes, como no templo Teu, a Ti me apresentei, e o teu poder e glória devoto contemplei". Assim, a meta de cada família é "louvar" e "engrandecer" a Deus em todo tempo e até a morte, por causa da misericórdia divina: "Tua misericórdia excede quanto ha; Por isso a minha boca sempre te louvará, durante a vida inteira te quero engrandecer, e ao céu, para invocar-te, humildes mãos erguer" (ROCHA, 1924: p.397).

O hino 70 composto por Sarah Kalley ensina que as famílias comecem o dia com o compromisso de se dedicarem a Deus como o "Autor da Vida" que no seu poder faz "o glorioso sol nascer" e "raiar a luz da salvação". Devem clamar para que o "braço protetor" que trouxe repouso durante o sono lhe conceda "vida" e "vigor" no cotidiano. Como também reafirmam o desejo de se dedicarem como cidadãos do reino celestial com "amor", "singeleza", "gratidão" e "inteiramente" para obedecer a Deus como o "Criador": "Reina em minh'alma, oh Creador, aneio a vida consagrar Inteira a Ti; com mais amor e singeleza Te louvar, mostrando a funda gratidão de um fervoroso coração" (ROCHA, 1924, p.92-93).

O hino 555 ensina sobre a necessidade de as famílias buscarem a presença divina em todos os períodos do dia, para que continuem firmes no caminho da salvação que consiste em viver na cidade celestial. Pela manhã, reafirma o dever em vigiar e orar porque enfrentará dificuldades durante o dia, por ter um "coração pequeno". Pelo meio-dia, experimenta a paz divina pela oração ao confrontar as vozes que procuram silenciar a voz divina. Pela noite, recupera as lembranças das bênçãos divinas recebidas, compartilha os prazeres e as dores na confiança de que será ouvido por Deus. Então, o aprendizado de ser um cidadão vigilante dos ataques diários do "inimigo", que preserva o desejo de viver em comunhão com Jesus para viver no céu: "E sem cessar, vigia a todo o instante, que o inimigo ataca sem parar. Só com Jesus em comunhão constante pode o mortal ao Céu chegar" (ROCHA, 1924: p.612).

O hino 173 composto por Sarah Kalley educa as famílias sobre a importância de buscar a presença divina por meio da oração para que o trabalho de todos seja frutífero e próspero no cotidiano. Primeiramente, ressalta a necessidade de pedir que a presença divina esteja com todos no seu trabalho, que sejam abençoados e frutíferos: "Nos empregos d'este dia sê conosco, oh Salvador! Abençôa as nossas obras; Dá-nos fructo do labor". Em seguida, demonstra a necessidade de Deus proteger as crianças e fortalecer os pais no desafio de educar os filhos. Finaliza, para que a presença divina proteja cada família, os pais com força no

trabalho e os filhos com disposição nos estudos: “Dá viveza no trabalho, e nas aulas aptidão; hoje ampara esta família com divina protecção” (ROCHA, 1924: p.204).

A educação das famílias na Coleção Salmos e Hinos com base em D’Incao (2004) pode ser compreendida como um processo com múltiplas relações com o contexto de transformações da sociedade brasileira no século XIX como a consolidação do capitalismo, a formulação das novas regras de convivência nas cidades, a ascensão da burguesia e a criação de uma “mentalidade burguesa”. Uma mentalidade partilhada na Coleção com a formação de uma “nova família” que imaginava a mulher como responsável pelo ambiente familiar acolhedor, o cuidado fiel do esposo e a educação dos filhos. Um processo que visava a interiorização da vida doméstica com a imagem da mãe como ser de dedicação quase integral dos filhos. Assim, na legitimação desse ideário de família moderna, civilizada e higiênica, tendo a mulher o papel de guardiã do lar e da família, que tinha o dever de adotar regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a pureza sexual das filhas e formar uma descendência saudável.

Para o culto familiar pela noite o hino 174 composto por Sarah Kalley ensina sobre a importância da gratidão pelo cuidado divino manifesto no cotidiano. Primeiramente, devem terminar o dia com gratidão por causa do cuidado e direção divina: “Chegamos com alegre amor a dar-te graça, bom Senhor; Rendemos viva gratidão por teu cuidado e direcção”. Ressalta que a bondade divina foi expressa com a bênção do alimento, da saúde, dos amigos e da força para o trabalho: “Comer, saude, amigos, ar; As forças para trabalhar, são ricas dadas dos céus; Bênçãos da mão do eterno Deus”. Apresenta a imagem de Deus como “salvador” que oferece consolo aos cansados, recebe o louvor dos fiéis, perdão e salvação aos pecadores. Assim, as famílias podem dormir em paz porque o poder divino lhes protege de todo medo em relação ao futuro: “Guardados pelo Teu poder, sabemos sem temor viver; A Ti deixamos o porvir, e agora em paz vamos dormir” (ROCHA, 1924: p.205).

O hino 71 composto por Sarah Kalley trata sobre a importância de confiar na bondade divina que acompanha cada família durante o dia e a noite, sendo necessário buscar com intensidade a presença divina com oração e louvor pela música. A primeira imagem de Deus como “grande benfeitor” ao cuidar dos fiéis com amor durante o dia, que deve ser louvado e exaltado pelas famílias. A segunda imagem de Deus como “senhor bondoso” que concede paz, descanso e proteção de todo mal enquanto os fiéis dormem: “Dá-nos horas de repouso; Deixanos em paz dormir; Guarda-nos, Senhor bondoso! Faze todo o mal fugir; Dos perigos Tu nos

podes encobrir”. A terceira imagem de Deus com “senhor da vida” que concede uma morte em paz ao conduzir aos fiéis para a cidade celestial: “E no fim da nossa vida, (Quando a Ti, Senhor, prouver), Vale-nos na triste lida, Deixa-nos em paz morrer; E contigo o celeste vê” (ROCHA, 1924: p.94).

O hino 239 ensina sobre Jesus como o “salvador” ao conceder a salvação aos fiéis que pedem por libertação dos seus pecados. Destaca que Jesus é o “salvador” porque morreu na cruz por amor ao sofrer a punição no lugar da humanidade corrompida: “Por amor de mim morreste sobre a ensanguentada cruz; Minha pena Tu soffreste, Oh meu Salvador Jesus!”. Os fiéis têm o dever de pedir para que sejam “purificados” de toda maldade, sendo cheios de amor para serem “servos” de Jesus como senhor: “A minha alma purifica, Vem enche-la de amor; Faze que, humilde e manso, Eu Te sirva, meu Senhor”. Assim, somente Jesus como o “bom pastor” e “redentor” protege os servos fiéis da tentação: “Todo o dia Tua graça me cercou, meu Salvador: Sob Tuas azas dá-me abrigo esta noite, Redemptor” (ROCHA, 1924: p.265).

O hino 576 ensina sobre o dever de confiar em Jesus como “salvador” que protege os fiéis em todos os momentos da vida, porque tem o poder de perdoar os defeitos e pecados como também concede abrigo para uma noite de paz: “Salvador, por ti guardados desejamos descansar; Os defeitos e peccados Tu nos podes perdoar; Se, de noite, algum perigo nosso leito investir, Teu amor nos dê abrigo, e nos deixe em paz dormir”. Ressalta que o olhar divino os acompanha com vigilância mesmo nas “trevas densas”, se durante a noite encontrar o seu “fim mortal” e espera que seja para acordar na “mansão celestial” (ROCHA, 1924: p.654).

O hino 277 composto por Rocha apresenta a imagem de Deus como o “sol da minha alma” que liberta as famílias do medo para lhes conduzir a um tempo de “calma” e “paz”. Pedem para que Jesus mostre a sua “glória” e lhes ensine a espalhar a luz divina no mundo. Exalta a Deus como o “supremo bem” que oferece descanso para o corpo e a alma de cada membro nas famílias. Intercedem pelos fiéis que vivem como “filhos desobedientes” e “ovelhas perdidas” que desprezam seguir a voz divina. Assim, pede para que Deus console, ajude e proteja a todos que vivem de luto, indignância e tentação: “Ha muitos hoje em luto, em dor, em indigencia e tentação? Consola, ajuda-os, Senhor e estende-lhes Tua proteção!” (ROCHA, 1924: p.322).

Tal escrita educação das famílias na Coleção baseado em Gierus (2006: p.50-52, 60) remete às tradições protestantes, na busca de um ideal de mulher e família, pautado pela religião e teologia cristã patriarcal, com a representação da mulher como esposa, mãe e dona de casa.

Cabia à mulher a funcionalidade de manter o casamento estável, o lar tranquilo e harmonioso, além de zelar pela educação dos filhos, para torná-los piedosos, honestos e trabalhadores. Sendo o protestantismo um código normatizador para homens e mulheres, cabe, todavia, a elas a reprodução e perpetuação dos gestos, dos códigos e atitudes de submissão à opressão religiosa. A mulher realiza a sua missão sagrada de ser esposa, mãe e dona de casa, como uma questão transcendente através da divinização e naturalização de certas atitudes, gestos e jeitos de ser mulher. Esse processo vem desde a infância: ela é educada à missão do amor, da doação, de estar sempre pronta para sacrificar-se pelo bem, pela tranquilidade, pela harmonia e pureza do lar.

Este programa educativo das famílias com a validação de imagens femininas e masculinas no protestantismo foram se constituindo em diálogo com um movimento denominado por Rago (1997, p.61, 62, 75, 90) de “colonização da mulher”, um processo de sujeição do modelo imaginário de hábitos moralizados, costumes regradados, em contraposição às práticas populares classificadas como promíscuas e anti-higiênicas. Para assim revelar aos populares um modelo de família nuclear, reservada e voltada sobre si mesma no contexto de urbanização e de desenvolvimento comercial que ocorreram nas variadas cidades do Brasil.

Foi assim construído um modelo de mulher, simbolizado pela mãe devota e inteira de sacrifício, que favoreceu a desvalorização profissional, política e intelectual, partindo do pressuposto de que a mulher não existia em sua individualidade. Mas com o dever de esquecer-se deliberadamente de si mesma e realizar-se através dos êxitos dos filhos e do marido. Essa “nova mãe” tem um lugar muito importante na instituição dessa família nuclear “moderna”, em que a mulher se torna uma mãe vigilante, atenta, soberana no seu espaço de atuação, ela se torna a responsável pela saúde das crianças e do marido, pela felicidade da família e higiene do lar. A casa é considerada o lugar privilegiado, onde se forma o caráter das crianças e se adquirem os traços que definiram os novos trabalhadores do país. Havendo também uma identificação aos modelos bíblicos de mulher no estabelecimento de uma rígida linha de demarcação entre os sexos, assexualiza a mulher. Essa mulher assexualizada e purificada, deve manter sua castidade mesmo depois de casada, o aspecto sexual só cabe se ligado a ideia de procriação, o direito ao prazer no ato sexual é reservado ao homem, daí a regulação e condenação da sexualidade feminina insubmissa.

Na Coleção Salmos e Hinos é visível a reafirmação e ultrapassagem de um conjunto de imagens da família como “natural” e assim fora da história. Baseado em Matos e Moraes

(2007, p.30) esse processo educativo das famílias é considerado uma construção social, cultural e histórica que progressivamente definiu as esferas sexuais e delimitou o espaço de ocupação feminino e masculino. Assim, as mulheres eram identificadas pelos perfis da sua fragilidade intelectual, física, sensibilidade emocional, uma natureza fecunda e passiva, sendo preparadas para perpetuação da civilização através da procriação e da criação dos filhos. Enquanto o homem era representado como indivíduo forte que através da sua inteligência e agressividade, deveria exercer a função de provedor, marido fiel, atencioso com os filhos, trabalhador, para assim produzir a civilização.

O hino 465 visava a educação das mulheres para que cumprissem a sua missão de cuidar da família com o coração cheio de amor pelos esposos e filhos. Primeiramente, essa educação do cuidado consistia em uma “guerra santa” contra as trevas que dominam na sociedade e tinham o dever de cultivar uma vida de “luz” com muita diligência. Legítima a imagem da mulher como “fraca” e “frágil” na família, mas que se tornam vitoriosas ao cumprir o seu dever com amor e fé. Tal educar no cuidado refere-se à necessidade de estar firme na esperança, fé, graça e amor do Jesus Crucificado. Assim, convocava as mulheres a viver em unidade para o cumprimento do seu dever divino de ser uma “boa” filha, esposa e mãe como destaque abaixo:

Vamos todas, vamos todas,

Sempre unidas para o bem,

deus fará de cada uma,

Boa filha, esposa e mãe.

2. Somos fracas, bem sabemos,

Mas havemos de vencer,

Se tivermos confiança

E amarmos o dever.

(ROCHA, 1924: p.509)

O hino 464 buscou a educação dos filhos nas famílias para que como cidadãos saudáveis vivessem o dever de espalhar a civilização protestante por meio da pregação salvacionista no país. Os jovens convertidos tinham o dever de lutar sem medo para que o reino divino fosse vitorioso no mundo cheio de maldade e avançassem no caminho da luz. O dever de lutar em defesa do Jesus Crucificado com total dedicação, porque só há esse caminho para a salvação de todos. Conclui que os jovens serão vitoriosos nessa batalha contra o mal com um coração confiante e unido na esperança da cidade celestial, pois somente o Jesus Crucificado tem o poder de fortalecer cada um dos convertidos como destacado a seguir:

Por Jesus, com zelo santo

Vinde, oh jovens, combater;

O pendão do Evangelho

Defendei até morrer!

3 Eia! avante! oh mocidade!

Confiando no Senhor;

Onde ha fé ninguém vacilla;

Haja vida, luz, vigor!

Eia! avante! camaradas!

Sempre unidos na esperança,

Sempre unidos a avançar!

(ROCHA, 1924: p.509)

O hino 591 trata sobre o dever dos jovens convertidos em serem “trabalhadores fiéis” que dedicam a vida pela transformação do país pela expansão da pregação protestante. Primeiramente, os jovens foram educados a trabalhar pela cidade celestial com amor, ânimo e constância pelo Jesus Crucificado, se tornando a cada dia em uma “brilhante luz” em um mundo dominado pelas “trevas da ignorância”. Apresenta o dever dos jovens em ensinar aos pecadores “cegos” e “perdidos” que o Crucificado lhes concede salvação. Para cumprir o dever é necessário ser fortalecido pelo espírito divino e compartilhar a salvação no Jesus Crucificado

ao alcançar os pecadores por meio da emoção expressa nas músicas da Coleção. Finaliza que essa dedicação como trabalhador fiel tem uma recompensa eterna oferecida pelo Crucificado, uma vida com paz sem fim na cidade celestial (ROCHA, 1924, p.683).

Portanto, a segunda dimensão para a implantação da civilização protestante consistiu na educação das famílias por meio da música para que os seus membros seguissem o caminho da salvação. Como cidadãos saudáveis que obedeciam aos preceitos divinos estabelecidos na Bíblia e compartilhados pela morte de Jesus. Tal dimensão de promoção de um fazer pedagógico protestante pode ser compreendida de acordo com Cardoso (2005a: p.70-93) no “método divino da substituição” que consistia em promover a conversão, o arrependimento de pecados e a salvação individual do pecador. Com base na ideia de que a morte substitutiva de Jesus na cruz foi para conceder a salvação ao mundo em pecado: primeiramente, a alma do pecador é despertada, em seguida o pecador se dirige ao Salvador e como um cidadão saudável que busca uma vida santa.

3.3. A educação nas escolas: cidadãos inteligentes

A terceira dimensão na Coleção Salmos e Hinos refere-se à implantação da civilização protestante no processo de educação nas escolas de dois tipos: as escolas diárias e as bíblicas. As primeiras foram criadas pelas igrejas congregacionais para promover a alfabetização das crianças e jovens. As segundas tinham o objetivo de promover a instrução bíblica dos fiéis (crianças, jovens e adultos) nas igrejas. Nessas músicas para o uso nas escolas buscavam implantar a civilização para formação de cidadãos inteligentes que trilhavam o caminho da salvação individual na sua ânsia pela cidadania celestial que resultava na transformação do país.

O processo de educação nas escolas diárias por meio da música era composto por três passos: o primeiro para uso no começo dos estudos, o segundo para durante os estudos e o terceiro para o fim dos estudos. O primeiro passo era formado por quatro músicas para o uso no começo dos estudos: a) Hino 189 - Aqui outra vez com prazer; b) Hino 188 - Nesta sala dos estudos; c) Hino 108 - Ouve, oh Jesus querido; d) Hino 301 - Tu, cujo amor em cânticos.

O hino 189 composto por Sarah Kalley ensina sobre a importância do prazer para os alunos na sua rotina de estudos na escola sob a direção divina. Primeiramente, os alunos com

prazer se reúnem para receber a instrução dada por Deus e pedem para que a aula seja proveitosa. Assim, ressalta que o conhecimento adquirido na escola é resultado da atuação divina na vida dos alunos que o buscam com humilde e louvor. Em seguida, os alunos agradecem a Jesus pela vida, a saúde e a vitalidade, três elementos fundamentais para a busca da instrução e do conhecimento. Por fim, devem reconhecer a sua necessidade do conhecimento científico, que será adquirido sob a direção divina.

1 Aqui outra vez com prazer nos juntamos,
Onde Deus nos outorga constante instrução;
Louvores cantamos, e humildes rogamos
Que tiremos proveito da nossa lição.

2 A Ti, oh Jesus, muitas graças rendemos,
pois deste-nos vida, e saúde, e vigor;
Concede a ciência da qual carecemos,
Dirigindo os estudos, divino Senhor!
(ROCHA, 1924: p.218).

O hino 188 composto por Sarah Kalley ensina sobre os deveres dos alunos na sala de aula e a presença vigilante de Jesus para que não sigam práticas desviantes na sua rotina de estudos. Primeiramente, sob o olhar inquiridor de Jesus os alunos devem evitar comportamentos “rudes”, a preguiça, o descuido, a inquietude e a mentira. Em seguida, destaca o dever dos alunos, que estão longe dos seus pais, de ter um “bom” comportamento na escola, na rua e nos relacionamentos com os colegas, porque Jesus enxerga minuciosamente cada um dos seus passos. Também prescrevia que os alunos ao pecarem deviam buscar auxílio em Jesus como salvador que lhes contempla com um olhar vigilante e amoroso, para receber perdão e evitar os comportamentos desviantes.

1 N’esta sala de estudos,
Vê-nos Jesus!
Evitemos modos rudes,
Vê-nos Jesus!
E se formos preguiçosos,

Inquietos, descuidosos,
Rabugentos, mentirosos,
Vê-nos Jesus!

2 Quando longe dos parentes,
Vê-nos Jesus!
Dos queridos pais ausentes,
Vê-nos Jesus!
Nossos passos observando,
Quando pela rua andando,
Uns com outros conversando,
Vê-nos Jesus!

3 Quando para o mal tentados,
Vê-nos Jesus!
Se cairmos nos pecados,
Vê-nos Jesus!
Elle nunca está distante,
Mas com coração amante,
Nos contempla, vigilante,
Vê-nos Jesus!
(ROCHA, 1924: p.217).

O hino 108 composto por Sarah Kalley ensina sobre o dever dos alunos de serem disciplinados na sala de aula. No primeiro pedido os alunos buscam o auxílio de Jesus para que a hora da aula fosse bem-sucedida. No segundo expressam o desejo de aprender com Jesus o dever da diligência na hora dos estudos ao permanecer cada um no seu lugar na sala. No terceiro refere-se ao dever do bom comportamento ao ouvir o professor com cuidado, mansidão e docilidade. No quarto trata do dever de amar aos colegas e ter um coração obediente a Jesus como salvador.

2 No tempo dos estudos
Ensina-nos a estar
Com grande diligência

Cada um no seu lugar.

3 Faze-nos cuidados
Cheios de mansidão,
Ouvindo nosso mestre
Com docil atenção
(ROCHA, 1924: p.135).

O hino 301 ensina sobre a necessidade de seguir o caminho da salvação para viver na “ilustração”, tendo Jesus como salvador que liberta a cada dia da “ignorância”. Em primeiro lugar, trata que o céu, a terra, o mar e os espíritos celebram a Jesus como “senhor”. Em segundo lugar, refere-se aos alunos como “pobres filhos” que são consolados por Deus e pedem para que sejam transformados pelo poder divino. Em terceiro lugar, o pedido é para que qualquer “sombra” em suas vidas seja retirada pela “luz” divina. Em quarto lugar, pedem para que as “trevas da ignorância” não os impeçam de viver o amor “santo” como cidadãos “ilustrados” e “melhores”.

3 “A Luz”, disseste, “faça-se”,
E a noite em luz se fez;
Dissipe igual prodigio
A sombra em que nos vês!

4 Nas trevas da ignorancia
Não medra o santo amor:
Ilustra-nos! melhora-nos,
Bondoso Salvador!
(ROCHA, 1924: p.353).

O segundo passo era formado por três músicas para uso durante os estudos: a) Hino 191 - Alerta, meninos; b) Hino 104 - Amigo dos meninos; c) Hino 551 - No céu eu vejo esplendente. Para preparar a mente e o coração dos alunos na sua rotina de estudos com o fim de que crescessem no conhecimento da ciência e da salvação.

O hino 191 composto por Sarah Kalley ensina aos alunos sobre o dever da diligência durante os estudos para que colher os bons frutos como a felicidade dos pais e professores. Primeiramente, os alunos devem abandonar a preguiça, a vadiagem e a fraqueza, para estudar com a sua alma e coração. Ressalta que os preguiçosos sofrem muito no futuro.

1 Alerta, meninos! tenhamos viveza,
Fora com a moleza! fora a vadiação!
Pois tudo é custoso para o preguiçoso,
Que a nada se dá com alma e coração!
(ROCHA, 1924: p.218).

Em seguida, os alunos devem olhar para o futuro que retribuirão ao amor dos pais de lhes oferecer a oportunidade de estudar. Por isso, que no presente estudam com diligência para trazer felicidade aos pais e ao professor. Assim, destaca o dever de manter o contentamento e a alegria no retorno para casa. Com também o de estudar com “zelo” e brincar com “prazer”, para que a sua rotina de estudos fosse proveitosa.

2 Em breve esperamos, aos pais ajudando
Pagar-lhes um pouco do seu muito amor;
Agora estudamos, e assim agradamos
Os caros parentes e o bom professor.

3 No fim dos estudos, contentes e alegres,
Para casa voltamos, para isto é mister;
Com zelo estudando, com gosto brincando,
Acharemos em tudo proveito e prazer
(ROCHA, 1924: p.218).

O hino 104 composto por Sarah Kalley ensina sobre a importância de os alunos receberem a instrução de Jesus como “amigo e salvador” para que fossem cidadãos “bons” e “santos”. Primeiramente, apresenta a Jesus como “amigo” que acompanha os alunos a todo tempo. Em seguida, Jesus como “bom pastor” que guia os alunos com compaixão e lhes

concede um coração reto. Por último, os alunos expressam o seu desejo de aprender a amar aos mandamentos divinos, de receber o perdão e viver sem pecado. Porque o propósito mais importante da escola é ser educado pelo próprio Deus através dos professores.

1 Amigo dos meninos!
Benigno Salvador!
Comnosco sê presente,
Oh meigo e bom Pastor!
Guia Teus cordeirinhos
Com branda compaixão:
Dá-nos a excelsa graça
De um recto coração.

2 Teus santos mandamentos
Ensina-nos a amar;
E tudo que Te offenda
De nós longe a lançar.
Em todos os estudos
Que temos hoje aqui,
Sejamos instruídos
Oh grande Deus, por Ti!
(ROCHA, 1924: p. 131).

O hino 551 ensina sobre o dever dos alunos em manifestar a “luz” divina por Jesus em todos os lugares e momentos da vida. Primeiramente, o dever de uma vida iluminada no mundo por causa de Jesus. Em seguida, o dever de exaltar o nome de Jesus na escola, no estudar, na casa e no lazer. Ressalta como vontade divina que os alunos fossem “bonzinhos” com alegria e contentamento para todas as pessoas. Também com o dever de resistir ao “feio” e “triste” pecado sob a direção do poder divino, para assim habitar na cidade celestial.

2 Em tudo quero exalta-lo
Na escola e no estudar;
Também não quero olvida-lo

Em casa e no brincar.

3 Bomzinho, p'ra toda a gente,
Assim me quer Jesus;
Alegre, rosto contente,
Brilhando como a luz.

4 Do feio e triste peccado
Jesus! vem-me guardar;
E por Ti sempre amparado,
Eu quero, sim, andar
(ROCHA, 1924: p.604).

O terceiro passo era formado por uma música para uso no fim dos estudos: o hino 190 - Conclusa a lição composto por Sarah Kalley ensina sobre o dever dos alunos após as aulas. Em primeiro lugar, o pedido para que Deus conduza os seus passos por meio do seu ensino e temor. Em segundo lugar, o dever de serem governados por Deus no uso da boca, para que evitem palavras dolosas, impuras e rancorosas. Em terceiro lugar, o dever de serem dominados por Deus em seus corações, para que os seus relacionamentos fossem com respeito, modéstia e amor. Em quarto lugar, o pedido para que Deus os livrasse das “más” companhias e os lembrassem para o cumprimento do dever. Em quinto lugar, o dever de retornarem com alegria para a escola na busca da virtude e do saber.

2 Os labios governa; que nunca fallemos
Palavras de dólo, impureza, ou rancor;
Os corações rege; que a todos tratemos
Com vero respeito, modestia e amor.

3 Dos laços nos livra da má companhia;
Oh! lembra-nos sempre do nosso dever!
E amanhã tornemos com grande alegria,
Anceiando progresso em virtude e saber
(ROCHA, 1924: p.2018).

O processo de educação nas escolas bíblicas por meio da música era composto por dois passos: o primeiro para uso no começo dos estudos e o segundo para o fim dos estudos. O primeiro passo era formado por seis músicas para o uso no começo dos estudos: a) Hino 175 - Abrimos teu livro, Senhor; b) Hino 302 - Chegai-vos ao Senhor; c) Hino 541 - Enquanto, oh Salvador; d) Hino 543 - Eu quero ser um anjo; e) Hino 120 - Fonte da celeste vida; f) Hino 102 - Teu santo livro, excelso Deus.

O hino 175 composto por Sarah Kalley ensina sobre a importância da Bíblia na formação de cidadãos inteligentes que seguem fielmente o caminho da salvação. Primeiramente, o estudo da Bíblia tinha o objetivo de receber “divina instrução” para uma cidadania marcada pela fé, a esperança e o amor. Em seguida, ressalta a direção do espírito divino ao compartilhar ciência e luz, ao adquirir o ensino fundamental do caminho da salvação estabelecido por Jesus.

Abrimos Teu livro, Senhor,
Pedindo divina instrução;
Com fé, esperança, e amor
Tomemos Tua rica lição.

Espírito Santo, eternal!
Diffunde sciencia e luz;
Oh! dá-nos ensino vital
Da graça de nosso Jesus
(ROCHA, 1924: p.205).

O hino 302 trata sobre Jesus como “salvador” que concede entendimento aos fiéis que viviam na ignorância sobre o caminho da salvação. Em primeiro lugar, o dever da busca por Deus com coração “puro” e ouvir a “voz da salvação”. Em segundo lugar, o dever em ouvir a voz divina com humildade na “santa lei” presente na Bíblia e obedecer aos seus mandamentos. Em terceiro lugar, o dever em buscar o entendimento, vencer a ignorância e aprender com Jesus. Em quarto lugar, ressalta que Jesus venceu o poder das trevas por meio da sua morte na cruz e manifestou a “verdadeira luz” para que todos cheguem na cidade celestial.

3 Entendimento dá
A quem com fé pedir;
Ao ignorante ensinará,
Que ao Salvador seguir.

4 As trevas dissipou:
Jesus rasgou o véu:
Derrama a verdadeira luz!
Por ella vinde ao céu
(ROCHA, 1924: p.354).

O hino 541 trata sobre o estudo da Bíblia como “livro divino” e “palavra divina” que oferece satisfação para a necessidade moral e espiritual dos alunos em sua natureza pecaminosa. Primeiramente, os alunos na leitura da Bíblia sob a iluminação pedem para enxergar Jesus como “salvador” e “redentor” além das letras: “Enquanto, oh Salvador, teu livro ler; Meus olhos vem abrir, te quero ver; Da mera letra além, a ti, Senhor, eu busco a ti, Jesus, meu Redentor”. Em seguida, apresenta Jesus como o “pão espiritual” que oferece alimento espiritual e moral aos alunos ao lhes conduzir no caminho da salvação: “Á beira mar, Jesus, partiste o pão, satisfazendo ali a multidão; Da vida o Pão és Tu; vem, pois, assim; Satisfazer, Senhor, a mim! a mim! (ROCHA, 1924: p.591).

O hino 543 ensina sobre o dever dos alunos de viver em obediência aos mandamentos divinos através dos seus estudos na escola bíblica. Em primeiro lugar, apresenta a imagem do aluno como um “anjo do bom Deus” que busca imitar os anjos dos céus, sendo necessário o estudo com prazer das “regras santas” na escola. Em segundo lugar, ressalta o papel da escola para anunciar ao mundo a “santa luz” e conduzir as crianças à obediência no caminho de Jesus. Em terceiro lugar, afirma que o objetivo da escola era transformar os alunos em anjos neste mundo que servem a Deus até a eternidade.

1 Eu quero ser um anjo,
Um anjo do bom Deus,
E imitar na terra
Os anjos lá dos céus.
Por isso as regras santas

Da lei celestial
É com prazer que estudo
Na aula dominical.

2 Bendita seja a Escola
Que espalha a santa luz,
Que guia as creancinhas
Nos passos de Jesus.
Que todos os meninos,
Que são alumnos seus,
No mundo sejam anjos
Que sirvam sempre a Deus
(ROCHA, 1924: p.593).

O hino 120 composto por Sarah Kalley trata sobre o processo de transformação na vida dos alunos ao estudar a Bíblia na escola. Primeiramente, apresenta a Bíblia como “fonte da celeste vida” porque ensina sobre o poder divino que consola os cansados, vivifica os mortos e concede a vida eterna. Em segundo lugar, no estudo da Bíblia os alunos encontram a “luz divina” que lhes afastam do engano e do erro por meio da transformação na mente e alma.

1 Fonte da celeste vida,
Vem, descobre o Teu poder!
Vivifica os sem-alentos,
Faze os mortos renascer;
Vida eterna, a todos conceder.

2. Abre-nos Teu santo Livro,
Resplandece, oh Luz dos céus!
Afugenta todo o engano,
E dos erros livra os Teus;
Allumia
Nossas almas, grande Deus!
(ROCHA, 1924: p.146).

Em terceiro lugar, na leitura da Bíblia os alunos aprendem com prazer, fortalecem a comunhão com o divino e louvam a Deus. Em quarto lugar, no estudo da Bíblia aprendem os ensinamentos de Jesus sobre o caminho da salvação. Em quinto lugar, destaca os resultados na vida dos alunos por causa desta instrução: cidadãos alegres, iluminados e vivificados pela presença divina.

3 Na leitura d'esta Bíblia
Dá-nos gozo no Senhor;
Tendo pelo Teu ensino
Communhão em santo amor,
Exultemos
Entôando o Teu louvor!

4 Pelo estudo da Palavra
Aprendamos de Jesus;
Oh! concede os bellos fructos
Que Tua instrucção produz!
E colhamos
Alegria, e vida, e luz!
(ROCHA, 1924: p.146).

O hino 102 composto por Sarah Kalley trata sobre o estudo da Bíblia como “livro santo” para vencer a ignorância e se tornar um cidadão inteligente que segue o caminho da salvação. Primeiramente, o dever de estudar o "livro santo" com humildade ao reconhecer a sua fragilidade humana, para que fosse educado pelo próprio Deus, sendo um processo de “educação divina”. Em seguida, ressalta que o propósito desta educação era receber a iluminação divina para enfrentar a “ignorância” e enxergar a glória da “sabedoria” em Jesus. Finaliza, com o pedido para que o espírito divino escute as suas orações, abra os seus corações “escuros” por causa do pecado e sejam transformados pelo “ensino celeste”.

1 Teu santo livro, Excelso Deus,
Com fracas mãos tomamos;
Educação dos altos céus

Humildes imploramos.

2 O brilho da celeste luz
Vença nossa ignorância!
Vermos a glória de Jesus
Pedimos com instancia.

3 Acode ás nossas orações,
Espírito Divino;
Abre os escuros corações
Ao teu celeste ensino!
(ROCHA, 1924: p.128).

O segundo passo era formado por uma música para uso no fim dos estudos: o hino 121 - Findo o tempo de estudos composto por Sarah Kalley trata sobre a continuidade do processo educativo após o horário da aula na escola bíblica no cotidiano dos alunos. Primeiramente, apresenta Deus como o “grande instrutor”, o dever dos alunos de lhes oferecer louvor e pedir por bênçãos divinas. Em segundo lugar, apresenta Deus como “santo mestre” e “bondoso” que oferece perdão, o dever dos alunos em confessar o seu pecado durante a aula da falta de disciplina que resultou em poucos resultados na aprendizagem.

1 Findo o tempo dos estudos
Eis-nos, grande Instruidor!
Levantamos nossas vozes
Tributando-Te louvor;
E pedimos
Bençãos de celeste amor.

2 Confessamos, santo Mestre,
Muita falta de attenção;
Ah! colhemos poucos fructos
D´estas horas de lição;
Deus bondoso,
Dá-nos Teu real perdão

(ROCHA, 1924: p.147).

Em terceiro lugar, ressalta que Deus manifesta o seu poder os acompanhando em casa, concedendo conhecimento por meio da Bíblia para que tenham uma vida “santa”. Em quarto lugar, o pedido a Deus para que lhes concedesse crescimento na “ciência” e “vigor”, ao registrar na memória os seus ensinamentos e ensino valioso.

3 Vem conosco! em nossas casas

Manifesta o Teu poder;

E do Teu divino Livro

Dá-nos o íntimo saber;

Santamente

Faze-nos sempre viver.

4 Vem! outorga crescimento

Na ciência e no vigor;

Vem! imprime na memória

As doutrinas do Senhor;

Teu ensino

É de divinal valor

(ROCHA, 1924: p.147).

A implantação da civilização protestante no Brasil refere-se ao processo de educação por meio da música dedicadas à formação de uma nação desenvolvida, com imagens diversas nos seis hinos que buscavam promover a salvação individual em todos os grupos sociais do país. O propósito era que os fiéis orassem pela nação nas ações das igrejas em seus cultos domésticos, cultos públicos, escolas diárias e bíblicas. Os seis hinos são os seguintes: a) Hino 200 - Divino Salvador; b) Hino 510 - Do Minho ao Guadiana; c) Hino 511 - Do Vasto Mato Grosso; d) Hino 266 - Por nossa Pátria oramos; e) Hino 374 - Se aqui, Senhor, bem poucos; f) Hino 550 - Bendita seja a Estrela.

O hino 200 composto por Sarah Kalley trata sobre a formação de uma nação justa sob o poder soberano de Deus revelado por Jesus como “rei” e “salvador”. Em primeiro lugar, o pedido para que Jesus como “salvador” concedesse ao país a paz interna, um governo bom e

capaz para conduzir o seu povo a uma “sorte feliz”. Em seguida, o pedido a Jesus como “rei dos reis” para dirigir o destino da nação, ensinar para que o governo seja conforme a vontade divina com “justas leis”.

1 Divino Salvador!
Contempla com favor
Nosso Paiz!
Dá-nos interna paz,
Governo bom, capaz,
Dita que satisfaz,
Sorte feliz.

2 Olhamos para Ti:
Oh! vem reger aqui
Tu, Rei dos reis!
Dirige o patrio Lar;
Ensina a governar,
Conforme o Teu mandar
Por justas leis
(ROCHA, 1924: p.227).

Em terceiro lugar, ressalta que Deus promove o bem para todos os grupos sociais no país, aos pobres concede o alimento e aos ricos ensina a viver em “mútuo amor” na sociedade. Em quarto lugar, o pedido para que Deus guie o “chefe da nação” com o seu amor e seja um servo obediente que segue o caminho da salvação para habitar na cidade celestial. Em quinto lugar, apresenta Deus como “defensor” que protege dos distúrbios e conflitos sociais: o crime, a rebelião, a guerra e o terror. Finaliza, que Deus possui o “poder supremo” ao manifestar a sua luz para promover a salvação no país.

4 A cara Pátria tem
Sustento e todo bem
De Ti, Senhor!
Aos pobres dá comer;

Aos ricos faz saber
Como convem viver
Em mutuo amor.

5 De crime e rebelião,
Concede a protecção
Que é divinal.
Ampara-nos, Senhor!
De guerras, de terror,
Sê nosso Defensor:
Desvia o mal
(ROCHA, 1924: p.227).

Os hinos 510 e 511 tratam do dever em promover a salvação da nação ao abandonar a idolatria e o pecado, especialmente dedicado a Portugal e ao Brasil. Primeiramente, os fiéis devem se dedicar pela proclamação do "evangelho santo" recebido como legado por Jesus e levar a luz pela pátria. Em seguida, trata que o caminho da salvação tem sido proclamado em todas as partes do mundo e que muitas pessoas seguem o caminho em obediência a Jesus. Finaliza, que os fiéis devem continuar o seu trabalho de promoção da salvação na nação, porque muitos vivem na idolatria e no pecado.

2 Do sul ao Amazonas,
Do oeste até ao mar,
Já corre a doce nova
Do amor que não tem par.
Já muitos foram salvos
Da morte e perdição,
Já crêem em Jesus Christo
E têm a salvação.

3 Mas `inda muitos, muitos
`Stão longe de christãos,
Adoram deuses feitos
Por suas próprias mãos.

De tão fatal peccado,
Da idolatria vil,
Unidos no Evangelho,
Salvemos o Brazil!
(ROCHA, 1924: p.555-556).

O hino 266 composto por Rocha trata sobre a promoção da salvação no Brasil em todos os aspectos do país como: a economia, política, religião e sociedade. O primeiro pedido para que o poder divino abençoe as atividades do campo, da cidade e conduza a honra do povo. O segundo para livrar da desgraça, fome, peste, rebelião e deslealdade. O terceiro para conceder a graça divina e ensinar a autoridade política maior do país como conduzir um governo bom e imparcial.

1 Por nossa Pátria oramos
A Ti, supremo Deus!
Por nosso Lar clamamos
A Ti, oh Rei dos céus!
Bendize a vida pastoril;
Governa o brio senhoril;
Tempera a lida mercantil;
Deus Salve a Pátria!

2 Da Pátria, que nos deste,
Desvie Tua mão
Desgraças, fome e peste,
Perfídia, e sedição:
Ensina ao Chefe nacional
O bom governo imparcial,
E dá-lhe a graça divinal;
Deus salve a Pátria!
(ROCHA, 1924: p.310).

O quarto pedido para que a nação seja dominada pela prudência e o entendimento. O quinto por uma nação feliz marcada pela pureza e crescimento, que ultrapasse as perturbações e as irritações do cotidiano. O sexto para que o poder divino promova o espírito patriótico fiel, corajoso e permanente. O sétimo pela fé cristã baseada em doutrinas puras e desvinculada de “ideias vãs”, para que o país seja abençoado. O último pedido é pelo fortalecimento da igreja com zelo para o cumprimento da sua missão em proclamar o caminho da salvação e difusão da Bíblia no país.

4 Inspira o patriotismo

Constante, fiel e audaz!

Promove o christianismo

Do Príncipe da Paz!

Desprende-nos de ideias vãs,

Derrama bênçãos temporãs,

Matura em nós doutrinas sãs:

Deus salve a Pátria!

5 A Tua Igreja inflamma

Com zelo e terno amor,

E seja o Teu programma

Cumprindo com vigor:

Entãos os salvos de Jesus

Não se envergonharão da cruz,

Diffundirão da Bíblia a Luz

Por toda a Pátria!

(ROCHA, 1924: p.311).

O hino 374 trata sobre o dever dos fiéis de produzir o desenvolvimento do país com a manifestação do poder divino ao salvar o povo da ignorância e do pecado. O primeiro pedido para que a igreja composta por uma minoria religiosa que abandonou os prazeres mundanos e escolheu o amor divino, cumpra a sua missão de proclamar a salvação para a transformação do país. O segundo para Jesus como a “verdade” trazer inspiração, destruir a mentira e a idolatria, sendo o país transformado com o caminho da salvação.

1 Se aqui, Senhor, bem poucos
Te veem cantar louvor,
E aos prazeres loucos
Preferem teu amor;
O que impossível seja,
Pra ti, Senhor, não ha;
Transforma em tua igreja
Este paiz, Jehovah!

2 Jesus, ao povo inspira,
Tu, que és verdade e luz:
Quebranta-lhe a mentira,
Das trevas o conduz!
Da cega idolatria,
Oh! salva-o, meu Senhor:
Transforma em claro dia
Esta noite de horror!
(ROCHA, 1924: p.426).

O terceiro refere-se ao pedido de perdão por uma humanidade pecaminosa e perdida, ressalta que a transformação do país está fundamentada no caminho da salvação que apresenta Jesus como “cordeiro” que carregou sobre si os pecados da humanidade por meio da sua morte na cruz. O quarto pedido apresenta Jesus como “salvador” que salva os pecadores do inferno e torna a nação feliz por meio da difusão do discurso salvacionista.

3 Tu, que tens por assento
Dos pés o mundo inteiro,
Vês outro fundamento
Em teu lugar, Cordeiro;
Cordeiro, a quem a ira
Da lei levou á cruz,
A um povo que conspira,
Perdão! perdão, Jesus!

4 Só tu, Jesus, remiste
Do inferno ao peccador;
Só tu ao céu subiste,
Pra ser Intercessor!
Espírito Divino,
Transforma e faz feliz,
Derrama o teu ensino
Por todo este paiz
(ROCHA, 1924: p.426).

O hino 550 trata sobre a promoção da paz no país com base no caminho da salvação na formação de cidadãos da cidade celestial. Primeiramente, Jesus como “estrela” conduz os pecadores salvos para a “pátria celestial”. Em seguida, o pedido para que a paz reine em toda a terra, ressalta o dever dos fiéis como “filhos de Deus” de viver em união e amor para a promoção da paz: “Bendita seja a estrela que nos conduz à pátria sempre bella do bom Jesus! Que a paz por toda a terra venha a reina! Feroz, só quer a Guerra irmãos matar!” (ROCHA, 1924: p.603).

Portanto, a terceira dimensão na implantação da civilização protestante no Brasil por meio da música era nas escolas diárias e bíblicas para formação de cidadãos inteligentes que seguiam o caminho da salvação com o cultivo do intelecto e da alma, por meio do estudo da Bíblia, a prática da oração e a obediência aos princípios da religião no cotidiano. Com base em Sarat (2015: p.19-33) esse processo educativo das escolas na Coleção Salmos e Hinos pode ser compreendido em suas relações com o movimento de constituição do processo civilizador no Brasil do século XIX e começo do século XX que legitimou a formação do estado nacional, as transformações do sistema produtivo e a formulação de novas regulações familiares. Com a imagem criada da “mulher civilizada” que cuidava da casa na execução das atividades domésticas e a valorização do cuidado dócil das crianças. Destaca-se que a Coleção está inserida nesse processo de civilidade dos modelos e comportamentos, com a criação de novos espaços de sociabilidade e aprendizagem extrafamiliar, tendo a escola a função de promover a suavizar as maneiras, refinar as emoções e conter a violência. Assim, o ideário da família extensa que buscava a sua reprodução com a integração na vida coletiva e os modelos de

trabalho familiar foi se transformando com a formulação da família denominada nuclear, que delegou uma parte de seu poder e responsabilidade para a escola como instituição educadora.

Com base em Schueler (1999: p.1-28) a produção de Rocha na Coleção pode ser apreendida como uma escrita que dialoga com o paradigma da civilização e do progresso sob o referencial europeu e norte-americano que circulava no Brasil até a primeira metade do século XX, que no seu conjunto de imagens buscou educar os fiéis pela música para higienizar e sanear para modernizar as cidades brasileiras. Um paradigma que pensou a educação das crianças como um valor, necessidade e direito. Por meio de uma instrução primária que valorizava a educação moral e religiosa das crianças, com um ideário paternalista de proteção, assistência, educação e instrução das crianças. Uma sociedade que estava em transformação desde o fim do trabalho escravo e um Estado governado por uma elite que privilegiava o controle social das desordens e da criminalidade das camadas populares. Tal elite concebia uma política educativa que visava a educação dessas camadas para a formação de cidadãos disciplinados e úteis à nação. Sendo necessária uma sólida formação moral, religiosa e preparação profissional que interligava a instrução elementar, ensino de artes e oficinas industriais.

O Estado interferiu na organização familiar da população pobre para instruir e educar. O educar consistia em inculcar normas de comportamento, hábitos e determinados valores culturais, em contraposição da cultura e dos valores das próprias camadas populares. Com a proposta de uma escola primária para a criança pobre que promovesse uma instrução primária, instrução profissional, a educação moral, a educação religiosa, o respeito às hierarquias da sociedade em que viviam e a formação da nacionalidade. Assim sendo, na Coleção Salmos e Hinos é possível detectar o diálogo de Rocha com esse paradigma da educação para a civilidade, que legitimava como dever da família contribuir no processo da educação moral e religiosa das crianças, por meio da transmissão dos princípios religiosos e da moralidade. Na Coleção há esse ideário que legitimava o interesse do Estado de construir uma nação moderna por meio de um movimento contraditório que legitimava a preservação das hierarquias, distinções sociais e desigualdades sociais. Como também a transformação do país de forma lenta e gradual pela expansão da educação protestante com a formação de uma cidadania celestial regulada pelos valores da religião.

4 – A Educação Protestante no Brasil do Século XIX na Coleção Lembranças do Passado: a educação pela história

O objetivo do capítulo consiste em analisar as representações da Educação Protestante no Brasil do Século XIX formuladas por Rocha na Coleção Lembranças do Passado que buscou promover a educação pela história. Ele escreveu a Coleção em quatro volumes para educar aos fiéis protestantes na primeira metade do século XX, com uma narrativa histórica do programa civilizatório empreendido pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, que resultou na fundação da Igreja Evangélica Fluminense no final do século XIX. Para análise da Coleção organizada por Rocha com suas imagens diversas sobre a civilização protestante no Brasil do século XIX, tendo o casal Kalley como protagonistas e a participação ativa dos fiéis da Igreja Evangélica Fluminense. O capítulo é composto por três partes: a) as sociedades bíblicas, a realidade brasileira e a intolerância religiosa; b) os livros, a leitura, a centralidade da Bíblia e as escolas; c) o casamento e a educação da família.

O fazer historiográfico de Rocha na Coleção Lembranças do Passado pode ser concebida com base em Certeau (1983: p.31-39) como uma escrita da história marcada pela singularidade, pluralidade de procedimentos sociais, teóricos e a ilusão de construir uma sistematização globalizante sobre o protestantismo. Na Coleção foram elaborados discursos históricos com a organização do texto como um “discurso fechado” com determinada ordem interpretativa, como também uma leitura dessa história como “mito” que combinou o “pensável” e a busca da origem em torno da educação protestante no Brasil. Assim sendo, a sua escrita se constituiu como uma leitura do passado direcionada por uma leitura do presente sob o uso intenso da documentação, baseado nos modelos de interpretação ligados à sua herança educacional e os grupos de sociabilidade ocupados por ele. Essa leitura do passado e presente de Rocha sobre o Brasil do século XIX foi organizada em função dos problemas experimentados por sua geração na primeira metade do século XX, especialmente a sua necessidade de educar os fiéis pela história de um passado que estava em estado de apagamento e silenciamento.

A escrita da Coleção Lembranças do Passado foi empreendida por Rocha a partir da sua formação educacional herdada dos seus pais adotivos e recriada com criatividade, em diálogo com a tradição dos avivamentos nos séculos XVIII na mentalidade “puritano-avivalista” e “arminiano-avivalista”. As representações partilhadas dessa tradição conforme Velasques Filho (1990: p.82-109) são desdobramentos das transformações ocorridas no protestantismo desde o século XVII, com os grandes movimentos de reavivamentos na Inglaterra e Estados Unidos nos séculos XVIII e XIX, do movimento puritano, pietista e metodista. Na produção de um pensar “puritano-avivalista” e “arminiano-avivalista” com uma ênfase crescente na liberdade e responsabilidade humana. Esse pensamento pode ser lido como resposta ao processo de uma sociedade moderna e liberal em formação, que contribuiu para a formação de comunidades protestantes no século XIX “arminianas”, “puritanas”, “pietistas” e “anticatólicas”.

Um pensamento que contribuiu para a formação de comunidades arminianas que enfatizavam a liberdade humana em aceitar a salvação. Puritanas em seu comportamento, que exigiam o cumprimento de uma disciplina moral marcada pelo negativismo dos costumes e o isolamento total da “mundanidade”: não beber, não fumar, não dançar. Pietistas porque buscavam o contato direto do fiel com Deus, valorizando a experiência pessoal de conversão e santificação. Anticatólicas que enxergavam o catolicismo romano como a “besta do Apocalipse”. Por meio de uma ética pietista que defendia reformas sociais e não projetos de mudança profunda da sociedade, por causa da missão espiritual da Igreja que era salvar almas através da evangelização direta. Contudo, a escrita de Rocha não pode ser reduzida à herança educacional recebida na sua formação como intelectual, porque o seu fazer historiográfico foi marcado pela autonomia na produção da Coleção, fabricação das fontes, escolha dos sujeitos investigados e na chave interpretativa da história.

Rocha (2013a: p.175-177) destaca que a expansão do programa civilizatório protestante do casal Kalley exigiu a necessidade de estabelecer “regras” para regular o sistema de governo da Igreja Evangélica Fluminense. Mas a Igreja não teve uma preocupação em seus primeiros anos em sistematizar esse conjunto de regras. Afirma que essa não preocupação da Igreja resultou em uma escassez de registro sobre os primeiros anos de formação. Para ele essa lacuna foi complementada pelas cartas escritas pelos fiéis da comunidade e preservadas por sorte, sendo uma documentação muito importante na produção da Coleção, mesmo sendo de natureza “efêmera” e durabilidade finita. Assim, no final de 1861 os membros da Igreja Evangélica Fluminense começaram a pensar na importância de produzir a documentação

oficial da comunidade, por meio do registro em livro próprio dos atos principais das sessões mensais da Igreja. Apresenta que desde a primeira sessão em 03 de janeiro de 1862 as atas durante 6 anos foram lavradas pelo secretário, Manuel Gonçalves dos Santos. Nessa primeira sessão foram realizadas as seguintes atividades: oração e louvor na abertura, aprovação de um candidato a membro, a decisão de realizar durante uma semana de oração, oração e louvor no encerramento. Segue abaixo a introdução do livro de atas: “A Igreja Evangélica, que se ajunta na casa nº 52 na rua do Propósito, na Saúde, querendo conservar um relatório do que se faz nos ajuntamentos, resolveu que, para esse fim, se escreve neste umas notas de cada ajuntamento de seus membros”.

Na perspectiva de Rocha (2013a: p.244-245) a sua escrita na Coleção Lembranças do Passado não corresponde a uma “história oficial” da Igreja. Porque não utilizou a documentação oficial da Igreja em demasia, mas apenas nos momentos que necessitou de um maior esclarecimento em determinados acontecimentos. Destacou que essa relação com a documentação oficial foi importante na preservação da verdade histórica em sua escrita. Reconheceu a sua escrita como um sinal de “gratidão” e “amor” ao trabalho realizado pelo casal Kalley na promoção do bem aos brasileiros. Afirmou que a sua escrita não buscou a construção de uma narrativa para a exaltação de Kalley como herói do protestantismo no Brasil. Mas realizar uma educação pela história dos fiéis e diminuir a “ignorância” em relação ao processo de implantação da educação civilizatória protestante no país.

Na sua perspectiva a importância da Coleção consistia em educar os fiéis de forma exemplar, para que aprendessem as lições do passado e praticassem no seu cotidiano. Uma narrativa para promoção da fé, dedicação e do amor a Jesus Crucificado, para de forma fraterna buscarem a expansão da civilização protestante no mundo. Também tratou que o seu fazer historiográfico na Coleção tinha o objetivo de narrar como Robert Kalley trouxe uma influência benéfica e renovadora na sociedade brasileira do século XIX, que era dominado pela ignorância, superstição e impureza do cristianismo católico romano. Destaca que o casal Kalley tinha a convicção de promover a civilização protestante por meio da pregação do “evangelho, a justificação pela fé, a santificação do Espírito Santo, o verdadeiro conhecimento do amor de Deus, a luta pelo exercício da liberdade de consciência e de cultos”. A escrita da Coleção buscou a educação dos fiéis para que continuem a missão de espalhar a civilização protestante no país. Assim sendo, empreendeu uma leitura sobre o Robert Kalley como pastor, médico e pioneiro da evangelização do Brasil e Sarah Kalley como mulher piedosa, consagrada e colaboradora fiel do seu esposo na obra de civilização no Brasil.

Com base em Almeida (2010: p.113-124) não é necessário enquadrar a escrita da história de Rocha no modelo historiográfico de uma escrita tradicional com uma perspectiva triunfalista das instituições religiosas, sem um referencial teórico e metodológico que lhe permitisse explorar os temas e sujeitos da sua Coleção. A sua escrita foi construída pelos seguintes pressupostos: - uma preocupação em ensinar, normatizar e identificar a religiosidade protestante; - um compromisso com a análise histórica; - o entendimento da religião protestante como fundamento da civilização ocidental; - a liberdade religiosa como uma condição para a modernização do Brasil. O seu fazer historiográfico na Coleção tinha o foco de organizar e encadear os temas, sem uma preocupação sofisticada em torno de um conjunto de teorias. Assim sendo, produziu uma escrita da história religiosa do protestantismo dividida por etapas conforme os recortes cronológicos, geográficos, temáticos e biográficos. Sendo possível verificar uma escrita histórica que apresentava perspectivas bíblico-teológicas e doutrinárias sobre o protestantismo.

Os conflitos foram suscitados por meio dos usos feitos pela liderança da Igreja Evangélica Fluminense, os intelectuais do periódico *O Christão* e do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro, que consistiu em um processo de enquadramento da Coleção em uma perspectiva triunfalista dos grandes feitos do casal Kalley no âmbito da formação do protestantismo no Brasil do século XIX. A partir da leitura sobre a Coleção como uma obra virtuosa porque estabeleceu o reviver do passado desconhecido aos fiéis do tempo presente. Uma narrativa desse passado como heroico, por causa do casal Kalley que foi pioneiro da civilização protestante no país. Uma Coleção que educa pela história porque desperta, inspira e incentiva os fiéis a viver a fé protestante com diligência ao cumprir a sua missão de civilizar a nação pela fé. Portanto, o enquadramento da Coleção foi promovido pela liderança com sua leitura da história de uma narrativa exemplar que legitima o casal Kalley como modelo de coragem, diligência, fidelidade, dedicação e sacrifício ao movimento de expansão do protestantismo no mundo.

Nesse processo de enquadramento é visível a participação ativa da Comissão de Redação na Coleção com a emissão de notas explicativas, revisão e a troca intensa de correspondência com os membros da Comissão com o envio dos capítulos de cada volume, composta pelos presbíteros Abílio Augusto Biato, José Luiz Fernandes Braga Júnior e Henrique Jardim. Como também o diálogo com uma historiografia de “tradição eusebiana”¹⁸

¹⁸ A “tradição eusebiana” corresponde a paradigma que se tornou predominante na historiografia que se tornou no cristianismo, a partir do trabalho empreendido por Eusébio de Cesaréia que criou o conceito “história

que limita a Coleção a uma busca pela preservação das instituições por meio da memória, dos feitos das suas autoridades e na preservação da doutrina correta. Sendo construída uma historiografia triunfalista para demonstrar a história gloriosa das instituições, sendo também apologética com o fim de legitimar os interesses das suas autoridades. Por meio de uma historiografia “dinástica”, “triunfalista” e “apologética” que segue a “tradição eusebiana” que predomina na maioria dos estudos sobre o protestantismo. Uma historiografia que busca na preservação da memória das instituições, dos feitos das suas autoridades e na preservação da “reta doutrina”. Sendo uma historiografia triunfalista que descreve a história gloriosa das instituições e apologética quando as mesmas com as suas autoridades religiosas se sentem ameaçadas na legitimação dos seus dogmas (WIRTH, 1994: p.52-55).

Na apresentação do volume um feita por Synesio Lyra, pastor da Igreja Evangélica Fluminense, afirma que o propósito da Coleção consistia em educar os fiéis por meio de uma história. No volume um, buscou narrar o início e desenvolvimento do trabalho protestante conduzido pelo casal Kalley que resultou na fundação da Igreja Evangélica Fluminense, no período de 1855 a 1864. Ressaltou que a preocupação de João Gomes foi transmitir os fatos marcantes desta obra de implantação da civilização protestante no Brasil, tendo o casal Kalley como escolhidos por Deus e servos que cumpriram fielmente o seu chamado divino para transformar o país. Lyra expressou o seu desejo de que a Coleção renovasse o fervor dos fiéis, para que fossem despertados, fortalecidos, inspirados, despertados e no seu tempo seguissem o exemplo deles de dedicar a vida pela promoção da civilização protestante.

Rocha (2017: p.377; 2015: p.315) reafirma os usos que a Comissão fez da Coleção quando declarou que ela consistia em uma “narrativa oficial” da atuação pastoral de Robert Kalley como “servo de Deus” no Brasil, fruto do desejo das autoridades religiosas da Igreja Evangélica Fluminense por uma “história oficial”. A sua preocupação na escrita de uma história que valorizou a memória dos antepassados e heróis, por meio de narrativa dos risos, choros, alegrias, tristezas e as bênçãos no contexto da intolerância religiosa experimentada no país, sendo uma narrativa que exaltou os “verdadeiros brasileiros” da pátria.

Desse modo, Rocha (2013a: p.91, 116-117) não pode ser enquadrado e reduzido a uma historiografia triunfalista conforme os interesses das autoridades na instituição religiosa, especialmente quando destaca que a Coleção não tinha o objetivo de escrever uma biografia e

eclesiástica” que visava reconstruir a história do cristianismo por meio da adoção de uma historiografia dinástica para demonstrar o cristianismo como superior ao paganismo pelo critério da antiguidade e da originalidade. Assim, a história eclesiástica de Eusébio teve a sua origem na apologia do cristianismo (WIRTH, 1994).

nem a descrição de temas diversos sobre os sujeitos que participaram da implantação do protestantismo no Brasil. Afirma que o objetivo principal consistia em descrever o avanço da civilização protestante no país, por meio de uma narrativa que privilegia os fatos-chaves e as contradições humanas nesse processo. Os sujeitos escolhidos nessa narrativa na sua perspectiva participaram ativamente ou passivamente na formação do protestantismo brasileiro. Assim, cada leitor foi convidado a realizar uma leitura atenta, contemplativa e compreensiva do processo descrito na Coleção. Destaca que a sua escrita da história na Coleção foi marcada pelo compromisso com a verdade. Uma escrita caracterizada pela humildade e fidelidade à documentação construída no seu fazer historiográfico. Assim, solicitou aos leitores ajuda quando escreveu algo sem base na realidade e verdade dos fatos. Ao mesmo tempo reconheceu que a sua escrita era incompleta, insuficiente e falha, não sendo possível uma escrita total, globalizante e única. Especialmente, por causa da documentação construída por ele ser marcada pela escassez, fragmentação, o silêncio e a descrição genérica dos sujeitos em suas múltiplas relações no processo histórico.

A escrita de Rocha foi construída em diálogo com uma perspectiva cristã da história com base em Siepierski (1994: p.15-28) ao pensar Deus como o criador da história que a conduz para determinado fim, sendo uma narrativa que apresenta um plano divino e uma concepção providencialista da história humana. Uma concepção formada por três fases: a primeira que se refere à preparação para um grande e insubstituível evento; a segunda com o grande evento da encarnação e que o Jesus eterno se fez homem na história humana como o Jesus Crucificado; a terceira que vai da encarnação até a consumação do plano divino da história, sendo uma história da salvação do mundo. Ao mesmo tempo, Rocha dialoga com determinada perspectiva secularizada da história no mundo moderno que pensou a história com uma teologia racional da providência divina, sendo a história uma realidade universal governada por leis em marcha para a construção da sociedade para o progresso, livre, racional, moral e melhor. Assim sendo, a escrita de Rocha consistiu na produção de uma historiografia que buscou a formação de uma nova ordem na sociedade cujo modelo está no futuro.

Conforme Almeida (2017: p.43-83), os usos que foram feitos pelas autoridades religiosas nas igrejas da escrita de Rocha podem ser compreendidos como um processo para que a narrativa se tornasse apologética para instituir identidades, valores e princípios da fé protestante em oposição ao catolicismo romano, de acordo com os diversos elementos da sua herança educacional puritana e burguesa. Uma narrativa memorialista a partir das suas memórias e seus pais adotivos. Como também uma produção triunfalista que legitima os

discursos oficiais e as mentalidades da confissão religiosa formulada pelo protestantismo congregacional.

É imprescindível atentar no fazer historiográfico de Rocha a escolha dos sujeitos da Coleção que foi marcada pela diversidade, apresentou o casal Kalley como protagonistas desse programa civilizatório que mantinha uma rotina metódica com o cumprimento fiel dos seus deveres. Descreveu a rotina de Robert da seguinte forma: a) escrever cartas sobre temas teológicos, políticos e familiares; b) atendimento médico e distribuição de remédios a grupos mais vulneráveis; c) preparação dos sermões para os cultos dominicais; d) preparação de artigos para publicação nos jornais. Já a rotina de Sarah era marcada pela energia e ativismo por meio das seguintes ações: a) cuidado dos deveres no ambiente doméstico; b) recebimento dos relatórios emitidos pelos vendedores de livros; c) coordenava as classes de música e instrução geral; d) preparação de estudos e sinopses sobre temas que facilitavam os estudos dominicais do seu esposo; e) composição e tradução de hinos para a Coleção dos Salmos e Hinos; f) tradução de livros e folhetos sobre temas do cotidiano na perspectiva da fé protestante; g) fortalecimento da amizade com pessoas do seu convívio social por meio de cartas (ROCHA, 2013: p.5-12, 283-284).

Na escolha em descrever os sujeitos que participaram ativamente dessa empresa missionária no Brasil sob a supervisão do casal Kalley, um dos destaques foram os protestantes imigrantes da Ilha da Madeira para formar a equipe de colportores: Francisco da Gama, Francisco de Souza Jardim e Manuel Fernandes. Outro escolhido na narrativa foi Guilherme D. Pitt, um aluno da professora Sarah na juventude em uma classe bíblica e aceitou o convite do casal Kalley de participar da missão no Brasil. Destaco um outro grupo de sujeitos traçados por Rocha, o dos funcionários contratados pelo casal Kalley como o jardineiro português José Pereira Louro, que participava do culto doméstico na casa do casal e aprendia sobre o Jesus Crucificado.

Outro grupo de sujeitos selecionados por Rocha na Coleção foi o da elite política e religiosa no contexto do Brasil Imperial, com destaque ao contato intenso com D. Pedro II como a visita do imperador no dia 28 de fevereiro de 1860 ao casal Kalley, mas Robert se encontrava doente, não poderia recebê-lo e o objetivo da visita era saber das suas viagens na região da Palestina. Destaco o Sr. Paranhos, ministro dos Negócios Estrangeiros, que Kalley entrou em contato para tratar sobre a intolerância religiosa, os ajuntamentos “ilegais”, a prática do proselitismo e a luta pela liberdade religiosa. Como também o padre Patrício Muniz que por

meio de cartas participou de um diálogo sobre Maria e a religiosidade popular católica, o caminho da salvação e o Jesus Crucificado.

Mais um grupo de sujeitos que caracterizam a diversidade na escolha feita por Rocha foi o dos negros, como a classe de estudos dirigida por Kalley para homens negros com o objetivo de ensinar sobre a salvação por meio das escrituras. A história fragmentária em torno do fiel Felipe Nery, que foi apresentado como escravo e bom caldeireiro, se tornou um escravo fugido e excluído do rol de membros da igreja. Destaco a escolha da escrava Leopoldina que dava bom testemunho do seu amor ao Jesus Crucificado e foi aprovada a sua recepção como membro da igreja. Como também da sua senhora Ana Maria Firmina que tinha 80 anos de idade, Maria Salomé com 60 anos de idade e estavam aprendendo o caminho da salvação. Outra mulher escolhida foi Ellen Roughton (missionária e professora em Portugal) que supervisionava uma escola e os cultos na sua casa, como também atuou ativamente pelo da intolerância religiosa em seu país.

De acordo com Villalta (2017: p.1-33) a escrita da história de Rocha pode ser concebida em diálogo intenso com dois modelos: “a narrativa exemplar” e “a história como processo”. Uma escrita de “narrativa exemplar” que elaborou o relato de “coisas memoráveis” de um determinado tempo e pessoas, tendo como parâmetro as histórias da bíblia. Nesta escrita está contida a perspectiva da história como “mestra da vida”, que tinha uma função pedagógica de repetir os “sucessos” do passado e evitar os “erros” no tempo presente. Uma história que legitimava os “bons exemplos” por meio de personagens que apresentavam “condutas exemplares” a serem imitadas, como evitar os “maus exemplos” dos personagens que ensinavam princípios “agradáveis” e “belos”, mas que resultaram em resultados negativos. Assim, na sua escrita buscou educar os fiéis pela história ao exaltar os exemplos a serem imitados e as situações de perigo que devem ser evitadas, ensinando a pensar o tempo que viviam com os seus desafios e o futuro que almejavam construir juntos pela civilização protestante.

Uma escrita da história como “processo” que se interessava em examinar os fatos por meio de modelos para a construção do futuro. Sendo a sua Coleção um relato do progresso humano no Brasil do século XIX contra a tirania, impostura política e religiosa, tendo o protestantismo como ponto de avanço, desenvolvimento e modernização. Desse modo, a Coleção consistiu em uma escrita moderna da história, que realizou uma análise assentada na identificação de novos nexos causais nos processos históricos e afastada das “mentiras”, por

meio de uma história que desse espaço apenas à “verdade”. Na sua escrita está contida uma ideia do tempo como linear e progressivo, a preocupação em promover uma experiência voltada para o futuro como imprevisível e planejável. Um entendimento de que o aprendizado da história implicava em analisar as conjunturas, com um olhar atento à relação dialética entre o sentido e o agir na história, uma certa relatividade do humano e dos valores junto com uma compreensão da natureza humana como universal. Assim sendo, Rocha na sua escrita seguia esse modelo da história como “processo” construído pelos homens em determinadas circunstâncias, cujo rumos dependiam das ações dos sujeitos em confronto, com os desfechos podendo ser preparados, concretizados ou evitados, conforme as leituras feitas das experiências do passado imediato e do presente. Porém, a sua compreensão da história imbricava o sagrado e o profano, não sendo uma perspectiva da história totalmente laicizada, porque considerava Deus como o “protagonista oculto” e o “senhor dos desfechos” dos processos humanos.

Uma dimensão interessante no fazer historiográfico de Rocha foi o seu processo de escolha, edição e leitura da documentação herdada pelo casal Kalley, que pode ser considerado um trabalho de fabricação dessa documentação em fontes na produção da Coleção, dividida em quatro conjuntos: o primeiro, corresponde ao uso criativo das cartas; o segundo, refere-se a sua leitura dos artigos de jornais; o terceiro, compreende a sua edição livre dos sermões; o quarto, o seu diálogo intenso com uma bibliografia diversa junto com as notas emitidas por Rocha e a Comissão de Redação sobre a história do protestantismo em suas relações com a do Brasil no século XIX.

No primeiro conjunto com o uso criativo das cartas escritas pelo casal Kalley e outros sujeitos que participaram do programa educacional protestante no século XIX. Rocha de forma criativa utiliza as cartas de acordo com sua perspectiva ao selecionar, dividir, silenciar, descrever e comentar sobre os seus temas. A sua preocupação com o uso das cartas foi demonstrar o fazer pedagógico proposto pelo casal Kalley em educar e civilizar os brasileiros conforme a perspectiva protestante do mundo. Destaco que as cartas escolhidas eram marcadas pela diversidade de temas e destinatários, como a carta de 23 de novembro de 1853 do Kalley sobre as sociedades bíblicas e a crítica aos seus métodos de trabalho com a exigência dos relatórios. A citação da carta de Kalley em janeiro de 1856 com o convite a Francisco da Gama, Francisco de Souza Jardim e Manuel Fernandes para atuarem na evangelização do Brasil. Interessante que em 05 de fevereiro de 1860 com uma carta pastoral de Kalley à Igreja Evangélica Fluminense sobre o uso e abuso da língua na vida religiosa, como também a carta de Kalley em 27 de julho de 1862 que para Rocha representa uma síntese do seu programa de

ensino para a Igreja. Uma das cartas destacadas por Rocha foi a de Kalley em 01 de março de 1860 para D. Pedro II sobre a Palestina, em 17 e 24 de novembro de 1864 ao Presidente do Estado do Rio de Janeiro sobre a violência e intolerância religiosa sofrida pelos fiéis nos cultos em Niterói e a de 25 de novembro aos deputados da Assembleia Legislativa Provincial sobre liberdade religiosa. Assim, Rocha utiliza as cartas com criatividade no processo de edição na sua escrita da Coleção como na carta de Kalley em 14 de agosto de 1867 para o General Abreu e Lima que apresento um fragmento a seguir: “É evidente que esta carta-longa demais para ser reproduzida aqui completamente - foi preparada com muito cuidado e submetida à correção prévia do seu amigo, Malafaia”.

É possível pensar o fazer historiográfico de Rocha com base em Certeau (1982: p.40-64) como um conjunto de atos históricos, formuladores de sentidos e uma escrita da história, que estudou, compreendeu e “ressuscitou” o real da sociedade brasileira. A sua capacidade em tornar possível a documentação por meio de um “inventário”, a sua busca em elaborar modelos para a fabricação dos documentos em fontes e a sua compreensão. Ele tornou possível “reviver” ou “ressuscitar” esse passado, com seus relatos diversos em torno dos traços deixados na documentação pelos sujeitos encontrados e ressuscitados, através dos seus relatos diversos na Coleção que nomeia os outros enxergados como mortos. Então, a sua escrita foi construída sobre o recorte entre o passado como objeto de pesquisa, e um presente como espaço do fazer historiográfico, resultando em uma história que encontra o presente no seu objeto e o passado no seu fazer histórico. Ao criar um discurso sobre o passado como o “discurso do morto” por meio dos signos dispersos nos vestígios da documentação. Um discurso que relaciona vida e morte como desdobramento de um relato que ressurgiu e denegou a origem, sendo um desvelamento de um passado morto e resultado de uma prática do tempo presente.

No segundo conjunto com a sua leitura crítica dos artigos produzidos pelo Robert Kalley e por outros sujeitos considerados relevantes para a Coleção, por causa dos temas diversos elaborados e que foram utilizadas como fontes para a descrição e legitimação dos valores que formavam o fazer pedagógico do protestantismo no século XIX com base na perspectiva proposta por Rocha na sua escrita. Nesse processo de fabricação dos artigos publicados nos periódicos em fontes, por meio de uma leitura crítica que elaborou citações breves e longas, recortou fragmentos que lhe interessavam na construção da narrativa e a descrição integral de outros artigos. Esse processo está contido no uso feito por Rocha do artigo “Retrospecto Político do ano Anno de 1855” no Jornal do Comércio, da série de artigos no Jornal do Comércio sobre “Ideias sobre Colonização”, o artigo no Correio Mercantil em 20 de

novembro de 1855 que tratou as epidemias e a disponibilidade de Kalley como médico em atender gratuitamente os pobres. Como também nos escritos produzidos por Kalley sobre a fé protestante em 12 de outubro de 1856 no Jornal do Comércio com o artigo sobre o “terceiro mandamento”, em 08 de dezembro de 1856 e 17 janeiro de 1857 ele escreveu uma crítica a um artigo publicado no Correio Mercantil sobre a mortalidade da alma ao defender a imortalidade da alma. Destaco o uso que Rocha fez dos artigos de Kalley e outros publicados por religiosos católicos sobre o perigo das “bíblias protestantes” como os artigos de 16 de dezembro de 1857, de 06, 17, 24 e 30 de novembro de 1858 em torno da fé protestante. Como também a notícia no Correio Mercantil em 29 de outubro de 1860 sobre a prisão de fiéis da Igreja sob a acusação de “ajuntamentos ilícitos” e o artigo “Está escrito” de Kalley no Correio Mercantil em 11 de novembro de 1860 sobre a intolerância religiosa no novo testamento da Bíblia em suas relações com o tempo presente.

A sua leitura de periódicos católicos como o “Pae de Familia Catholico”, “O Popular” e um artigo no “Jornal da Bahia” em 08 de agosto de 1862 sobre o perigo dos livros contra a religião. Também o debate realizado por Kalley nos jornais em torno da fé protestante e católica romana em artigos como: - em 09 de março de 1864 no Correio Mercantil com o artigo “Que alegará o Protestantismo, esse Corpo envelhecido na presunção e sem vida?; - em 22 de julho de 1864 no Correio Mercantil publicou o artigo “Uma Confissão Importante da Parte dos Jesuítas”, em resposta ao artigo católico “A Santa Bíblia não pode ser a Regra da Nossa Fé”; - em 05 de agosto de 1864 escreveu sobre “Jesuitismo na Corte” e a Bíblia. A preocupação de Rocha em sua escrita em demonstrar nos artigos de Kalley a importância dos livros que foram distribuídos no Brasil Império neste programa educacional protestante como a publicação do livro “A Viagem do Cristão” nos meses de outubro a dezembro de 1856 no Correio Mercantil. Nos dias 27 de novembro, 02 e 10 de dezembro de 1857 no Correio Mercantil foram publicados uma série de artigos sobre o livro “A Divina Autoridade de Novo Testamento” com os seguintes temas: - “Como está delineado o caráter de Deus no Novo Testamento”; - “O caráter de Jesus Cristo”; - “O Testemunho de Rousseau a respeito de Jesus”. Destaca os artigos de Kalley no jornal “Correio Mercantil” em 1859 com fragmentos sobre os livros que tratam a fé protestante: - em 26 e 27 de março com o “Imperador da Rússia e as Escrituras Sagradas; - em 2 e 6 de maio com “O Mundo Feliz”; - 20, 24, 26 e 30 de junho com “O Professor Gomes e o Bom Boticário Faria”.

No terceiro conjunto é perceptível o seu processo de edição livre dos sermões elaborados por Robert Kalley como objeto pedagógico fundamental do seu programa

civilizatório protestante para o país, também consistiu em um processo criativo do Rocha em transformar essa documentação em fonte para a escrita da Coleção. Penso que os sermões foram escolhidos com base no modelo da história exemplar tão importante em seu fazer historiográfico, que tinha o foco no seu trabalho de educar os fiéis da primeira metade do século XX pela história, ao legitimar as representações formuladas por Kalley sobre a vida regulada pela religião protestante. Destaca os sermões que tratam sobre a educação dos fiéis no caminho da salvação pela fé no Jesus Crucificado como os de 1865: - 01 de janeiro sobre a salvação da alma humana baseada em João 11.7; - 08 de janeiro sobre o que é religião e por que o homem deve importar-se com ela; - 15 de março sobre o pecado e a salvação no Jesus Crucificado; - 19 de março sobre o Espírito Santo; - 07 de maio sobre Jesus Crucificado como salvador substitutivo da humanidade; - 28 de maio sobre a salvação em Jesus Cristo; - 14 de junho sobre a salvação e a fé em Jesus; - 18 de junho sobre a Bíblia e a salvação no Jesus Crucificado. Outros sermões foram apenas referenciado, alguns citados de forma curta e outros transcritos integralmente pelo Rocha com o seu olhar de educar pela história no tempo presente, sendo importante para ele os sermões que tratavam da importância do estudo da bíblia no caminho da salvação como apresento a seguir: - o sermão no dia 23 de agosto de 1865 sobre leitura do antigo testamento da bíblia; - no dia 23 de janeiro de 1867 sobre a importância dos 10 mandamentos; - no dia 13 de janeiro de 1867 sobre a bíblia como palavra divina; - no dia 24 de fevereiro de 1867 sobre o dever de estudar a bíblia; - no dia 30 de julho de 1867 sobre o conhecimento de Deus.

No quarto conjunto é verificado o seu diálogo intenso com uma bibliografia diversa sobre o protestantismo e o Brasil que lhe influenciaram na produção do seu pensamento historiográfico na Coleção, junto com as notas emitidas por ele e a Comissão de Redação. Primeiramente, apresento alguns livros utilizados por Rocha e a Comissão como: a memória de Henrique de Souza Jardim (filho do refugiado madeirense Francisco de Souza Jardim) sobre os Estados Unidos da América como modelo da civilização protestante no mundo. A leitura e o uso do livro “Sketches of residence and travel in Brazil” de Daniel P. Kidder sobre a atuação das sociedades bíblicas no Brasil com a distribuição de livros, sendo emitida uma nota na Coleção de que este livro foi traduzido para o português com o título “Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil”, remodelado com a colaboração do pastor presbiteriano J. C. Fletcher sob o título “Brazil and the Brazilians” e essa obra recebeu um parecer favorável do sócio Luiz Augusto de Castro na sessão do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil em 20 de maio de 1847. Para Rocha a leitura do livro “A Igreja e o Estado” de Joaquim Saldanha

Marinho foi importante para a compreensão de dois decretos imperiais sobre casamento e registro de nascimento civil: - Decreto n. 586 de 06 de setembro de 1850 e o Regulamento n. 798 de 18 de junho de 185, que secularizou e instituiu o Registro de Nascimento e Óbitos; - Decreto n. 1.144 de 11 de setembro de 1861 e Regulamento n. 3.069 de 17 de abril de 1863, com permissão dos casamentos mistos. Uma nota sobre o uso do livro “Meios de transporte do Rio de Janeiro” de Noronha Santos para explicar sobre o funcionamento do primeiro bonde do Rio de Janeiro. Foi verificado o uso do livro “Esboço Histórico da Escola Dominical da Igreja Evangélica Fluminense, especialmente o Anexo 1 e o livro “Anais da 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo” do pastor Vicente Themudo Lessa. Como também o uso do livro Seitas Protestantes em Pernambuco escrito por Vicente Araújo.

Com base em Certeau (1982: p.66-77) a escrita de Rocha na Coleção consistiu em um fazer historiográfico que relacionou o seu lugar social (a sua igreja, o seu trabalho e rede de colegas), os seus procedimentos de análise (as disciplinas que estudou como teologia e história) e a construção de um texto (produção de literatura) a ser lido pela comunidade de fiéis. Um fazer que se articulou com um lugar de produção socioeconômica, política e cultural, sendo circunscrito por determinações próprias como: o seu trabalho de médico, pastor, missionário e músico; a sua atuação na Igreja Evangélica Fluminense; articulista no periódico O Christão; a sua participação de médico missionário na Mildmay Mission of the Jews. Assim, o seu fazer historiográfico está submetido a imposições, ligado a privilégios e enraizado em uma particularidade. Foi em função deste lugar que constituiu os seus métodos, a sua topologia de interesses, os questionamentos elaborados, a organização dos documentos e o vocabulário utilizado. A sua escrita da história foi construída nessa relação de linguagem com o corpo social e os seus limites impostos.

O uso de alguns dicionários como o “Dicionário Prático e Ilustrado” de 1910 sobre o Rio de Janeiro, o “Dicionário de Moraes”, o “Pequeno Dicionário de Língua Portuguesa” e o “Dicionário Etimológico” de Antenor Nascentes. Nas notas emitidas por Rocha existe o uso de relatórios das sociedades bíblicas como de 1860 da Sociedade Bíblica Americana sobre a distribuição de livros no Brasil. A leitura e diálogo com artigos do periódico O Christão como o artigo publicado na edição de maio de 1895 sobre a visita do colportor Patrocínio Dias a Passa Três com o título “Apontamentos para a história”, escrito por José Rodrigues Martins e considerou importante para o restabelecimento da “verdade histórica”. O uso do artigo publicado na edição de outubro de 1905 em O Christão sobre os doze artigos da fé professada por Kalley, do jornal Correio Mercantil e dos diários do pastor João Manoel Gonçalves dos

Santos sobre o mês de agosto de 1861 em um contexto de intolerância religiosa. Como também o uso intenso do Diário de Robert Kalley e do Diário de Sarah Kalley com seus temas e sujeitos diversos, especialmente a violência e intolerância religiosa junto com o cotidiano religioso dos fiéis que participavam da Igreja.

Então, esse ato de fabricação das fontes realizado por Rocha com base em Certeau (1982: p.77-119) pode ser entendido como um processo de artificialização da natureza, a sua transformação em ambiente e da natureza dos sujeitos na Coleção. Por meio do gesto de separar, transformar em “documentos” determinados objetos distribuídos de outra maneira durante sua criação, ao efetuar uma mudança do seu lugar e status, quando concede voz a um silêncio emitido sob a documentação. Então, o seu fazer historiográfico foi constituindo um relato em torno das margens e zonas silenciadas da documentação oficial. Uma história que historicizou e presentificou a situação vivida pelos diversos sujeitos, ao mesmo tempo que formulou representações em torno desse passado “morto”.

A escrita da história de Rocha pode ser pensada como uma prática social que buscou conferir aos seus leitores um lugar determinado, quando distribui o espaço das representações e impõe uma lição, sendo uma obra didática e magistral. Uma escrita que deu lugar à falta e a escondeu, quando formulou relatos do passado que são semelhantes aos “cemitérios” nas cidades, como também exorcizou e reconheceu a presença da “morte” no meio dos vivos. Uma historiografia que buscou encontrar um presente que é o término de um percurso, onde o lugar de produção do texto se transformou em lugar criado no texto.

A sua escrita em busca da verdade foi formulada sob a forma da narração, por meio desse diálogo com a bibliografia e a emissão de notas explicativas na Coleção, em um processo de “semantização referencial” que advém do mundo da cultura, de “transnitibilidade das linguagens” já codificadas e a “metalinguagem” ao utilizar o citado como fonte de credibilidade e vocabulário do saber histórico. A escrita de Rocha trouxe como protagonistas um conjunto de mortos que foram representados no seu relato, quando buscou enterrar o passado em um duplo sentido: “honrar” e “eliminar”, para que esse relato com uma função pedagógica regulasse os leitores no que deveriam crer e fazer. Uma escrita performática que impôs as violências de um poder de um querer e um saber, ao fornecer escapatórias e instruir pela diversão, por meio da articulação de uma “lei do presente” ao distribuir práticas já semantizadas.

É pertinente com base em Maraschin (1994: p.41-47) pensar o fazer historiográfico de Rocha como um processo de recolher fragmentos que sobraram nos finais das épocas dos sujeitos diversos que teceram a história vivida com permanência nessas sobras. Sendo uma ilusão a ideia de que os pedaços de memória tenham um fio condutor lógico, racional e exato. Como também que o sentido e a compreensão dos fragmentos de memória desceram do céu, por causa da “história da salvação” determinada pelo divino de forma globalizante e totalizante. Porque as coisas que realmente aconteceram no passado da educação protestante não são mais recuperáveis de forma exata e objetiva. Sendo a história tão somente sobras frágeis das memórias interpretadas e reinterpretadas a partir dos interesses de seus diferentes intérpretes. Estamos diante de um saber que busca representar os dramas, as fraquezas e humilhações humanas com personagens com subjetividades diversas. Um saber que a cada dia se transforma como o gênero literário, o teatro e cinema, na produção de uma obra de arte demasiadamente humana.

Sendo o seu fazer historiográfico com base na reflexão de Wirth (1994: p.51, 54-55) um processo interpretativo, condicionado por vários fatores, principalmente pela subjetividade de quem relata. Sendo uma ilusão a pretensão de escrever a história como ela foi de fato, de forma neutra e objetiva, tornando absoluto e generalizando determinados aspectos do processo histórico. O saber histórico não se esgota na coleção e acúmulo de dados.

A escrita da história de Rocha (2013a: p.150; 2017: p.161, 239) é muito controversa ao reconhecer como “incompleta” e “falha”, especialmente sobre a penúltima fase da vida do casal Kalley no Brasil, por ser um período marcado pelo “pouco material” e a “escassez” na documentação, pela falta de tempo do casal em documentar os “acontecimentos importantes” desse período. Porque o casal Kalley tinha decidido sair definitivamente do Brasil e voltar para a Escócia, sendo necessário definir sobre os seus bens no país e as relações futuras com a Igreja. Ao mesmo tempo, ele destacou que conservou essa grande quantidade de cartas e documentos, resultante da correspondência intensa do casal Kalley com os familiares, irmãos da Igreja e sociedades protestante. Porém, afirma que tal documentação com mais de 60 anos não tem mais qualquer “valor material ou espiritual”, com base nesta perspectiva ele decidiu “destruir todos os documentos que, nessas condições, carecem de qualquer importância histórica.

4.1. As sociedades bíblicas, a realidade brasileira e a intolerância religiosa

Rocha elaborou uma narrativa que demonstra a importância das sociedades bíblicas para a implantação da civilização protestante no Brasil. No período colonial foram realizadas tentativas sem sucesso para estabelecer a fé protestante que representa o "conhecimento verdadeiro do cristianismo", refere-se à experiência dos "protestantes franceses". Destacou a falta de "espírito missionário" nas igrejas protestantes no contexto das reformas religiosas do século XVI, somente a partir do século XVIII com as sociedades bíblicas e o envio de missionários para que o mundo fosse transformado pela fé protestante.

Fez uma leitura sobre a perseguição sofrida por Robert Kalley e os cristãos protestantes que se converteram por meio da sua obra evangelizadora, na Ilha da Madeira em Portugal entre 1846 e 1848, que resultou na expulsão de Kalley e os fiéis, sendo uma experiência de intolerância religiosa ao negar a "liberdade de consciência e de culto". Refere-se a uma imagem positiva dos Estados Unidos da América como modelo da civilização protestante no mundo, por ser uma "terra boa" e "livre", acolheram os protestantes madeirenses perseguidos. Legitimou essa imagem ao compartilhar o testemunho feito pelo Henrique de Souza Jardim, filho do madeirense refugiado nos Estados Unidos, que narra a chegada do seu pai com destaque ao acolhimento recebido pelo governo e povo, porque tinham na Bíblia a "única regra de fé" e o "código de moral prática".

Maiores surpresa, porém lhes estava reservada, ao desembarcarem nos Estados Unidos. Quando aportaram a Baltimore, era domingo e, naturalmente, as lojas estavam fechadas. Pois bem - logo que as autoridades americanas souberam que os refugiados portugueses haviam desembarcado, mandaram abrir as lojas próximas e fornecer-lhes, "por conta do Governo TUDO o de que precisassem". (...) Meu pai não se pôde conter e, dirigindo-se a sua mulher, exclamou: "Bendito seja Deus! Vês, minha mulher, como Deus não desampara os seus! Os inimigos nos obrigaram a deixar a nossa terra, por causa do Evangelho; mas, por causa do Evangelho, somos recebidos, de braços abertos, com toda generosidade, nesta grande terra, por um povo temente a Deus, simplesmente porque somos discípulos do Senhor Jesus!. Realmente - dizemos nós - Abençoado seja o povo norte-americano que, em sua grande maioria, tem na Bíblia, não somente a sua única regra de fé, mas também o seu Código de Moral Prática" (ROCHA, 2013: p.15-17).

Construiu uma narrativa sobre a atuação das sociedades bíblicas para civilizar o Brasil e a sua contribuição para o estabelecimento de igrejas protestantes, com destaque para duas sociedades com a apresentação de alguns dados aproximados do período de 1842 e 1853. A

primeira foi a “Sociedade Bíblica Americana”, fundada em 1816, com a impressão de 11.000 exemplares, 4.200 bíblias e 6.800 novos testamentos em língua portuguesa, a maior parte foi distribuída em lugares diversos como nas ilhas Sandwich, Açores e Madeira. Sendo ofertado no Brasil a quantidade de 1500 exemplares, 600 bíblias e 900 novos testamentos em língua portuguesa. A segunda refere-se a “Sociedade Bíblica de Londres”, fundada em 1804, que distribuiu aproximadamente 2.500 exemplares até o ano de 1854, mas no período de 1855 e 1859 houve um aumento na distribuição com 15.081 exemplares. Nos anos de 1855 e 1856 com 1.722 bíblias e 3.575 novos testamentos, entre 1857 e 1859 com 3.680 bíblias e 6.104 novos testamentos. Assim, ressaltou que os resultados desse período de 1842 e 1853 foram insignificantes porque esse trabalho foi conduzido sem uma direção clara e organizada, mas que serviram como preparação para a missão que seria empreendida posteriormente pelos missionários, especialmente com o trabalho da equipe organizada e liderada pelo casal Kalley (ROCHA, 2013: p.20-22, 106-108).

Rocha (2013: p.17) apresentou a postura crítica de Robert Kalley sobre a atuação das sociedades bíblicas, quando em 1853 o pastor J. C. Fletcher que se tornou agente da Sociedade Bíblica Americana no Brasil e o pedido para fossem enviados dois ou três fiéis madeirenses para difundir as escrituras no país. O Dr. Kalley recebeu em 03 de novembro de 1853 uma carta do Dr. R. Baird, outra em 28 de janeiro e em 20 de junho de 1854, para que achassem dois ou três fiéis para trabalhar no Brasil. Destacou a resposta de Kalley em 23 de novembro de 1853, de que não podia auxiliar com o pedido porque discordava dos métodos utilizados pelas sociedades, especialmente a necessidade de publicar as notícias em detalhes do trabalho realizados por seus agentes, que resultava em conflitos com os “inimigos fortes” em determinados países como o Brasil, tendo o catolicismo romano como religião oficial.

Então, com base em Nascimento (2017) é pertinente ressaltar a atuação da Sociedade Bíblica Britânica e a Sociedade Bíblica Americana como instituições que por meio da distribuição integral ou parcial da Bíblia na língua vernácula de cada povo, contribuíram para o processo de divulgação e propagação das ideias protestantes no Brasil do século XIX. As sociedades também funcionaram como instrumentos de intervenção internacional na área religiosa para a implantação da civilização protestante no mundo.

Rocha (2013: p.18) elaborou uma leitura com imagens diversas sobre a realidade brasileira em 1855, a necessidade e importância de implantar a civilização protestante no país, com destaque a motivação do casal Kalley como protagonista com uma atuação ativa nesse

processo. Tratou que o casal Kalley recebeu a direção divina para civilizar o Brasil por meio da evangelização, por causa da realidade espiritual e moral da população que vivia sob a miséria do pecado: “ganhou alguma ideia do triste estado espiritual e moral desse país e do pouco ou mesma nada que se tinha feito para evangelizá-lo”.

Entre os anos 1853 e 1854, o casal Kalley viveu entre os fiéis madeirenses refugiados nos Estados Unidos, que aceitaram a fé por meio da atuação de Robert na Ilha da Madeira, com o objetivo de despertá-los para a responsabilidade de promover evangelização no mundo da população que falava língua portuguesa, especialmente o Brasil. Esse despertar foi realizado por meio da educação sobre a realidade espiritual, moral e religiosa da população nesses lugares, marcada pelo não conhecimento da fé “verdadeira” protestante: “com o fim de despertar em seus corações a responsabilidade para com todas as populações do mundo que falam a língua portuguesa e animá-los a trabalhar em qualquer lugar que o Senhor lhes indicasse”. Destacou a preocupação do casal Kalley em receber a direção divina ao citar uma carta escrita em 24 de janeiro de 1855 às igrejas dos fiéis madeirenses nos Estados Unidos, fez o pedido de oração para que soubessem o lugar determinado por Deus em implantar a civilização entre a população de língua portuguesa, por meio da distribuição de bíblias e o ensino da verdade na perspectiva protestante. Assim, na leitura realizada por Rocha o estabelecimento da civilização protestante no mundo consistia em educar a população para aceitação da fé protestante e a sociedade seria transformada pela conversão individual do maior número de pessoas.

Peçam a Deos que me abra o caminho para o logar onde quer que eu trabalhe por Elle. Tenho alguma esperança que seja entre gente portugueza aonde não há Bíblias nem pregadores do Evangelho; e se assim for talvez alguns de vós sentirão muita alegria em rogar a Deos que Elle espalhe Sua Verdade mais entre os que fallam vossa língua e ajudar\; por óra não está decidido (...) Depois (da nossa visita à América do Norte), ficando muto impressionado com a deploravel escassez espiritual do Brasil, um paiz vinte vezes maior que a Grã Bretanha e a Irlanda, e onde o idioma era portuguez, entendi que o conhecimento que tinha d´aquella lingua e povo na Madeira, justificava a esperança de occupar-me ali com bom êxito em trabalhos evangelísticos (ROCHA, 2013: p.18-19).

Na sua leitura da realidade brasileira no ano de 1855 apresentou alguns dados com base na sua visão de mundo e a necessidade de intensificar a implantação da fé protestante, para que o país fosse transformado por meio da civilização. Em primeiro lugar, tratou das reformas e melhoramentos no país com a instalação de equipamentos modernos como os

vapores marítimos, a Companhia do Gás na capital, a Estrada de Ferro para Petrópolis e Mauá, a Estrada de Ferro D. Pedro II. Também apresentou o desafio da epidemia de cólera no país, a resposta da Igreja Católica com cartas pastorais escritas por sua liderança e a escolha do Dr. Kalley para implantação da civilização protestante. As cartas pastorais estimularam a população à busca de consolo nas “procissões de penitências” para acalmar a ira divina por causa dos seus pecados. Ressaltou que nessa realidade brasileira que o Dr. Kalley escolheu para que a civilização fosse promovida, por meio da conversão ao conhecimento verdadeiro de Deus: “para provar mais uma vez que o Evangelho é o poder de Deus para dar a salvação a todo o que crê” (ROCHA, 2013: p.28).

Elaborou uma narrativa da atuação médica de Kalley no Brasil Imperial como um componente fundamental do seu programa civilizatório. No contexto da epidemia de cólera que atingiu a população em Petrópolis, em 17 de novembro de 1855, o Dr. Kalley visitou o Dr. Mello Franco e se ofereceu para tratar os doentes, apresentou os seus diplomas e declarou a sua origem escocesa. O Dr. Mello Franco aceitou a sua oferta e prometeu lhe apresentar ao governo, destaca que foi publicado no Correio Mercantil em 20 de novembro de 1855 a notícia sobre a moléstia da cólera na região, a criação de uma enfermaria de emergência na estrada e a aceitação dos serviços médicos do Dr. Kalley as camadas sociais em vulnerabilidade social. Assim, Rocha destaca que durante a epidemia vários grupos da sociedade, fossem ricos ou pobres, chamaram o Dr. Kalley para prestar atendimento médico, em cada atendimento buscou influenciar os pacientes ao compartilhar sobre o caminho da salvação traçado pelo Jesus Crucificado (ROCHA, 2013: p.33-34).

Rocha (2013a: p.241; 2017: p.5) também destaca que o Dr. Kalley também atuou por meio da educação médica durante alguns surtos de epidemia, quando em 1867 próximo a sua residência em Teresópolis, apareceu um caso de cólera, ele escreveu imediatamente ao colportor Francisco Gama, para que lhe fosse enviado uma dúzia das “instruções” que havia escrito e impresso com precauções contra a moléstia e o seu tratamento adequado, o seu objetivo era distribuir esse panfleto entre os seus vizinhos. Como em 1873 com uma epidemia de febre amarela no Rio de Janeiro, quando João Menezes e Porfírio José Fagundes (fiéis da Igreja) se disponibilizaram a visitar os fiéis enfermos para transmitir conforto e auxílio. Nessa, o Dr. Kalley participou ativamente com a escrita de dois artigos no “Jornal do Comércio”: o primeiro com a indicação dos cuidados necessários para evitar a doença; o segundo com a apresentação de uma oração a ser utilizada durante a epidemia. Assim, também solicitou ao fiel

Antônio Soares de Oliveira de imprimir em avulso os dois artigos, para serem distribuídos entre a população.

Em segundo lugar, refere-se ao sistema escravista que continuava forte mesmo com o movimento de oposição e propaganda pelo fim do sistema, com a fuga e morte dos escravos. Destacou que na sua obra os horrores da escravidão não seriam tratados porque pertencem ao passado, com uma imagem dos negros libertos como raça que foram trazidos a força e esperava que eles buscassem tão somente o bem da nação: “Dos horrores da escravidão não falaremos: pertencem ao passado. Oxalá que essa raça, implantada à força em nossos vales e campos, não nos torne mal por mal, mas antes procure o bem da Pátria!” (ROCHA, 2013: p.23-25).

Rocha (2013: p.33, 36; 2015: p.208, 227-228) construiu uma narrativa interessante sobre a participação dos negros no programa educacional protestante como a Classe da Escola Dominical liderada por Kalley, que começou em 1855 com o objetivo de ensinar e aprender sobre as verdades divinas contidas na bíblia. Apresentou de um dos alunos que trabalhou no sábado até a meia-noite para concluir o seu serviço, mas não conseguiu, suspendeu o trabalho e buscou guardar o domingo como “dia do senhor”, sendo perseguido por causa dessa atitude. Eles também participaram ativamente dos cultos domésticos, especialmente no dia 26 de julho de 1871 com a presença de 17 homens para o estudo da bíblia na residência do casal Kalley. Expõe o caso do pastor Holden (pastor auxiliar na Igreja Evangélica Fluminense) que escreveu uma carta em 17 de novembro de 1871 ao Kalley, demonstrou a sua alegria com o projeto de “emancipação parcial” dos negros no Brasil ao se transformar na Lei do Ventre Livre (de 28 de setembro de 1871). Assim sendo, a perspectiva de Holden sobre a participação dos negros no programa civilizatório protestante era compartilhada por Rocha, de que esperava que os “libertos” soubessem utilizar a liberdade sem “excessos” que resultariam em “desgraças” na sociedade, mas principalmente que fossem alcançados pela “emancipação espiritual das suas almas” ao seguirem o caminho da salvação traçado pelo Jesus Crucificado.

Elaborou um conjunto de narrativas controversa e fragmentária em torno de alguns fiéis negros que participaram da Igreja Evangélica Fluminense como a do “Pai Antônio”, seu Antônio José Garcia, batizado no dia 04 de novembro de 1866 e falecido em abril de 1976. Trabalhou durante um tempo na limpeza da Escola Diária da Igreja na Côrte e foi contratado pelo pastor Holden para cuidar da sua residência, próxima ao lugar de cultos da Igreja. Ressalta que ele se casou em 27 de dezembro de 1865 na Igreja, tendo como celebrante o pastor Richard Holden, apresentou o casal como de origem africana, Antônio com 67 anos e Luiza da Silva

Nazareth com 50 anos de idade. Assim, destacou que “Pai Antônio” participava ativamente dos cultos e a maior prova da sua obediência a Jesus Crucificado foi quando abandonou todas as imagens de “ídolos” que possuía na sua casa no pórtico de uma igreja católica romana. Quando pastor Holden decidiu retornar para a Inglaterra, teve a preocupação de vender alguns livros e mobília da casa para arrecadar recursos financeiros, que devia ser entregue ao Pai Antônio”, sob a responsabilidade do irmão José Martins de Carvalho (ROCHA, 2013a: p.83-84, 101; 2015: p.256).

Outra narrativa foi em torno da escrava Leopoldina que também participou da Igreja, com base em carta escrita em 05 de novembro de 1865 do colportor Francisco Gama, quando ela foi batizada e aceita como membro da Igreja, porque demonstrou um testemunho fiel do amor ao Jesus Crucificado e de que seguia o caminho da salvação. Houve também o pedido para batismo de Ana Maria Ferreira, a senhora de Leopoldina e que tinha 80 anos de idade, a expectativa era da sua filha seguir o mesmo caminho da mãe. Destaca que a Leopoldina desejava a sua carta de emancipação, isto levou o pastor Kalley em 05 de fevereiro de 1867 a visitar Ana Maria para lhe convencer a conceder a “carta de liberdade”. Desse modo, a senhora Ana Maria decidiu seguir o conselho de Kalley e após três dias lhe comunicou que estava disposta a atender ao seu pedido sem custo, mas impôs que Leopoldina se comprometesse a lhe servir até a sua morte. O interessante é que Leopoldina não aceitou essa liberdade condicionada e buscou outros meios para construir a sua vida de fé sem a marca do sistema escravista (ROCHA, 2013a: p.200; 2013a: p.213-214).

Uma narrativa interessante foi a do escravo Felipe Nery em sua participação na Igreja, considerado um sujeito que não inscreveu em seu corpo as leis divinas do caminho da salvação e o primeiro membro excluído da comunidade, o que Rocha escreveu sobre ele está baseado na memória imprecisa de um irmão. Ele foi batizado e admitido como membro em 09 de janeiro de 1859 e excluído do rol de membros da Igreja no dia 22 de julho de 1861, porque não andava em conformidade com “os preceitos de Jesus”, sendo classificado como discípulo infiel de Jesus Crucificado. A partir dessa memória fragmentária, Felipe Nery foi apresentado como escravo, bom caldeireiro e criado por uma tia do seu senhor, que escondia das suas faltas. Uma das faltas era a de não entregar ao seu senhor parte do salário ou do dinheiro cobrado nos serviços prestados na oficina e na serraria que trabalhava. Sendo nomeado como um escravo que se considerava uma pessoa “mais importante”, que se vestia bem, orava e falava com muito “fervor” na igreja, sendo admitido na Igreja porque demonstrava ser um “crente sincero”, mas depois começou a “esfriar” na fé. Ressalta que após a morte da tia do seu senhor, o que ele

escondia foi descoberto e fugiu, sendo encontrado, preso, conduzido ao norte e morreu em pouco tempo. Assim, a sua exclusão do rol de membros da Igreja foi justificada com base nas seguintes escrituras: - 2 Tessalonicenses 3.6,14-15 com o ensino de que os irmãos devem se afastar de todo aquele que se afasta da tradição recebida; - 1 Coríntios 5.9, 13 que prescreve a necessidade dos irmãos se afastarem daqueles que vivem no pecado; - 2 Coríntios 6.14-15 com a norma de que o fiel tem o dever de se afastar dos sujeitos infiéis (ROCHA, 2013: p.82, 153-154).

Rocha (2017: p.63) também apresenta o caso do pastor J. R. Smith em Pernambuco que tratava os negros de forma indevida e foi repreendido por Kalley, por meio de carta escrita no dia 22 de novembro de 1873. Falou que na sua estadia por Pernambuco observou duas falhas na sua conduta cristã: - o seu tratamento com as pessoas negras; - as expressões indevidas usadas nas suas orações. Assim, considerava necessário uma reflexão e correção dos erros para que o programa civilizatório protestante fosse implantado de forma bem-sucedida em Pernambuco.

Nesta escrita de Rocha (2013a: p.60, 79-82, 85) em torno da participação dos negros e o sistema escravista brasileiro no programa civilizatório protestante, quanto a questão apresentada em 16 de setembro de 1865 ao pastor Kalley: “podia um crente em N. S. Jesus Cristo possuir escravos, ele se comprometeu em estudar o tema e oferecer uma resposta. Porque um membro na Igreja, chamado Bernardino de Oliveira Rameiro, possuía escravos e esta situação incomodava a comunidade. Rocha fez uma síntese da resposta apresentada por Kalley, na sessão de membros da Igreja em 03 de novembro de 1865, a duas questões formuladas por ele: - Como deve um verdadeiro crente tratar os seus escravos; - Qual a vontade de Jesus a este respeito.

Em primeiro lugar, trata sobre a necessidade que temos dos serviços dos outros na sociedade, na sua perspectiva os serviços podem ser prestados de três modos: a) “por amor” como o serviço de uma mãe no cuidado voluntário dos filhos, de um filho que cuida dos pais e o religioso que serve a Deus; b) “por salário ou diária” como os trabalhadores domésticos, funcionários das fábricas e estabelecimentos comerciais, por meio de um contrato ou compromisso prévio; c) “por compulsão” como o escravo que tem a obrigação de trabalhar e fazer tudo o que seu senhor ordenar, sob a ameaça de castigos e torturas diversas para constranger e impor o medo, sendo um serviço sem amor, contrato ou compromisso de pagamento.

Em segundo lugar, refere-se ao melhor meio para obter a prestação de serviços das pessoas, especialmente por aqueles que seguem o caminho da salvação de Jesus Crucificado. Apresentou três palavras gregas utilizadas no Novo Testamento para a descrição do indivíduo que presta serviços ao outro: a) “diákonos” com o sentido de assistente, servo, servente e ministro como “servo livre”; b) “místhios” com o sentido de “servo assalariado” e “mercenário” (de forma positiva) que recebe pagamento; c) “doutos” com o significado de escravo, prisioneiro como “proprietário de outrem” e estava “sujeito incondicionalmente”. Considerou duas regras básicas do Novo Testamento para o tratamento dos fiéis em relação aos escravos: a) a “justiça e a equidade” com base em Colossenses 4.1 com o dever de fazer o que for de justiça e equidade com os servos; b) “sem ameaças” com base em Efésios 6.9 com o dever de tratar os servos sem ameaças e violência.

Em terceiro lugar, trata que o escravo não é filho do seu proprietário e tem o direito pleno à posse do corpo. Afirmou que o escravo tinha o direito de usufruir dos frutos obtidos pelo exercício dos seus órgãos de forma honesta e justa, porque o Deus lhe dotou naturalmente, deve ser utilizado em seu próprio proveito. Porque ninguém tem o direito de fazê-lo escravo, roubando-lhe a liberdade pessoal e lhe reduzindo a uma “máquina” ou “objeto”. Destacou a escravidão como um “roubo violento” dos negros que foram criados por Deus e todos eram iguais, sendo o seu “próximo” que deve ser tratado com respeito na sua singularidade. Concluiu que o escravo trabalha não porque ama nem deseja ser generoso, mas sendo reduzido a uma “besta” que teme as ameaças de pancadas e castigos desumanos, sob o comando de um conjunto de roubadores da “liberdade alheia”.

Em quarto e último lugar, refere-se a Deus como juiz que julgará aqueles que praticam esse roubo violento ao obrigar o seu semelhante a trabalhar contra a sua vontade, sem salário, com castigos e sofrimentos diversos, para lhe oferecer “bons serviços” e “excelentes lucros”. Apresentou o senhor de escravos como “inimigo de Jesus” que não pode ser um membro da Igreja, porque Jesus Crucificado traçou o caminho da salvação ao resgatar da maldição, do pecado e da morte, conduzindo cada fiel convertido a uma vida livre. Assim, na sessão extraordinária da Igreja no dia 20 de dezembro de 1865 foi excluído o irmão Bernardino de Oliveira Rameiro, porque decidiu não conceder carta de libertação aos seus escravos. Enquanto, na sessão foram lidas duas cartas de alforria concedidas a Joaquim e a Pedro, sendo um ato do irmão João Severo.

É interessante atentar que a escrita de Rocha pode ser compreendida no processo para a construção do “caminho da civilização”, da “ordem” e do “progresso” pelas elites no Brasil Imperial. Com base em Chalhoub (1996, p.29, 33, 35) esse processo consistiu no surgimento de uma “ideologia da higiene” na administração pública da cidade na corte imperial. Assim sendo, as “classes pobres” eram as “classes perigosas” não apenas porque poderiam oferecer problemas para a organização do trabalho e a manutenção da ordem pública, mas também o perigo de contágio literal, isto porque as suas habitações coletivas (os cortiços) eram focos de multiplicação de epidemias e lugares férteis para a propagação de vícios de todo tipo, sendo assim uma ameaça constante às condições higiênicas da cidade. Nas primeiras décadas de 1850/60, na corte imperial, a política de controle social dos pobres contemplava a necessidade de melhorar as condições higiênicas dos cortiços, mas isto mudou a partir de 1870 para uma política de extermínio dos grandes cortiços e de expulsão das “classes pobres” / “classes perigosas” das áreas centrais da cidade do Rio de Janeiro.

De maneira análoga, Costa (1983, p.130) ressalta que esta preocupação de ser “civilizado” e “moderno” também buscou o cuidado com a forma higiênica, saudável e cuidadosa de se vestir e manter o corpo. Provocou, assim, um distanciamento definitivo das famílias das “classes ricas” e as das “classes pobres”, que continuavam marcadas pelo descuido com as vestes íntimas e do corpo. Esse controle higiênico da veste era um privilégio das classes que dispunham de recursos para adquirir a diversidade de roupas prescritas. As diferenças de classe também eram expressas pelo uso de vestes limpas, além do corpo bem apresentado, com muita limpeza.

Fundamentado em Pesavento (2006: p. 6-7) a escrita de Rocha também reconstruiu e traduziu o passado vivido através da evocação. Nesse processo de reconfiguração do passado, essa narrativa como “*portadores de uma autoridade da fala*” em que se utiliza como um “*privilégio de ter a tutela do passado*”. Tal reconstrução corresponde a um “*laboratório de sentido*” sobre a realidade através de um movimento em que passado e presente, indivíduo e social, lembrado e esquecido, silêncio e voz, lacuna e repetição se juntam, se opõem e se defrontam. Uma vez que o seu passado foi reconstruído para o presente através de traços que produziu variados sentidos e não um significado homogêneo e único. Em seu discurso criou imaginários de sentidos a partir da realidade como “*ficções plausíveis, verossímeis, socializadas, temporalizadas, na sua feitura e na sua recepção*”.

Em terceiro lugar, trouxe a sua perspectiva sobre a importância da colonização protestante para promoção da civilização no país, compartilhou um fragmento do discurso proferido por Dom Pedro II no dia 03 de maio de 1855 na abertura da 3ª sessão da nova legislatura da Assembleia Nacional, que demonstrou o interesse do seu governo em promover o desenvolvimento da nação por meio da colonização com a vinda de imigrantes: “O meu Governo prossegue com particular solícitude no empenho de promover a Colonização da qual tão essencialmente depende o futuro do país. Conto que não serão infructíferos os seus esforços, auxiliados - como sempre o tem sido - por vossas luzes e mediante os concursos de todos os brasileiros” (ROCHA, 2013: p.24).

Para Rocha, a questão da colonização estava presente no debate público como um dos temas mais relevantes no século XIX, fez uso da série de artigos que foram publicados no *Jornal do Comércio* e destacou trechos de dois para legitimar a ideia sobre o papel fundamental dos imigrantes protestantes para a construção de uma nação civilizada. O primeiro artigo apresenta os Estados Unidos como modelo de tolerância religiosa, a liberdade de cultos, a liberdade de consciência, o respeito aos direitos políticos e civis, sendo assim o país que mais atraiu imigrantes no mundo do século XIX. O segundo trata que para o desenvolvimento do país era necessário a colonização protestante, sendo importante conceder a liberdade de culto e consciência aos imigrantes protestantes, sem medo de perder fiéis e enfraquecer a hegemonia da igreja católica romana.

A nossa Constituição catholica prohibe ás outras seitas christãs a construcção dos edificios destinados ao culto, tendo a forma exterior de templo. Seguramente o zelo que inspirou tal medida não attentou para as necessidades da colonisação protestante... Acaso tememos nós que o protestantismo venha fazer prosselytos entre os nacionais e despovoar as nossas igrejas?... Se, por outro lado, queremos evitar que os protestantes ergam o collo e se tornem exigentes, o alvitre o mais adequado, para remover esse mal, não é fornecer-lhes direitos para reclamarem concessões, mas antes outorgar-lh'as, independentemente de exigências que nos façam (ROCHA, 2013: p.25).

Em quarto lugar, apresentou o sistema escolar na Corte Imperial como “atrasado”, por causa do pequeno número de escolas públicas primárias, secundárias e escolas primárias particulares. O Estado administrava a educação pública com 26 escolas primárias, sendo 17 para meninos com 909 alunos, e 9 para meninas com 555 alunas. A educação particular tinha 97 escolas, 51 escolas para meninos com 2.864 alunos e 46 para meninas com 1.626 alunas. Enquanto as escolas secundárias alcançaram apenas 300 alunos.

Elaborou uma leitura sobre a Igreja Católica e o seu medo em perder a hegemonia no país com a implantação do protestantismo. A falta de “entusiasmo” aos padrões morais e ‘sujeição’ aos dogmas da Igreja oficial do estado brasileiro, destacou o pedido do bispo na cidade de São Paulo para que o Papa enviasse alguns missionários da Companhia de Jesus, por causa da insatisfação em relação ao clero no país como também diminuir a onda do protestantismo no mundo por meio das sociedades bíblicas. Para legitimar a sua leitura utilizou o artigo “Defensor da propriedade” publicado no periódico “A catholica Hespanha” em junho de 1855, que tratava da preocupação com o avanço do protestantismo na Europa no envio de missionários, que evangelizaram com a distribuição de bíblias e livros para promover à fé protestante. Enquanto o clero católico no mundo era marcado pela “pobreza”, “roubo” e “dispersão”, sendo necessário proteger o Brasil da calamidade produzida pelos protestantes, sendo necessário preservar a “paz religiosa” com a manutenção da hegemonia católica com o apoio do estado. Então, concluiu a sua leitura de que essa paz religiosa era falsa porque não era divina, refere-se que a hegemonia católica no país seria abalada com a atuação do Robert Kalley, semelhante ao que fez na Ilha da Madeira em Portugal. Porque a verdadeira paz religiosa consistia no conhecimento e obediência a Jesus como "príncipe da paz" com o estabelecimento do reino divino na perspectiva da fé protestante.

Que “desgraça”! Com certeza não adivinhava que a sua ideal “paz religiosa”, que não é A PAZ DE DEUS, ia já ser perturbada por um que a perturbara, havia poucos anos, no reino de Portugal! Nem no Brasil nem em qualquer outro país, haverá paz religiosa, até que se conheça o PRÍNCIPE DA PAZ e se lhe preste obediência. “Venha a nós o teu reino” é o suspiro por essa paz externa e interna (ROCHA, 2013: p.26-27).

Rocha (2013: p.92-93, 95-100) também formulou uma narrativa em torno da atuação de Kalley e o estabelecimento da tolerância religiosa no Brasil do século XIX como um componente fundamental do seu programa civilizatório e educacional protestante. Considera que Kalley utilizou a atuação médica para o socorro dos enfermos e aconselhar sobre o caminho da salvação no Jesus Crucificado, que resultou na proibição para exercer a sua profissão médica. No dia 26 de maio de 1859 em Petrópolis, o subdelegado proibiu ao Kalley de exercer a sua profissão de médico, a apresentação dos seus diplomas no dia anterior e o argumento da aprovação dada pelas autoridades a sua atuação voluntária durante a epidemia de cólera foi suficiente para reverter a proibição. No dia 01 de julho, o Sr. Hon W. Stuart (Chargé d’ Affaires) enviou um ofício para Kalley para apresentar os questionamentos recebidos pelo Sr. Paranhos

(Ministro dos Negócios Estrangeiros) sobre a sua prática de pregar a religião protestante a grupos de pessoas em sua casa na cidade de Petrópolis e às famílias dos enfermos que visitava na sua atuação médica, sendo este um dos motivos da sua expulsão nas Ilhas de Trindade e Madeira, o ato diário de propaganda religiosa. Destacou que o ministro Paranhos lhe informou que a tolerância religiosa estava garantida pela Constituição Brasileira, mas era limitada porque não admitia a propaganda de doutrinas contrárias à religião do Estado, sendo a sua recomendação que se retirasse de Petrópolis ou desistisse dos atos de propaganda. Assim, o Sr. Horn W. Stuart solicitou esclarecimento sobre a conduta alegada pelo ministro brasileiro e o seu desejo no futuro em evitar a conversão dos católicos romanos à fé protestante durante a sua estadia em Petrópolis.

Foi ressaltado as duas medidas tomadas por Kalley na defesa da liberdade religiosa, a primeira corresponde a submissão ao “Exame de Habilitação” na Escola de Medicina no Rio de Janeiro para ao exercício legal da sua profissão médica e a segunda consistiu na formulação de onze pontos para a leitura atenta de alguns juristas do Império como o Dr. Nabuco, Dr. Urbano S. Pessoa de Mello e o Dr. Caetano Alberto Soares. O primeiro ponto refere-se à liberdade dos cidadãos adultos brasileiros de seguir a religião que desejam escolher a qualquer momento. O segundo trata da liberdade dos cidadãos brasileiros em consultar alguém que seguia outra religião do Estado e se esse religioso podia explicar sua crença sem infringir a lei. O terceiro compreende se era criminoso aconselhar ao cidadão brasileiro a adotar uma religião diferente da dominante. O quarto refere-se se o ato de explicar a crença religiosa em casa ou em público era crime. O quinto se o cidadão brasileiro ao se unir a qualquer outra comunhão que seja a do Estado, estaria cometendo algum crime. O sexto trata sobre se os membros da outra comunhão religiosa que receberam os cidadãos brasileiros convertidos estavam cometendo algum crime. O sétimo refere-se à licitude dos cidadãos estrangeiros em seguir a sua religião no culto doméstico em casas particulares. O oitavo compreende a licitude dos amigos brasileiros participarem dos cultos domésticos realizados pelos cidadãos estrangeiros ou se seria um “culto criminoso”. O nono trata sobre a licitude do culto doméstico estrangeiro ser realizado sem formato de templo e com a entrada liberada aos seus amigos. O décimo refere-se ao cidadão estrangeiro ser obrigado a sair da sua residência ou ser deportado do país. O décimo primeiro sobre a expressão “publicamente e reuniões públicas” nos artigos 176 e 277 da Carta Constitucional.

Na escrita de Rocha o programa civilizatório e educacional protestante proposto pelo casal Kalley consistiu na promoção das leis quanto à liberdade de culto e consciência, por meio

do debate público, para a promulgação de direitos para a construção de um país moderno, liberal e tolerante. Ele destaca este programa ao utilizar a carta particular escrita por Kalley a Legação Britânica sob a representação do Horn William Stuart, dividida em cinco partes. Na primeira parte, afirmou que não transgrediu a constituição brasileira ao ter prestado atendimento médico gratuito aos pobres, mesmo sem ser licenciado pela Escola Médica Brasileira. Porque pensou que estava em consonância com a política do estado brasileiro em realizar a colonização dos seus territórios, especialmente quando ofereceu os seus serviços médicos ao Presidente do Corpo Sanitário de Petrópolis durante a epidemia de cólera, apresentou os diplomas a autoridade, que aceitou prontamente e não falou da necessidade de validação dos seus diplomas. Na segunda parte, trata sobre a sua propaganda que se limitou a distribuição da “bíblia romana” traduzida pelo padre Antonio Pereira de Figueiredo, não entendia esse ato como realização de “propaganda protestante”, pois concebia a bíblia como revelação divina e fazia a sua distribuição na língua do país que morava às pessoas que mantinha relacionamento.

Na terceira parte, trata que a sua pregação foi tão somente a realização do “culto doméstico” que realizava todo dia no turno da manhã e noite com a sua família, como também a participação voluntária dos hóspedes da casa, destacou que no domingo como “dia do senhor” era gasto um tempo maior nesses momentos de "entretenimento social”. O culto doméstico diário era composto por oração, o cântico das músicas e a leitura da bíblia. Na quarta parte, refere-se aos grupos de pessoas presentes nos cultos em sua casa: - “um velho soldado”, cidadão de Portugal, que participou algumas vezes junto com a sua esposa; - “um súdito português”, que trazia os filhos algumas vezes; - “um cidadão protestante” dos Estados Unidos frequentava regularmente com a sua esposa e dois filhos; - “uma senhora brasileira” e sua filha já de idade, que tinham renunciado as ideias católico-romanas a respeito da fé cristã, acreditava com base na carta constitucional não foram "transgressoras" e ele não pode ser considerado culpado. Na quinta parte, trata que exerceu a sua liberdade religiosa de acordo com a lei brasileira e lhe causou surpresa a provocação do ministro brasileiro à Legação Britânica. Reiterou que se o governo brasileiro insistisse na proibição ao exercício da sua liberdade religiosa, divulgaria os motivos da sua expulsão a todos os países que o Brasil esperava receber colonos, para que não fossem “enganados” pela liberdade “aparente” oferecida pelo estado brasileiro. Assim, Rocha concluiu que o governo ficou satisfeito com as respostas de Kalley e permitiria o exercício da sua liberdade religiosa sem ultrapassar os limites da lei.

Rocha (2013: p.135-166) afirma que em 1860 começaram os primeiros casos de intolerância e violência religiosa na Corte Imperial contra os fiéis da Igreja Evangélica Fluminense. No dia 20 de outubro de 1860, o Inspetor do Quarteirão acompanhado de alguns soldados e outras pessoas, dirigiram-se a casa do irmão José Bastos Pereira Rodrigues na rua da América, quando atiraram pedras, insultaram as pessoas que estavam na casa, pegaram a bíblia do irmão P. C. A. Dantas, levaram para e rasgaram-na em público. Foi aberto um inquérito e o irmão José Bastos foi convocado pelo subdelegado para informar sobre o objetivo das reuniões em sua casa. O subdelegado ficou satisfeito com o testemunho de José Bastos e permitiu que as reuniões fossem realizadas. Porém, destacou que os “inimigos da Bíblia” buscaram uma oportunidade para a escolha de um “bode expiatório”, por causa das acusações contra o autoritarismo do novo subdelegado na Freguesia de São José. Foi denunciado ao Dr. Silva Pinto que em uma casa da rua Santa Luzia estava sendo realizada uma reunião com grande número de pessoas para fins “ilícitos”. Por causa da denúncia, ordenou que um inspetor acompanhado de uma escolta, cercou a casa suspeita, prendeu a todos e conduziram a delegacia. Os seguintes irmãos foram presos: Jardim, Bernardino e seu filho, Antônio Meirinho, da Silva, José Pereira Luiz, Lobo, Pinto, José Pereira. Destaca que todos estavam alegres porque concebiam a prisão como fruto da obediência ao Jesus Crucificado. O Chefe de Polícia tinha na mão um Novo Testamento e na mesa uma Bíblia nova, quando explicou que aqueles livros foram produzidos pelos “ingleses protestantes” em Londres, que traduziam com acréscimos conforme o seu sistema religioso e declarou que a Bíblia “verdadeira” era a de Vieira. Um dos fiéis afirmou que não existia diferença entre as bíblias. O Chefe de Polícia declarou que os fiéis podiam estar enganados, porque não entendiam o que era lido e sem localizar a diferença. Outra pessoa zombou dos fiéis, porque até os doutores tinham dificuldade em explicar as escrituras e quanto mais eles que eram sujeitos “ignorantes”, sem estudo. No final, todos os fiéis foram liberados da prisão.

Em 1861 a violência religiosa continuou com destaque ao culto no dia 11 de agosto na casa nº 52 na Rua do Propósito, estavam presentes cidadãos do Brasil, Inglaterra, Portugal, Estados Unidos, França, Espanha e Suíça, no total de sessenta pessoas. Nesse dia entraram quatro pessoas sem permissão, se sentaram em silêncio e após uma hora saíram da reunião, quando começaram a atirar pedras e atingiram o quarto da casa. Jogaram uma pedra na janela que atingiu a testa de um fiel, continuaram a atirar pedras com gritos, ameaças de morte e de que a casa deveria ser incendiada. Os gritos eram os seguintes: “Judeu! Mouro! Diabo! Bíblia! Mata! Deita fogo na casa! Destaca que às oito e meia dois inspetores se deslocaram para a casa,

acompanhados de mais de duzentas pessoas, declararam que eram autoridades e exigiram a abertura da porta. Foram questionados por que como autoridades permitiam que os insultos e violências continuassem em uma casa particular. Assim, no dia 12 de agosto o presbítero Francisco Gama comunicou o ato violento ao Cônsul Americano, ao Cônsul Inglês e ao Dr. Kalley, sendo denunciado ao Chefe de Polícia que prometeu tomar todas as providências.

Ressalta na sua escrita a atuação de Kalley contra a violência religiosa, a defesa da liberdade e a tolerância no Brasil do século XIX conforme o seu programa civilizatório e educacional, através de artigos nos jornais, cartas e visitas a autoridades. Em 07 de novembro de 1864, Kalley visitou o Presidente da Província para expor a sua indignação contra a “oposição ilegal” e a lentidão do estado em preservar a liberdade, por meio das autoridades da “ordem pública”. Em 16 de novembro compartilhou uma nota emitida no Jornal do Comércio sobre a perseguição religiosa aos protestantes na cidade de Niterói, considerada uma atitude de desrespeito à Constituição Brasileira, que reconhecia ao indivíduo a liberdade de ler e ensinar a bíblia publicamente, pois não ofendia a religião católica romana. Também ressaltou o requerimento escrito por Kalley em 15 de novembro ao Presidente da Província sobre a violência em Niterói e a negligência do Estado em promover a liberdade religiosa (ROCHA, 2013: p.320-328).

Em 17 de novembro de 1864, Kalley escreveu uma carta ao Presidente da Província que duvidou da violência recebida pelos fiéis em Niterói, com base no depoimento dos policiais que negaram qualquer atentado ao culto protestante, eles destacaram que recolheria os depoimentos dos membros da Igreja que estavam presentes no culto para provar a violência. Em 29 de novembro, os presbíteros da Igreja escreveram uma carta em inglês dirigida ao general Webb (embaixador americano) sobre a intolerância religiosa no Brasil, especialmente a “indisciplina” e a “falta de firmeza” das autoridades brasileiras na garantia de liberdade de consciência e na punição dos que transgrediram esse direito pela violência física e verbal.

Rocha destacou uma reportagem no Jornal do Comércio em 22 de novembro sobre a decisão da Assembleia Provincial com base no requerimento do Sr. Castro e Silva para saber sobre a atuação de Kalley nas seguintes questões: - a sua residência, ocupação, nacionalidade e religião do Dr. Kalley; - quais as providências das autoridades na capital para acabar com as reuniões que pregavam doutrinas contrárias à religião do Estado e considerada “ilícitas” com base no artigo 5º da Constituição e o artigo 276 do Código Penal. Em 24 de novembro Kalley escreveu mais uma carta ao Presidente do Rio de Janeiro sobre a falta de proteção nos cultos

em Niterói. Ressaltou a fala do Nabuco de Araújo sobre a violência religiosa em Niterói e a negligência do estado em proteger a liberdade dos fiéis na Assembleia Provincial. Em 26 de novembro Kalley agradeceu ao presidente provincial Souza França pela proteção nos cultos em Niterói. Assim, em 25 de novembro Kalley escreveu uma carta aos deputados da Assembleia Legislativa Provincial com doze artigos sobre a sua religião, a sua subsistência e a formação acadêmica.

No dia 10 de junho de 1866, alguns sujeitos considerados “inimigos da liberdade de consciência e de cultos”, buscaram perturbar as reuniões da Igreja no Rio de Janeiro e procuraram impedir a liberdade dos fiéis. No dia 12 de junho Kalley emitiu uma representação ao Chefe de Polícia da Corte, afirmando que ele foi reconhecido como “pastor evangélico” pelo governo imperial, que realiza os cultos evangélicos aos domingos (dia e noite), nas segundas e quartas-feiras à noite na sua residência. Os fiéis reclamaram que algumas pessoas fazem manifestações hostis de desrespeito e ameaças quando chegam na sua casa para o culto. Assim, desejava evitar a violência sofrida pela Igreja em agosto de 1861 na Corte e em novembro de 1864 em Niterói, solicitou ao Chefe de Polícia a providência necessária para que as leis do país fossem respeitadas. Rocha narrou que no dia 24 de junho quando os fiéis se dirigiam ao culto da igreja, foram maltratados por “desordeiros” que vaiavam e jogavam pedras pelas janelas para dentro da sala de reuniões. No dia 25 de junho Kalley enviou outra carta ao Chefe de Polícia da Corte, para que tomasse as providências pela manutenção da ordem pública, porque cerca de doze a vinte pessoas assobiaram, vociferavam e atiravam pedras nas pessoas que vinham participar do culto na sua casa (ROCHA, 2013a: p.120-123).

Na perspectiva de Rocha (2013a: p.222-223, 228-230) a prática de violência e intolerância religiosa era resultante da provocação estimulada por líderes católicos romanos, que em seus periódicos como o jornal “O Apóstolo”, a população era excitada a preservar o “espírito católico” contra “os bíblias” e as “bíblias falsificadas”. Organizou uma narrativa em torno do português Torquato Martins Cardoso que foi proibido pelo Chefe de Polícia de Sergipe, Dr. Antero, de atuar como colportor na venda de bíblias livremente. Assim, em 21 de fevereiro de 1867, o pastor Holden na função de agente da “British and Foreign Bible Society”, escreveu uma reclamação ao Ministro do Império no Jornal do Comércio sob o pseudônimo “Observador”.

Em primeiro lugar, afirmou que o Brasil era uma terra livre sob o regime de uma Constituição que garantia a liberdade de consciência e de imprensa. Em segundo lugar,

declarou que no exercício da liberdade de imprensa existiam três restrições quanto ao debate religioso, sendo proibido propagar doutrinas que “destruam diretamente”: a) o dogma da existência de Deus; b) o dogma da imortalidade da alma; c) zombar de qualquer culto estabelecido no Império. Assim, nenhuma autoridade tinha a competência de impor restrições a mais para a população. Em terceiro lugar, constatou a arbitrariedade da autoridade policial na Província de Sergipe, quando o Dr. Antero (Chefe de Polícia) proibiu um sujeito que vendesse bíblias, com base na opinião de um líder religioso católico, de que os livros eram “falsos e condenáveis” pela Igreja Católica Romana. Em quarto lugar, por meio de perguntas retóricas, criticou esse ato de violência religiosa pelas autoridades públicas, pois o líder religioso católico não tinha sido estabelecido pela Constituição em “censor da imprensa”. Questionou qual era o artigo da Constituição que autorizava os chefes de polícia a restringir os direitos da população, com base na opinião dos líderes religiosos católicos. Como também sobre qual era o artigo que concedia à opinião da Igreja Católica uma força de “lei imperial”. Concluiu que existia uma prática comum de legitimação da violência religiosa, esperava que as providências fossem tomadas para preservação da dignidade e o cumprimento imparcial da lei.

No dia 27 de março de 1867, Kalley escreveu sobre a Bíblia em resposta ao periódico católico “O Apóstolo” que publicou um artigo com a recomendação de que a leitura da Bíblia era uma vantagem, pois todos ganhavam com a sua leitura. O artigo destacou que a tradução da Vulgata em português pelo padre Antônio Pereira de Figueiredo publicada em Lisboa e Paris, era a recomendada. Ao mesmo tempo considerava a leitura da edição inglesa da Bíblia como uma “loucura” e não edificava, porque era uma edição “reprovada, adulterada e falsificada”. Assim, Kalley considerou tal acusação “falsa” e “caluniosa”, porque o caminho recomendado para o governo imperial e ao povo brasileiro, consistia em seguir o modelo das outras nações civilizadas: a condenação da intolerância religiosa e reafirmação da liberdade.

Em 11 de abril de 1867, Kalley continuou o debate em torno da Bíblia, especialmente a questão de que se fossem “falsificadas” e “adulteradas” a culpa era do padre Antônio Pereira de Figueiredo e a Igreja Católica Romana, pois todas as edições advêm dessa tradução feita pelo padre. Defendeu a leitura da Bíblia por todos e sem anotações, porque era mais barata e conduzia o leitor diretamente às palavras divinas e não as notas meramente humanas. Então, a sua perspectiva era que a acusação da Igreja Católica das bíblias distribuídas pelos protestantes como falsas, tinha o objetivo de impor a intolerância religiosa, fortalecer o seu como instituição religiosa e a restauração do espírito da Inquisição.

Para Rocha (2017: p.31, 70-71, 76) o debate de Kalley em defesa da tolerância religiosa continuou em 07 de maio de 1873, quando escreveu um artigo com o título “Imigração” no Jornal do Comércio, a partir da perseguição sofrida pelo colportor Vieira e seus amigos em 14 de março no estado de Pernambuco. Neste artigo, ele se dirigiu aos representantes dos governos alemão, inglês, italiano e outros, a todos os emigrados que não seguiam a religião de estado no Brasil Imperial. Ressaltou que o estado brasileiro precisava acabar com essa violência religiosa. Caso persistisse, recomendou que os países europeus conhecessem que os líderes religiosos católicos romanos dominavam o "governo civil", que resultava em casamentos anulados, a proibição dos imigrantes acatólicos de prestar culto livremente e a redução da carta constitucional ao poder religioso.

O pastor Kalley escreveu um artigo no dia 30 de dezembro de 1873 no Jornal do Comércio sobre a violência religiosa sofrida pelos fiéis no “ponto de pregação” da Igreja em São Domingos, com o apedrejamento do espaço para culto. Em primeiro lugar, trata que no dia 15 de dezembro às 7:30 da noite em São Domingos, os fiéis de várias nacionalidades estavam reunidos para o culto público e o estudo da bíblia, conforme a religião protestante. Às 08 horas, o culto foi interrompido por pedradas que quebraram as janelas e o ataque continuou por 30 minutos, sem que a Polícia ou qualquer autoridade finalizasse a violência.

Em segundo lugar, refere-se ao requerimento feito ao Chefe de Polícia da região, para que a violência religiosa fosse finalizada e assegurado o direito constitucional da liberdade de culto, sem qualquer ato violento. Destacou que no dia 27 de dezembro, a autoridade executiva do Governo Imperial lhe respondeu o requerimento da seguinte forma: “Não tem lugar nem concedia licença para tais reuniões”. Em terceiro lugar, trata que casos semelhantes aconteceram em outros lugares do país, que a resposta do Governo Imperial era de que as reuniões religiosas estavam liberadas pela Carta Constitucional. Porém, a resposta das autoridades era de que não podiam ser responsabilizados pelos atos de violência praticados pelo povo. Em quarto lugar, não aceita a resposta do Governo ao requerimento, de que os cultos protestantes eram "ilícitos", da impossibilidade de proteger os fiéis dos “insultos” e “violência”. Assim, entendia que os governos dos países europeus tinham o direito de julgar o Estado Brasileiro como responsável pela violência religiosa aos seus cidadãos e o descumprimento dos direitos assegurados aos cidadãos europeus pela Constituição Imperial.

Para Rocha a atuação de Kalley pela tolerância religiosa foi bem-sucedida, conforme apresentado em 15 de fevereiro de 1874, quando o Ministro Britânico escreveu para ele, sobre

a sua queixa encaminhada em caráter particular aos representantes do Governo Imperial, da Presidência da Província do Rio de Janeiro, do Ministério da Justiça e ao Imperador. Tal queixa resultou na Decisão Imperial de que a legislação do país garantia a realização de reuniões e conferências sobre religiões diferentes da estatal, desde que fossem em casas particulares, tendo a Polícia a responsabilidade de garantir a segurança individual e evitar a presença de escravos sem a licença de seus senhores.

Portanto, Rocha elaborou essa leitura com imagens diversas sobre a realidade brasileira no século XIX e o programa civilizatório protestante no país proposto pelo casal Kalley, com destaque aos seguintes aspectos: - as reformas e modernização no país com a instalação de equipamentos modernos e o desafio da epidemia de cólera no país, a resposta da Igreja Católica com cartas pastorais escritas por sua liderança e a atuação médica do Dr. Kalley para implantação da civilização protestante; - a manutenção do sistema escravista e a participação dos negros no programa educacional protestante; - a sua perspectiva sobre a importância da colonização protestante para promoção da civilização no país, o sistema escolar na Corte Imperial como “atrasado”, a Igreja Católica Romana, o medo de perder a hegemonia religiosa no país e a atuação de Kalley pela tolerância religiosa.

A partir de Pesavento (2008: p.7-8) na escrita de Rocha as palavras ditas correspondem a uma forma de dizer sobre o Brasil do século XIX, que a partir dos relatos contidos na documentação, as experiências vividas foram recuperadas através da reminiscência, para os que vivem no tempo presente e não experimentaram aquele tempo passado no país. Na evocação de mortos, lugares que não existem mais, sociabilidades e ritos que foram transformados no presente e valores desnaturalizados. Na constituição de uma “história em fragmentos” que formam um mosaico, sendo o país e a cidade tecida de forma contínua. Isto porque Rocha atua como “senhor do tempo” em que recria a sua escrita sobre o passado cada vez que produz suas narrativas. Portanto, os variados discursos em torno das cidades brasileiras como Rio de Janeiro, Niterói e Recife, constituindo-se em “*cidades faladas, cidades imaginadas e cidades sensíveis*”.

4.2. Os livros, a leitura, a centralidade da Bíblia e as escolas

Rocha elaborou na Coleção uma narrativa com imagens diversas sobre o processo para implantação da civilização protestante no país do século XIX, liderado pelo casal Kalley, com destaque à produção de livros, a promoção da leitura, a centralidade da Bíblia e as escolas.

Primeiramente, tratou sobre o convite do Dr. Kalley aos fiéis madeirenses e amigos portugueses nos Estados Unidos, para que viessem ao Brasil contribuir pela expansão da fé protestante. Nestas cartas pastorais apresentou as necessidades espirituais do país que vivia sob a hegemonia do catolicismo romano, incentivou que buscassem trabalho para a manutenção diária da família, utilizassem o conhecimento das escrituras e caminho da salvação com os colegas de trabalho. Destacou que em 1856, o Dr. Kalley convidou os madeirenses Francisco da Gama, Francisco de Sousa Jardim e Manuel Fernandes, para morar no Brasil e contribuir para a difusão da fé protestante. Assim, Francisco Gama recebeu a proposta do Dr. Kalley de trabalhar como vendedor de livros e compartilhar a fé na Corte, Francisco Jardim foi trabalhar como limador no Arsenal da Marinha e evangelizar os colegas, enquanto Manuel Fernandes era vendedor de livros em Petrópolis e região (ROCHA, 2013: p.37-41).

Rocha (2013: p.46-55) narrou sobre a produção de livros e folhetos para promoção da civilização protestante, por meio da equipe de colportagem liderada pelo casal Kalley. No segundo semestre de 1856, Francisco da Gama começou como colportor com a venda de bíblias, folhetos nas casas e compartilhava a fé protestante, sendo muito importante para o Dr. Kalley a emissão da licença junto ao governo na realização deste trabalho para evitar a perseguição religiosa. Apresentou alguns dados contidos nos relatórios emitidos por Gama das suas vendas. No ano de 1856 vendeu de forma rápida em setembro 12 bíblias, 48 novos testamentos, 10 unidades da Divina Autoridade do Novo Testamento, em novembro foram 51 novos testamentos, em dezembro com 34 novos testamentos e 45 folhetos. No primeiro semestre de 1857 foram vendidos 134 novos testamentos, 262 bíblias e 138 folhetos: - em janeiro com 29 bíblias, 36 novos testamentos e 31 folhetos; - em fevereiro com 68 bíblias, 28 novos testamentos e 33 folhetos; - em março com 56 bíblias, 14 novos testamentos e 21 folhetos; - em abril com 35 bíblias, 13 novos testamentos e 22 folhetos; - em maio com 45 bíblias, 29 novos testamentos e 24 folhetos; - em junho com 29 bíblias, 14 novos testamentos e 7 folhetos. Também foram distribuídos gratuitamente 4 novos testamentos e 1.076 folhetos, tendo a oportunidade de visitar 454 casas e compartilhar a fé para 744 pessoas.

Rocha (2013: p.84-85, 220, 224) destacou que Kalley de janeiro a junho de 1859 adquiriu para o trabalho de colportagem 847 bíblias e 1.100 novos testamentos. Sendo as bíblias e os novos testamentos em idiomas diferentes como: - 731 bíblias em português, 95 em alemão, 18 em inglês, 2 em italiano e 1 em hebraico; - 971 novos testamentos em português, 100 em alemão, 12 em francês, 6 em italiano, 10 em espanhol e 1 em grego. Os relatórios dos colportores eram organizados em diários que eram compartilhados às segundas-feiras pela manhã com a missionária Sarah Kalley, para relatar os casos positivos e negativos do trabalho como também receber a orientação para a sua melhor realização. Apresenta os colportores como vendedores ambulantes de livros e bíblias que visitavam as pessoas na cidade do Rio de Janeiro e próximas, com o dever de vender o bem mais precioso e através do diálogo com a população apresentar o caminho da salvação.

É importante analisar a narrativa formulada por Rocha sobre a atuação dos colportores na difusão da civilização, com base em Nascimento (2017: p.5) de que a estratégia de distribuir impressos precedeu o estabelecimento de igrejas e escolas, sendo uma contribuição significativa para a instalação definitiva do protestantismo no Brasil. O colportor que atuava como polemizador com as autoridades religiosas locais através da imprensa, a observação das cidades mais interessantes para a fundação de igrejas e escolas. Assim, fazia o mapeamento dos territórios e quando em determinado local a maioria da população não sabia ler, ele elaborava a proposta para organização de um grupo e mantinha o compromisso de enviar um professor que tinha também a função de um missionário.

Rocha (2013: p.46-51) ressaltou a importância da produção de livros com qualidade para o desenvolvimento da inteligência, moralidade, nobreza e vida pura. Afirmou que a vida pura estava fundamentada no “renascimento espiritual” realizado pela leitura e estudo da Bíblia. Narrou a preocupação do casal Kalley em disponibilizar livros e folhetos para educação geral da população que estivessem em conformidade com a fé protestante, porque de acordo com Gama em carta de 28 de novembro de 1856, esse era um pedido das pessoas que encontrava nas ruas: “Tenho continuado sempre no meu giro, e me perguntam se eu não tenho outros livros... de histórias para os fazer rir... Tenho procurado para ver se podia achar algum livro de histórias que fosse útil para levar, mas vejo que em todos há uma grande obra do demônio”.

Apresentou uma lista de 21 livros e folhetos que foram preparados pelo casal Kalley até o ano de 1858: - A Religião de Jesus; - Vendo Invisível; - Histórico de Luiza; - Três

perguntas; - O menino que morreu; - O Rei dos Judeus; - A Divina Autoridade; - A Viagem do Cristão; - Cartilhas; - Jovem Aldeana; - Menino da Matta; - Manquinha de Antiochia; - O homem que matava os seus vizinhos; - Oração do Meu Pai; - Culto Doméstico; - Cobra de Bronze; - Sr. Feliciano; - Contos para Choupanas; - Mariquinhas ou Deus em tudo.

Rocha (2013a: p.117, 164-166) afirma que a distribuição dos livros e folhetos foi importante para a implantação do programa civilizatório protestante no Brasil, porque despertava no leitor a curiosidade e o desejo de conhecer o caminho da salvação: “a verdadeira religião de Jesus Cristo”. De que o pastor Kalley estimulou a prática da leitura compartilhada de livros para educar os fiéis nos valores da fé protestante, como na sessão da Igreja em 01 de junho de 1866, quando leu uma parte do livro “A Viagem do Cristão” que tratava da recepção de Cristão no Palácio Formoso”, onde ele teve a oportunidade de conversar com três personagens alegóricos: “Devoção, Prudência e Caridade”.

Também apresentou uma lista dos livros e folhetos distribuídos pelos colportores sob a liderança do casal Kalley entre os brasileiros e portugueses em 1866: - A Jovem Aldeã; - A Antigualha; - Livros Apócrifos; - A Divina Autoridade do Novo Testamento; - A Cobra de Bronze; - Que é a Bíblia; - Cartilha; - O Caldeireiro; - Alegria da Casa; - Pequena Chave; - Contos para Choupanas; - Viagem do Cristão; - Evidências do Cristianismo; - Cleão e Maia; - O Ladrão na Cruz; - Lembranças Diárias; - O Culto Doméstico; - O Frade; - O Mundo Feliz; - Incidentes nos Caminhos de Ferro; - Feliciano, Esperança da Glória; - O Professor Gomes e o bom boticário Faria; - Henriquinho; - Salmos e Hinos; Ansioso Inquiridor; - Vendo o Invisível; - O Grande Jantar; - Religião de Jesus; - O rei dos Judeus; - Louco, louco; - Mandamentos; - História de Luiza; - Manquinha de Antioquia; - Marquinho ou Deus em tudo; - O Menino da Mata e o seu cão Pilotão; - Jesus e Maria; - A Mãe Moribunda; - O Menino que morreu; - O Dia de Natal; - Regras de Ouro; - Duas ovelhas; - Ovelhinhas; - Orações de meu Pai; - Três perguntas; - O Caminho Perdido; - Penitências; - Não haverá mais pranto; - Báculo Quebrado; - Guerra Santa; - Semana Santa; - O Sceptico; - O homem que matava os vizinhos; - Como devemos entender a Bíblia Sagrada?; - Estampas.

Ressalta que a aquisição de livros e folhetos foi uma prática comum neste programa educacional, como em janeiro de 1869 quando Kalley escreveu ao colportor Francisco Gama sobre a chegada na Alfândega, vindo de New York, um caixão contendo 100 livrinhos da “Sociedade dos Tratados”, 200 Cartilhas, 200 Dois Cordeirinhos, 90 A Jovem Aldeã e mais 200 pacotes de folhetos. Ressaltou que podia vendê-los pelo mesmo preço estipulado pelos

americanos. Entre os tratados existia um referente ao “Novo Nascimento”, que o autor demonstrava a diferença entre o “nascimento natural” e o “nascimento espiritual”, mencionado por Jesus naquela noite em Jerusalém quando conversou com Nicodemos, o “inquisidor sincero”. O interessante é que o folheto de 32 páginas continha notas escritas pela professora Sarah. No dia 03 de junho de 1872, Kalley foi ao “Depósito” da Sociedade Bíblica Britânica pagar a sua conta relativa ao período de 10 de julho de 1871 a 1 de maio de 1872, foi distribuído neste período os seguintes livros: 105 bíblias, 205 novo testamentos, 08 evangelhos em português, 07 bíblias em inglês, ao todo gastou 417\$480 réis com desconto de 25% (ROCHA, 2015: p.81, 87 e 279).

No dia 16 de junho de 1874, Kalley pagou na Sociedade Bíblica Britânica a quantia líquida de 352\$100 réis, referente a 436 volumes que adquiriu no período de 03 de 1873 a 12 de maio de 1874, sendo 86 bíblias e 350 novos testamentos. Em 07 de maio de 1875, o casal Kalley preparou a edição e impressão de alguns livros em Londres, por intermédio de Naylor na Sociedade de Tratados Religiosos e a Tipografia do Sr. Burt, os materiais a serem impressos foram: Louco-Louco, Antigualha, Mãe moribunda, O Caminho perdido, A Cobra de Bronze, Incidentes nos trens, Bagagem demasiada, O Frade, Cleon e Maia, Salvação Perfeita e Segura. No final de 1875 o casal Kalley tinha a expectativa de receber meia dúzia de cada um dos seguintes livros: Cânticos Novos, Salmos e Hinos, Tolo Científico, Sonho do Conselheiro, Desgraça de João, Gustavo, Peixe de Graça, Vida e Mistérios. Em 1878 Kalley comprou à Sociedade de Tratados Religiosos o seguinte conjunto de livros e encaminhou ao colportor Francisco Gama: 200 exemplares de A Viagem do Cristão, 500 exemplares de Caminho Perdido, 500 de Ovelha Perdida, 500 de Vendo o Invisível, 500 de Luiza, 500 do Cobra de Bronze, 500 Mundo Feliz e 500 do Louco, Louco. Destaca que em 1878 o casal Kalley publicou os seguintes folhetos para distribuição no programa educacional: Boas Novas, O Caminho, A Dúvida, Lembrai-vos das suas Maravilhas, Divertimentos Familiares, Cartões para as reuniões de Divertimentos Familiares (ROCHA, 2017: p.91, 129, 156, 239 e 242).

Rocha (2013: p.60-61) também discorreu sobre a produção de artigos pelo Dr. Kalley nos jornais, a importância da leitura e a centralidade da Bíblia na propagação da civilização protestante, no contexto da escola bíblica, de instrução e culto doméstico. Segundo Rocha, o Dr. Kalley publicou alguns artigos no Correio Mercantil em 1856 nos dias 27 de novembro, 1, 2 e 10 de dezembro em 1856, para “despertar entre o povo instruído a curiosidade pelas Escrituras Sagradas” com os seguintes temas: - Aos que não querem enganar-se; - Como está delineado o caráter de Deus no Novo Testamento; - O caráter de Jesus Cristo; - O testemunho

de Rousseau a respeito de Jesus. Destacou trechos dos artigos para divulgação do livro *A Divina Autoridade do Novo Testamento* disponível para a venda como uma obra importante para estimular a perfeição, felicidade e a verdade. Assim, tinha o objetivo de convencer os leitores a buscarem a verdade sobre o cristianismo por meio da boa leitura, como alguns pensadores modernos examinaram e concluíram que o cristianismo era verdadeiro.

“Permittireis que um desconhecido amigo vos peça instantemente que deis atenção a um livro, escripto com o santo designio de vos elevar à perfeição de vossa natureza e a felicidade, dirigindo-vos a Deus? É um livro que requer exame. (...) Se Bacon, Pascal, Boyle, Newton, Locke e Leibnitz examinaram o Christianismo e o reconheceram como verdadeiro, como podeis dizer que, com imparcialidade, investigais a verdade e a felicidade, se não quereis examinal-o? (ROCHA, 2013: p.60-61).

Apresentou alguns artigos publicados por Kalley no *Correio Mercantil* em 1859 para promover a civilização protestante no país. Nos dias 26 e 27 de maio com um artigo intitulado “O Imperador da Rússia e as Escrituras Sagradas”, para demonstrar a importância da leitura da Bíblia fez a citação de que Alexandre II investiu recursos financeiros para distribuir o livro sagrado em todo seu império. Assim, Rocha destacou a explicação de Kalley sobre a relevância desta atitude do imperador, de que somente pelo estudo da Bíblia seria possível adquirir o conhecimento sobre Deus, o pecado na vida humana e o caminho da salvação traçado por Jesus. Nos dias 2 e 6 de maio foi publicado “O Mundo Feliz”, Rocha destacou o trecho em que Kalley tratou sobre o caminho da salvação oferecido por Jesus através do seu sangue derramado na cruz que redime e purifica o ser humano dos seus pecados, sendo necessário crer para receber a paz e salvação. Apresentou a pergunta feita por leitor no dia 11 de maio sem resposta, que tratou como perseverar no caminho da salvação, por meio de uma vida com muitos vícios e ter a certeza de alcançar o reino dos céus.

Nos dias 20, 24, 26, 30 de junho e 03 de julho, Kalley escreveu a história “O Professor Gomes e o Bom Boticário Faria”. Nos dias 28, 29 de agosto, 25 e 26 de setembro publicou “Incidentes nos Caminhos de Ferro”. No dia 29 de agosto publicou duas estrofes e uma de um hino no dia 26 de setembro que trata do caminho da salvação traçado por Jesus Cristo para a humanidade pecadora. Na primeira, refere-se que Jesus morreu na cruz pelo pecador e lhe convida a buscar socorro no cotidiano. Na segunda, destaca que Jesus tem o poder de limpar e lavar o pecador de todo mal, por causa disso busca fortalecer a sua comunhão com o salvador.

Na terceira, aborda que o medo da morte e perdição será vencido por meio da fé no Salvador Jesus (ROCHA, 2013: p.86-88).

Rocha (2013: p.48-49,69, 75) também elaborou uma narrativa sobre a importância da leitura em torno da Bíblia na escola bíblica, de instrução e culto doméstico. Gama organizou uma escola para a leitura e estudo da Bíblia que teve a duração de cinco meses, porque não tinha uma equipe para lhe auxiliar, a falta de constância dos alunos e o incômodo gerado com os vizinhos. O Dr. Kalley lhe aconselhou a procurar outra casa, Gama respondeu que não encontrou um bom lugar e a necessidade de ter alguns livros para explicação da Bíblia durante as aulas. O incômodo dos vizinhos estava relacionado com o medo das pessoas de participar, porque falavam que ele e Kalley saíram fugidos da Ilha da Madeira com várias bíblias queimadas. Assim, Rocha destacou que era necessário fortalecer a escola para instrução bíblica dos jovens por meio de um ensino prático e objetivo das “doutrinas evangélicas aos novos discípulos”. Ao apresentar o caso de José Pereira Louro que Petrópolis cumpria com fidelidade o seu dever de compartilhar a fé protestante aos vizinhos e colegas de trabalho, especialmente em convencer para que lessem as escrituras junto com ele e se tornassem “verdadeiros discípulos”, sendo transformados pela “luz divina”. Como também a prática de alguns fiéis da Igreja que abriram salas para leitura e explicação da Bíblia, com a citação de uma carta escrita em 05 de outubro de 1860 pelo Dr. Kalley reafirmava o dever dos fiéis em se dedicar voluntariamente ao dever de espalhar a fé protestante, porque eram “servos de Jesus”.

Para reafirmar a sua narrativa, destacou o sermão proferido pelo pastor Kalley no dia 18 de junho de 1865 sobre a Bíblia e a salvação no Jesus Crucificado. Primeiramente, afirma que a Bíblia era um “compêndio divino” de fatos e acontecimentos, que abrangiam épocas remotas da criação do mundo sem qualquer relação com o tempo presente. Declara que a descoberta científica de que o mundo possui milhões de anos, podia ser lido como referente ao período entre o primeiro versículo do livro de Gênesis e o segundo, sendo um tempo em que Deus derreteu o planeta, esfriou, gelou e tornou habitável por uma diversidade de seres. Na sua perspectiva a Bíblia foi composta sob a direção imediata do espírito divino. De que nenhuma descoberta científica era suficiente para trazer descrédito do “livro sagrado” em suas verdades básicas como: o valor e a firmeza fundamental do cristianismo; a fé no caráter, na natureza e nos atributos de Deus; no destino futuro e eterno reservado aos fiéis convertidos pelo Jesus Crucificado.

Em segundo lugar, afirma que não existe contradição entre o que os cientistas descobrem e o que foi documentado divinamente pelo “Criador” na bíblia para a instrução humana. Assim, o fiel não precisava duvidar da bíblia como “palavra de Deus” e quando havia contradição entre a ciência e a bíblia, a razão estava na “ignorância humana” que o incapacita de compreender as verdades do livro sagrado. Trouxe como exemplo quanto ao trabalho do cientista, a atuação do professor Louis Agassiz que consistia em decifrar as “palavras secretas” gravadas por Deus nas obras da natureza e que registram a história mais antiga do planeta. Em terceiro e último lugar, declara que a bíblia era um “livro divino” marcado pela simplicidade, para que todos tivessem a oportunidade de aprender sobre o caminho da salvação traçado pelo Jesus Crucificado, que se ofereceu de forma sacrificial pela humanidade pecadora.

Em 23 de agosto de 1865, o pastor Kalley ensinou sobre a importância de o fiel ler a Bíblia, especialmente o Antigo Testamento porque confirmava a verdade de Jesus Crucificado como “salvador do mundo”. Reafirmou que a Bíblia era um “livro divino” composto sob a inspiração divina. Ressaltou que o próprio Jesus utilizou os textos do Antigo Testamento como “palavra divina” para a instrução sobre o caminho da salvação. Por isso, o fiel tinha o dever de ler e estudar o livro divino diariamente (ROCHA, 2013a: p.57-58).

A narrativa de Rocha (2013a: p.125-130) sobre a importância da leitura da Bíblia o programa civilizatório proposto pelo casal Kalley, quando ressaltou o debate realizado com as autoridades religiosas católicas em torno das “bíblías falsificadas” dos protestantes e os usos das escrituras. Narra que o cônego Pinto Campos da Igreja Católica em Recife publicou uma série de artigos “grosseiros” e “injuriosos” para educação dos seus fiéis sobre o perigo da circulação das “bíblías dos protestantes”. Em resposta, os pastores Kalley e Holden (da Igreja Evangélica Fluminense) decidiram responder essa questão sobre as “bíblías falsificadas” em 15 de julho de 1866 por meio de um artigo. Nessa primeira resposta foi divulgado um convite para que comparecem no “Depósito das Escrituras Sagradas” para verificar as bíblías e novos testamentos publicados pela Sociedade de Londres, bem como as bíblías e novos testamentos aprovados pelas autoridades católico-romanas. Especialmente, os exemplares da Bíblia, autorizados pelo Arcebispo da Bahia e a Autoridade Eclesiástica em Lisboa. Na perspectiva de Rocha, o objetivo do cônego Pinto de Campos era manter a população na “ignorância” com os seus artigos, para que não enxergassem como os papas estavam “falsificando” as escrituras sagradas, as leis e doutrinas divinas.

Em 21 de julho de 1866, Kalley publicou o artigo “A Boa-Fé dos Padres” sob o pseudônimo “Como fomos”, em que comenta sobre o aviso do cônego Pinto de Campos no periódico “O Apóstolo” em 15 de julho de 1866, de que os exemplares das “bíblias falsificadas” estavam expostos na Livraria do Seminário São José, para serem conferidas as falsificações. Narra, que Kalley e um amigo compareceram na livraria para verificar as falsificações, levaram dois exemplares das bíblias impressas em Londres e Lisboa conforme a tradução do padre Antônio Pereira de Figueiredo, mas saíram do lugar sem as provas. Finaliza, com uma crítica a alguns líderes católicos romanos que se apresentavam como “protótipos de santidade”, porém, apenas “burlam” e “enganam” as pessoas. Em outro artigo assinado por “Um Cristão verdadeiro” afirmou que os inimigos da “palavra de Deus” lançam um torpedo contra a verdade, mas ela “trunfará” contra as “manipulações artificiais” dos inimigos.

Rocha afirma que essa questão das “bíblias falsificadas” resultou na produção de vários artigos no Jornal do Comércio durante um ano inteiro na imprensa brasileira, a participação do pastor Kalley, Holden e vários intelectuais, especialmente sobre as traduções publicadas por corporações religiosas em Londres, Lisboa ou Nova York. Tal debate consistia em duas posições sobre o modo de usar a Bíblia. A primeira posição, era a baseada no medo de que a população tivesse a oportunidade de possuir os livros escritos pelos profetas da Igreja Antiga, com os ensinamentos sobre o caminho da salvação no Jesus Crucificado. Como também o medo de que a população lesse esses livros e descobrissem que o ensino recebido pelos pais era falso. Na segunda posição, a preocupação era cumprir a ordem do Jesus Crucificado de espalhar o caminho da salvação a todos os povos e disponibilizar as escrituras sagradas em todas as línguas, porque a fé deve ser fixada tão somente ao único salvador.

A primeira posição era representada pelo catolicismo romano, sendo a Bíblia traduzida junto com um conjunto de notas e certos livros religiosos, mas que não foram inspirados divinamente e conduziam os leitores ao “engano”. Enquanto a segunda posição representada pelo protestantismo, tinha o foco em publicar a bíblia sem “acréscimos humanos”, “sem notas nem comentários” e sem os livros religiosos. Então, para Rocha em torno desse debate existia um propósito “satânico” de destruir todas as bíblias, a fé em Deus, a religião, a “raça” judaica, o cristianismo e a esperança no caminho da salvação. Ressalta que os “servos de Satanás” não eram invencíveis, que o erro seria destruído pela verdade e o ódio pelo poder do amor divino. A sua perspectiva era de que este “projeto pagão anticristão” seria destruído por Deus.

Rocha (2013a: p. 37, 59, 124-125, 198, 207; 2015: p.45-46) também construiu uma narrativa sobre a importância das escolas neste programa civilizatório e educacional, especialmente a Escola de Música, a Escola Dominical e a Escola Diária. Quanto a Classe de Música apresentou um conjunto de fragmentos dispersos e pontuais sob a coordenação da professora Sarah, como no dia 05 de junho de 1865, ela em uma pequena sala na Travessa das Partilhas ensaiava músicas de hinos novos com a presença de 30 alunos. Em 16 de setembro, ela trabalhava na segunda edição da Coleção Salmos e Hinos, na composição de vinte e seis hinos novos e na correção dos que foram publicados na primeira edição brasileira de 1863. Destacou que esse livro era muito importante junto com um piano que precisava adquirir, para organizar melhor a educação dos alunos na Escola de Música.

Evidencia que vários jovens da Igreja tinham o desejo de aprender música, o que motivou a professora Sarah a criar mais uma Classe de Música, a "Classe Juvenil", no dia 13 de julho de 1866. Enquanto a "Classe dos Velhos Discípulos" começou oficialmente no dia 01 de maio, o dia dedicado para o ensaio era a segunda-feira. Algumas aulas eram conjuntas como no dia 05 de novembro e 15 dias depois, ao todo formavam 40 alunos, sendo esta prática repetida até o ano de 1867. Nas duas classes, a professora Sarah interligava o ensino da música e o estudo da Bíblia, no dia 24 de fevereiro de 1867 ensinou sobre Mateus 11.23 e compartilhou a história de um homem que falava da "arte de morrer bem".

Em 10 de janeiro de 1867, Sarah ensinou o hino 28 "Ó Avante Salvador, sê Tu meu Amparador" com a música "Hurts" (Refúgio), nesse dia estavam presentes quarenta alunos e outros não matriculados. Nesse dia também instruiu com base na história do carcereiro de Filipos (Atos 16.20 a 40), demonstrou que em casos especiais quando empregados os meios proporcionados por Deus, pode acontecer uma conversão súbita e permanente. Em 09 de julho de 1868, a professora Sarah estava muito alegre porque os livros de "Música Sacra" estavam prontos, bem impressos e encadernados. Assim, quando os recebeu, foi ensaiar as músicas ao piano e distribuiu entre os alunos da classe.

Sarah quando chegou de viagem da Europa, escreveu uma carta para sua tia Lydia Morley em 1871 sobre a Escola de Música na Igreja e pensou que todo o trabalho dedicado na escola tinha sido em "vão" e "infrutífero", com os alunos esquecendo todo o aprendizado. Porém, ela se surpreendeu com o coração "agradecido" porque os alunos cantaram com "correção" as diversas melodias já em uso e as novas. Em 08 de dezembro de 1876, o pastor Manoel Gonçalves dos Santos que liderava a Igreja após a saída definitiva do casal Kalley do

Brasil, escreveu uma carta para compartilhar sobre a continuidade da Escola de Música na Corte e em Niterói, que era realizada nas segundas-feiras dividida em dois momentos: o primeiro das 7 às 8 horas para a oração e o segundo das 8 às 9 horas para o estudo elementar de música (ROCHA, 2015: p.198; 2017: p.175-176).

Rocha trata da formação de uma Classe para Instrução Bíblica e a educação dos fiéis pelo batismo no programa civilizatório. Kalley dirigia nas quintas-feiras à noite na Igreja da Corte uma classe para instrução bíblica dos candidatos ao batismo e a prática de fazer o exame dos candidatos por meio de entrevista. Em 05 de setembro de 1867 que ensinou sobre o arrependimento e a exigência divina para o pecador arrependido. No dia 12 e 19 de setembro tratou sobre a verdadeira fé no Jesus Crucificado e os efeitos produzidos nos sentimentos de uma pessoa, no seu caráter e conduta dos que creem e obedecem. No dia 13 de novembro de 1871, Kalley ministrou uma palestra especial com 12 candidatos ao batismo sobre a natureza espiritual de Deus e os atributos característicos do Espírito Santo (ROCHA, 2013a: p.185, 310,313; 2015: p.225).

Apresentou um fragmento da história de Antônio Correia Torquato, que no dia 14 de janeiro de 1867 visitou o pastor Kalley para ser examinado sobre as doutrinas da fé protestante. Kalley elaborou as perguntas no exame e um questionário utilizado no ato do batismo em torno dos pontos apresentados a seguir que sintetizam o currículo de ensino dessa classe: - a fé na existência de Deus como espírito em três pessoas e um só Deus; - a crença de que a Bíblia foi escrita por inspiração e direção divina, que contém as suas leis para a humanidade; - o reconhecimento da natureza do pecado e de que era um pecador que merecia o castigo da morte e do inferno; - a fé em Jesus como humano e divino que foi crucificado e ressuscitou; - a crença na morte sacrificial de Jesus Crucificado, que por meio do seu sangue na cruz ofereceu o perdão dos pecados; - os benefícios da salvação oferecida pelo Jesus Crucificado como uma dádiva e não por obras; - a vida santa do fiel salvo era uma obra sob a direção do Espírito Santo ao crer e obedecer os mandamentos do Jesus Crucificado (ROCHA, 2015: p.16-17).

A educação pelo batismo foi uma prática fundamental como consta na narrativa de Rocha do dia 14 de outubro de 1873 na Igreja que estava em formação na Província de Pernambuco, quando o casal Kalley realizou o exame dos candidatos ao batismo e ressalta a necessidade de os fiéis casados cumprirem os seus deveres como casal, em conformidade com as escrituras sagradas. O pastor Kalley conversou com os homens sobre os deveres de ser um membro da Igreja e o desafio de ser uma testemunha fiel da obra salvadora de Jesus

Crucificado. Ao mesmo tempo, a professora Sarah fez o exame das mulheres com uma conversa sobre os deveres e a conduta de uma fiel que vivia o caminho da salvação. Destaca que entre os candidatos havia três casais, cuja situação precisava ser legalizada para serem admitidos como membros da Igreja, por meio do casamento civil. Assim, o pastor Kalley falou com os três casais sobre os “deveres recíprocos” dos cônjuges e os deveres para com a família, de acordo com as leis divinas e humanas.

Rocha (2017: p.54-55) também expôs uma prática constante do Kalley que foi a realização de Conferências, especialmente quando esteve em Pernambuco, porque os temas abordados demonstraram o currículo que consistia na instrução sobre o caminho da salvação traçado pelo Jesus Crucificado, sendo um programa de base conversionista. Segue os temas abordados nas Conferências: a) Certeza da existência de Deus. A glória da sua natureza. A excelência do seu caráter. O seu direito de governar a raça humana; b) O Homem. Superior a todas as criaturas terrestres e sujeito a Deus. Dotado de nobres poderes em sua alma e um corpo de maravilhosa construção. A alma e o corpo em união íntima e com um destino futuro; c) O Pecado. Sua natureza, engano e consequências. Incapacidade do pecador em salvar-se. Método divino da salvação pela "substituição"; d) Jesus Cristo. Duas naturezas: humana e divina. Nosso “Substituto” em obedecer a lei. Nosso “Substituto” em obedecer ao sofrer o castigo merecido pela humanidade pecadora. A perfeição de sua obra era uma circunstância razoável para depositar nele toda a confiança e crer que está salvo, desde que entregue a vida aos seus cuidados; e) A Eternidade. Os resultados eternos para os fiéis, redimidos por Jesus Crucificado, será após a sua segunda vinda para a eterna cidade celestial.

Dessa maneira, demonstrou que a rotina semanal de ensino na Igreja Evangélica Fluminense era composta por uma dinâmica diversificada, para que o fiel ocupasse o seu tempo de forma útil e em conformidade com a civilização protestante. Nos domingos eram realizadas reuniões para o culto e o estudo da Bíblia na Escola Dominical. Nas segundas-feiras para o estudo da Música e ensaio dos hinos. Nas terças-feiras a reunião da Sociedade de Senhoras. Nas quartas-feiras para o culto de oração e estudo da Bíblia. Nas sextas-feiras o treinamento para os professores da Escola Dominical no preparo das lições. Essa rotina semanal era construída a partir da participação de todos os fiéis como no culto da tarde em 14 de julho de 1867, o pastor Kalley enumerou as provas que tornam evidente o grande acontecimento da ressurreição de Jesus. Assim, quando o sermão foi concluído, o irmão Bastos perguntou se o corpo de Jesus ressuscitado era o mesmo que ele tinha antes de ser crucificado. O pastor

declarou que não estava preparado para dar uma resposta com clareza, pois não tinha estudado o assunto de forma mais aprofundada (ROCHA, 2013a: p.268).

Neste programa o processo era fundamentado no ato de conhecer o caminho da salvação e o Jesus Crucificado. No dia 30 de agosto de 1867 na reunião mensal dos membros da Igreja, com o pastor Kalley que as obras do Criador revelam os atributos divinos e da sua realidade eterna, pois tudo na natureza proclama a glória divina. O Criador também fala pelos seus servos e profetas, por meio de milagres e profecias, ressalta que as profecias dos profetas se cumpriram sobre terras e cidades como o Egito, a Grécia, a Palestina, a Assíria, Samaria, Tiro e Nínive. Os monumentos históricos e as descobertas arqueológicas também testificam o cumprimento das profecias bíblicas. Na sua perspectiva a história dos judeus, dispersos em todo mundo, testemunha da veracidade do castigo divino sobre um povo “desobediente e prevaricador”, sendo o Antigo Testamento um documento fiel desse processo de rebelião do povo. Destaca que Jesus Crucificado manifestou o amor infinito e eterno do Deus bondoso, pelo testemunho dos apóstolos. Assim, entende o pecador convertido como uma testemunha da verdade de Jesus Crucificado, sendo um “monumento” da sua graça salvadora, que vive em conformidade com os princípios divinos no mundo, por meio da entrega do seu corpo, alma e espírito (ROCHA, 2013a: p.302-3017).

Rocha construiu uma narrativa significativa sobre a Escola Dominical no programa estabelecido pelo casal Kalley. Primeiramente, trata o processo de formação da Escola Dominical no Brasil no dia 19 de agosto de 1855 na cidade de Petrópolis e a atuação significativa da missionária Sarah Kalley, com base nos diários do casal que apresentavam dados incompletos. Nesse dia a professora Sarah ministrou uma aula aos filhos das famílias Webber e Carpenter, com a leitura da história bíblica de Jonas, o cântico de músicas e agradeceram pelo amor divino. No dia 11 de maio de 1856 Sarah ministrou a aula em português, em 08 de junho com a presença de 10 crianças, em 01 de julho com 13 alunos, em um domingo de setembro com 17 crianças, em 15 de julho de 1860 com 20 alunos e em 09 de fevereiro com 30 crianças (ROCHA, 2013: p.267-272).

Rocha demonstrou alguns dados sobre a frequência dos alunos e professores na Escola Dominical de dezembro de 1872 a janeiro de 1873, a partir de uma carta escrita pelo presbítero José Luiz Fernandes Braga ao pastor Kalley. No dia 31 de dezembro, compareceram 15 professores titulares, 04 professores suplentes, 135 alunos e 26 visitantes; enquanto, entre os faltosos constam 05 titulares, 02 suplentes e 58 alunos. Em 07 de janeiro, com 15 professores

titulares, 04 professores suplentes, 120 alunos e 23 visitantes, enquanto, entre os faltosos constam 05 titulares, 02 suplentes e 68 alunos. No dia 14 de janeiro compareceram 15 professores titulares, 03 professores suplentes, 130 alunos e 30 visitantes; entre os faltosos constam 05 titulares, 03 suplentes, 59 alunos (ROCHA, 2015: p. 239).

No dia 17 de novembro de 1867, Sarah iniciou uma classe especial para os jovens da Igreja. Os 8 primeiros alunos tinham 15 anos: Eulália, Jacinta, Júlia Carvalho e Jorge. Outros com mais de 13 anos: Maria Tomásia, Bernardo, Abertia e Maria Bernardino. Até o final de 1867, outros alunos foram matriculados: Endó, Maximiano, Meira, Vieira, Leonor, Matilda, Emília, João dos Santos, Elias, Pedro, Júlia, João Correia, Antônio Vieira, Maria Serafim. Rocha ressalta a dinâmica das aulas nesta classe especial ministrada pela professora Sarah, quando apresentou a do dia 17 de novembro de 1867 com a presença de oito alunos. A rotina da aula foi a seguinte: - o hino 46 cantado por todos; - a recitação coletiva da "Oração de uma criança"; - a leitura e a memorização da Bíblia; - a atividade para casa foi aprender o hino 25; - cantaram o hino 41; - oração coletiva "Uma oração curta e poderosa" do livro "Curtas orações" de 1861; - a contação de história de Zaqueu em Lucas 19; - cantaram o hino 73; - a oração final do "Pai Nosso".

Rocha destacou o método utilizado por Sarah no ensino da história de Zaqueu. O primeiro momento foi a introdução que tratou sobre a caminhada de Jesus em Jerusalém quando tinha 33 anos de idade, que atraía a atenção do povo e das autoridades religiosas. Também realizou muitos milagres pelo caminho como os leprosos, o cego Bartimeu e a multidão o seguia. O segundo consistiu na descrição do cenário com a apresentação de dados sobre a cidade: planície fértil, vista do rio Jordão, a distância, as muralhas da cidade, as palmeiras de 11 metros e sicômoras de 22 metros de altura. O terceiro foi a apresentação das personagens e da história de Zaqueu. A multidão acompanhava Jesus na cidade, entre eles e caminha um homem de pequena estatura, que subiu numa grande árvore da estrada e esperou escondido entre os ramos para ver Jesus passar por baixo. Enfatiza que Zaqueu reconheceu a divindade de Jesus e a multidão estranhou, por ele ser um "publicano" e "grande pecador", mas foi tratado com muito amor por Jesus. O quarto momento consistiu na aplicação prática da história na vida de cada aluno. Concebe que o caminho para a perfeição completa pelo mais "improvável" (pouco provável) pecador. Apresenta que Jesus vem ao encontro dos pecadores. Como Zaqueu, cada aluno deve utilizar todos os meios para ver Jesus e receber a sua resposta com amor. Assim, conclui que o verdadeiro arrependimento do pecador resulta em bênçãos e felicidades (ROCHA, 2013a: p.323-325).

Um espaço importante para a educação dos jovens foi no final de 1870, por iniciativa do pastor Holden, a formação duas classes especiais na Escola Dominical: uma para a “educação dos menores”, filhos dos fiéis da Igreja; outra para o “preparo dos moços”, especialmente dos que estavam dispostos a auxiliar diretamente no trabalho de propagação da fé protestante. No dia 19 de novembro de 1874, os presbíteros da Igreja e o pastor Kalley decidiram realizar uma semana de oração que visava despertar os jovens em sua vida religiosa. As reuniões seriam ao meio-dia e a noite, nas segundas, quintas e sábados. No primeiro dia, foi abordado sobre “O estado espiritual da Mocidade no Rio de Janeiro e em todo mundo”. No segundo dia, o tema foi sobre “As razões que existiam para se esperar uma grande mudança nos moços”. No terceiro dia o aprendizado foi sobre “Os obstáculos que impedem os moços de virem a Cristo” (ROCHA, 2017: p.105-106).

Outro espaço educativo foi a “Sociedade de Senhoras” da Igreja, fundada em 11 de julho de 1871 pela professora Sarah com a presença de 11 mulheres para o estudo sobre “O caráter de Eva: mãe da raça humana”. Rocha destaca que Sarah rompeu com a cultura brasileira que não permitia às mulheres saírem sozinhas nas ruas, nesse ato teve a ajuda de três mulheres alemãs casadas e dispostas a ultrapassar essa restrição imposta. Em 01 de setembro de 1875 houve a Reunião da Sociedade de Senhoras e Sarah ficou muito satisfeita com a participação das mulheres. A última participação de Sarah na Sociedade de Mulheres foi em julho de 1875, sentiu forte emoção com o carinho recebido e profunda tristeza pelas mulheres da Sociedade, com a sua saída definitiva do país (ROCHA, 2015: p.168, 199; 2017: p.134, 165).

Rocha tratou que no dia 30 de junho de 1871 na sessão da Igreja, o pastor Kalley submeteu à aprovação e foi aprovada, uma proposta de “reorganização” da Escola Dominical, sendo ele responsável pela elaboração do plano. Em 10 de julho de 1871, Kalley conversou com o presbítero José Luiz Fernandes Braga sobre a reorganização da Escola Dominical, lhe oferecendo o cargo de Superintendente e indicado para professores, os irmãos Soares de Oliveira e Mello. Em 14 de julho, houve uma reunião especial convocada pelo pastor Kalley para elaboração do plano de reorganização da Escola Dominical, que seria instalado conforme um modelo “moderno”. Sendo estabelecido como Superintendente, José Luiz Braga, o ensino ministrado por 31 professores, 26 efetivos e 5 suplentes. Dos 26 efetivos, cinco seriam exercidos na Escola Dominical da Congregação em Niterói. Os cinco professores são os seguintes: Antonio Marinho Silva, José Vieira de Andrade, Leopoldina Rosa Maria Fialho, Manuel Vieira de Andrade, Luiza Maria Ferreira. Dos 21 professores da Escola Dominical da Igreja na Corte, apresenta o nome de 17: José Luiz Fernandes Braga, Sarah Kalley, Antônio

Soares de Oliveira, Sr. Lima, Antônio Gonçalves Lopes, Antônio Azara de Oliveira, Porfírio José Fagundes, Antônio de Souza Lobo, J. J. Costa, Bernardino Russell, Antônio José Dias de Barros, Leandro T. Marques, Julio Correia de Vasconcelos, José Antônio de Menezes, Antônio Vieira de Andrade, Manuel Joaquim Rodrigues, Carlota Faulhaber da Gama.

Rocha descreveu como foi a reunião para instalação da nova Escola Dominical em 16 de julho de 1871 às 3 horas da tarde, nos primeiros 10 minutos da saudação aos diretores (professores) nomeados para as classes. Em seguida, foi feita uma oração pedindo a bênção divina para o estudo do dia sobre o caminho da salvação que visava aumentar o amor ao Jesus Crucificado junto com a fé nas suas palavras, obras e promessas. Às 3:30 da tarde, mais de 100 alunos matriculados e os visitantes foram divididos em classe no salão principal, neste formato que considera moderno de ensino. Destaca que a aula foi organizada, disciplinada e dinâmica com a participação ativa de todos (professores e alunos). A professora Sarah dirigiu a Classe das Senhoras na sala dos fundos ao salão principal. Às 5 horas a Escola Dominical foi encerrada e às 5:30 começou o culto da tarde com pregação do pastor Kalley baseada na 1ª Lição estudada na escola sobre “As Experiências da Virgem Maria” (Lucas 1 e 2). O Culto das Crianças foi realizado na sala dos fundos sob a direção de Sarah, com o objetivo de instruir as crianças nas doutrinas da fé protestante, por meio de uma linguagem adaptada e sem perturbação à pregação dos adultos. Rocha ressalta que o objetivo dessa reorganização da escola era o aprimoramento da instrução da Bíblia na Igreja, distribuída em trinta salas, com faixa etária de 4 a 84 anos e a expectativa era promover o conhecimento da fé protestante no Brasil. Em 10 de novembro de 1873, o pastor Kalley recomendou para a melhor organização da Escola Dominical, que a divisão das classes funcionasse em salas separadas e não mais no salão principal (ROCHA, 2015: p.193, 199-202, 261; 2017: p.62).

Na Classe de Crianças em 10 de outubro de 1871, a professora Sarah teve a participação de 33 crianças e ensinou sobre a enfermidade de Naamã, com a ideia de que a sua doença simbolizava o pecado, que Davi no Salmo 50 clamou pela misericórdia divina. Em 24 de janeiro de 1874, Sarah buscou reorganizar a sua Classe de Crianças com a revisão dos conteúdos e a utilização de “imagens” nas aulas. No dia 31 de janeiro de 1875, ensinou às crianças sobre o caráter de Samuel na infância e destacou a resposta dele a partir do conselho de Eli para ouvir a voz divina. (ROCHA, 2015: p.224; 2017: p.114-115).

Rocha elaborou uma narrativa interessante sobre o treinamento semanal e as reuniões fraternais realizadas pelo casal Kalley com os professores da Escola Dominical, para que todos

estivessem alinhados com o programa educacional e civilizatório. No dia 21 de julho de 1871, Kalley realizou o treinamento semanal com os 31 diretores (professores) das classes da Escola Dominical, para o estudo em conjunto da lição a ser ministrada com os seus alunos no domingo seguinte. Em 28 de julho, Kalley realizou o treinamento com os 31 diretores (professores) das classes da Escola Dominical, ele ministrou a lição e respondeu perguntas dos professores sobre o assunto da semana (ROCHA, 2015: p.208-209).

No dia 08 de outubro de 1871 foi realizada a reunião com os professores da Escola Dominical para o estudo da lição semanal sobre a tentação de Jesus após o batismo. Nesta reunião foi aprovada a proposta do pastor Kalley para que os professores se reunissem nos domingos das 15:10 às 15:30 para oração, antes da ministração das lições aos seus alunos. Destaca que a partir do 10 de outubro essa prática começou a ser exercida na Igreja como uma rotina pedagógica. No dia 09 de junho de 1873, o casal Kalley participou de mais uma reunião com os professores, estiveram presentes 24, para o estudo da lição a ser dada no domingo seguinte (ROCHA, 2015: p. 224; 2017: p. 34).

Rocha destaca que no dia 02 de janeiro de 1872, o João dos Santos escreveu ao pastor Kalley sobre o tamanho excessivo da lição na Escola Dominical, propôs que ele inserisse um sinal na parte em que a lição pudesse ser encerrada naquele dia, quando tivesse ultrapassado a hora para término da aula. Porque no dia 31 de dezembro de 1871, o pastor Kalley só concluiu a lição às 21:30, devido ao seu tamanho excessivo (ROCHA, 2015: p.233-234).

No dia 12 de abril de 1872 foi realizada a reunião com os professores da Escola Dominical e teve uma participação ativa de todos. No dia 19 de abril, compareceram 24 professores da Igreja na Corte e 04 da Congregação em Niterói, mesmo com a chuva intensa na cidade. Em 14 de março, houve a reunião semanal com a presença de 30 professores. Ressalto que o treinamento dos professores também foi realizado por de chás acompanhados de conversas “edificantes”, como no dia 22 de agosto, com a presença de 10 professores: Lopes, Azara, J. da Costa, Bernardino Russell, Lobo, Barros, Fagundes, Manuel, José, Antônio Andrade Leandro. Em 21 de julho de 1873, reunião na casa do casal Kalley para um “chá fraternal” com a presença de 26 professores e receberam de presente um mapa de Jerusalém, para juntá-lo às suas Bíblias. Em 19 de maio de 1874, na reunião com os professores, o pastor Kalley ensinou sobre a necessidade de organizar uma rotina semanal de estudo pessoal da lição, para o melhor aproveitamento da aula (ROCHA, 2015: p. 271, 273, 277, 296; 2017: p.38).

No dia 24 de maio de 1868, Sarah reassumiu a direção da sua classe na Escola Dominical (após um período de viagem), que contava com 21 alunos. Ressalta que os alunos estavam alegres com o seu retorno e neste dia foram alguns novos alunos: Maria e Romena, França, Manuel Melo, Maria Correia, Luísa Correia e o próprio João Gomes da Rocha, que participou ativamente das aulas até o encerramento do ano letivo em 27 de dezembro. A dinâmica da aula neste dia foi no primeiro momento o canto do hino 46, a recitação do Salmo 22 e a oração compartilhada. Nesta oração é possível verificar as imagens que nortearam o fazer pedagógico de Sarah com os seus alunos, especialmente as seguintes questões: a) a gratidão a Deus pela aula que tinha o objetivo de prestar adoração, por meio da música e do aprendizado da Bíblia; b) a gratidão pela proteção divina no período que estiveram distante uns dos outros; c) o pedido para Deus manifestasse a sua presença santa na aula; d) para Deus inclinar o coração de cada aluno e professora para amar ao Jesus Crucificado, com um coração submisso aos “divinos mandamentos”; e) o fortalecimento da memória para guardar os ensinamentos da aula; f) a força necessária para resistir os inimigos que buscavam retirar dos seus corações os ensinamentos recebidos na aula; g) o reconhecimento da sua fraqueza, ignorância e disposição para pecar, mas venciam o pecado pela obra salvadora do Jesus Crucificado.

Rocha faz a seleção e o recorte de uma carta escrita por Sarah que demonstra a sua visão sobre a educação da “carne” e a vida “inculta”. Ela escreveu no dia 10 de abril de 1872 a sua tia Lydia Morley, em que a ideia da educação como fruto da “carne” como “equivocada” e se surpreende porque os que defendem essa ideia eram sujeitos que tiveram uma “boa educação” na juventude. Ressalta que essa ideia lhe suscita uma lembrança da sua juventude, quando estava “impaciente” durante as aulas e recebeu o conselho de que a sua vida seria como está escrito em Malaquias 1.8, se continuasse nessa atitude, com a construção de uma “vida inculta” para Deus. Assim, reafirma a sua identidade como uma mulher que constrói uma vida “perfeita” a Deus, por meio da dedicação ao estudo inteligente (ROCHA, 2015: p. 272).

Com base em Buriti (2011: p.27-45) a escrita de Rocha sobre a formação de um Brasil protestante moderno no século XIX pode ser analisada como um movimento capaz de oferecer respostas às necessidades de higienização das cidades, do crescimento econômico do país e a educação de trabalhadores saudáveis. Ele constrói uma narrativa para demonstrar o quanto o protestantismo legado pelo casal Kalley contribuiu para a transformação de hábitos culturais enxergados como ultrapassados e depreciativos para a modernização do país.

Rocha apresentou a sua perspectiva da importância do ensino sobre o pecado neste fazer educativo protestante do século XIX, no programa civilizatório liderado pelo casal Kalley. Em primeiro lugar, os fiéis eram educados na ideia do pecado como a quebra da lei de Deus, violando-a de qualquer forma, positiva ou negativamente, sendo o pecador o agente do mal. Em segundo lugar, os fiéis aprendiam que existe em todos universalmente a tendência para pecar e viver em transgressão da lei divina. Ressalta que somente Jesus tem o poder de “curar” a humanidade dessa tendência e “salvar” das penas eternas. Jesus Crucificado tem esse poder porque nunca pecou, sendo Deus desde a eternidade e obedeceu a todos os preceitos divinos. Em terceiro lugar, os fiéis eram educados que só existe um único caminho da salvação: amar a Jesus Crucificado e perseverar em obedecer aos princípios divinos contidos nas escrituras sagradas. Tal amor é manifestado na formação de uma vida pura, que a cada dia abandona o pecado deste mundo “mal” (ROCHA, 2015: p.40-41, 131).

Rocha destaca que o fazer pedagógico de Sarah também era composto pela prática da memorização da Bíblia, por meio da leitura, memorização e recitação de capítulos inteiros em dias específicos. Era uma prática comum com as alunas da Escola Dominical, as crianças do Culto Infantil, das Escolas Diárias e nos Cultos Domésticos. Ressalta que as alunas Leonor Roussel e Maria das Dores, memorizaram e recitaram Romanos 8. Ele também memorizou e recitou vários capítulos da Bíblia: Mateus 5,6 e 7; Romanos 7, Efésios 6, I Tessalonicenses 5, I Timóteo 2; Hebreus 4; Provérbios 3 (ROCHA, 2017: p.31-32).

No dia 12 de junho de 1867, Sarah preparou um mapa da cidade de Jerusalém para ilustrar o sermão de Kalley no culto sobre o Calvário ou o monte em que crucificaram Jesus. No dia 02 de julho de 1871, Sarah conduziu a sua classe na Escola Dominical, na sala de jantar da sua residência, nesta aula distribuiu cópias do mapa da Palestina, de 24 polegadas por 30 e os alunos ficaram alegres (ROCHA, 2013a: p.255; 2015: p. 198).

O fazer educativo de Sarah consistia na prática de aproximação com os alunos, organizou chás, passeios e visitas. Como um chá com a presença de 19 crianças. Destacou que a preocupação de Sarah era oferecer instrução bíblica aos jovens nas cidades de Petrópolis e Rio de Janeiro, com uma média de 20 a 25 alunos. No dia 18 de outubro de 1867, o casal Kalley convidou 18 pessoas para tomar chá em sua residência, sendo exibido um extenso e informativo panorama da cidade de Jerusalém, com a demonstração da sua importância na história sagrada e profana do mundo. Em 19 de novembro as crianças das escolas participaram de um chá com a professora Sarah, constou a exibição de cenas bíblicas por meio da lanterna mágica e outros

divertimentos apropriados. A professora encomendou à Companhia de Bondes, um carro para levar as crianças ao Caju em passeio. Após dois dias, foi alugado três bondes para levar ao Passeio Público, destaca a alegria das crianças em ter uma professora “carinhosa e simpática”. No dia 02 de dezembro de 1874, as crianças foram novamente ao Caju, depois experimentaram um lanche delicioso preparado por Sarah e no dia 04 de dezembro foi realizado um novo passeio em “bonde especial”. No dia 07 de maio de 1873, Sarah visitou algumas alunas da Escola Dominical: Maria da Gama, Maria Azara, Leonor Roussel e Maria de Barros. Em 30 de junho de 1875, os alunos das escolas participaram de uma excursão em bonde especial ao Caju, próximo da praia, sendo um tempo de diversão nas árvores. No dia 25 de novembro de 1875, Sarah convidou as suas alunas da Escola Dominical para tomar chá com ela e em 26 de novembro com os alunos das escolas diárias. (ROCHA, 2013a: p.321; 2017: p.105-106; 2017: p. 31-32, 132, 150).

O ensino de Sarah também foi construído por meio de cartas aos alunos da Classe na Escola Dominical, Rocha (2015: p. 17, 34) apresentou algumas dessas cartas na sua escrita como demonstração do seu fazer pedagógico. No dia 12 de fevereiro de 1868, Sarah escreveu cartas individuais aos alunos da sua classe na Escola Dominical e ao Francisco Gama, comunicando-lhe que em breve enviaria também cartas a algumas crianças matriculadas na mesma escola. Em 08 de abril de 1868, Sarah escreveu uma carta a cada um dos seus alunos na Escola Dominical, ao todo 12 alunos. Quando estava em Teresópolis, Sarah escrevia cartas individuais a suas alunas da Escola Dominical, mas em fevereiro de 1975 enviou uma carta para ser lida de forma pública a todos os alunos da classe. Em primeiro lugar, expressou o seu desejo de participar da aula junto com elas aos domingos, para fazer a revisão das últimas lições, mas estava alegre em saber da presença de 21 alunos nas aulas. A sua expectativa é de que mesmo com fortes chuvas aos domingos, todas estivessem presente nas aulas para continuar os estudos das lições.

Em segundo lugar, trata sobre a sua aula ministrada em Teresópolis sobre o “mandamento novo” em João 13.34-35. Afirma que Jesus ensinou sobre a importância da união quando não mais estivesse com os discípulos na terra, enquanto estava presente os repreendia por palavras e ação. Em terceiro lugar, ressalta a necessidade de união entre os discípulos para o bem deles e do mundo, pois como testemunhas do caminho da salvação era necessário que não estivessem brigando. Trata que as últimas conversas de Jesus com os discípulos eram semelhantes ao cuidado amoroso de um pai, que em breve deixará os filhos sem a sua voz para ensinar e animar.

Para reforçar a sua ideia contou a história de um pai “moribundo” que estava próximo da morte e pediu aos filhos que trouxessem um “feixe de varas”. Ordenou ao mais velho que quebrasse o feixe sem desatá-lo, o filho tentou e não conseguiu. O segundo filho se esforçou em vão e aconteceu o mesmo com os outros. O pai ordenou-lhes que desatasse o feixe e os filhos verificaram que podiam facilmente quebrar todas as varas, uma a uma. Assim, o pai afirmou que se eles permanecessem sempre em união pelo “vínculo de amizade”, seriam felizes, mas se viver em desunião, não teriam forças para prosseguir. Sendo necessário amar de forma mútua e após essa conversa o pai faleceu. Em quarto lugar, Sarah relaciona essa história para ensinar que Jesus como salvador insistia na importância do vínculo do amor entre os discípulos, que enfrentam os inimigos com o coração unido. Reconhece pela experiência que a desconfiança, a suspeita, a inveja e a discórdia interrompem a “paz contínua” e impedem o sucesso do programa civilizatório dos fiéis. Assim, após essa conversa com Jesus, os discípulos deixaram de debater sobre quem era o maior e mais importante entre eles no caminho da salvação. Conclui com a expectativa de que suas alunas fossem escritura viva pelo espírito divino desse “mandamento novo”, para uma vida em amor e união (ROCHA, 2017: p. 125-126).

Em 18 de junho de 1872, Rocha destaca que estava próximo à comemoração do 1º ano da Nova Escola Dominical, com mais de 200 alunos matriculados. Enquanto o Superintendente José Luiz Fernandes Braga estava ausente, a professora Sarah também ocupava a função de guarda e conservação dos livros oficiais da Escola. Sarah preparou novos hinos para a comemoração de aniversário, que foram impressos em um folheto de 16 páginas e distribuídos nas escolas da igreja, a escola diária e dominical. A professora Sarah em 20 de julho de 1873 era a responsável pelo planejamento da programação do 2º Aniversário da Escola Dominical (ROCHA, 2015: p.280, 288; 2017: p.31).

Rocha ressalta que após a saída do casal Kalley definitivamente do Brasil houve uma diminuição da participação dos alunos, número de salas e professores na Escola Dominical, de acordo com a carta escrita em 04 de junho de 1878 pelo irmão Jerônimo de Oliveira ao pastor Kalley, de que a Escola estava em funcionamento com o seguinte formato: - Classe de Adultos com o professor Jerônimo L. A. de Oliveira; - Classe das Senhoras com a professora Rosa Maria da Cunha; - Classe das Crianças com a professora Ermelinda Marcelia de Andrade. Na carta de 17 de julho de 1881, Kalley escreveu ao pastor João dos Santos, que não tinha mais condições de preparar as lições para a Escola Dominical. Na perspectiva de Rocha essa decisão foi tomada a partir do comentário do pastor João, de que a Escola tinha uma frequência de

alunos baixa, que a maioria não participava das lições, nem memorizavam os textos bíblicos, estavam sem disposição para aprender e poucos jovens frequentavam a Escola (ROCHA, 2017: p.233, 331).

Rocha também elaborou uma narrativa sobre a formação de outro espaço para educação na Igreja, a Classe Noturna de Geografia e História aos jovens da Igreja. Apresentou uma solicitação do irmão Azara e outros a professora Sarah resolveu abrir uma Classe Noturna de Geografia e História sob a sua direção. Ela escreveu em 22 de abril de 1872 a sua tia Lydia Morley sobre o que pretendia fazer para aprimorar a educação dos jovens da Igreja. O objetivo da classe era ensinar Geografia e História de forma interligada com noções de disciplinas. A sua expectativa era encontrar uma pessoa capacitada o mais rápido possível para conduzir esta classe especial. Ela destaca o quanto era possível despertar e manter o interesse dos jovens pelos estudos. Não queria conduzir essa classe, mas na necessidade lhe impulsionou em fazer algo para satisfazer a sede por “instrução dos jovens na sociedade”. A classe foi inaugurada no dia 02 de maio de 1872 com a presença de 13 jovens (ROCHA, 2015: p. 273,276).

Nas quartas-feiras, a professora Sarah ministrava a sua aula de Geografia e História, nessa primeira fase as aulas foram baseadas nos capítulos 10 e 11 do livro de Gênesis. Ela demonstrava a importância das escavações, financiadas por diversos governos sob a direção de sociedades arqueológicas e museus históricos, porque entendia como prova da existência de reinos, cidades e povos, que eram tratados como desconhecidos e fábulas mitológicas. Considerava estes estudos valiosos para os estudiosos e auxiliava os fiéis na compreensão das histórias do Antigo Testamento na Bíblia. Destaca que após a sua exposição do tema escolhido, a atividades de casa consistia na resposta de um questionário e as respostas dos alunos eram elaboradas por escrito para serem debatidas nas aulas seguintes. Assim, Rocha destaca que esse método de ensino proposto por Sarah era um fazer prático muito apreciado pelos alunos e um processo que estimulava o crescimento dos alunos na sua jornada de estudo (ROCHA, 2015: p. 278).

No dia 06 de setembro de 1872, a professora Sarah fez uma revisão do seu curso na Classe de Geografia e História. Em 12 de setembro, ministrou a sua aula sobre a Índia, península da Ásia. No dia 26 de dezembro, ministrou a vigésima e última aula do ano. Em 10 de julho de 1873, reabriu sua classe e teve uma decepção ao encontrar apenas 6 alunos, dispostos a continuar os seus estudos (ROCHA, 2015: p.298, 301, 309; 2017: p. 37).

Rocha também compôs uma narrativa sobre a Sociedade contra o Uso de Bebidas Embriagantes, criada pelo pastor Kalley na Igreja no dia 18 de agosto de 1875 e realizou uma reunião especial em 01 de setembro sobre o uso de bebidas embriagantes. Nesta narrativa, apresenta o caso do presbítero José Luiz Fernandes Braga que não era favorável a fundação da Sociedade e pastor Kalley escreveu uma carta para ele em 18 de agosto de 1875, que considero interessante para a compreensão desse espaço educativo. Em primeiro lugar, destaca que a fundação da Sociedade não deve ser motivo para contenda, desunião ou quebra do amor fraternal, porque a “diversidade de opiniões” sobre este assunto não implicaria em discordância quanto aos princípios da fé professada pela Igreja. Em segundo lugar, argumenta que o fiel não deve impor a sua forma de pensar aos outros, tendo o direito a ser respeitado na liberdade em utilizar tais bebidas. Como também o dever de considerar a palavra divina sobre o uso de comidas e bebidas em 1 Coríntios 8.9 e 1 Coríntios 10.31, de que tudo deve ser feito para manifestação da glória divina no mundo.

Em terceiro lugar, trata que a participação na Sociedade é voluntária, sem imposição divina, mas que deve ser respeitado o direito e a liberdade de abster-se do uso de vinho como também o recomendar aos outros. Porque o dever de cada fiel é evitar um mal maior, ao fazer vários irmãos “tropeçar”, “enfraquecer” e ter um coração “duro”, lhe conduzindo ao caminho da “perdição”, por causa do uso de bebidas. Em quarto e último lugar, afirmar que tem uma responsabilidade como pastor de conduzir as pessoas que tropeçam no uso de bebidas embriagantes, de seguir a regulamentação bíblica de ajudar a evitarem o caminho da “perdição”. Assim, considera muito triste não ter a companhia do presbítero nesta causa, mas que devem se manter unidos em seguir o caminho da salvação traçado por Jesus Crucificado (ROCHA, 2017: p.134, 145-146).

O pastor Kalley tinha a intenção de instalar uma Escola Diária para atender a instrução das crianças dos membros e congregados da Igreja Evangélica Fluminense. No dia 09 de abril de 1872, a visita do José de Andrade ao casal Kalley que falou da sua intenção de preparar-se para assumir a direção da Escola Diária. Na reunião mensal de membros da Igreja, realizada no dia 03 de maio de 1872, o pastor Kalley falou da necessidade de fundar uma “escola de primeiras letras” para o ensino dos filhos dos crentes. Pediu que os pais lhe dessem informações sobre professores e livros. A ideia seria uma escola sob a supervisão do pastor Kalley com o auxílio dos pais (ROCHA, 2015: p. 271).

A escrita de Rocha sobre processo educativo construído nas Escolas Diárias da Igreja na Corte e em Niterói também foi marcada pela fragmentação, dispersão e descrições curtas. A primeira narrativa sobre a formação de uma escola foi em torno do dia 29 de julho de 1867, Kalley foi visitado pelo irmão Bernardino (filho do presbítero Bernardino), acompanhado de sua esposa Isabel. O casal se ofereceu para estabelecer uma escola primária, se fosse da aprovação do pastor Kalley. Destacou que a escola foi aberta e funcionou na residência do casal, por meio de um processo “irregular” de ensino primário, associado ao desempenho dos deveres domésticos. Destaca que foi aluno da escola desde os seis anos até a morte da professora Isabel, que aprendeu pouco, mas que era a “melhor escola” para os filhos dos fiéis da Igreja, porque a professora era muito “paciente” e “carinhosa” (ROCHA, 2013a: p.283-284).

A segunda narrativa trata da carta escrita por Sarah a sua tia Lydia Morley, em 03 de fevereiro de 1871, quando compartilhou que missionários da Igreja Presbiteriana no Rio de Janeiro tinham pedido licença ao governo para abrir uma escola primária, mas o pedido foi indeferido. Sarah destaca que a alguns anos estavam interessados em abrir uma “escola diária”, para instruir as crianças da Igreja Evangélica Fluminense, mas não encontraram “professores habilitados” e estavam receosos que as autoridades rejeitassem o pedido como fizeram com os presbiterianos. Enquanto a escola da Igreja não fosse aberta, a sua expectativa era que os filhos dos fiéis, obrigados a frequentar as escolas existentes, produzissem muitos frutos pelo testemunho da fé protestante. Assim, concluiu que ouviu relatos de algumas crianças da Igreja que não se ajoelham quando a “Hóstia” era levada em procissão pelas ruas. Como também os pais que proibiram o ensino das “doutrinas do romanismo” a seus filhos (ROCHA, 2015: p.171-172).

A terceira narrativa compreende que o pastor Kalley continuava preocupado em instalar duas escolas primárias, uma na Igreja da Corte Imperial e segunda na Congregação de Niterói, também vários irmãos também tinham o interesse neste propósito, como Melo, Soares de Oliveira e Inácio de Niterói. No dia 31 de maio de 1872 houve a reunião mensal de membros da Igreja, com o pastor Kalley agradecendo a colaboração dos membros que lhe forneceu informações sobre professores e livros. Sendo composta uma Comissão Provisória, tendo como membros Melo e Soares de Oliveira, a Comissão decidiu o seguinte: 1. A abertura de uma escola com a maior rapidez possível; 2. As aulas seriam destinadas, prioritariamente, aos filhos dos membros e congregados da Igreja; 3. O ensino gratuito, custeado pelas contribuições voluntárias dos pais e de outros que desejavam contribuir; 4. A escola funcionaria na sala dos

fundos do prédio da Igreja; 5. O reconhecimento como professor de José Vieira de Andrade para condução da escola; 6. A Comissão tinha a responsabilidade de recolher as contribuições, fazer o pagamento do salário do professor e das demais despesas necessárias, prestando contas de forma trimestral. Foi estabelecido que o encerramento do período de matrículas ocorreu em 05 de junho de 1872. Assim, no dia 05 de junho de 1872 após o culto foi encerrado o período de matrículas na escola diária. A Comissão Provisória reuniu-se após o culto e tomou todas as providências, nesta reunião e nas que seguiram, que o começo seria no dia 17 de junho de 1872.

O irmão Soares de Oliveira, membro da Comissão Provisória, comunicou que a Escola Diária da Corte estava em funcionamento a 17 dias com a frequência de 17 alunos e em 19 de fevereiro tinha entre 24 e 26 alunos. Fez o pedido aos pais e aos demais contribuintes que regularizarem o seu compromisso financeiro, pois um dos desafios era o pagamento do professor José Vieira de Andrade, que recebia o salário de 80\$000 réis mensais, mas tinha a expectativa de obter um melhor salário com o crescimento da escola. Destacou que a Escola Diária de Niterói foi aberta em 21 de agosto, sendo escolhido o professor Manuel Vieira de Andrade. O membro da Comissão Soares de Oliveira em sessão da Igreja leu o relatório financeiro da Escola Diárias: - receita de 447\$200; - despesa de 443\$200; - saldo 4\$000. Foi proposto e aprovado a continuidade do trabalho da Comissão. Como também Soares de Oliveira indicou os nomes de José Luiz Braga e Azara para a Comissão, sendo aprovada. Destacou uma nota da reunião 27 de abril de 1873, sob a condução do pastor Kalley e alguns pais reclamaram do “pouco zelo” do professor da Escola na Corte (ROCHA, 2015: p.278-280, 295-296, 302; 2017: p.10, 29).

A quarta narrativa corresponde à atuação do pastor Kalley junto ao Governo Imperial e ao Imperador pela concessão de licença a Igreja Evangélica Fluminense, sem interferência estatal. Antes da abertura das Escolas Diárias foi dirigida uma petição ao Imperador, D. Pedro II, com o pedido de concessão a Igreja a faculdade de escolher os seus professores, de forma independente aos exames de habilitação perante a Instrução Pública, especialmente a sua preocupação de promover a instrução das crianças sem a “interferência oficial”. Em maio de 1874 existia um debate sobre a possibilidade de obter a licença para o funcionamento legal da Escola Diária, sendo escrita uma carta no dia 28 por Kalley ao Imperador, para que fosse concedida a licença para o funcionamento das escolas (ROCHA, 2015: p.315; 2017: p. 87, 90).

Rocha destaca que em 15 de outubro de 1874, o pastor Kalley procurou o Imperador para falar sobre a escola diária. O Imperador concordou em conceder a licença pedida, desde

que a escola fosse destinada a todas as crianças da Igreja, inclusive às de má conduta, para que aprendessem a ter um “bom comportamento”. Após três dias, o Ministério da Instrução Pública mostrou o Despacho, que concedia ao José Vieira de Andrade a licença para exercer a profissão de professor, sem prévio exame. Enfatiza que esta licença resultou da intervenção pessoal de D. Pedro II, para atender o pedido do seu amigo Kalley. Quando o professor José Vieira de Andrade se apresentou ao Ministério de Instrução Pública para requerer a sua licença, no dia 20 de outubro, um irmão da Igreja chamado Thomas Galhart apresentou uma denúncia contra José Vieira, a escola e a igreja. O Inspetor recusou-se a assinar a licença, enquanto não fosse examinada a denúncia e fosse dada a decisão definitiva. O pastor Kalley procurou o Inspetor, Dr. J. P. Miranda, para demonstrar que a denúncia era sem fundamento, sendo apenas resultado de “despeito” contra ele. Assim, em 31 de outubro, o professor José Vieira recebeu a licença da escola diária (ROCHA, 2017: p. 101-103).

Na quinta narrativa Rocha recortou as fontes fragmentárias sobre a realização dos Exames dos Alunos das Escolas Diárias. O primeiro exame foi no dia 06 de julho de 1872, com a participação da professora Sarah para verificar o aprendizado dos alunos durante a rotina semanal sobre a leitura e estudo da Bíblia. Em 17 de dezembro de 1873, a Igreja providenciou os exames dos alunos da Escola Diária. Em 20 de dezembro, Sarah escreveu uma carta a sua Lydia Morley sobre os exames e a distribuição de prêmios aos alunos das escolas diárias no Rio de Janeiro e Niterói (2015: p.287; 2017: p. 69-70).

Em 05 de junho de 1874 na sessão de membros da Igreja, o irmão Azara de Oliveira convidou os irmãos a assistirem aos exames dos alunos nas escolas diárias. Em 08 de junho foram examinadas 41 crianças que frequentavam as escolas da Corte de Niterói, as disciplinas dos exames foram as seguintes: a) Leitura, Escrita (Ditado) e Gramática; b) Aritmética (frações ordinárias, sistema métrico e problemas); c) Geografia; d) Catecismo; e) Música; f) Costura. Os alunos de Niterói estavam sob a supervisão do professor Júlio Vasconcelos. Assim, a Comissão Escolar concluiu que as escolas estavam oferecendo um bom trabalho educativo e no dia 24 de junho de 1874, houve a distribuição de prêmios às 23 crianças que se distinguiram na jornada de estudos, feita pelo pastor Kalley. Em 19 de dezembro de 1874, o casal Kalley assistiu ao exame das crianças das duas escolas diárias. No dia 17 de junho de 1875 houve os exames dos alunos na escola diária coordenada pelo José Vieira de Andrade, com a presença do casal Kalley (2017: p.91, 107, 131).

Na sessão da Igreja em 05 de julho de 1874, a Comissão Escolar apresentou o relatório sobre o trabalho das escolas diárias e classificou como “excelente” os seus resultados. A Igreja aprovou o relatório e reconduziu a Comissão para dirigir as escolas no ano seguinte. Rocha destaca uma denúncia do irmão Carvalho, que atuava no depósito da Bíblia, contra a Comissão Escolar, que a acusava de ultrapassar as suas funções, mas a Igreja reconheceu que todos os seus membros eram "respeitáveis" com a aprovação do trabalho de seus membros (ROCHA, 2017: p. 93, 95).

Rocha descreve um dos últimos momentos da Escola Diária da Corte e de Niterói, com a realização do Exame Público no dia 24 de junho de 1878, destaca a presença dos pais das crianças, os membros, os congregados da Igreja e os curiosos. A Festa Infantil realizada após o exame, teve a participação do pastor Gruel (Igreja Alemã), Dr. Kerblom (Cônsul da Suécia e Noruega), o pastor J. T. Houston e sua esposa (Igreja Presbiteriana), o pastor Hazlett (Igreja Presbiteriana) e o pastor J. J. Ranson. A irmã Filomena, esposa do pastor João dos Santos, preparou uma refeição “agradável” às crianças e mulheres presentes. Ao final da festa, o pastor João dos Santos convidou os membros da Comissão Escolar e os professores para um jantar em sua casa. Destaca que todos compareceram, sendo um momento de “alegria” e “boas memórias”. Neste ano, a Escola Diária da Corte tinha 31 meninos e 18 meninas matriculados, enquanto a de Niterói com 8 meninos e 2 meninas (ROCHA, 2017: p.235).

Outro aspecto importante foi a dificuldade em manter as finanças das escolas diárias, conforme apresentado em 08 de janeiro de 1875, em sessão extraordinária da Igreja, o pastor Kalley comunicou que as contribuições financeiras eram insuficientes para a manutenção das escolas diárias e em 1877 as contribuições continuam deficitárias. Rocha destaca que após a saída definitiva do casal Kalley do Brasil, a Igreja Evangélica Fluminense foi liderada pelo pastor João Manoel Gonçalves dos Santos, que buscou manter espaço das escolas diárias no projeto civilizatório protestante, de acordo com o Relatório de Movimento das Escolas enviado ao pastor Kalley em agosto de 1877. A Escola Diária da Corte continuava sob a direção do professor José Vieira de Andrade e a Escola Diária de Niterói sob a coordenação do professor Júlio de Vasconcelos. O irmão José Francisco Corrêa verificou com satisfação o crescimento dos alunos nas escolas diárias e várias pessoas compareceram aos exames como o pastor da Igreja Presbiteriana, acompanhado de um presbítero e um professor da igreja (ROCHA, 2017: p. 113-114; p.200-201).

Rocha ressalta a formulação de regras para o funcionamento da Comissão Escolar, na sessão da Igreja em 09 de julho de 1875, com destaque as seguintes diretrizes: - A Comissão será formada por cinco membros da Igreja; - O pastor como presidente ex-officio; - Um dos membros da Comissão, um mantenedor fiel da escola diária, eleito por um ano; - A Comissão será composta por um tesoureiro, um secretário e um livro de atas das suas reuniões; - O tesoureiro como o responsável em receber as contribuições, efetuar os pagamentos, apresentar o relatório trimestral à Igreja e no final do ano, um balanço geral que será analisado pela Comissão de Exames de Contas; - O contribuinte tem o direito de tratar qualquer falta no serviço da Comissão, diretamente com os seus membros, caso não seja atendido, pode apresentar a outros membros da Igreja, que em concordância podem levar uma reclamação ao conhecimento da Igreja; - A Comissão tem o direito de consulta a Igreja, em qualquer ocasião, sobre qualquer ponto duvidoso (ROCHA, 2017: p.132-133).

A sexta narrativa refere-se ao José Vieira de Andrade, professor da Escola Primária da Igreja na Corte, o descreve como um jovem inteligente, batizado em 06 de janeiro de 1867 e residia em Praia Grande. Destaca que a Escola começou a funcionar em 17 de junho de 1872 na sala por trás do salão principal do templo. Os primeiros alunos matriculados foram os três filhos do irmão Mello: Manuel, Luiz e Samuel. No período de janeiro da inauguração até o mês de julho, foram matriculadas 14 meninas e 14 meninos, conforme relatório apresentado pelo professor na sessão da Igreja em 03 de agosto. O objetivo da escola era instruir os filhos dos membros e congregados da Igreja.

É importante a seleção feita por Rocha de uma carta escrita pelo professor José Vieira (29 anos de idade) ao pastor Kalley em 29 de dezembro de 1874 sobre a sua história de vida, porque apresenta as imagens formuladas na sua escrita de si no seu processo de formação como professor. Em primeiro lugar, trata do seu nascimento no contexto de uma família pobre e sem acesso a uma escola regular em Portugal. A sua primeira experiência educacional foi conduzida por um lavrador mediante uma pequena remuneração, durante 3 horas por dia em um período de dois e saiu quando tinha 10 anos de idade e nunca mais teve acesso a uma escola domiciliar ou regular. Em segundo lugar, refere-se ao começo no mundo do trabalho em uma casa até os 12 anos de idade, depois trabalhou em uma pedreira por seis meses e ganhava quarenta réis (\$040), até os 14 anos trabalhou em obras do Estado e ganhava cento e vinte réis (\$120) por dia, quando veio morar no Brasil.

Em terceiro lugar, trata que procurou dar continuidade ao que tinha aprendido no tempo curto e irregular da escola. Descreve que tentava ler, mas não conseguia por causa do cansaço pela rotina de trabalho manual, que considerava um “serviço muito duro”. Quando chegou no Brasil em 1860, o seu primeiro trabalho foi em uma casa de negócios, com salário de oito mil réis (8\$000) mensais. Destaca que o seu desejo pela leitura e o estudo continuava forte, especialmente quando gastou cerca de 20\$000 (vinte mil réis) com livros como: um dicionário, um manual enciclopédico, um tratado de aritmética, uma gramática e uma bíblia. Em quarto lugar, trata que continua a sua jornada como estudante autodidata ao adquirir mais livros, intensificar as leituras e o estudo dos evangelhos da bíblia, mas por causa do trabalho só podia ler após às 10 horas da noite. Assim, decidiu aprender o ofício de sapateiro para ter mais tempo para o estudo às noites, aos domingos e nos dias santos.

Em quinto lugar, refere-se ao seu casamento em junho de 1864, que lhe ajudou a ter uma dedicação maior aos estudos e começou a frequentar os cultos da Igreja em Niterói. A sua rotina de estudos particular era muito desgastante, por causa do desafio em conciliar a vida familiar com o trabalho manual e a dificuldade financeira. Destaca a sua crença em Deus para ter saúde no trabalho, em busca do melhor sustento e a educação dos filhos. Em sexto lugar, trata sobre os problemas que enfrentava na sua casa, por causa da chuva que inundava tudo, mas principalmente a falta de um lugar adequado para estudar sem ser interrompido pelos quatro dados por Deus. Ressalta que não tinha recursos financeiros para alugar outra casa no mesmo bairro, o seu maior medo era ser obrigado a mudar para uma “estalagem” pobre, composta por um ambiente de “corrupção física e moral”. Em sétimo lugar, refere-se a importância de uma casa “higiênica” que oferecesse “repouso” e “distração”, para que continue aproveitando todos os momentos para estudar e adquirir novos conhecimentos. Acreditava que sua missão dada por Deus era de professor para estudar e ensinar, porque desejava estagnar no seu desenvolvimento, mas manter o desejo constante pelo estudo. Em oitavo e último lugar, solicita ao pastor Kalley ajuda para o pagamento do aluguel de uma casa perto da escola, composta por 04 quartos pequenos, um lugar para cozinhar e um espaço para estudar, porque ele conseguia pagar anualmente o valor de 400\$000 (ROCHA, 2013a: p.177-178; 2017: p. 108-111).

Na sua narrativa Rocha destaca a atuação da Comissão Escolar nos últimos anos de funcionamento das escolas diárias, primeiramente, em 1878 comunicou a José Vieira a sua exoneração do cargo de professor na Escola Diária da Corte, porque ele discorda veementemente do modelo organizacional e administrativo da Igreja. Em seguida, na sessão

de membros de 01 de novembro de 1878, a Igreja decidiu fechar as duas escolas diárias e dispensar os professores, porque as contribuições continuam insuficientes para o pagamento das despesas. Em 02 de março de 1881, a Escola da Igreja foi reaberta sob a direção do pastor João dos Santos e tendo como professor Antônio Pedro de Almeida. Porém, em carta escrita para Kalley em 08 de junho de 1887, o pastor João dos Santos falou da insuficiência dos recursos financeiros para sua manutenção, partilhava da ideia de que essa dificuldade era responsabilidade de vários fiéis da Igreja que não enxergavam a “utilidade” de uma instituição para a educação dos seus filhos (ROCHA, 2017: p.247, 316, 364-365).

Na escrita de Rocha é possível verificar duas questões que considera fundamentais para compreender o quanto o programa civilizatório e educacional proposto pelo casal Kalley, que adentrou intensamente na sua busca por um país moderno, civilizado e protestante. A primeira refere-se à aprovação em 15 de março de 1879, do Catecismo Histórico do Velho e Novo Testamento escrito por Kalley, pelo Conselho de Instrução Pública da Província do Rio de Janeiro, para uso nas escolas primárias. Destacou que o professor Liberto trabalhou ativamente pela aprovação, que fez o pedido para o pastor Kalley encaminhar uma porção do catecismo ou autorize a sua impressão no Rio de Janeiro, sendo enviado por ele cem exemplares para serem entregues aos professores. A segunda foi a aprovação em 1880 no Conselho de Instrução Pública para uso nas escolas, do livro *A Alegria da Casa*, escrito pela professora Sarah Kalley. O impasse é que o colportor Francisco da Gama não tinha no depósito a quantidade suficiente para fornecer ao governo e a dificuldade em obter de Sarah a autorização para a reimpressão do livro. Assim, Rocha destaca que o proprietário de tipografia fez a reimpressão da obra, independente da autorização, porque entendia não ter nenhum “impedimento legal” para esse ato (ROCHA, 2017: p.262, 302).

Portanto, com base em Nascimento (2017: p.14) esse programa educacional para difusão dos livros, da leitura pela leitura e das escolas na implantação do protestantismo no contexto de um movimento que encontrou no país o apoio de grupos favoráveis à sua inserção como os maçons e republicanos, essa elite política liberal via no analfabetismo um obstáculo para o progresso e inclusão social. A motivação maior de Rocha na sua Coleção era demonstrar que o casal Kalley, a sua equipe e Igreja buscaram promover a conversão pela leitura da Bíblia e evangelizar o país. Assim sendo, na realização de um programa civilizatório que consistia em oferecer à sociedade brasileira a salvação do espírito e do corpo, por meio dos preceitos religiosos da fé protestante.

4.3. O casamento e a educação da família

Para Rocha (2013: p.121-123) a implantação da civilização protestante no país perpassa a regulação das relações no casamento e a educação da família. Considera que um dos maiores problemas do Brasil no século XIX era o sistema religioso católico romano em sua perspectiva de casamento e não existência do casamento civil, porque resultava em uma realidade de “degeneração”. Apresentou uma crítica ao que chamou de “impostos canônicos”, referente às taxas que eram cobradas para efetivar o casamento católico e considerava uma “barbaridade”. Os ricos tinham condições de pagar e os pobres eram excluídos por falta de recursos para pagamento do imposto. Para ele, quando não existe o casamento civil, as camadas populares podem escolher apenas dois caminhos: o primeiro, permanecer em celibato perpétuo e transgredir a ordem divina da procriação: crescer, multiplicar e povoar a terra; o segundo, coabitar ilegalmente por meio de uma realidade marcada pela desonra a si mesmo, aos filhos e a sociedade. Assim, a sua crítica ao sistema que reconhecia como casamento legal apenas quando realizado conforme o rito católico romano da “Igreja do Estado”.

Compartilhou um artigo produzido por Kalley no Correio Mercantil em 29 de abril de 1860 sobre o “Sacramento do Casamento e o Matrimônio Civil” que reafirmava a sua crença na Bíblia como palavra divina, o valor de estudar as outras ciências com o auxílio de bons mestres e especialmente do “livro santo”. Com destaque a sua crítica aos defensores do casamento como sacramento e legitima a validade do casamento civil, porque estava de acordo com o preceito divino: “Aquelles que negam que o contracto de matrimônio, feito conforme as leis civis, tem estabilidade pelo preceito do Altíssimo, e affirmam que a tem pelo sacramento só enquanto não provam a verdade do sacramento melhor do que aquellos senhores têm provado”.

Considerou que o maior problema para o crescimento da igreja no Brasil com o seu programa civilizatório consistia na luta pela liberdade de consciência e o casamento dos acatólicos. Porque as pessoas das variadas camadas sociais aceitavam a fé protestante, mas foram impedidas de serem aceitas como membros da Igreja Evangélica Fluminense porque não estavam casadas legalmente. Citou o caso de Bernardino Guilherme Russel que escreveu uma carta no dia 15 de maio de 1860 à Kalley sobre a sua conversão e pedindo um conselho para legalizar o seu casamento conforme a fé protestante.

Para Rocha, a educação das famílias no programa civilizatório do casal Kalley foi composta também pela atuação ativa nos jornais em defesa do casamento civil. Cita que um jornal católico publicou artigos em 28 e 30 de março de 1866, com a epígrafe “O gênio do mal” e assinados pela “Voz da Verdade”. No primeiro, defendia a presença de imagens no templo; no segundo, afirmava que “o casamento civil é uma inovação profana, tendente a desvirtuar os atos da Igreja Católica”. Destaca que Kalley respondeu a estes artigos pelo Correio Mercantil sob o pseudônimo “Mathematix”, em 30 e 31 de março, em 6 e 14 de abril de 1866 (ROCHA, 2013a: p.100).

Rocha na sua escrita trata sobre a luta pela liberdade dos pastores das “religiões toleradas” no Brasil do século XIX, para celebrarem casamentos. Em 23 de julho de 1867 no Jornal do Comércio foi publicada uma circular do Ministro do Império com a solução sobre os casamentos celebrados por pastores das “religiões toleradas”. A circular foi enviada a todos os presidentes das províncias para ser cumprido, teve por origem uma consulta feita pelo Vigário Colado da Freguesia de São José na capital ao Governo Imperial com os seguintes questionamentos: a) o católico romano e apostólico pode casar-se com protestante, sem preencher as formalidades canônicas ou sem ter abjurado a sua religião?; b) os casamentos mistos em que intervenham ministros protestantes são bons e valiosos, atentos a nossa legislação?; c) o ministro de qualquer seita protestante pode intervir, sem criminalidade, nesses matrimônios, não havendo o preenchimento das formalidades de direito da parte católica? O parecer da Seção de Negócios do Conselho de Estado teve como base estas três perguntas elaboradas pelo Vigário e o caso considerado “grave” para ele, quando no dia 03 de junho de 1867, na casa em que se reuniam os membros da comunidade evangélica alemã, para a celebração de casamento do protestante Walfgany Erich Weber e a católica romana, Carlota Christina da Silva.

Quanto ao primeiro questionamento, o parecer foi de que o católico romano não pode se casar com protestante, sem o preenchimento das formalidades canônicas, sendo necessário obter a dispensa de impedimento e a aceitar o compromisso de educar os filhos segundo os preceitos da Igreja Católica. Afirma que não há casamento católico válido, sem a presença de um sacerdote, assistido por duas ou três testemunhas. Ao segundo questionamento, a resposta foi que o casamento misto sem a participação de sacerdote católico, mesmo em países “heréticos”, os católicos que se casam com “hereges”, cometem uma falta grave. Destaca que o casamento misto de um católico com um protestante não tem efeito civil, sendo considerado “concubinato”. Assim, o casamento misto só tem efeito civil quando o casal professa uma

religião diferente da oficial no Brasil. Na terceira questão destaca o artigo 247 do Código Criminal: “Receber o eclesiástico, em matrimônio, contraentes que não se mostrem habilitados, na conformidade das leis, com pena de prisão de 2 meses a 1 ano e multa correspondente a metade do tempo”. Considera que não está isento de criminalidade o ministro protestante como o sacerdote católico, que recebe em matrimônio contraentes que não se adequam às regras estabelecidas. Rocha considera que o pastor Kalley no processo de formação da Igreja Evangélica Fluminense, recomendava que os noivos declarassem que abjuravam a religião católica romana como consta no termo de declaração utilizado na Igreja desde janeiro de 1866: “... sendo declarado, tanto pelo noivo como pela noiva, que não seguem a religião do Estado, mas tem por verdadeiras as doutrinas da Igreja Evangélica Fluminense” (ROCHA, 2013a: p. 272-275).

É significativo a escrita de Rocha sobre o processo de educação religiosa dos filhos pelos pais no seu programa civilizatório, com base na carta do pastor Kalley à Igreja Evangélica Fluminense em 24 de março de 1868. Em primeiro lugar, trata que a vinte anos atrás houve um movimento de transformação na Ilha da Madeira com várias pessoas aceitando o caminho da salvação, por meio de uma vida marcada pelo amor e a alegria para enfrentar o escárnio e a violência, as perdas e as prisões por dedicação a verdade. Foram obrigados a fugir do seu país, por causa da intolerância religiosa. Destaca-se que nestes 22 anos um grande número destes refugiados morreu, mas os seus filhos continuam vivos nos Estados Unidos e nas Pequenas Antilhas.

Em segundo lugar, criticou a atitude dos pais ao desvalorizar a educação dos filhos desde a primeira infância, em conformidade com os princípios do caminho da salvação, o que resultou em uma geração de jovens “incivilizados, sendo uma situação pior do que os filhos dos “irlandeses católicos romanos”, muito mais educados e civilizados. Para ele, o motivo foi que os pais protestantes desprezaram o trabalho de educação dos filhos. Em terceiro lugar, recomendou que os pais devem investir na educação religiosa desde a primeira infância, baseado no pensamento de um jesuíta de que o cuidado com as crianças até os sete anos de idade, resulta em resultados positivos para a vida inteira. Sendo prioridade dos pais educar os filhos no caminho da salvação, depois os amigos e vizinhos. Em quarto lugar, os pais também devem cuidar da sua vida religiosa, que não sejam “arrastados pelas coisas do mundo”, mas cultivem uma vida pura, obediente e regulada pelos princípios da palavra divina.

Rocha demonstra a sua perspectiva de que os pais devem cumprir o seu dever divino primordial: promover o desenvolvimento físico, moral e espiritual dos filhos. Por meio de um processo educativo que responde com inteligência e paciência aos questionamentos dos filhos, o ensino diário da Bíblia como palavra divina e do amor sacrificial de Jesus Crucificado pelas crianças. Nesse processo, a busca dos pais era a modelagem do caráter cristão nas crianças, para que não fossem indiferentes, incrédulos e inimigos de Jesus Crucificado (ROCHA, 2015: p.26-29).

Com base em Buriti (2011: p.29-30) é possível atentar que Rocha construiu uma narrativa em torno do casal Kalley como protótipo da civilização e modernidade protestante no Brasil, especialmente Sarah, nomeada a mulher-mãe idealizada, que viveu com fidelidade o ministério da maternidade ao cuidar da casa e família com amor sacrificial. Rocha catalogou um conjunto de representações da família brasileira, produzido pelo casal Kalley, por meio da fusão entre linguagem científica, moral, instrutiva e civilizatória. Uma fusão entre controle e prevenção, diagnóstico e prescrição, o visível e o escondido no contexto de um Brasil do século XIX em crescente urbanização e que idealizava os valores urbano-industriais. Uma escrita sobre o protestantismo como movimento composto por um conjunto de práticas pedagógicas interligadas aos princípios higienistas que procurou medicalizar os hábitos da vida, introduzir o dever da saúde, por meio do cuidado de si, entre as camadas pobres da população.

Rocha (2013: p.130-131) apresentou o Contrato de Casamento emitido por Kalley em 1861 para regularizar os casamentos entre os membros da Igreja, enquanto o casamento civil não fosse aprovado no país. Primeiramente, tratou de a ausência de uma lei para os cristãos celebrarem o casamento sem seguir os ritos da Igreja Católica Romana, que considerava contrário aos preceitos divinos. Em segundo lugar, a Igreja Evangélica determinou reconhecer o casamento dos fiéis que se uniram por meio de um contrato escrito, com o compromisso do casal em cumprir fielmente e mutuamente os deveres divinos estabelecidos para cada um. Em terceiro lugar, os contratos não tinham efeito civil no país, mas compreendiam como casamentos verdadeiros de acordo com os preceitos divinos. Em quarto lugar, reconhecia o casamento como uma instituição divina e a impossibilidade de casar conforme o rito católico romano, porque concebia como uma religião cristã falsa.

O Contrato estabelecia o compromisso do casal de cumprir os seus deveres conforme os preceitos bíblicos com papéis diferentes para cada um. O dever do marido era: aceitar a única e legítima esposa, amar, sustentar financeiramente e ser fiel até a morte. O dever da

esposa era: aceitar o único e verdadeiro esposo, amar, honrar, servir e ser fiel para sempre. O dever do casal com os filhos consistia em ter e reconhecer os filhos legítimos, gerados por causa deste contrato. No final reconheciam a obrigação de casar-se no civil quando a lei do país fosse mudada, desde que fosse uma forma de casamento de acordo com as leis divinas da Bíblia.

Eu, nome do homem, profissão ou ofício e estado, de idade, natural de descrição do lugar de nascimento, filho legitimidade de descrição do pai, da mãe e de suas pátrias, recebo por minha única legítima mulher a nome da mulher, descrição do estado, natural de descrição do lugar de nascimento, filha legitimidade de descrição do pai, da mãe e de suas pátrias, e me obrigo e prometo pela ajuda de Deus a amá-la, sustentá-la, e tê-la sempre comigo, cumprindo os deveres de um marido fiel enquanto Deus me der vida.

Eu, nome da mulher profissão ou ofício e estado, de idade, natural de descrição do lugar de nascimento, filha legitimidade de descrição do pai, da mãe e de suas pátrias, aceito por meu único e verdadeiro marido, obrigando-me pela ajuda de Deus a amá-lo, honrá-lo e servi-lo, cumprindo os deveres de uma mulher fiel, enquanto Deus me der vida.

E nós ambos nos obrigamos a ter e reconhecer sempre por nossos filhos legítimos os que Deus nos der em resultado deste contrato, o qual abaixo assinamos com testemunhas, e nos obrigamos a casar-nos conforme as lei do país logo que estas reconheçam uma forma de casamento que não se oponha às leis divinas nas Escrituras Sagradas.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 186 _____ (ROCHA, 2013: p.130-131).

A escrita de Rocha em torno deste Contrato conforme Matos e Alves (2006: p.181-183) foi produzida num contexto em que convergiam esforços das famílias, das instituições educacionais, da igreja e dos médicos, para que a educação colaborasse na construção social e corporal dos sujeitos, promovendo transformações nos valores, comportamentos, princípios e habilidades, com a modelagem das posturas e gestos que eram normais para o masculino e feminino. Nas escolas, as meninas eram educadas para a função de mãe e esposa, para que utilizassem os seus conhecimentos dentro dos lares, nos limites da sua missão, elevando a maternidade a um tributo de majestade, orgulho e felicidade. A sua missão de mãe representava a renúncia de suas vontades, desejos e sonhos, para que fossem compensados pela satisfação e felicidade da família.

É importante atentar que a escrita de Rocha de acordo com Costa (1983, p.171-204, 219, 234, 240, 255), estava inserida em um processo o qual o discurso médico-higienista também abrangeu as relações entre pais e filhos. Sendo um movimento em que a infância foi cultivada através de uma normalização do espaço físico, tanto da casa como da escola, para instituir novos hábitos sadios de trabalho, do corpo, da moral e do intelectual, na produção de um cidadão moderno, higiênico e burguês. Nas relações entre marido e mulher, o casal tinha o compromisso com os filhos. O cuidado com a prole é visto como paradigma da união conjugal, sendo o amor usado como traço de separação da natureza feminina e masculina. Com a representação do “pai higiênico” como funcionário do Estado, que deveria dedicar o melhor de suas forças em prover a subsistência material da família, contribuir para a reprodução física da raça e desenvolver o patriotismo da sociedade. A “mãe higiênica” foi retirada do confinamento doméstico, liberada para o convívio social e o consumo comercial. Desse modo, a mulher foi reintroduzida na família, convertida pelo amor ao marido e aos filhos e liberada para o consumo de serviços médicos, em condenação à mulher “mundana” e “prostituta”.

Rocha (2013: p.172-173) tratou de um artigo escrito no jornal Correio Mercantil sobre o debate na Câmara dos Deputados em torno do projeto elaborado pelo poder executivo, que buscava aprovar o casamento de pessoas com uma confissão religiosa diferente da religião oficial no Brasil do século XIX. Existia um grupo que discorda do monopólio do direito religioso exercido pela Igreja Católica como se o casamento pertencesse aos padres, mas a ideia desse grupo com base na história era que os casamentos devem ser regulados pelo direito natural ou civil. Assim, debatiam que era necessária uma lei que protegesse o direito de todos os grupos sociais e não apenas dos protestantes.

É relevante atentar as imagens presentes sobre casamento e família no sermão “As Bodas do Cordeiro” proferido por Kalley no dia 16 de outubro de 1864 com base em Apocalipse 16.6 e 9, com o destaque de que no dia 15 de outubro havia um clima de festa na Corte Imperial porque a filha de D. Pedro II se casou com Luiz Felipe, Conde d’Eu. No sermão, Kalley apresentou o significado de três imagens: a noiva, o noivo e as bodas de casamento. Trouxe uma definição de casamento como um contrato de união entre duas pessoas, firmado entre esposo e esposa diante testemunhas, sendo um evento feliz, apesar deste mundo dominado pela tristeza e o medo, que não deve ser rompido, apenas no caso de morte. Com uma ideia de casamento como o partilhar mútuo das tristezas, o interesse pelo bem do outro e o carregar das cargas.

Considera a imagem da noiva como uma representação da relação íntima entre Deus e o seu povo, formada por uma multidão de homens e mulheres. No Antigo Testamento trata da relação entre Deus e o povo de Israel, enquanto no Novo Testamento a imagem corresponde à relação com a Igreja. A primeira questão refere-se sobre a sua posição no nascimento, com a resposta de que devia ter nascido em uma família rica, nobre, boa, saudável, sábia e feliz. Mas a sua família se tornou pobre, depravada, louca e infeliz, porque todos os seus descendentes possuem uma natureza perversa desde a infância. A segunda trata sobre o seu passado vil e doente, sendo uma história marcada pela ignorância, loucura, criminosa, infiel, feia, ingrata e sem-vergonha. A terceira sobre os seus bens que são apenas dívidas e crimes, com uma vida pobre, escrava, desprezível, miserável e perdida. A quarta sobre as suas vestes, que eram sujas, asquerosas, fedorentas, farrapos infames que ofendiam a Deus. A quinta imagem corresponde ao seu estado atual, sendo uma noiva transformada, regenerada e reabilitada.

Enquanto formulou outras representações sobre o noivo, primeiramente, como representação de Jesus, “filho de Deus” que criou todas as coisas, a noiva transformada o considera “rei supremo” que deve ser adorado e obedecido. A segunda refere-se ao noivo como onisciente e onipotente, que governa e sustenta todas as coisas. A terceira trata a sua história como maravilhosa e verdadeira, sendo o filho unigênito de Deus que assumiu a forma humana por meio de uma virgem pecadora, que cresceu desde a infância sob o poder divino e viveu entre os pobres. Enquanto ele manifestava o amor e a liberdade no mundo, sendo odiado, desprezado, insultado, preso, condenado, crucificado e morto. Mas ressuscitou e vive no céu, ao lado do Deus Pai.

A quarta corresponde a motivação dessa história maravilhosa e verdadeira, que consistiu em provar a grandeza e extensão do amor divino para com a noiva que possuía um passado desprezível. A quinta trata da sua beleza, na sua primeira vinda em forma humana o seu rosto era desfigurado e sem formosura com as rugas da mágoa, nas mãos e pés carrega as marcas dos cravos. Ele se submeteu a dor, morreu como um “cordeiro” para que a noiva fosse transformada. A sexta trata sobre o processo salvador realizado na noiva, com os seguintes atos: a) a buscou no deserto quando foi extraviada; b) a encontrou quando estava perdida; c) pagou e anulou a sua dívida acumulada por causa dos seus pecados; d) a curou da sua enfermidade; e) a educou na sua ignorância; f) a conduziu da pobreza para a riqueza; g) restaurou a sua visão; h) a limpou da imundície com o seu sangue derramado na cruz; i) a fortaleceu com o braço forte na sua fraqueza; j) a suportou com paciência na sua maldade.

Assim, a noiva a ama mais do que os irmãos, filhos, parentes e a própria vida, para viver somente para ele eternamente (ROCHA, 2013: p.130-131).

Em 25 de julho de 1866, o pastor Kalley pregou sobre o livro Cântico dos Cânticos 8.6 que trata da Rainha que era intensamente amada pelo Rei; “Põe-me a mim como selo sobre o teu coração, como um sele sobre o teu braço”. A imagem do noivo e da noiva no casamento são utilizadas por Kalley como símbolos da vida no caminho da salvação. O pecador convertido que ama a Jesus também sente o desejo de estar na sua presença, repousando sobre o seu coração, no deleite de uma comunhão eterna com o amado Salvador. Como a Noiva que confessa o seu desejo, porque ama o Noivo de forma intensa, o seu amor é tão real e irresistível que afronta a própria morte. O que importa é viver na terra e eternidade no deleite do celeste amor de Jesus Crucificado. Apresenta a imagem de Jesus como o “noivo da Igreja” oferece a todos o caminho da salvação, composto por perdão, reconciliação com Deus, a adoção como filho, herdeiro da cidade celestial. Um caminho baseado no amor e na bondade de Jesus Crucificado pelo fiel pecador, que deve responder com um amor devotado. Assim, a vida do fiel pecador como a noiva que suspeita de não ser amada, duvida do amor com um calor intenso e penetrante, resultando em dores profundas e grande agonia. A sua vida torna-se angustiada, quando dúvida do amor de Jesus Crucificado e a sua fidelidade em cumprir a promessa da salvação eterna. Com essa atitude desonra e insulta o Jesus Crucificado com o seu amor sacrificial. Finaliza com a ideia de que o fiel comprova o seu amor a Jesus Crucificado, por meio de um coração obediente aos seus mandamentos (ROCHA, 2013a: p.132-134).

Em 02 de setembro de 1866, o pastor Kalley pregou sobre Cântico dos Cânticos 3.13-14 que com uso da imagem do noivo e da noiva no casamento, para ensinar sobre o fiel convertido no caminho da salvação. Neste trecho da escritura o Noivo diz a Noiva: “O tu, que habitas nos jardins! Os teus amigos estão atentos; faz-me ouvir a tua voz!” E a Noiva responde: “Foge, Amado Meu, e faze-te semelhante a uma cabra montez e os veadinhos sobre o monte dos aromas!” A sua leitura é de que a vida do fiel com longa experiência terá a sua atenção às flores e não aos espinhos, enquanto o fiel com uma experiência menor sente o poder penoso dos espinhos. O fiel como a noiva vive a satisfação nos jardins de Deus com um coração que expressa louvor e alegria pela presença divina. O noivo fala e a noiva atende a sua voz que aconselha e anima. O seu convite deve ser recebido com respeito e obedecido com diligência. Assim, o fiel como uma noiva é chamado a amar Jesus Crucificado, na esperança de que ele voltará como “amado noivo” para estabelecer a cidade celestial (ROCHA, 2013: p.143-145).

Rocha apresenta um sermão de Kalley, proferido no dia 30 de junho de 1867, ensinou sobre a educação do corpo, da sexualidade e do casamento, ao trata o sétimo mandamento “Não adulterarás” para a realização da felicidade humana. Com base em Gênesis 1.27 afirmou que o homem como macho e fêmea foram criados Deus com pureza, perfeição e santidade. Sendo o lançado o que considera o grande fundamento da felicidade humana, que são as relações familiares e afetivas entre todos os seus membros: marido e mulher, pai e mãe, filhos e filhas, irmãos e irmãs. Na sua perspectiva, os males experimentados pela humanidade eram por causa da “má aplicação” ou “depravação do instinto sexual”. Porque frustra o plano divino para a realização do bem mútuo do “homem completo”, por ser uma “força satânica” que induz o homem a transformar o seu instinto sexual destinado a “perpetuar a espécie”, em uma fonte “perene” de “miséria física e moral”. Destacou que Deus não era o culpado desse afastamento do homem em seu “rumo natural” traçado pelo divino. Deus não é o responsável pela infelicidade humana com os seus males e tormentos, por ser bom, puro e perfeito. Tais males resultam tão somente do “mau uso ou abuso” das dádivas divinas, o “desprezo” aos conselhos divinos e a “rebelião” humana contra os princípios morais.

Fez uma crítica aos pais que fazem acordos de casamento dos filhos ou filhas sem consultá-los, lhes impondo o casamento com pessoas que não amam e admiram. Resultando em uma vida com desgosto, amargura e ofensa ao sétimo mandamento, de manter a fidelidade no casamento. Como também os filhos que são dominados pelas paixões, com desprezo às leis divinas, o aconselhamento de amigos “sábios” e a falta de preparo para cumprir os seus deveres como o do sustento da família. Casam-se com muita rapidez para depois descobrirem que não partilham das mesmas ideias, desejos, divertimentos sociais, da educação e prazeres intelectuais. Assim, o fim desse casamento é a infidelidade e pecado, com a construção de uma vida dominada pela vergonha, “pobreza”, “enfermidade” e “ruína total”.

Considera alguns homens como uma “ave de rapina” que possui dinheiro e gastam a vida de forma “libertina” e “devassa”, com bailes, passeios, excursões e bebidas alcóolicas, que inflamam os seus “institutos interiores” e a satisfação dos “impulsos sexuais”. Definiu tais homens como “monstros de iniquidade” que promovem a desgraça na vida das mulheres solteiras e casadas. Para ele, o resultado será a condenação eterna após o julgamento final. Assim, ele concluiu que este era o estado moral da população na Corte Imperial que promovia a miséria física e moral. Ao mesmo tempo, convocava os fiéis para serem educados na busca

pela preservação dos seus casamentos em conformidade com a lei divina (ROCHA, 2013a: p.189-192).

Com base em Chartier (1995: p.40-41) a análise da escrita de Rocha não consistiu apenas em descrever esse processo educativo da família protestante normatizada, mas atentar para os discursos e práticas que buscaram produzir a interiorização nas mulheres e nos homens de comportamentos e representações dominantes. Ao reconhecer que essa incorporação de dominação não exclui os afastamentos e as manipulações das normas por parte das mulheres. Porque não consiste em uma submissão alienante, mas um movimento aberto às subversões e deslocamentos.

Essa narrativa criou imagens de uma mulher idealizada que viveu as normas em sua literalidade e exatidão, Chartier (1995, p.42-43, 47) indica que esse movimento de submissão das mulheres se constitui uma violência simbólica na legitimação de uma masculinidade hegemônica construída histórica, cultural e linguisticamente construída. É a afirmação da diferença de natureza, radical, irreduzível e universal, sendo uma leitura a-histórica e idealizada da “*identidade feminina protestante*”, que foi historicamente datada, inscrita nas práticas e nos discursos que a fundaram. É necessário repensar tal escritura como algo natural, dado, universal e homogêneo de uma identidade que apenas reproduziu os poderes masculinos. Uma mudança no olhar para atentar os poderes femininos nessa situação de sujeição, porque algumas exerceram uma autoridade em detrimento de outras, com uma participação minoritária nos espaços de poder controlados pelos homens. Também os seus “*contra-poderes, sedutores, secretos e ilícitos*”, a reapropriação e o desvio dos instrumentos simbólicos da dominação dessa masculinidade hegemônica.

Na perspectiva do programa civilizatório proposto pelo casal Kalley, a educação do casamento consistia em cada membro viver de acordo com os princípios da Bíblia, porque eram úteis para diminuir os “males enormes” que dominavam a cidade. Considerava não existir a “verdadeira felicidade” na cidade do Rio de Janeiro, porque a população rejeitava o ideal de “casamento puro” que resultava em saúde física, educação própria e bem-estar para todos. Reafirmou que faltava no ambiente familiar o “motor” que estimulava os seus membros a dedicação diligente ao trabalho e o uso do tempo com utilidade, tendo resultado todo tipo de “pecado” e “miséria”. Assim, considerava o casamento regulado uma experiência de felicidade crescente, especialmente porque o marido e a mulher se relacionavam em felicidade absoluta no cumprimento dos seus deveres (ROCHA, 2013: p. 200).

Essas imagens no contexto que afirmou Campos (2006: p. 150-152) consistiu em processo de adaptação e legitimação das tradições protestantes influenciadas pelo puritanismo a partir de três ideias: 1ª) a salvação como um chamado às mulheres buscarem de forma solitária, pela graça divina cumprir sua responsabilidade em relação às coisas mundanas, que precisavam ser transformadas através de uma vida pura; 2ª) a vocação feminina na reclusão do seu espaço no mundo no dever de esposa, mãe e dona-de-casa, sendo uma prova da salvação que ela lutava para alcançar e manter; 3ª) o pertencimento à igreja de Deus representada na terra por comunidades sectárias visíveis que oferecia um ambiente de qualificação na vivência dessa vocação.

Com base em Perrot (2008: p.109-128) essa educação das famílias foi formulada fundamentada numa leitura literalista, absolutista e universalista com base no livro “santo”, sendo necessário perpetuar um movimento de encarnação da lei do outro. Num movimento de aprisionamento do ser no dever de dedicar o seu corpo e alma em sacrifício total aos seus amores (marido, filhos, casa e igreja). Nesse teatro de memória foi exaltado um lugar que tem sido reservado às mulheres nas sociedades ocidentais na longa duração, do trabalho no espaço doméstico, da reprodução, sem valorização e remuneração. No exercício de ofícios circunscritos como ajudantes dos maridos como no artesanato, na feira ou na loja. Com a condenação do tempo presente com suas transformações quanto à maior liberdade das mulheres e como romperam ao lugar de reclusão como companheira submissa do marido.

Assim sendo, de acordo com Matos e Alves (2006: p.175, 180) essa escrita apresenta o caráter educativo do protestantismo na segunda metade do século XIX, inserido na expansão de novos ideais, que procuravam a “modernização” do Brasil, na qual a educação era apresentada como um instrumento de promoção da “civilização” e do “progresso”. Os pais tinham a responsabilidade de buscar uma educação baseada em valores como disciplina de comportamentos, controle das emoções, a ética, a moral e a capacidade de diferenciar o bem do mal. Também era dever dos pais que a educação contribuísse para o bem-estar da família e da sociedade, livrando seus filhos dos males sociais como a falta de instrução e projetando a sociedade ideal.

Tal programa civilizatório protestante participou de um contexto de transformações, que foram efetivadas em várias partes do Brasil a partir da segunda metade do século XIX, como aponta Costa (1983: p.110), quando destaca que a medicina se impunha como técnica de regulação do contato entre os indivíduos e a família. Essa preocupação no âmbito privado, na

verdade, constituía-se em prolongamento da cidade urbanizada e limpa. A habitação antiga (ou residência colonial) tornou-se um constante alvo de críticas dos higienistas e urbanistas, uma vez que esse tipo de construção era marcado pela precariedade das suas instalações de água e esgoto. Havia também a precariedade de móveis e outros utensílios domésticos, resultando em espaços que propiciavam o desenvolvimento de doenças e focos de insalubridades, que acometiam todos os membros da família.

É interessante a narrativa de Rocha com a legitimação das imagens sobre o casamento, especialmente o papel delimitado para a mulher, com base na carta escrita por Kalley ao jovem pastor Holden, escrita em 11 de dezembro de 1868, com conselhos para a escolha de uma “boa esposa”. Pensava que a escolha de uma boa companheira no casamento estava relacionada à “excelência de um belo caráter interno” que não está relacionado a “beleza externa”.

Em primeiro lugar, argumenta que a “beleza externa” feminina provoca sentimentos “evanescentes” e “passageiros”, porque a mulher pode ser uma “boneca linda”, mas ser uma companheira “pobre” no casamento. Legitima a imagem de mulher “idealizada” como um ser que carrega qualidades de “valor permanente”, sendo uma “amiga digna”, “companheira adequada” e uma “cooperadora eficiente”, que ao lado do marido produzirá frutos no casamento. Em segundo lugar, essa mulher idealizada apresenta um “sentimento amoroso” pelos pais e familiares, com disposição constante em ajudar de forma diligente. Quando um membro da família está doente, ela ocupa o papel de “enfermeira do lar”, servindo a todos com alegria e cuidando de todos com amor sacrificial, que renuncia os seus prazeres e projetos pessoais.

Em terceiro lugar, uma mulher que ama ao Jesus Crucificado com gratidão, disposição para aprender e executar as verdades divinas em seu cotidiano. Uma disposição para inscrever em seu corpo as regras santas da fé. Em quarto lugar, uma mulher com “maduro senso comum”, compromissada em ensinar outras mulheres no caminho da salvação traçado por Jesus Crucificado. Em quinto lugar, uma mulher com “boa educação secular”, para que seja preparada para vida do trabalho útil e frutífero. Capacitada para administrar a vida doméstica e consciente do seu dever em ser submissa à autoridade superior na vida. Em sexto lugar, uma mulher “alegre” e “otimista”, com disposição para enxergar a vida no cotidiano de forma positiva, em ajudar as pessoas aflitas e a busca pelo bem dos outros. Em sétimo e último lugar, uma mulher que tenha conhecimento de Economia Doméstica, para com prudência e juízo

administrar o dinheiro da casa, como também liderar os seus funcionários (ROCHA, 2015: p.69-70).

A partir das reflexões de Soihet (1989) é importante analisar as formas de violência femininas para repensar os discursos em relação às mulheres como seres comandados pela natureza, a maternidade, a fragilidade e inferioridade quanto ao homem. No entanto, na escrita de Rocha existe a evocação do cotidiano de várias mulheres, rompendo com o silêncio e formulando imagens para construção de uma identidade fluida e diversa. Em tais lembranças destacou que a educação protestante era construída no contexto das cidades como um lugar em que homens e mulheres viviam sua materialidade, sociabilidade e representações. Constituindo-se um fenômeno de percepção das emoções e sentimentos oferecidos ao nela viver. Também com manifestações de utopias, esperanças, desejos, medos, individuais e coletivos.

É significativo na escrita de Rocha o processo que o casal Kalley utilizava de educar na fé protestante os seus funcionários, especialmente a empregada doméstica Henriqueta. Em carta de 1871, a professora Sarah escreveu para a sua tia Lydia Morley sobre a importância de Henriqueta na sua vida e casa. Apresentou Henriqueta como uma mulher “alegre”, “ativa” e “hábil”, com trinta anos de idade e já tinha trabalhado em casa de três famílias. Fez uma pequena entrevista com ela e aceitou oferecer um período de experiência no serviço da casa. Destaca que teve receio dela pedir licença para ir na missa ao domingo, por ser católica romana, mas se surpreendeu com a sua participação nos cultos domésticos e a satisfação em ir no culto de domingo na Igreja. Tinha a expectativa de que o mais rápido possível, ela seguisse o caminho da salvação na fé em Jesus Crucificado, em obediência aos princípios divinos na perspectiva da fé protestante. Nos últimos meses de 1871, ela aprendeu a ler e a escrever a partir do trabalho educativo de Sarah.

Rocha destaca que Henriqueta foi uma empregada “fiel” a professora Sarah durante cinco anos. Sendo alcançada integralmente pela educação protestante, ao ser batizada na Igreja em 07 de julho de 1872. Ela se casou com o irmão José Luiz Novais, batizado na Igreja em 03 de setembro de 1871, sendo consagrado diácono e depois presbítero. Finaliza com a imagem do casal como uma “glória” da Igreja, com as seguintes características: humilde, amoroso, servicial, dedicado e ativíssimo (ROCHA, 2015: p. 196-198, 233).

Com base em Buriti (2011: p.29-30) ressalta-se que Rocha na sua escrita produziu uma narrativa sobre a importância do protestantismo legado pelo casal Kalley para formação da família moderna no Brasil, sendo uma produção discursiva em constante reescrita. Uma narrativa que demonstra como o protestantismo promoveu a subjetivação de valores na família, por meio de uma ética de cuidado com a beleza, o conforto, o trabalho e o físico. Uma escrita que legitima o discurso elitista cosmopolita-civilizatória no final do século XIX, com a sua proposta de limpar o cidadão brasileiro das impurezas de um passado incivilizado na ótica do casal Kalley, tendo como modelo de civilidade os hábitos e comportamentos britânicos de família.

Na escrita de Rocha (2013: p.80-81, 355) a prática do culto doméstico era um elemento fundamental nesse programa do casal Kalley, que tinha o objetivo de ler e estudar a Bíblia sob a influência divina para promover o caminho da salvação no ambiente familiar com a presença de vizinhos e amigos, que consistia em apresentar Jesus como o “caminho, a verdade e a vida”. Os cultos eram realizados com uma explicação “fiel” e “sincera” das escrituras, que se adaptam a capacidade, inteligência e educação dos participantes. Ressaltou que apenas pelo conhecimento individual da Bíblia era possível o país vencer a idolatria, o obscurantismo religioso, a infidelidade, os vícios e o materialismo.

O processo de educação das famílias também foi construído por meio da visitação e reuniões fraternais sob a liderança do casal Kalley. Em 08 de junho de 1866, o casal Kalley visitou os fiéis que moravam no Morro da Formiga e adjacências: Jardim, Lydia da Silva, Manuel Rezende, Silva Brum, Maria Salomé, Rocha Brandão, Garcia de Lemos, Manuel Francisco Furtado e Manuel. Rocha apresenta uma anotação de Sarah sobre como deve ser o processo de aprendizado na família, com destaque as seguintes práticas: - louvor e adoração pela música; - oração individual e coletiva; - a leitura e o estudo da Bíblia para conhecer a vontade divina (ROCHA, 2013a: p. 119; 2015: p.23).

Em 18 de outubro de 1866, o casal Kalley fez o planejamento das “reuniões fraternais”. Neste dia, compareceram à tarde os convidados da primeira lista em número de 16; no dia seguinte, estiveram presentes 18 pessoas, entre homens e mulheres. O pastor Holden e os presbíteros participaram do sétimo chá em 16 de novembro. O oitavo chá foi destinado às crianças, estiveram presentes 22. O nono, que foi o último “chá fraternal” de 1866, sendo servido no dia 23 de novembro, com a presença de 19 pessoas. A todas estas reuniões, compareceram 124 adultos e 22 crianças (ROCHA, 2013a: p.153).

Em julho de 1868, o casal Kalley começou mais uma temporada das “reuniões fraternais”, os membros da Igreja foram divididos em grupos que deveriam comparecer em dias previamente marcados. Destaca que nestas reuniões o pastor Holden era o responsável pela “lanterna mágica” com suas lâminas de vidro, para a ilustração dos ensinamentos ministrados com o uso de imagens “interessantes”. O pastor Kalley ensinou nessas reuniões sobre fatos da Astronomia e demonstrou o “microscópio” aos visitantes. As reuniões fraternais permaneceram como prática de educação protestante das famílias, com Rocha apresentando notas esparsas como nos dias 11 e 12 de junho de 1874 foram realizadas duas reuniões fraternais, em 24 de junho de 1875 houve uma reunião fraternal para os inscritos nas letras C e D, no dia 18 de junho com os inscritos nas letras A e B. Nos dias 16 e 17 de dezembro de 1875 foram realizadas as reuniões fraternais (ROCHA, 2015: p. 51; 2017: p. 90, 131, 150).

É importante sobre esse processo educativo outra prática comum que consistiu na leitura coletiva de livros úteis na família. No dia 08 de abril de 1868, Kalley escreveu uma carta para ser lida no culto da Igreja Evangélica Fluminense, com a recomendação do livro *As Guerras da Alma Humana* de John Bunyan (que foi traduzido por Sarah), que apresenta uma variedade de alegorias sobre vida regulada do fiel em conformidade com as regras divinas.

Em primeiro lugar, considerava o livro importante porque ensina sobre a importância de cada membro da família em reformar a sua alma de acordo com os princípios divinos. Esse processo de transformação da alma seria fortalecido ao ler o livro em suas variadas imagens sobre a vida cristã. Em segundo lugar, afirmou que o livro era uma alegoria que contava a história da santa guerra entre “Shadai” e “Diabolo”, para conquista e retomada da alma humana. Ressalta o cuidado que cada membro da família deve ter no cuidado de reforma da alma, para que seja vitorioso nesta batalha. Porque quando não existe o cuidado em reformar os seus pensamentos, sentimentos e obras, os inimigos têm a oportunidade de vencer facilmente.

Em terceiro lugar, concebia a reforma da alma como um processo de aperfeiçoamento de conformação aos princípios estabelecidos pela vontade divina. Sendo necessário evitar a vaidade e o orgulho, ao não se reconhecer como pecador, enxergar a beleza de uma vida santa e a “insensatez” maldade. Em quarto lugar, ensinou por meio da personagem “Alto-conceito-de-si-mesmo que gerou um filho chamado “Confiança na Carne”, que insistia para que a cidade da alma humana desprezasse a Jesus Crucificado e abandonasse os princípios do “Santo Ensinador”. Assim, cada membro na família com a leitura desse livro aprendia sobre o dever de expulsar os inimigos da sua alma que lhes impedem de ser “palácio de Deus” e “templo

santo do Senhor”, porque carregam em seu corpo as marcas das leis divinas (ROCHA, 2015: p.32-34).

A escrita de Rocha também pode ser compreendida como um movimento de escolarização da família, com base em Buriti (2011: p.32-33), pensou o Brasil protestante do século XIX como um processo marcado pela ritualização, escolarização, devoção a maternidade e a mulher que media a relação dos filhos com a escola. Tendo o casal Kalley como representante do império civilizado protestante anglo-saxão. A sua escrita reafirma uma pedagogia que buscava a higiene física, moral e intelectual, para promoção da saúde para o corpo, o caráter para a alma e a inteligência para a sociedade. Um fazer pedagógico protestante aliado a vigilância como tecnologia de controle sobre si e o outro. Com o aprendizado das crianças e dos adultos no cotidiano por meio do olhar, ouvir, falar, calar, sentir e reproduzir. Assim, a mulher e a mãe se transformaram em aliada para a transformação do país, com a conciliação das necessidades familiares aos interesses do Estado, na construção de um processo que buscava a moralização e disciplinarização dos comportamentos domésticos, por meio do ideário da higiene.

Rocha também elaborou uma narrativa em torno do grande desafio do casal Kalley neste programa de ensino das doutrinas evangélicas nas famílias, ao destacar uma série de artigos escritos pelo pastor Kalley com uma síntese destas doutrinas no Jornal do Comércio, nos dias 31 de outubro, de 6 a 15 de novembro de 1868. O seu objetivo nesta série era esclarecer sobre o programa civilizatório que propunha ao país e se defender das acusações recebidas em artigos do jornal católico “O Apóstolo”, sendo Kalley classificado como: - o hóspede mais prejudicial da Corte; - o perturbador da ordem pública; - o violador das leis do país; - um enganador do povo.

O programa educativo de Kalley era formado por 12 pontos que buscou implantar por meio das escolas, músicas, artigos de jornais e os cultos domésticos. O primeiro refere-se a sentença dada por Deus como juiz as questões de concordância entre os católicos romanos e protestantes, para ambos: - Deus existe; - a Bíblia foi escrita sob autoridade divina; - em Êxodo 20 está contida a lei de Deus; - reconhecem que todos serão julgados por Deus. O segundo trata o sujeito ao desobedecer a lei, ele não consegue por meio das suas obras alcançar a mesma posição que pertence ao cumpridor da lei, pois seria uma injustiça e falsidade.

O terceiro consiste que Jesus como cumpridor fiel da lei, se ofereceu como substituto do pecador “criminoso”, sendo necessário ao pecador aceitar essa oferta como um dom divino.

O quarto trata que o pecador ao não crer e aceitar o “Substituto” será condenado. O quinto apresenta que todos na humanidade são pecadores que vivem na injustiça. O sexto é que o pecador não tem a capacidade de ser justificado perante Deus pelas obras da lei.

O sétimo refere-se a ideia de Jesus Crucificado como o único que cumpriu toda a lei ao substituir os pecadores, para que Deus seja o “justo” e “justificador”. O oitavo trata que a justiça divina e a salvação eram dadas apenas pela fé em Jesus Crucificado. O nono consiste na ideia do pecador que não crer em Jesus e continua sob a ira divina. O décimo trata que o caminho da salvação consiste em crer e aceitar a Jesus como o “substituto salvador”, por meio da formação de uma vida santa sem vícios e viverá a eternidade na cidade celestial. O décimo primeiro consiste na ideia de que o caminho da salvação é uma trilha feita pelo pecador convertido. O décimo segundo e último trata do caminho perigoso, daqueles que fazem da religião um “negócio”, que cometem um “crime” diante de Deus e está condenado (ROCHA, 2015: p. 60-62).

Rocha elaborou uma narrativa interessante sobre a dinâmica de uma reunião fraternal em 1877 após a saída do casal do Brasil e que demonstra esse processo educativo das famílias. Em agosto de 1877, o irmão José Francisco Corrêa escreveu uma carta ao pastor Kalley sobre as reuniões fraternais realizadas na Igreja, sendo um tempo marcado pela alegria de todos. O primeiro momento era o de abertura com o cântico do hino 60, a leitura do salmo 132 e cantaram o hino 23. O segundo foi o momento da comunhão com uma oração e conversação entre todos. O terceiro com os testemunhos de alguns irmãos compartilhando sobre como foram convencidos da verdade de Jesus Crucificado e o caminho da salvação, por meio da atuação do casal Kalley no Brasil, expressaram gratidão pela vida deles. O quarto momento foi a meditação nas escrituras pelo presbítero Francisco Gama afirma que o “pastor conhece as suas ovelhas e as chama pelo seu nome”. Assim, convidou o pastor João dos Santos para fazer a chamada de todos os presentes, cada um pelo seu nome, todos ficaram admirados porque acertou os nomes (ROCHA, 2017: p. 200).

Na escrita de Rocha é possível verificar outra prática comum na educação das famílias que consistiu nas redes de sociabilidade do casal Kalley no Brasil e na Europa. Como a visita ao Sr. Laemmert, Dr. Martins, Dr. Ackerblon e o cientista Professor Louis Agassiz em 07 de junho de 1865. Em 09 de junho de 1865, o casal Kalley foram participar da palestra do Professor Agassiz sobre as suas descobertas no Brasil, mas não puderam entrar neste dia por estar lotado o salão e conseguiram em outro dia (ROCHA, 2013a: p.39-40).

Em 24 de julho de 1865, Kalley escreveu uma carta em inglês para a Sra. Agassiz sobre a Bíblia, a ciência e a fé protestante. Em primeiro lugar, afirmou que era possível provar a história da Bíblia em relação a Jesus como uma pessoa divina que vive desde a eternidade e sustenta todas as coisas. Em segundo lugar, apresentou a ideia bíblica de Jesus como salvador, rei, juiz e senhor de todas as coisas no mundo. Ressalta que esta verdade tem sido confirmada por todas as histórias bíblicas, não sendo possível enquadrar Jesus na ideia de que foi apenas um homem que demonstrou poderes sobrenaturais. Em terceiro lugar, refere-se a importância da ciência para o estudo da natureza criada por Deus no mundo, mas acreditava que existe um outro mais seguro, por meio de uma linguagem inteligível que consiste em receber o conhecimento divino pela Bíblia como revelação divina. Em quarto lugar, considera que a Bíblia é o livro divino que ensina sobre o caminho da salvação, por meio da fé em Jesus Crucificado, concebido como uma pessoa divina e humana que se ofereceu na cruz para salvar os pecadores. Assim, considera que esse livro deve ser lido, estudado e respeitado, mesmo com as diferentes opiniões, por ser o único meio seguro para adquirir o conhecimento sobre a salvação no mundo (ROCHA, 2013a: p.51-53).

Na segunda quinzena de agosto de 1865 ficaram hospedados na casa de Sarah: as senhoritas Emma e Isabel, filhas do Sr. Matson, um inglês casado com uma portuguesa. Ressalta que viviam em Petrópolis, conheceram o casal Kalley e frequentaram os cultos domésticos. Seu pai fundara uma escola inglesa em Petrópolis, mas não foi bem-sucedido no empreendimento. Afirma que essa família estava interessada em estudar a Bíblia e mantiveram amizade com Sarah por longos anos. No dia 08 de setembro de 1865 foi o aniversário de Kalley de 56 anos de idade, o casal participou de um jantar com os seus “bons” amigos norte-americanos que residiam em Botafogo, também encontraram vários oficiais da esquadra norte-americana: o almirante Godtton; o capitão Taylor, de Susquehenn; o capitão Townsendo do Wassuchet (ROCHA, 2013a: 59,61).

Rocha apresenta um fragmento da carta da Sra. Agassiz ao Dr. Kalley em continuidade ao diálogo sobre a Bíblia e o caminho da salvação, como também a amizade das duas famílias. A senhora Agassiz demonstrou a sua dificuldade em aceitar as palavras da Bíblia que apresentam a ideia de Jesus como humano e divino, porque julgava existe outras expressões que não podia ser proferidas por um ser que “não fora criado pelo eterno Deus”. Também não aceitava a ideia de que havia uma união íntima entre Deus e a Igreja, porque se tornaria divina também. Assim, ressaltou que se a verdade sobre Jesus como divino e humano fosse

fundamental para seguir o caminho da salvação, Deus teria apresentado de forma explícita e clara para o entendimento de todos.

Com base no Diário de Sarah, Rocha compartilhou um fragmento sobre o encontro em 31 de maio de 1866 entre o professor Agassiz e sua esposa, o casal Monroe, o Dr. Ackerblon, o Sr. Wagner e o pastor Richard Holden. O professor Agassiz explorou o Amazonas, sendo recebido com festa pelos alemães e outros admiradores, por causa do seu aniversário. Kalley buscou convencer a Sra. Agassiz de que o caminho mais sensato era o de aceitar o testemunho da Bíblia de que Jesus era divino e humano. Porque os profetas e os evangelhos apresentam a verdade sobre Jesus Crucificado que trouxe a salvação para a humanidade. Assim, para seguir essa verdade era necessário receber a iluminação divina no entendimento (ROCHA, 2013a: p. 74-76).

Rocha afirma que o padre Patrício Muniz mantinha uma relação de amizade com o pastor Kalley, lhe enviou um exemplar do seu sermão sobre “O mérito redentor das lágrimas da Virgem Maria”, em 15 de dezembro de 1865. Kalley respondeu que não concordava com essa ideia, porque a obra de Jesus Crucificado como “Deus-Homem” era suficiente para a salvação. No dia 28 o padre Muniz respondeu que a sua afirmação era razoável, que apreciava as reflexões e a sinceridade de Kalley em seu amor por Jesus. Assim, a expectativa de Muniz era que Deus ajudasse na sua “ingenuidade” e que lhe estabeleça na única Igreja estabelecida pelo Redentor (ROCHA, 2013a: p.84).

Rocha apresenta 07 pontos sobre a bíblia e a tradição na perspectiva de Kalley em seu diálogo com o padre Muniz. O primeiro é de que a fé no “criador supremo” pressupõe a aceitação da bíblia como “testemunho suficiente da verdade”. O segundo consiste nas pessoas que falam sem se basear nesse “testemunho supremo” demonstram ignorância no seu fazer religioso e não merecem confiança. O terceiro refere-se ao tratamento das questões religiosas e a necessidade de saber quem está falando sobre o tema. O quarto trata da decisão divina de se revelar a humanidade, por meio dos seus “milagres inimitáveis” e as profecias dadas ao seu povo. O quinto trata de que Jesus trouxe a revelação divina, por seus milagres e suas palavras. O sexto compreende que os milagres divinos eram reais como também as profecias presentes na história dos judeus, da Palestina, da Babilônia, de Nínive, Tiro e Jerusalém, estando em concordância com os fatos históricos desses povos. Por fim, a sua ideia de que as tradições foram transmitidas oralmente, mas sem o acompanhamento de milagres e profecias para garantir que tenham sido inspirados por Deus.

No dia 31 dezembro de 1866, o padre Muniz visitou o pastor Kalley, que comemorava o seu aniversário de casamento, o padre levou de presente para o casal algumas plantas e flores do seu jardim. Como fruto dessa visita, Kalley escreveu uma carta ao padre em 18 de dezembro, sendo na perspectiva de Rocha um protesto contra os “sofismas e ruins doutrinas” dos bispos romanos. Porque Kalley argumentou o que lhe impedia de ser um membro da Igreja Católica Romana. Primeiramente, acredita que para ser um membro sincero da Igreja Romana era necessário crer em todos os seus ensinamentos. Em seguida, acreditava na impossibilidade de crer em duas declarações contraditórias. Assim, falou que a Igreja ensinava que a adoração da latria era a mesma em relação a Trindade, deve se prestar as imagens do Cristo, porque o representam ou qualquer outro símbolo como sinal da verdade (ROCHA, 2013: 166-169).

No dia 24 de dezembro de 1865, o casal Kalley foi para Nova Friburgo descansar alguns dias e se hospedaram no “Lowenroth Hotel”. Eles observaram que o hotel tinha muitos hóspedes de diversas nacionalidades, aproveitou a oportunidade para compartilhar sobre o caminho da salvação no Jesus Crucificado para ingleses, portugueses e brasileiros. No dia 09 de fevereiro de 1866, Sarah escreveu uma carta a um dos seus antigos alunos da Escola Noturna, mantida pelo seu pai em Torquay na Inglaterra, chamado James Hamly (oficial marítimo), que acompanhava o programa educacional e civilizatório protestante no Rio de Janeiro e manteve relações de amizade com a sua professora Sarah. Ressalta que essa prática era comum com outros alunos daquela escola, entende como um sinal da sua influência positiva. Em 04 de maio, Sarah recebeu a visita de duas famílias: os Furtado e os Souza. Leram juntos a epístola aos Filipenses. Sarah também leu para outra família uma parte do livro “A Viagem do Cristão” (2013a: p. 86, 92-93).

Na escrita de Rocha também é possível verificar que o casal Kalley durante a sua atuação no Brasil do século XIX continuou a participar de uma vasta rede de sociabilidades na Europa, por meio de cartas quando estavam no Brasil, em viagens para descanso e cuidado da saúde em vários países do continente. Como em 23 de setembro de 1869, viajaram para Edimburgo e tiveram a oportunidade de consultar o médico Balfour (especialista em doenças do coração), para o cuidado da saúde do pastor Kalley. Em setembro de 1869, mudaram-se para Braemer, próxima da residência da rainha Vitória na Inglaterra. Nesse período, Sarah encontrou colegas que estudaram juntas nas escolas que frequentava, algumas eram bem conhecidas nas rodas literárias. Dentre estas destaca Bessie (Isabel) Charles, que escreveu uma obra muito apreciada pelo pastor Kalley, intitulada “Crônicas da Família Schonberg-Cotta” sobre a vida do reformador Martinho Lutero, que foi traduzida para o português. Ela forneceu

à professora Sarah muitas das histórias que traduziu em português como Frei Bartolomeu (ROCHA, 2015: p. 116-118).

Rocha ressalta na sua escrita que após a saída definitiva do casal Kalley do Brasil, eles mantiveram uma intensa rede de sociabilidade na Europa e Brasil. Com a saúde de Kalley mais estável, o casal realizou várias visitas em 1877. Saíram de Edimburgo em 22 de março de 1877 e chegaram em 30 de abril. Foram para Sheffield, onde moravam várias famílias ligadas ao William Wilson, o pai de Sarah. Passaram por Mansfield, em 04 de abril chegaram ao centro de Londres, pousando em casa de Herbert Taylor, casado com a filha de Samuel Morley. Em 08 de abril ouviram o sermão do pastor batista Charles Haddon Spurgeon no culto. Após visitarem várias famílias, foram hospedar-se em casa de João Morley em Upper Chapton, ao norte de Londres, depois retornaram a Edimburgo. Receberam a visita de Aderito e Leônidas, dois estudantes brasileiros na Inglaterra. No dia 24 de abril visitaram o edifício da Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira. Em 27 de abril visitaram o Instituto Missionário Guinness, onde conversaram com os diretores, os estudantes brasileiros Aderito e Leônidas, com Bowers que desejava trabalhar em Pernambuco. Em 22 de maio, o irmão Araújo de Pernambuco visitou o casal Kalley em Edimburgo (ROCHA, 2017: p.192-193).

Portanto, com base em Matos e Alves (2006: p. 183-184) a escrita de Rocha sobre as representações de casamento e a educação da família no programa civilizatório proposto pelo casal Kalley tem múltiplas relações com o higienismo-sanitarismo implantado em variadas partes do Brasil, em que a educação feminina ganhou destaque como um movimento de conscientização das mulheres da sua importante “missão”: cultivarem a sua natureza moral de integridade, recato, submissão e amadurecimento do caráter. A natureza da mulher fazia com que esta fosse adquirindo, assim, uma estrutura e caráter firmes, para que exercesse a função de mãe e esposa com os seguintes perfis femininos idealizados: estruturada, higiênica, ordeira, econômica, laboriosa e prezada. Advém daí a necessidade da educação para as mulheres, pois se pensava que elas eram conduzidas com muita facilidade para o “*desvio da sua missão*” através da irracionalidade, emotividade, sensibilidade e impulsividade. Por isso, justificava-se a atitude de discipliná-las nestes ideais naturalizados.

Alicerçado em Matos (2006: p.289-294) nessa escrita de Rocha é possível verificar temporalidades heterogêneas, ritmos desconexos, tempos fragmentados e descontínuos, com a desconstrução do tempo imutável e repetitivo relacionado às normas. Porém com o olhar no tempo criador, dinâmico e das inovações, com destaque para o relativo e a multiplicidade de

durações que convivem entre si. Porque não há linearidade nas sensibilidades femininas e masculinas na educação protestante. Nessas imagens evocadas surgem personagens diversos que correspondem a uma realidade variada sobre os “femininos” e “masculinos”, daí reconhecermos “*a diferença dentro da diferença*”. Aqui, “mulher” e “homem” não se reduzem a meros aglomerados, nem a generalizações e premissas preestabelecidas. Na verdade, há um processo de desconstruir as noções abstratas de “mulher” e “homem” como identidades únicas, a - históricas e essencialistas. Os personagens são pensados no sentido de diversidade no contexto da historicidade de suas inter-relações.

Com base em Matos (2001: p. 47, 50) na escrita de Rocha é possível inferir um modelo feminino no casamento regulado em conformidade com a norma de amar um homem que lhe era superior e dedicava o seu amor porque era “bondoso” por natureza, na constituição de um casamento indissolúvel e duradouro. Para tanto ela tinha o dever de viver em submissão, obediência, resignação ao noivo e futuro marido. Nessa explicitou sua subjetividade na legitimação de imagens abstratas do “homem-masculino” e “mulher-feminino” enquanto identidade única, a - histórica e essencialista. Ao mesmo tempo a masculinidade e a feminilidade pode ser visualizada em sua diversidade nas inter-relações da historicidade nas tramas do poder, com o rastreamento da sua multiplicidade, mutabilidade e diferenças através de práticas, prescrições, representações e subjetivações. Rocha formulou várias imagens do feminino e do masculino através da exaltação dos que foram obedientes a violência simbólica imposta pelas normas na constituição de uma identidade única. Enquanto condenou as práticas desviantes que pisavam nas normas essencialistas e a – históricas na efetivação das relações de gênero em diversidade.

No seu discurso de si e dos outros, estava em um contexto que sustentava uma masculinidade hegemônica e configurações idealizadas de feminilidade. Em que estabelecia uma bipolaridade linear que produzia uma tensão de poder entre a multiplicidade das experiências femininas e os atos reducionistas autoritários dos padrões orientadores. Mas através de um movimento de ações que cria e recria, transforma e ressignifica, que provoca rupturas ou continuidade das representações predominantes. Constituindo-se uma luta contínua com práticas de marginalização, contestação, mobilização, resistência, subordinação que resultou na invenção de variadas experiências femininas e masculinas.

Assim sendo, com base em Pollak (2006: p.289-294) finaliza-se que a escrita de Rocha foi produzida por meio de um “enquadramento da memória” por parte dele e da liderança

religiosa ligada ao projeto representado pela Igreja Evangélica Fluminense, como uma operação coletiva com tentativas conscientes ou inconscientes na preservação de determinados acontecimentos e das interpretações sobre o passado, em torno do casal Kalley promovida pela igreja junto com a família. Para o fortalecimento do sentimento de pertencimento dos fiéis aos perfis e representações idealizados da religião, através de um trabalho de preservação e reinterpretação do passado em função das demandas do presente, em que estes perfis são manipulados com práticas atualizadas. Daí a necessidade de construir uma imagem homogênea, transparente, idealizante e estática do casal Kalley como corpo “sagrado” e “perfeito”. Esse trabalho de enquadramento foi realizado com atos de silenciamento e esquecimento em relação a outras práticas religiosas, através das “testemunhas autorizadas”.

Considerações Finais

Diante disso, foi um grande desafio a escolha por João Gomes da Rocha e enfrentar com criatividade os limites impostos por uma narrativa cristalizada formulada em torno da sua vida pela historiografia memorialista congregacional, logrando-se êxito. Isto foi feito por meio da problematização desta narrativa descritiva que apenas destacava a sua adoção pelo casal Kalley, a atuação como médico missionário pela Mildway Mission to the Jews na Argentina, Uruguai, Brasil, alguns países da África e Londres na Inglaterra. Como também apresentava de forma esparsa o seu trabalho de compositor e compilador da Coleção Salmos e Hinos, produzindo mais de 60 hinos, e a Coleção Lembranças do Passado, a partir da documentação legada pelos seus pais.

Esta proposta de tese foi defendida em torno da sua constituição em intelectual da educação protestante e pensou a transformação do Brasil em sua produção, não se restringindo a um mero divulgador do trabalho executado pelo casal Kalley. Assim, realizou-se uma análise da sua atuação como médico missionário e intelectual da educação protestante que pensou a construção de um Brasil moderno, civilizado e educado, no período de 1924 a 1957. Dessa forma, os três pressupostos levantados durante a pesquisa foram comprovados: a) os diversos aspectos na constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil, com destaque a herança educacional, religiosa e musical legada pelo casal Kalley e sua atuação como médico missionário; b) a sua participação ativa ao pensar a transformação do Brasil por meio da educação pela música em seu trabalho; c) a sua atuação ativa ao pensar o Brasil por meio da educação pela história em seu fazer historiográfico. Por meio de três linhas de investigação foi demonstrado a constituição de Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil. Por meio do exame da sua produção intelectual sobre a Educação Protestante como compilador dos Salmos e Hinos, um conjunto diversificado de músicas. Com também as imagens da Educação Protestante na produção de João Gomes da Rocha na sua obra Coleção Lembranças do Passado.

Em primeiro lugar, analisou-se a constituição de João Gomes da Rocha como intelectual da educação protestante no Brasil na primeira década do século XX, por meio de um olhar atento aos fragmentos que formaram a sua vida e projeto intelectual, especialmente a

sua escrita de si, quando se ultrapassou a narrativa oficial objetiva, sintática e reducionista sobre sua vida de Rocha. Dessa forma, baseado em Sirinelli (2003: p.231-270), demonstrou-se que Rocha foi um intelectual da educação protestante no Brasil, “criador cultural” que participou da produção artística e literária, por meio de uma atuação ativa na construção do saber em nosso país a partir da perspectiva protestante. Também foi um “mediador cultural” que contribuiu para divulgar e popularizar os conhecimentos dessa criação sob o olhar da fé protestante, porque se engajou e interveio em ações que legitimaram a sua defesa da modernização do Brasil com a implantação do protestantismo.

Ele foi se constituindo um intelectual em torno da “referência”, da “herança” legada pelo casal Kalley de uma educação protestante de base puritana, pietista e moderna. Igualmente, atuou como intermediário para a legitimação e perpetuação desta herança por meio da sua produção intelectual, sendo um processo de co-criação do patrimônio transmitido pelos pais mais velhos. A sua produção intelectual foi compreendida como uma recriação criativa dessa herança educacional recebida pelo casal Kalley, no contexto da família e igreja. Uma herança com as marcas das matrizes culturais e religiosas no mundo anglo-saxão do século XIX, como também as matrizes da herança musical recebida pelos seus pais que estiveram contidas na sua produção como compilador da Coleção Salmos e Hinos, quando dialogou com o utilitarismo, a fé protestante conversionista, a visão de Deus e do ser humano, a boa música sacra e o papel da dela na instrução dos fiéis. Dessa maneira, ele recebeu, dialogou, partilhou e recriou com criatividade essa herança musical, não sendo uma mera reprodução das tradições herdadas.

Logo, demonstrou-se o processo de construção da sua identidade como intelectual da educação protestante, por meio dessa herança educacional e musical legada pelo casal Kalley, sendo de base puritana, pietista e moderna. Uma herança educacional em diálogo com a ortodoxia protestante e contraposição com o pensamento protestante de base liberal. Semelhantemente, a sua participação ativa em redes de sociabilidade composta por intelectuais protestantes na primeira metade do século XX no Brasil como a *Mildway to the Jews*, o periódico *O Christão*, o Seminário Teológico do Rio de Janeiro e o Seminário Unido. A primeira rede de sociabilidade foi na *Mildway to the Jews*, formada por missionários da Inglaterra, com a sua atuação médica e missionária entre os judeus na Europa, África e América do Sul. A segunda, em torno do periódico *O Christão*, composta por membros da Igreja Evangélica Fluminense no Brasil, com a sua produção de artigos de história do protestantismo no país e os seus relatórios sobre o seu trabalho entre os judeus na *Midway*. A terceira, no

Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro e do Seminário Unido, sob o modelo de pensamento protestante do Seminário de Princeton nos Estados Unidos, partilhou de uma retórica e linguagem com um modelo de intelectualidade protestante conservadora, que rejeitou um pensamento protestante de base liberal e iluminista. Defendeu-se que a sua produção intelectual deve ser compreendida como uma recriação estimulante dessa herança educacional no contexto da família e igreja. Um legado com as marcas das matrizes culturais e religiosas no mundo anglo-saxão do século XIX.

Em segundo lugar, analisou-se as representações do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos, compilados por João Gomes da Rocha, publicado em 1924, que buscou promover nos fiéis a educação protestante pela música. Essa instrução foi lograda por meio de uma leitura minuciosa das diversas imagens produzidas nas músicas dedicadas à educação das crianças, aos cultos nos lares, as escolas diárias, as escolas dominicais, aos jovens e a pátria. Realizou-se este feito dividindo em três partes: a primeira trata sobre a educação das crianças; a segunda refere-se à educação das famílias e a terceira sobre a educação nas escolas para formação de uma nação civilizada. Demonstrou-se o objetivo da Coleção em ser um livro “útil” e “atrativo” para que os fiéis adorem e louvem a Deus com música de qualidade. Bem como, a importância da música para a implantação da civilização protestante no mundo que consistiu em promover a salvação por meio da evangelização: publicar o amor singular à humanidade em Jesus Cristo e cumprir com fidelidade a nobre e sublime empresa evangelizadora por Ele mesmo confiada à sua Igreja. Assim, organizou a Coleção Salmos e Hinos de forma didática objetiva e detalhada, sendo um elemento útil para a educação dos fiéis nas variadas ações e espaços ocupados pela igreja. Uma organização didática em 12 partes, com músicas educativas na ocupação de espaços conforme a fé protestante como: família, trabalho, cidade, escola e país.

Demonstrou-se com base em Velasques Filho (1990: p.161-163), que a Coleção Salmos e Hinos estava inserida em um processo de “estratificação” da linguagem religiosa que herdou dos puritanos e pietistas dos séculos XVII e XVIII, como algo reducionista e limitante no culto protestante do Brasil. Porém, a produção musical de Rocha consistiu em uma realidade de recriação livre dessa retórica religiosa, a partir dos usos feitos pelos fiéis nas comunidades espalhadas no país. Ressaltou-se, também, o caráter pedagógico na retórica reelaborada por Rocha na Coleção, com um conjunto variado de imagens para a educação dos fiéis pecadores, por meio de um fazer pedagógico composto por quatro aspectos: a pedagogia de “cruz”, a

pedagogia da “Nova Jerusalém”, a pedagogia contra o “paganismo”, a pedagogia da “nostalgia e esperança”. No contexto da “cruz”, a ênfase está no sofrimento substitutivo de Jesus, em que seu sangue e sua morte oferece a salvação para todos. No ensino da “Nova Jerusalém”, concebe o status provisório da realidade mundana e a experiência religiosa como peregrinação. Na instrução contra o “paganismo”, a coroa, cruz e espada são transformadas em estandarte e divisa de Jesus como “rei”, a serem levados aos confins do mundo pelos convertidos. Na pedagogia da “nostalgia e esperança”, o destaque está na nostalgia do paraíso perdido no pecado de Adão e a esperança no retorno vitorioso de Jesus, para que a cidade celestial fosse estabelecida.

A primeira dimensão do Brasil Civilizado Protestante na Coleção Salmos e Hinos tinha o objetivo de educar as crianças como cidadãos salvos, através de cinco passos que apresentava imagens diversas sobre a sociedade, o divino e as crianças: 1º) A busca por Jesus como Salvador para que vencessem o pecado e trilhassem o caminho da salvação; 2º) Aceitação do convite de Jesus a fim de que fossem salvas dos seus pecados, vivessem em pureza para alcançar a vida eterna, fossem instruídas na verdade e habitassem na cidade celestial; 3º) Reconhecimento dos seus pecados com a intenção de receber o perdão oferecido por Jesus por meio da sua morte e viver de acordo com as verdades divinas; 4º) Aprendizado do contentamento pela obediência à vontade divina em uma sociedade pecadora e perdida; 5º) Regulação dos desejos com o objetivo de que fossem santos contra o pecado, a maldade e a perdição em uma sociedade ignorante.

A segunda dimensão para a implantação do Brasil Civilizado, consistiu na educação das famílias por meio da música para que os seus membros seguissem o caminho da salvação, como cidadãos saudáveis que obedeciam fielmente aos preceitos divinos estabelecidos na Bíblia e compartilhados pela morte de Jesus. Assim, por meio de um fazer pedagógico protestante, de acordo com Cardoso (2005c: p.70-93), que seguiu o modelo do “método divino da substituição” consistindo em promover a conversão, o arrependimento de pecados e a salvação individual do pecador. Esse conceito tem base na ideia de que a morte substitutiva de Jesus na cruz foi para conceder a salvação ao mundo em pecado: primeiro, a alma do pecador é despertada, em seguida o pecador se dirige ao Salvador e como um cidadão saudável que busca uma vida santa.

A terceira dimensão da civilização protestante no Brasil nas músicas, foi por meio das escolas diárias e bíblicas para formação de cidadãos inteligentes que seguiam o caminho da

salvação com o cultivo do intelecto e da alma, por meio do estudo da Bíblia, a prática da oração e a obediência aos princípios da religião no cotidiano. Dessa forma, baseado em Sarat (2015: p.19-33), ressaltou-se que esse processo educativo das escolas, na Coleção Salmos e Hinos, estava inserido em um movimento de constituição do processo civilizador no Brasil do século XIX, que legitimou a formação do estado, as transformações do sistema produtivo e a formulação de novas regulações familiares. Deste modo, criou-se uma imagem da “mulher civilizada” que zelava pela casa na execução das atividades domésticas e cuidava docilmente das crianças. Esse processo de civilidade dos modelos e comportamentos criou espaços de sociabilidade e aprendizagem extrafamiliar, que concedeu à escola a função de promover a suavizar as maneiras, refinar as emoções e conter a violência. Isso deveria ser feito por meio da transformação do ideário da família extensa, que buscava a sua reprodução com a integração na vida coletiva e os modelos de trabalho familiar, para a formulação da família nuclear, delegando uma parte de seu poder e responsabilidade para a escola como instituição educadora.

Dessarte, analisou-se as representações da Educação Protestante no Brasil do Século XIX, formuladas por Rocha, na Coleção Lembranças do Passado, na promoção da educação pela história. Nesta Coleção, em quatro volumes, educou os fiéis protestantes na primeira metade do século XX, com uma narrativa histórica do programa civilizatório empreendido pelo casal Robert Reid Kalley e Sarah Poulton Kalley, resultando na fundação da Igreja Evangélica Fluminense no final do século XIX. Dessa maneira, Rocha, em sua Coleção, criou imagens diversas sobre ser protestante, tendo o casal Kalley como protagonistas e a participação ativa dos fiéis da Igreja Evangélica Fluminense. Desta forma, foi possível classificar essas imagens da educação protestante em três partes: a) as sociedades bíblicas, a realidade brasileira e a intolerância religiosa; b) os livros, a leitura, a centralidade da Bíblia e as escolas; d) o casamento e a educação da família.

Destarte, com base em Almeida (2010: p.113-124), foi concebível demonstrar que não era necessário enquadrar a escrita da história de Rocha no modelo historiográfico de uma escrita tradicional, com uma perspectiva triunfalista das instituições religiosas, sem um referencial teórico e metodológico que lhe permitisse explorar os temas e sujeitos da sua Coleção. Isso se deve ao motivo de que sua escrita foi construída pelos seguintes pressupostos: Preocupação em ensinar, normatizar e identificar a religiosidade protestante; Compromisso com a análise histórica; Entendimento da religião protestante como fundamento da civilização ocidental; e a liberdade religiosa como uma condição para a modernização do Brasil. Deste

modo, evidenciou-se um fazer historiográfico, na Coleção, que organizou e encadeou os temas, sem uma preocupação sofisticada em torno de um conjunto de teorias. Assim, produziu uma escrita da história religiosa do protestantismo dividida por etapas, conforme os recortes cronológicos, geográficos, temáticos e biográficos. Logo, foi possível verificar uma escrita histórica que apresentava perspectivas bíblico-teológicas e doutrinárias sobre a sociedade, com base na religião protestante.

Além do mais, ressaltou-se que a sua escrita da história não podia ser enquadrada e reduzida a uma historiografia triunfalista conforme os interesses das autoridades na instituição religiosa, especialmente quando Rocha afirmou que a Coleção não tinha o objetivo de escrever uma biografia e nem a descrição de temas diversos sobre os sujeitos que participaram da implantação do protestantismo no Brasil. Dessa forma, o objetivo principal consistiu em descrever o avanço da civilização protestante no país, por meio de uma narrativa que privilegia os fatos-chaves e as contradições humanas nesse processo. Os sujeitos, escolhidos nessa narrativa na sua perspectiva, participaram ativamente ou passivamente na formação do protestantismo brasileiro. Assim, cada leitor foi convidado a realizar uma leitura atenta, contemplativa e compreensiva do processo descrito na Coleção. Essa obra foi caracterizada pela humildade, fidelidade à documentação e compromisso com a verdade. Desse jeito, solicitou aos leitores ajuda quando escreveu algo sem base na realidade e verdade dos fatos, ao mesmo tempo reconheceu que a sua escrita era incompleta, insuficiente e falha, não sendo possível uma escrita total, globalizante e única. Isso se deu, especialmente, por causa da documentação organizada por ele ser marcada pela escassez, fragmentação, o silêncio e a descrição genérica dos sujeitos em suas múltiplas relações no processo histórico.

Portanto, no fazer historiográfico de Rocha a escolha dos sujeitos da Coleção foi marcada pela diversidade e o trabalho criativo de fabricação da documentação herdada pelo casal Kalley em fontes. Do seu modo, fez o uso criativo das cartas; a leitura dos artigos de jornais; a edição livre dos sermões; o diálogo intenso com uma bibliografia diversa, junto com as notas emitidas por Rocha e a Comissão de Redação sobre a história do protestantismo em suas relações com a do Brasil no século XIX. Resultando numa obra rica em promover o recorte temporal, a edição da documentação, a leitura singular de cada fonte, a escolha de cada personagem e as narrativas elaboradas em conformidade com a sua visão de mundo.

Isto posto, conclui-se com base em Villalta (2017: p.1-33), que a escrita da história de Rocha dialogou intensamente com dois modelos: a história como “narrativa exemplar” e

“processo”. Como “narrativa exemplar” elaborou o relato de “coisas memoráveis” de um determinado, tempo e pessoas, tendo como parâmetro as histórias da bíblia. Também, legitimou uma perspectiva da história como “mestra da vida”, que tinha uma função pedagógica de repetir os “sucessos” do passado e evitar os “erros” no tempo presente. Essa história que exaltava os “bons exemplos” por meio de personagens que apresentavam “condutas exemplares” a serem imitadas, a fim de evitar os “maus exemplos” dos personagens que ensinavam princípios “agradáveis” e “belos”, mas que resultaram em resultados negativos. Assim sendo, destaca-se que na sua escrita educou os fiéis pela história ao exaltar os exemplos a serem imitados e as situações de perigo que devem ser evitadas, ensinando a pensar o tempo que viviam com os seus desafios e o futuro que almejavam para construir juntos pela civilização protestante.

Em vista disso, Rocha produziu uma narrativa da história como “processo” que examinou os fatos por meio de modelos para a construção do futuro. Dessa maneira, a sua Coleção apresentou-se como um relato do progresso humano no Brasil do século XIX, contra a tirania, impostura política e religiosa, tendo o protestantismo como ponto de avanço, desenvolvimento e modernização. Consequentemente, a obra consistiu em uma escrita moderna da história, porque realizou uma análise assentada na identificação de novos nexos causais nos processos históricos e afastada das “mentiras”, por meio de uma história que desse espaço apenas à verdade histórica. Na sua coletânea está contida uma ideia do tempo linear e progressivo, a preocupação em promover uma experiência voltada para o futuro imprevisível, mas que é possível planejar. Por conseguinte, Rocha demonstra um entendimento de que o aprendizado da história implicava em analisar as conjunturas, com um olhar atento à relação dialética entre o sentido e o agir na história, uma certa relatividade do humano e dos valores junto com uma compreensão da natureza humana como universal.

Além disso, Rocha seguiu esse modelo da história como “processo” construído pelos homens em determinadas circunstâncias, cujo rumos dependiam das ações dos sujeitos em confronto, com os desfechos podendo ser preparados, concretizados ou evitados, conforme as leituras feitas das experiências do passado imediato e do presente. Porém, a sua compreensão da história que imbricava o sagrado e o profano, não sendo uma perspectiva da história totalmente laicizada, porque considerava Deus como o “protagonista oculto” e o “senhor dos desfechos” dos processos humanos.

Diante do exposto, demonstrou-se a atuação de João Gomes da Rocha como um intelectual da educação protestante, que pensou a construção do Brasil, marcado pela

modernização e civilização em sua obra. Desta forma, foi possível realizar uma história intelectual da educação protestante no Brasil, que rastreou a sua constituição como intelectual da educação, por meio do mapeamento das suas instituições, de suas filiações intelectuais, as redes de sociabilidades, a análise das obras produzidas e proferidas. Sendo Rocha, um intelectual protestante que atuou ativamente como criador, mediador cultural e autor engajado na vida do país. Destaca-se, também, a necessidade de rastrear melhor a sua produção intelectual, construída na sua atuação como médico missionário Mildmay Mission of the Jews analisando os seus relatórios de trabalho, a correspondência trocada com os líderes da Igreja Evangélica Fluminense e os redatores do periódico O Christão.

Referências

Fontes

- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano II, N. 23, novembro de 1893, p. 7. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano III, N. 25, janeiro de 1894, p. 12. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano III, N. 27, março de 1894a, p. 7. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano III, N. 30, junho de 1894b, p. 12. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Correspondências, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano III, N. 35, novembro de 1894c, p. 5-6. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Correspondências, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano III, N. 36, dezembro de 1894d, p. 4. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano IV, N. 38, fevereiro de 1895, p. 6-7. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano IV, N. 40, abril de 1895a, p. 7. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Correspondência, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano IV, N. 45, setembro de 1895b, p. 5. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Conferência de Rabinos, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano IV, N. 47, novembro de 1895c, p. 3-4. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Notícias Estrangeiras, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano V, N. 47, março de 1896, p. 15-16. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano V, N. 56, agosto de 1896a, p. 16. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano V, N. 60, dezembro de 1896b, p. 13. Acervo Documental da Associação Basileia.

- Dr. John G. Rocha, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano VI, N. 60, fevereiro de 1897, p. 3. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Noticiário, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano XII, N. 135, março de 1903, p. 11-12. Acervo Documental da Associação Basileia.
- Notícias Estrangeiras, **O Christão**, Rio de Janeiro, Ano XIII, N. 147, março de 1904, p. 12. Acervo Documental da Associação Basileia.
- ROCHA, João Gomes da (org.). **Salmos e Hynnos com músicas sacras**. 4ª ed. Lisboa, Portugal: Livraria Evangelica, 1924.
- _____ . **Lembranças do Passado**. v. 1. Rio de Janeiro, DF: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda., 1941.
- _____ . **Lembranças do Passado**. v. 2. Rio de Janeiro, DF: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda., 1944.
- _____ . **Lembranças do Passado**. v. 3. Rio de Janeiro, DF: Centro Brasileiro de Publicidade Ltda., 1946.
- _____ . **Lembranças do Passado**. v. 4. Rio de Janeiro, RJ: UIECCB, 1957.
- _____ . **Lembranças do Passado: Dr. Robert R. Kalley**. v. 1. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013.
- _____ . **Lembranças do Passado: Dr. Robert R. Kalley**. v. 2. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2013a.
- _____ . **Lembranças do Passado: Dr. Robert R. Kalley**. v. 3. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2015.
- _____ . **Lembranças do Passado: Dr. Robert R. Kalley**. v. 4. Rio de Janeiro: Novos Diálogos, 2017.

Livros, Teses, Dissertações e Artigos

- ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; SOUZA, Elizeu Clementino de (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, EDUNEB, 2006.

- AFONSO, José António Martin Moreno. **Protestantismo e educação: história de um projeto pedagógico alternativo em Portugal na transição do século XIX.** 2006. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Limites do mando, limites do mundo: a relação entre identidades de gênero e identidades espaciais no Nordeste do começo do século. **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 34, p.89-103, 2001.
- _____ . **Entre Logos e Eros: a pesquisa contemporânea em ciências humanas.** Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011.
- _____ . **A Bela ou a Fera: os corpos entre a identidade da anomalia e anomalia da identidade.** Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011a.
- _____ . Epifanias da Homoafetividade ou o choque anafilático sofrido por Anthony Giddens ao ingerir Caio Fernando de Abreu. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 2, n. 02, 27 nov. 2012. Disponível em <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2271>. Acesso em 01 de agosto de 2021.
- _____ . **Grito, logo existo!:** corpo, violência e Estado de exceção. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011b.
- _____ . **Política ou polícia de gênero:** estudos de gênero, movimentos sociais e identidades. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011c.
- _____ . **Máquina de fazer machos:** gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. Disponível em <http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011d.
- _____ . **“Mulher de Casa pra gente é da Rua pro outro”:** masculinidades e práticas sexuais em cidades do Nordeste.

Disponível em <http://cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011e.

- _____ . **O Tecelão dos Tempos:** o historiador como artesão das temporalidades. Disponível em <http://cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011f.
- _____ . **Escrever como fogo que consome:** reflexões em torno do papel da escrita nos estudos de gênero. Disponível em: <http://cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/index2.htm>. Acesso em 01 de agosto de 2011h.
- ALCÂNTARA, Priscila Silva Mazêo de. **O missionário e intelectual da educação Robert Reid Kalley (1855-1876)**. 2012. Dissertação. (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, Aracaju.
- ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”:** leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.
- ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **Os 500 anos da reforma protestante no Brasil:** um debate histórico e historiográfico. Curitiba: Editora CRV, 2017.
- ALMEIDA, Vasni. A Escrita da História de Duncan Alexander Reily. In: ASSIS, Angelo Adriano Faria de; PEREIRA, Mabel Salgado (org.). **Religiões e religiosidades:** entre a tradição e a modernidade. São Paulo: Paulinas, 2010, p.113-124.
- _____. A Igreja Metodista no Brasil. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”:** leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p.225-280.
- _____. Protestantismo e república no Brasil: política, sociedade e educação. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **Os 500 anos da reforma protestante no Brasil:** um debate histórico e historiográfico. Curitiba: Editora CRV, 2017, p.139-163.
- ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete. Historiografia do protestantismo brasileiro e a reforma protestante. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **Os 500 anos da reforma**

protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico. Curitiba: Editora CRV, 2017, p.43-83.

- BARROS, Marcos André de. História, hermenêutica e revelação: o lugar da história do cristianismo na reflexão teológica. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994, p. 61-77.
- BARROS, Moisés Alves Lima de. **Criança queimada tem medo de fogo:** Robert Reid Kalley – tática, astúcias e identidades religiosas protestantes no Brasil (1855-1876). 2012. (Dissertação de Mestrado) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.
- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro; MAGALHÃES, Justino Pereira de. (2016). Os intelectuais e a educação – abordagem histórica e biográfica. **Revista Educação Em Questão**, 54(41), 61-85. <https://doi.org/10.21680/1981-1802.2016v54n41ID10158>. Acesso em: 03 de Jul. 2020.
- BOBBIO, Norberto. **Liberalismo e democracia**. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- BORON, Atílio (org). **Filosofia Política Moderna**. De Hobbes a Marx. Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales - CLACSO; San Pablo: Depto. de Ciência Política - FFLCH -Universidade de São Paulo, 2006.
- BRAGA, Henriqueta Rosa Fernandes. **Música Sacra Evangélica no Brasil:** contribuição à sua história. Rio de Janeiro: Livraria Kosmos, 1975.
- BRANCO, Paulo. Subsídios para uma bibliografia do protestantismo no espaço lusófono. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**. Lisboa, Portugal, ano V, n. 9/10, 2006, p.55-73.
- BURITI, Iranilson. Leituras do sensível: instrução moral e práticas médicas educativas no Segundo Império. In: CURY, Cláudia Engler; ROCHA, Solange Pereira da (orgs.). **Culturas e sociabilidades no oitocentos:** possibilidades de pesquisa. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- CALVANI, Carlos Eduardo B. Protestantismo liberal, ecumênico, revolucionário e pluralista no Brasil. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 13, n.40, out/dez de 2015, p.1896-1929.
- CAMPOS, Breno Martins. **Mulheres em revista:** uma sociologia da compreensão do feminino no Brasil presbiteriano (1994-2002). Tese de Doutorado em Ciências Sociais. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

- CAMPOS, Breno Martins. Convergência de interesses: liberalismo e protestantismo no Brasil do século XIX. **Revista Eletrônica Protestantismo em Revista do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Faculdades EST**. São Leopoldo, RS, v.29, set-dez. 2012, p. 2-13.
- CARDOSO, Douglas Nassif. **Robert Reid Kalley: médico, missionário e profeta**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2001.
- _____. **Práticas pastorais do pioneiro da evangelização do Brasil e Portugal**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2002.
- _____. **Sarah Kalley – missionária pioneira na evangelização do Brasil**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2005.
- _____. **Convertendo através da música**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2005a.
- _____. **Cotidiano feminino no segundo império**. São Bernardo do Campo, SP: Ed. do Autor, 2005b.
- CARDOSO, Maria Teresa Klein. **Mulheres evangélicas em rede (1953-2018): o legado de Donina Andrade**. São Paulo: Três um Três, 2019.
- CASIMIRO, Arival Dias. O Discurso Presbiteriano: a teologia de Princeton e sua influência na formação dos pastores nordestinos. **CIÊNCIAS DA RELIGIÃO - HISTÓRIA E SOCIEDADE** Ano 1 • N. 1 • 2003, p. 157-180.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- _____. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- CÉSAR, Salustiano Pereira. **O congregacionalismo no Brasil – fatos e feitos históricos**. Rio de Janeiro, RJ: OMEB, 1983.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro, RJ: DIFEL, BERTRAND BRASIL, 1990.
- _____. O mundo como representação. **Estudos Avançados**. São Paulo, v. 5, n. 11, 1991, p.173-191.
- _____. A história hoje: dúvidas, desafios e propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.
- _____. Do código ao monitor: a trajetória do escrito. **Estudos Avançados**. São Paulo, v.8, n.21, 1994a, p.185-199.

- _____ . Diferença entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). **Cadernos Pagu**. Campinas, n.4, 1995, p. 37-47.
- _____ . “Cultura Popular”: revisando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.8, n.16, 1995a, p.179-192.
- CERVEIRA, Sandro Amadeu. Protestantismo tupiniquim, modernidade e democracia: limites e tensões da (s) identidade (s) evangélica (s) no Brasil contemporâneo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, PUC-SP, março de 2008, p.27-53.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1996.
- CHAVANTE, Esdras. **A construção da modernidade em Tavares Bastos e Robert Kalley (1855-1876)**. 2019. Tese. (Doutorado em História) - Universidade Estadual Paulista, Assis.
- CLARK, Jorge Uilson. **A imigração norte-americana para a região de Campinas: análise da educação liberal no contexto histórico brasileiro**. Dissertação de Mestrado em Educação. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 1998.
- _____ . **Presbiterianismo do Sul em Campinas: primórdio da educação liberal**. Tese de Doutorado em Educação. Campinas, SP: FE/UNICAMP, 2005.
- COSTA, Jurandir Freire. **Ordem Médica e Norma Familiar**. Rio de Janeiro, RJ: Edições Graal, 1983.
- COSTA, Marcelo Timotheo da. Entre a precocidade e o silêncio: a “escrita de si” cristã – os casos de Thomas Merton e Alceu Amoroso Lima. In: GOMES, Angela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.239-254.
- COSTA, Jean Carlo de Carvalho; ESPÍNDOLA, Maíra Lewtchuk; GALVÍNCIO, Amanda Sousa. Redes de sociabilidade intelectual e educação: atuação de Castro Pinto e Carlos Dias Fernandes na primeira república. **Revista HISTEDBR On-Line**, 13(53), 2013, p. 56-77. <https://doi.org/10.20396/rho.v13i53.8640193>. Acesso em: 03 de Jul. 2020.
- CUNHA, Magali do Nascimento. **Vinho Novo em Odres Velhos: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário religioso evangélico no Brasil**. 2004. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

- DEIFELT, Wanda. Por um ensino inclusivo da história da Igreja: uma contribuição feminista. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo, SP: ASTE, 1994, p. 104-119.
- DEL PRIORE, Mary. História do Cotidiano e da Vida Privada. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 1997, p.259-274.
- _____ . **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____ . História das Mulheres: As Vozes do Silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (org.). **Historiografia brasileira em perspectiva**. 6ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2005, p.217-235.
- _____ . **História do amor no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral – memória, tempo e identidades**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2006.
- D'INCAO, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: PRIORE, Mary Del (org.). **História das mulheres no Brasil**. 7ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- ENGEL, Magali. História e Sexualidade. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro, RJ: Elsevier, 1997, p. 297-311.
- EVERY-CLAYTON, Joyce E. Winifred. **Um grão de mostarda... documentando os inícios da Igreja Evangélica Pernambucana, 1873-1998**. Recife, PE: Igreja Evangélica Pernambucana, 1998.
- _____ ; ARAÚJO, Marcos Robson Quaresma de **Caruaru – cem anos de luz: Primeira Igreja Evangélica Congregacional de Caruaru, 1898-1998**. Caruaru, PE: Igreja Evangélica Congregacional de Caruaru, 1998a.
- _____ . **100 anos de Proclamação: Igreja Evangélica Congregacional de Jaboatão (1905-2005)**. Jaboatão dos Guararapes, PE: Igreja Evangélica Congregacional de Jaboatão, 2005.
- FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade. GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004, p.241-255.

- FÉRRES JÚNIOR, JOÃO. De Cambridge para o Mundo, Historicamente: Revendo a Contribuição Metodológica de Quentin Skinner. *DADOS – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, Vol. 48, no 3, 2005, pp. 655 a 680.
- FLORENTINO, Manolo; GÓES, José Roberto de. Crianças escravas, crianças dos escravos. In: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- FORSTH, William B. **Jornada no Império - vida e obra do Dr. Kalley no Brasil**. São José dos Campos, SP: FIEL, 2006.
- FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima Alves de. O feminino no discurso protestante em Campina Grande entre 1930-1940: o caso da primeira comunidade congregacional. **Revista Opsi – Curso de História**. Dossiê Cultura e Identidades. Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão. Catalão – GO, v.8, nº10, jan-jun.2008, p.199-219.
- _____ . **As práticas e representações femininas no protestantismo de Campina Grande: a igreja evangélica congregacional (1927-1960)**. 2010. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB.
- _____ . Memórias de mulheres idosas congregacionais em Campina Grande: obediências e transgressões (1927-1960). **Revista Veredas da História**, Ano IV – Ed. 2 – 2011, p.50-80.
- _____ . Escritas protestantes e relações de gênero em Campina Grande – Paraíba. **VOOS – Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**. Volume 03 Ed. 02 – Dez. 2011a, p.03-27.
- _____ . Educação no protestantismo da Paraíba: fé, amor, beleza e família (1925-1927). In: MORAIS, José Jassuipe da Silva; et al (organizador). **Secularidades e Confessionalidades na história da educação contemporânea**. João Pessoa: Sal da Terra, 2014, p.133-146.
- GIERUS, Renate. “**Além das grandes águas**”: mulheres alemãs imigrantes que vêm ao sul do Brasil a partir de 1850. Uma proposta teórico-metodológica de historiografia feminista a partir de jornais e cartas. 2006. Tese. (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo.

- GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004, p.7-24.
- GOMES, Joelson. **Os congregacionais: uma história da tradição congregacional**. João Pessoa, PB: Moura Ramos Gráfica e Editora, 2017.
- HUFF JÚNIOR, Arnaldo Érico. Igrejas Luteranas no Brasil. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p.177-222.
- LIMA, Éber Ferreira Silveira. **“Entre a sacristia e o laboratório”**: os intelectuais protestantes brasileiros e a produção da cultura (1903-1942). Tese de Doutorado em História. Assis, SP: UNESP, 2008.
- LIMA, Sergio Prates. **Peregrinos, missionários e protestantismo**: o caso de Robert Reid Kalley. Dissertação de Mestrado. Seropédica, RJ: Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2010.
- LIMA NETO, Francisco de Paiva. **Crer, Aprender e Sentir no tripé estratégico para a transmissão de visão de mundo do casal Kalley na inserção do protestantismo no Brasil do século XIX**. Tese de Doutorado em Educação. Araraquara, SP: UNESP, 2010.
- LOCKE, John. **Dois tratados sobre o Governo**. Trad. Julio Fischer. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- LOPES, M. A. Aspectos teóricos do pensamento histórico de Quentin Skinner. **KRITERIO**, 123, 177-195, 2011.
- MANENT, Pierre, **História intelectual do liberalismo. dez lições**. Trad. Pedro Tamen. Lisboa: Edições 70, 2015.
- MARASCHIN, Jaci. De fragmentos e pedaços de ossos. In: DREHER, Martin N. (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994, p. 39-47.
- MARQUES, Gilmar de Araújo. **Protestantismo de Exílio: Kalley e os refugiados da Ilha da Madeira em Illinois**. 2006. Dissertação (Mestrado em

Ciências da Religião) - Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo.

- MASSOTTI, Roseli de Almeida. **Erasmus Braga e os valores protestantes na educação brasileira**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2007.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. Do público para o privado: redefinindo espaços e atividades femininas (1890-1930). **Cadernos Pagu**. Campinas, n. 4, 1995, p.97-115.
- _____. Por uma história das sensibilidades: em foco – a masculinidade. **Revista História: Questões & Debates**. Curitiba, n.34, p.45-63, 2001. Editora da UFPR.
- _____. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 107-127.
- _____; ALVES, Gisele. A nova mulher: educando as futuras mães. São Paulo 1850-1900. **Caderno Espaço Feminino**. Uberlândia – MG, v.15, n.18, jan./jul. de 2006, p.173-196.
- _____. História das Mulheres e Gênero: usos e perspectivas. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana et. al. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006a, p.281-294.
- _____; MORAES, Mirtes. Imagens e ações: gênero e família nas campanhas médicas (São Paulo: 1890-1940). **ArtCultura**, Uberlândia – MG, v.9, n.14, jan. - jun. 2007, p.27-37.
- MATOS, Alderi Souza. Robert Reid Kalley: pioneiro do protestantismo missionário na Europa e nas Américas. **Revista Fides Reformata**. São Paulo, VIII, n.1, 2003, p.9-28.
- MAUD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da viscondessa do Arcozelo. GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004, p.197-228.
- MAUD, Ana Maria. A vida das crianças de elite durante o império. In: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil**. 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

- MELO, Jennifer Silva. Breve histórico da criança no Brasil: conceituando a infância a partir do debate historiográfico. **Revista Educação Pública**, v. 20, nº 2, 14 de janeiro de 2020.
- MENDONÇA, Iraci Silva de. **Memorial de José Quaresma**. Campina Grande, PB: Artexpress Gráfica e Editora, 2007.
- MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 11-59.
- _____ . A “Questão religiosa”: conflito Igreja versus Estado e expansão do protestantismo. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 61-79.
- _____ . Crise do culto protestante no Brasil: diagnóstico e alternativas. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 171-204.
- _____ . Vocação ao Fundamentalismo: introdução ao espírito do protestantismo de missão no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 133-144.
- _____ . Protestantismo no Brasil: um caso de religião e cultura. **REVISTA USP**, São Paulo, n.74, p. 160-173, junho/agosto 2007, p.162-173. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i74p160-173>. Acesso em: 03 Jul. 2020.
- _____ . **O celeste porvir**: a inserção do protestantismo no Brasil. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- MILL, John Stuart. **Sobre a liberdade**. Trad. Maria Borges Coelho. Lisboa: Edições 70, 2006.
- NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Boas Carvalho do. **A escola americana**: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913). São Cristóvão, SE: Grupo de Estudos e Pesquisas em História da Educação/NPGED, 2004. (Coleção Educação é História, 4).

- _____ . **Educar, Curar, Salvar:** uma ilha de civilização no Brasil Tropical. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: PUC/SP, 2005.
- _____ . Os missionários da educação e o Instituto Ponte Nova da Bahia. **Revista Lusófona de Educação**, Lisboa, v.5, 2005a, p.111-126.
- _____ . Norte-americanos na Bahia: o projeto civilizador dos missionários presbiterianos. **Revista Faced**, Salvador, n.11, jan/jun. 2007, p.101-113.
- _____ . A cultura escolar do Instituto Ponte Nova. **Revista Educação em Questão**, Natal, v.29, n.15, maio/ago. 2007a, p. 149-165.
- _____ . Professoras sergipanas e o modelo presbiteriano de educação feminina no Brasil tropical. **Educação e Linguagem**, São Paulo, ano 11, n.18, p.67-83, jul.- dez. 2008.
- _____ . Brasil, Inglaterra e Portugal: circulação de impressos protestantes no nordeste brasileiro. **Revista Educação, Escola e Sociedade**, Montes Claros, v. 10, n. 11, p.1-17, jul./dez.2017. Disponível em <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rees/article/view/142>.
- OLIVEIRA, Rui A. Costa. Dr. Robert Reid Kalley e o estabelecimento do presbiterianismo em Portugal e no Brasil. **Revista Lusófona de Ciências das Religiões**. Lisboa, Portugal, ano V, n. 9/10, 2006, p.103-123.
- OLIVEIRA, Cilas Ferraz de. **Nunca na História deste País...** a contribuição de Guaracy Silveira ao Metodismo do Brasil. Tese de Doutorado em Educação. Piracicaba, SP: UNIMEP, 2008.
- OLIVEIRA, Edson Douglas de. **Um Judeu Batista no Brasil:** relações entre protestantismo, Estado e Sociedade no período da República Velha com base na narrativa do missionário batista Salomão Ginsburg. Dissertação de Mestrado em História. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017.
- PANIZZOLO, Claudia. História intelectual e história da educação: questões teórico-metodológicas de pesquisa. **Quaestio - Revista de Estudos em Educação**, v. 18, n. 3, 25 nov. 2016. Disponível em

<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php/quaestio/article/view/2850>. Acesso em: 03 de Jul. 2020.

- PEDRO, Joana Maria. A experiência com contraceptivos no Brasil: uma questão de geração. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, p.239-260, 2003a.
- _____. Michelle Perrot: a grande mestra da História das Mulheres. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v.11, n.360, julho-dezembro, 2003b, p.509-512.
- _____. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003c, p. 157-176.
- _____. Traduzindo o debate: o uso da categoria de gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.
- _____. Narrativas fundadoras do feminismo: poderes e conflitos (1970-1978). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, n. 52, p.249-272, 2006.
- _____; SOIHET, Rachel. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, nº 54, 2007, p.281-300.
- _____. Narrativas de leitoras da revista *Capricho*: memória e subjetividade (1950 a 1960). **Cadernos Pagu**. Campinas, SP, v.33, julho-dezembro de 2009, p.235-264.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito Além do Espaço: Por uma História Cultural do Urbano. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p.279-290, 1995.
- _____. Crime, violência e sociabilidades urbanas: as fronteiras da ordem e da desordem no sul brasileiro no final do sec. XIX. **Estudos Ibero-Americanos**. PUCRS, v. XXX, n. 2, 2004, p.27-37.
- _____. **História & história cultural**. 2 ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2005.
- _____. Palavras para crer. Imaginários de sentido que falam do passado. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Debates, 2006.
- _____. Espacios, palabras, sensibilidades. **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**. Colóquios, 2008.

- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Trad. Denise Bottmann. Rio de Janeiro, RJ Paz e Terra, 1988. Coleção Oficinas da História.
- _____ . Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate.** São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 13-27.
- _____ . **As mulheres ou os silêncios da história.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2006.
- _____ . **Minha história das mulheres.** Trad. Angela M. S. Corrêa. São Paulo, SP: Contexto, 2008.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p.3-15.
- _____ . Memória e identidade social. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p.200-212.
- PORTO FILHO, Manoel da Silveira. **Congregacionalismo brasileiro:** fundamentos históricos e doutrinários. Rio de Janeiro, RJ: UIECB, 1982.
- _____ . **A epopeia da Ilha da Madeira:** Robert Reid Kalley – o apóstolo em três continentes. Rio de Janeiro, RJ: UIECB, 1987.
- _____ . **Robert Reid Kalley:** apóstolo em três continentes. O ministério pioneiro no Brasil (1855-1876). São Paulo: Editora Reflexão, 2020.
- POSSAS, Lidia M. Vianna. Vozes femininas na correspondência de Plínio Salgado (1932-38). GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história.** Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004, p.257-277.
- PRIORE, Mary Del. O cotidiano da criança livre no Brasil entre a colônia e o império. In: PRIORE, Mary Del. **História das crianças no Brasil.** 7. ed. – São Paulo: Contexto, 2010.
- RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar:** a utopia da cidade disciplinar: Brasil 1890-1930. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. Coleção Estudos Brasileiros; v.90.
- _____ . Relações de Gênero e Classe Operária no Brasil: 1890-1930. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana et. al. **Olhares feministas.** Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006, p.373-397.

- REZENDE, Antonio Paulo. Freyre: as travessias de um diário e as expectativas da volta. GOMES, Ângela de Castro. **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004, p. 77-91.
- RORTY, Richard, **Contingência, ironia e solidariedade**. Trad. Marco Antônio Casanova. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. **O contrato social**. Os Pensadores. Trad. Lourdes Santos Machado. São Paulo: Ed. Nova Cultural, 1997.
- SANTANA FILHO, Manoel Bernardino de. João Clímaco Ximenes – Apóstolo do Nordeste. **O Cristão**. Rio de Janeiro, agosto de 1996, ano 106, nº 4. p.5-9.
- _____ . **Manoel da Silveira Porto Filho: poeta, pastor e mestre**. Rio de Janeiro: Editora UNIGEVAN, 2006.
- _____ . **100 anos de Ensino Teológico: história e missão do Seminário Teológico Congregacional do Rio de Janeiro (1914-2014)**. Rio de Janeiro: Editora Contextualizar, 2014.
- _____ . **Karl Barth e sua influência na teologia latino-americana: palavra, evento e práxis da libertação**. 2ª edição. São Paulo: ASTE e Associação Basileia, 2015.
- _____ . **Desbravadores do Sertão: a inserção do protestantismo no nordeste do Brasil**. São Paulo: Editora Reflexão, 2020.
- SANTOS, Luís Aguiar. O protestantismo em Portugal (séculos XIX e XX): linhas de força da sua história e historiografia. **Lusitania Sacra**, 2ª Série, 12, janeiro-junho, 2000, p.37-64.
- SANTOS, L. de A. (2008). PROTESTANTISMO E MODERNIDADE: os usos e os sentidos da experiência histórica no Brasil e na América Latina. **Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História**, 37(2). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/3051>
- SANTOS, Lyndon de Araújo. Os Sentidos da Árvore e da Democracia: uma história dos congregacionais no Brasil. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p.125-174.
- _____ . Os Protestantes no Alvorecer dos Anos 60: um ensaio historiográfico a partir da obra de Henriqueta Braga. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras

históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011a, p.125-174.

- _____ . A ideia de democracia e a cultura política no protestantismo brasileiro. **Anais do V Congresso Internacional de História**. São Luís, MA: UEM, 2011b, p 2398-2410.
- _____ . Um escocês protestante no mundo luso-brasileiro: Robert Reid Kalley na Ilha da Madeira e no Rio de Janeiro (1838-1859). **Lusitania Sacra**, 35, janeiro-junho, 2017, p.55-72.
- _____ . “Eis os Milhões que em Trevas tão Medonhas”: o protestantismo no Brasil oitocentista. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **Os 500 anos da reforma protestante no Brasil: um debate histórico e historiográfico**. Curitiba: Editora CRV, 2017a, p.119-138.
- _____ . **Os Mascates da Fé: história dos evangélicos no Brasil (1855 a 1900)**. Curitiba: Editora CRV, 2017b.
- SANTOS, João Marcos Leitão. **A ordem social em crise**. A inserção do protestantismo em Pernambuco: 1860-1891. 2008. Tese. (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- SANTOS, Maurício Manoel Amazonas dos. **Os limites da tolerância religiosa no Brasil do segundo império e a inserção do protestantismo de missão no Recife (1855-1873)**. Dissertação de Mestrado. Recife, PE: Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, 2018.
- SARAT, Gislaine Azevedo Magda. História da Infância no Brasil: contribuições do processo civilizador. **Educação e Fronteiras On-Line**, Dourados/MS, v.5, n.13 p.19-33, jan./abr. 2015.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.63-96. Coleção Biblioteca Básica.
- SCHMIDT, Benito Bisso. Nunca houve uma mulher como Gilda? Memória e gênero na construção de uma mulher “excepcional”. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto) biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.155-172.

- SCHUELER, Alessandra F. Martinez de. Crianças e escolas na passagem do Império para a República. **Revista Brasileira de História** 19 (37) Set 1999, p.1-28. Disponível em <https://doi.org/10.1590/S0102-01881999000100004>.
- SILVA, Elizete da. Anglicanismo no Brasil. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p.25-75.
- _____. Os Batistas no Brasil. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”**: leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011a, p.283-332.
- _____. A Reforma Protestante e o Mundo Moderno. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **Os 500 anos da reforma protestante no Brasil**: um debate histórico e historiográfico. Curitiba: Editora CRV, 2017, p.23-42.
- _____. Protestantes na Terra da Promissão: entre Deus e Mamom. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **Os 500 anos da reforma protestante no Brasil**: um debate histórico e historiográfico. Curitiba: Editora CRV, 2017a, p.87-118.
- SIEPIERSKI, Paulo D. Fé Cristã e Filosofia da História no Debate Atual. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994, p. 15-38.
- SKINNER, Quentin. Significação e compreensão na história das ideias. In: SKINNER, Quentin, **Visões da política**. Sobre os métodos históricos. Trad. Fernando Pedroza. Portugal: Difel, 2005.
- _____. Prefácio. **As fundações do pensamento político moderno**. Trad. Renato Janine Ribeiro e João Paulo Monteiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. La historia de mi historia: uma entrevista com Quentin Skinner. In: CRESPO, Henrique Bocado (Org.), **El giro contextual. Cinco ensayos de Quentin Skinner y seis comentarios**. Madrid: Editorial Tecnos, 2007.

- SILVA, Ricardo. História Intelectual e Teoria Política. **Revista de Sociologia e Política**, [S.l.], v. 17, n. 34, oct. 2009. ISSN 1678-9873. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/29364>>. Acesso em: 03 julho, 2020.
- _____. O contextualismo linguístico na história do pensamento político. Quentin Skinner e o debate metodológico contemporâneo. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 53, nº 2, 2010, pp. 299-335.
- SILVESTRE, Armando Araújo. **Os jornais evangélicos e a formação da mentalidade protestante no Brasil**. Reflexão, vol. 41, núm. 2, pp. 165-178, 2016. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Disponível em <https://www.redalyc.org/journal/5765/576561913005/movil/>.
- SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. In: RÉMOND, René (coord.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p.231-270.
- SIRINELLI, Jean-François. A geração. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (coord.). **Usos & Abusos da história oral**. Trad. Luiz Alberto Monjardim, Maria Lucia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodrigues e Maria Carlota C. Gomes. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p.131-137.
- SOIHET, Rachel. **Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana, 1890-1920**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 1989.
- _____. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo, RJ (org.). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997, p.275-296.
- _____. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**. Set/Out/Nov/Dez, 2000, n. 15, p.97-117.
- _____. A sensualidade em festa: representações do corpo feminino nas festas populares no Rio de Janeiro na virada do século XIX para o século XX. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Editora da UNESP, 2003, p. 177-197.
- _____. Formas de Violência, Relações de Gênero e Feminismo. In: MELO, Hildete Pereira de; PISCITELLI, Adriana et. al. **Olhares feministas**. Brasília: Ministério da Educação: UNESCO, 2006, p.281-29.

- Ross E., (2011) “Playing Deaf”: Jewish Women at the Medical Missions of East London, 1880–1920s”, **19: Interdisciplinary Studies in the Long Nineteenth Century** 0(13). doi: <https://doi.org/10.16995/ntn.622>
- SOUZA, Claudenor Gomes de. **João Clímaco Ximenes – sua vida, sua obra.** Campina Grande: Edição do Autor, 1982.
- SOUZA, Silas Luiz de. Pensamento sobre ação social no protestantismo brasileiro. **Revista Ciências da Religião – História e Sociedade.** São Paulo, v.9, n. 1, 2011, p.147-170.
- _____ . Presbiterianismo no Brasil. In: ALMEIDA, Vasni; SANTOS, Lyndon de Araújo; SILVA, Elizete (org.). **“Fiel é a Palavra”:** leituras históricas dos evangélicos protestante. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011, p.177-222.
- TEIXEIRA, Marli Geralda. Valores morais e liberalismo no protestantismo batista da Bahia no século XIX. **Revista Estudos Teológicos do Programa de Pós-Graduação em Teologia da EST.** São Leopoldo, v. 27, n.3, 1987, p.269-279.
- TOCQUEVILLE, Alex. **A democracia na América.** Trad. Eduardo Brandão. Belo Horizonte/São Paulo: Itatiaia/Universidade de São Paulo, 1987.
- VELASQUES FILHO, Prócoro. Deus como emoção: origens históricas e teológicas do protestantismo evangelical. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1990, p.81-109.
- _____ . O Nascimento do “Racismo” Confessional: raízes do conservadorismo protestante e do fundamentalismo. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1990, p.111-131.
- _____ . Protestantismo no Brasil: da teologia à liturgia. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1990, p.145-170.
- _____ . “Sim” a Deus e “Não” à Vida: conversão e disciplina no protestantismo brasileiro. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao protestantismo no Brasil.** São Paulo: Edições Loyola, 1990, p. 205-232.

- VÉRAS, Rogério de Carvalho. **O Arquiteto das Orquídeas: trajetória e memória** de George William Butler, médico e missionário protestante no nordeste da aurora republicana (1883-1979). Tese de Doutorado em História. Assis, SP: UNESP, 2018.
- VIEIRA, David Gueiros. **O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil**. Brasília: UNB, 1980.
- VIEIRA, Carlos Eduardo. (2012). Intelligentsia e intelectuais: sentidos, conceitos e possibilidades para a história intelectual. **Revista Brasileira De História Da Educação**, 8(1 [16]), 63-85. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38588>. Acesso em: 03 de Jul. 2020.
- VIEIRA, Cesar Romero Amaral. **Protestantismo e Educação: a presença liberal norte-americana na Reforma Caetano de Campos - 1890**. Tese de Doutorado em Educação. Piracicaba: Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP, 2006.
- VIEIRA, CESAR Romero Amaral. Contribuição protestante à reforma da educação pública paulista. **Revista Comunicações do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIMEP**, V.9, n.1, 2002, p. 256-274. Disponível em <http://dx.doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v9n1p256-274>. Acesso em: 03 de Jul. 2020.
- Vieira, C. E. (2017). Contextualismo linguístico: contexto histórico, pressupostos teóricos e contribuições para a escrita da história da educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, 17(3[46]), 31 - 55. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/38432>
- VILLALTA, Luiz Carlos. Os Contrarrevolucionários de 1817 e suas apropriações da história: “os perigos das revoluções”. **História (São Paulo)** v.36, ed. 28, 2017, p.1-33.
- WADI, Yonissa Marmitt; SOUZA, Keila Rodrigues de. Suicídio e escrita autobiográfica: cultura, relações de gênero e subjetividade. In: GOMES, Ângela de Castro; SCHMIDT, Benito Bisso (orgs.). **Memórias e narrativas (auto)biográficas**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009, p.93-130.
- WILKINSON, John. A Sumary of the Lord’s Work. London: Midway Mission to the Jews, 1888.

- WIRTH, Lauri Emílio. O lugar da história da igreja no ensino da teologia. In: DREHER, Martin N (org.). **História da igreja em debate** - um simpósio. São Paulo: ASTE, 1994, p. 48-59.